C. JACOMO VICENZI:

PARAISO VERDE

Paraiso Verde

Impressões de Uma Viagem

a

Matto Grosso

em 1918

pelo

Conego Jacomo Vicenzi.

A'

Veneranda Memoria

do

Sr. Dom Carlos Luiz d' Amour

Inclyto

Principe

da

Egreja de Matto Grosso

o Autor.

Ao Leitor.

Não pretendo fazer um prefacio, e sim algumas observações, ou melhor, alguns escalarecimentos necessarios á leitura do que segue.

1°.

Este livro devia ser publicado em 1919, commemorando o Bi-Centenario da fundação de Cuyabá. Neste caso, o trabalho seria simples, e, por conseguinte, barato. Amigos mattogrossenses, convencidos de que minha publicação seria obra util e de propaganda, aconselharam-me insistentemente a não ter pressa, na esperança de conseguirem do governo estadoal um auxilio pecuniario. A vista d'isto, resolvi illustrar a obra com gravuras e photogravuras, o que vinha duplicar, sinão triplicar a despesa.

Todos os esforços, (que duraram dois annos e tanto) junto ao governo, foram infructiferos. Convenci-me então que devia contar só com as minhas forças, e assim, encontrei-me diante d'este dilemma: ou eu voltaria ao plano primitivo de uma publicação relativamente barata; ou então o livro seria illustrado e, n'este caso, a acquisição de cada exemplar tornar-se-ia carissima.

Por estas razões, resolvi dar tempo ao tempo, até que emfim, na Allemanha, encontrei a solução pratica do problema, conseguindo um trabalho bom e a preço razoavel.

2°.

O leitor vae encontrar, n'estas paginas, a reproducção fiel de minhas impressões do que vi e do que ouvi. Em tudo, procuro ser justo e imparcial, escrevendo sempre conforme a consciencia. Emquanto a certas referencias desairosas, antes de as escrever, procurei escrupulosamente ouvir a uma e muitas testemunhas de pensar diverso, para nunca me afastar da verdade.

E natural que desagrade, em dizendo certas verdades, mas, desde já, convença-se o leitor, que, no que escrevo, não entra, nem espirito de partido, nem interesse, nem odio ou despeito, nem a minima prevenção contra quem quer que seja, porquanto, em sua totali-

dade, nem de vista conheço as personalidades a quem alludo, nem tão pouco d'ellas recebi affrontas ou descortezias.

Quem tomar o trabalho de lêr este livro, perceberá, logo, á primeira vista, que, sou enthusiasta e admirador das bellezas do Matto-Grosso, assim como amigo verdadeiro do povo mattogrossense, contra cujos algozes, dos tempos idos, insurgi-me em sua defesa.

Quem, em bôa consciencia, poderá negar esta verdade? Encontram-se effectivamente, no meu trabalho, algumas verdades duras; diz-me entretanto a consciencia que a linguagem, pelo facto de dizer a verdade, núa e crúa, não pode ser acoimada de violenta.

Convença-se o leitor d'isto: aqui, no Rio, bem pouca cousa podemos conhecer do Matto-Grosso, pela simples razão que nos faltam os meios para isso. Os telegrammas, os manifestos e os proprios jornaes locaes nada dizem, quando não falseam radicalmente a verdade. Quem não foi ao Matto-Grosso, jamais poderá negar, em bôa fé, o que outros viram.

3º.

A primeira parte do livro é a Introducção, que muito recommendo ao leitor, pois é um apanhado geral das magnificencias e riquezas do solo mattogrossense. É por conseguinte a chave do livro. Si n'esta Introducção ha algum merecimento de minha parte, consiste exclusivamente na feliz escolha e transcripção das mais bellas paginas dos nossos primorosos escriptores, que me precederam, tratando do mesmo assumpto.

4º.

N'este livro não digo tudo o que vi, seguindo n'isso, não o impulso da penna, e sim o que a prudencia, franca, mas ponderada, me aconselhou. Aliás, em certos pontos, o silencio representa a linguagem mais clara e eloquente.

5º.

Em minhas criticas limito-me a factos publicos e notorios, evitando escrupulosamente de entrar em assumptos da vida privada. Resolvi outrosim, a conselho de amigos, e de pessôas acima de toda suspeição, de supprimir o nome de certas figuras em destaque, pois aqui é o caso de se dizer: diga-se o peccado, mas occulte-se o peccador.

6º.

Os factos graves, por mim narrados, correm, no Matto-Grosso, de bocca em bocca: *Vox populi vox Dei*. Chegaram porém ao meu conhecimento, não por terceiras pessôas, mas por testemunhas oculares, ou por quem tomou parte directa nos acontecimentos.

Depois de minha volta, ao Rio, devido a certas duvidas, não só quiz ouvir, por cartas, a diversos informantes de Matto-Grosso, mas procurei ouvir, para o mesmo fim, a diversos mattogrossenses, residentes n'esta Capital.

7º.

Affirmo peremptoriamente (e o leitor ha de se convencer d'isto) que esta obra foi escripta com enthusiasmo e verdadeiro amôr pelo Matto-Grosso. Por esta razão espero que ao mesmo se torne acceita e util. Isso certamente não succederia si escrevesse, não dominado pelo amôr de bem e da verdade, mas preoccupado pelo fito de agradar. As flores e os elogios ou prejudicam ou nada valem.

8º.

Apesar de minha recta intenção e dos mil cuidados, não poderia eu ter commettido alguma injustiça ou inexactidão? É difficil, mas não é impossivel. Por isso, á vista de qualquer protesto justo, repararei com lealdade e prazer o mal feito. Si porém o protesto não for justo, o protestante por-me-á na contingencia de melhor esmiuçar o assumpto.

9º.

Costumo citar os autores e as obras cujos periodos ou paginas achei conveniente transcrever. Devo accrescentar que, na primeira parte, isto é, na Introducção, segui com preferencia o Quadro Chorographico do Matto-Grosso do Snr. Estevão de Mendonça.

10º.

Este livro de impressões foi escripto de Julho a Dezembro de 1918 e divia ser publicado no meado de 1919, em commemoração do Bi-Centenario da fundação de Cuyabá. Apesar de o publicar, só agora, isto é, quatro annos mais tarde, pareceu-me melhor conservar-lhe o cunho de actualidade, como si de facto fosse publicado em 1919. Entretanto, para evitar confusões e mesmo para esclarecer mudanças posteriores, no fim dos capitulos publicarei uma ou outra nota. O leitor deve pois transportar-se com o pensamento á epoca dos acontecimentos e de minhas impressões.

11º.

N'este livro publico dezenove photographias tiradas por mim nos diversos logares por que passei. N'este trabalho fui feliz, por não ter perdido uma unica chapa. N'isso, notei em Matto-Grosso

uma grande differença na intensidade da luz. Penso não exagerar, asseverando que, comparada a luz de Matto-Grosso com a do Rio de Janeiro, esta tem uma intensidade, quero dizer, rapidez de sessenta ou setenta por cento acima d'aquella.

12º.

Já notei que minha primeira intenção era de publicar este livro, em 1919, em homenagem ao Bi-Centenario da fundação de Cuyabá. E como estamos no anno commemorativo do primeiro Centenario da Indenpendencia do Brasil, é justo que a esta data nacional seja feita a mesma homenagem.

Dom Carlos L. d'Amour

Introducção.

Antes de entrar propriamente no assumpto — impressões de viagem — é justo que o leitor tenha uma idéa geral d'esse Estado.

No que a mim me toca, confesso que muita surpresa tive por lá e que o Matto-Grosso bem se poderia definir „um mundo desconhecido e maravilhoso".

Entretanto, fallar n'uma das maiores unidades do paiz e determinar-lhe a posição geographica, se mao menos fazer uma referencia ao proprio Brasil, parece de todo inadmissivel.

Dito isso, comecemos.

O Barão Homem de Mello, dá-nos, no Atlas do Brasil, uma descripção succinta, mas clara, da estructura geral do maior paiz da America.

„Observada, diz elle, a costa do Brasil, vindo-se de Norte para Sul, apresenta uma superficie rasa, apenas interrompida por algumas elevações, das quaes a mais consideravel, até á Barra da Tutoya, é o Morro do Itacolomy, no Maranhão. Proseguindo-se para o Sul, apparecem, na extrema occidental do horizonte, ora em grandes linhas de cumiadas, ora em serros isolados, terras elevadas, que pertencem ao systema de terras do interior. Entre aquellas avulta o extremo norte da serra do Ipiapaba, no Ceará, a serra do Itabaiana, em Sergipe, e o morro do Mocoratá, no Espirito Santo.

As serras da Maruoca, Umhuretama, Maramguape e Aratanha, e o Monte Paschoal pertencem á segunda categoria.

A partir da margem direita do Rio Doce, aos 19° 37' de latitude Sul, o aspecto do solo muda inteiramente, offerecendo ao observador um scenario novo, em que avultam os caprichosos accidentes phisicos, com que a natureza, aqui, esculpiu o relevo do solo. Sustentando as altas serras do interior, ergue-se, como uma muralha gigantesca, a extensa cordilheira da Serra do Mar, cujos picos culminantes attingem a mais de dois mil metros, sobre o nivel do oceano, e cuja escarpa se prolonga d'ahi até 29° de latitude Sul, em uma extensão de mais de 2 000 kilometros.

É essa a Serra Geral ou Serra do Mar que a nenhuma outra cede em importancia, quanto ao papel que, na phisica do globo, está reservado ás montanhas de individualizar os climas, na bella expressão de Humboldt.

Essa estructura grandiosa sustentando e dando entrada ás chapadas do interior, a alguns kilometros da costa, imprime a esta região uma feição geologica das mais caracteristicas na superficie do globo.

A Serra Geral, ou Serra do Mar, começa na latitude Sul 16° 56′ 20″, a partir do monte Paschoal, e segue para o Sul, ora cozendo-se com a costa, ora afastando-se d'esta, em distancia nunca maior de 99 kilometros, até aos 29°. de latitude Sul. Ahi toma para W., penetrando pelas terras do Rio Grande do Sul, que ella atravessa em toda sua extensão, indo acabar a margem oriental do Uruguay.

A direcção geral da Serra do Mar é de N. E. para S. W. correndo mais ou menos parallela á costa, em distancia approximada de 12 kilometros, excepto nas terras do Tinguá, Estado do Rio de Janeiro, em que ella se afasta do litoral de 60 a 70 kilometros, e ao norte de Laguna, em Santa Catharina, em que a mesma, internando-se mais, chega a ficar a 99 kilometros da costa.

* * *

No continente, o Brasil tem por limites: Ao norte: A Venezuela e as Guyanas; ao este: o Atlantico; ao sul: o Uruguay; ao sudoeste: a Argentina e o Paraguay; ao oeste: a Bolivia, o Perú e o Equador; e ao nordeste: a Columbia.

* * *

Si lançarmos, agora, um olhar ao Mappa do Brasil, veremos que o Matto- Grosso é de todos os Estados o mais central, tendo por limite occidental a republica da Bolivia. O Estado de Matto-Grosso acha-se situado entre 7° 21′ e 24° 3′ 41″ de latitude meridional e 6° 42″ e 22° 13′ 15″ de longitude occidental, referida ao meridiano do Rio de Janeiro.

Emquanto á sua superficie, os autores divergem bastante entre si. A titulo de informação, citarei a opinião de alguns. Barão Homem de Mello (Atlas do Brasil) 1.376.000 kilometros quadradros; Dr. Joaquim Maria de Lacerda (Curso Methodico de Geographia) 1.379.000 kilometros quadradros; Themistocles Savio (Curso Elementar de Geographia) 1.400.000 kilometros quadradros. O professor Silva Coutinho calcula a superficie de Matto-Grosso em 1.500.000

kilometros quadradros; Elisée Reclus avalia essa superficie, entre um milhão e meio e dois milhões de kilometros quadradros.

Assim diz elle textualmente, em sua obra, „Nouvelle Georgraphie Universelle: La très vaste region du Matto-Grosso ou de la „Grande Foret" d'une superficie egale a trois ou quatre fois la France.

O Matto-Grosso, devido a circunstancias especiaes, possue uma literatura propria, quero dizer, um certo numero de autores, sabios e competentes, que se tem occupado escrupulosamente em nos descrever as grandezas e maravilhas d'aquella terra privilegiada.

D'entre elles occupa talvez o primeiro logar o Dr. João Severiano da Fonseca, com sua magnifica obra Viagem ao redor do Brasil 1875-1878, na qual mostra-se grande observador e amigo da verdade, expondo sempre de um modo admiravel e feliz o fructo de suas observações.

Não privarei os leitores de algumas das mais bellas paginas d'essa obra que, hoje em dia, difficilmente se encontra. Antes de tudo, vejamos o que elle diz sobre a superficie do Matto-Grosso: „Abrange o Matto-Grosso uma area immensa, ainda não bem determinada, mas avaliada em cerca de cincoenta mil leguas quadradras. No trabalho que serviu de apresentação do paiz, na Exposição Universal de Vienna, o governo imperial, conformando-se com os calculos do Senador Pompeu, deu-lhe 2.090.880 kilometros quadradros, ou quarenta e oito mil leguas quadradras. O Senador Candido Mendes da-lhe approximadamente 50.175 leguas quadradras, collocando a provincia entre os parallelos 7° 30′ e 24° 10′, e os meridianos 7° 25′ e 22° 0′ : marca-lhe para extensão 332 leguas de N. a. S. da foz do Fresco, no Xingú, a do Igurey, no Paraná; e 265 leguas de largura, desde o Araguaya, das serras de Gradahús á confluencia do Mamoré com o Beni.

Mais acertado parece o computo que D' Alincourt faz de 310 leguas, de largura, desde a ponta norte da ilha de Bananal á cachoeira de Pederneira, que entretanto fica aquem do meridiano d'aquella confluencia.

Bellegarde e Conrado consignam 51.000 leguas quadradras para essa area, o que será mais approximado da verdade, si forem exactos os computos do illustre geographo maranhense".

Até aqui o citado autor.

Tomando em conta a configuração do Matto-Grosso, parecida com a do Brasil, bem pode-se dizer que esse Estado é coração gigante de dois milhões de kilometros quadradros, engastados em

outro coração immensamente maior, porquanto tem uma superficie de quasi nove milhões de kilometros quadradros!

* * *

Da immensa area da provincia, diz o Dr. Severiano, a parte maior está situada no vasto planalto central da America do Sul.

A outra porção, a Oeste, e principalmente ao Sul, é baixa e alagadiça; pertencendo a esta a grande zona conhecida sob o nome de Pantanaes. Essas comarcas mais baixas não attingem a altura maior de cento e cincoenta metros, sobre o nivel do oceano.

No planalto, desde as cabeceiras do Guaporé, Paraguay e Tapajós ás do Araguaya e braços occidentaes do Paraná, a media é de meio kilometro, elevando-se a altitude, ás vezes, a mil metros, em alguns pontos da crista, onde situa-se a divisoria das aguas dos dois maiores estuarios do mundo: o Amazonas e o Prata; crista que atravessa diagonalmente a provincia de N. O. a S. E. desde as cabeceiras do Madeira, até ás ribas do Paraná, a buscar a serra das Vertentes, em Minas Geraes.

Essa notavel disposição do grande planalto brasileiro facilmente explica a sua geogonia. Já bem perto do oceano, a Serra do Mar ou Paranapiacaba (isto é d'onde se vê o mar) como a chamavam os aborigenes, apresenta, em escalão, as suas formosas escarpas que attingem altura superior a mil metros; emquanto que para o poente, vae seguindo mais ou menos uniformemente em campos geraes, não para morrer nas ribas do Paraná, mas para elevar-se de novo nos chapadões do Matto-Grosso, cujos campos, para o S. O. vão limitar-se nas altas escarpas, ou nas fraldas em degráos, das cordilheiras de Maracajú e Anhambahy e de seus ramos meridionaes Urucuty e Caaguassu. Alli, no meio d'esses immensos campos ou savanas, cortados de rios, quasi sempre encachoeirados, parecerá impossivel ao viajor despreoccupado, acharse elle a um milheiro de metros sobre o nivel do mar.

Voltando a fallar do grande planalto mattogrossense, continua o mesmo autor dizendo: Extraordinaria como é a differença de niveis, entre o planalto e os terrenos alagadiços que o circumdam, pelo menos na parte S. e O facil é sua verificação, por n'estes aquelle acabar quasi a pique, ahi apresentando-se sob a forma de alta e escarpada serrania, ao passo que, para o lado opposto, segue em extensas planiceis ou paramos, mais ou menos ondulados, sómente de longe em longe deixando erguerem-se do terreno as lombadas e as cristas das montanhas, ás vezes de insignificante altura, mas que um rio, ou simples corrego, tendo levado em suas torrentes as terras de alluvião, onde cavou o leito, deixa a descoberto, nas altas paredes

de rochas primitivas o valle de denudação que formou. É que esse immenso araxá não é mais do que um enorme sedimento que encheu os valles e até cobriu as montanhas que os formaram.

E para completar a descripção da grandiosa estructura do Matto-Grosso, referindo-se ainda ao seu immenso planalto, conclue o mencionado escriptor: A Serra dos Parecis e a do Norte, a Oeste; a das Apiacás e Bacauyris, ramos da Azul, ao Norte; a do Espinhaço a Este, e, ao Sul, a dos Tapirapuam e os ramaes que vão encontrar-se na serra das Divisões, são os limites do grande araxá exclusivamente mattogrossense. Na maior parte, apresentam o flanco livre, ingreme e alto; outras vezes vão descendo em fortes declives, ou por escalões, mostrando, muitas vezes, n'essas paredes, principalmente nas das regiões sudoeste, estrias onduladas e paralelas que parecem o signal do açoite violento e demorado da grande massa de aguas que primitivamente occupou as baixadas adjacentes; mas cujas marés e tempestades, carcomendo as escarpas, e abrindo-lhes entre os massiços, verdadeiros golphos e bahias, deixou-lhes pelos cabos e promontorios de então os espigões e contra-fortes de hoje.

Para dar pois ao leitor uma idéa geral, embora inexacta, direi que o Matto Grosso, exceptuadas as bacias do Paraguay, Guaporé, Mamoré e Madeira, é um immenso, delicioso e saluberrimo planalto. No Sul do Estado esse planalto ou araxá termina pelas cordilheiras de Maracajú e Anhambahy, cujas cristas, n'aquelle rumo, elevam-se a mais de seiscentos metros, emquanto que, pelo outro lado, formosas campinas constituem o planalto.

Alem dos limites occidentaes da provincia, diz ainda o Dr. Severiano, e do acabamento do araxá e seus espigões, o terreno vae sómente de novo elavar-se a muitas dezenas de leguas distante, nas abas dos Andes cujas torrentes principaes e inumeras são tambem tributarias dos dois rios gigantes da America do Sul.

* * *

Em minha ida, depois de atravessado o Paraná, impressionou-me a brusca mudança da paizagem. Até ahi, florestas sem fim; d'ahi por diante, campinas revestidas de relva e de arbustos. O Dr. Miguel Arrojado Ribeiro Lisbôa, em sua obra, Oeste de São Paulo e Sul de Matto Grosso, dá-nos a descripção fiel d'esse phenomeno, quando se occupa da Matta juxta fluvial do Rio Paraná. A grande matta interior, diz elle, nos Estados de São Paulo e Paraná, acaba bruscamente, á margem do rio d'este ultimo nome. Ella forma, pois, o limite d'essa grande floresta primitiva que, desde os valles dos rios Grande e Paranahyba, vae, quasi sem interrupção, até o Paraguay. Pela margem do S. O. essa matta

extende-se largamente pelos valles do Tiété e Parapanema, galgando as terras mais elevadas do planalto, porém a N. E. no Estado de Matto Grosso, ella cede bruscamente o logar á vegetação campestre.

Na sua situação tropical, um rio tão caudaloso, como o Paraná, não pode deixar de ter, em ambas as margens, a faixa florestal e, de facto, uma estreita matta, não tendo em geral mais de tres kilometros, por vezes menos, interpôe-se entre o rio e a região campestre. Ella não constitue uma região florestal, é uma simples matta de anteparos, na expressão botanica vulgar".

D'ahi deprehende-se, mais uma vez, como Deus é admiravel em todas as suas obras!

Quanto a vegetação do planalto, eis como nol-o descreve o mesmo observador.

Os campos cerrados constituem a formação vegetativa do planalto. Compoem-se de uma vegetação arbustiva, rala, baixa e xerofila.

Quando a vegetação torna-se mais arborescente e menos aberta, constitue os cerradões, mas tendo aqui sempre o chão forrado de gramineas e plantas subarbustivas.

A vegetação do cerrado compõe-se de arvores de pequeno talhe, arbustos, subarbustos e gramineas.

As arvores mediocres, de galhos retorcidos, cheios de nós, com casca espessa ou acortiçada, folhagem, em geral, grossa, dura e pouco abundante, estão geralmente bastante isoladas, para permittirem a passagem de um cavalleiro.

Um dos caracteristicos do cerrado do planalto, aqui, é ser elle, pela maior parte do campo, limpo, arborescente.

O solo do cerrado é forrado de gramineas e hervas rasteiras.

Por vezes a vegetação arborescente toma maior desenvolvimento e porte, constituindo uma verdadeira matta aberta, sem comtudo perder o caracter da vegetação dos campos cerrados, e, em taes casos toma o nome de c e r r a d ã o.

Mattas como as do anteparo, isoladas e formando maiores agrupamentos, no meio da vegetação arbustiva dos c e r r a d o s, existem raramente.

As que apparecem, com o nome de capões ou mattas isoladas, são pequenas e localizam-se de ordinario nos valles secundarios, formando manchas que nelle se limitam.

Dadas essas noções geraes sobre o Matto Grosso, entremos em nova ordem de cousas, isto é, na formação de sua Capital e de outras povoações por onde terei de passar.

Conego J. Vicenzi

Cuyabá.

1719—1919

Cuyabá festejou, no anno de 1919, o segundo centenario de sua fundação. A ommissão, n'este livro, de uma referencia a tal acontecimento, seria imperdoavel.

Os bandeirantes paulistas Antonio Pires de Campos e Paschoal Moreira Cabral, filho, o primeiro, do sertanista Manuel de Campos, sendo o segundo descendente do descobridor do Brasil, pertencem ao grupo dos bandeirantes posteriores á guerra dos emboabas, em Minas Geraes, guerra que, enchendo do mais justificado e profundo desgosto os paulistas, que se viram privados de recolher o fructo de suas fadigas e esforços, decidiu-os a só dirigirem as suas excursões pelos rumos de Nordeste o Oeste.

Tomando esta ultima direcção, ambos foram ter ao rio Paraná, em epocas mais ou menos proximas, e, subindo pelo rio Pardo e o seu affluente Anhamduhy-assú, vararam por terra, as suas canôas a um dos galhos do Aquidauána por onde desceram as aguas do Paraguay.

Não offerece duvida a data de 1718, em que Pires de Campos, passando do rio Paraguay para o S. Lourenço, e d'este para o Cuyabá, chegou até á barra do Coxipó-Mirim, onde travou lucta com a nação Coxiporés.

Presume-se que, no seu regresso, tivesse deparado com a expedição de Moreia Cabral, acampada no aterro do Bananal, dando á mesma detalhes do occorrido.

Essas noticias foram certamente animadoras, visto como, no anno seguinte, Cabral, abandonando este sitio, geralmente conhecido pela designação de Casa de Telha, embarcou novamente com os seus, em demanda do Coxipó, onde foram encontrados apenas vestigios do aldeamento.

Observou, porém, o chefe da expedição que os terrenos marginaes d'esse rio apresentavam a superficie crivada de granitos de ouro; este facto determinou-o extender a sua excursão agua acima, e o fez vencendo a distancia de trinta ou quarenta kilometros mais,

e ahi, achou alguns indios pequenos, enfeitados d'aquelle metal, á vista do que certificou-se que o sub solo era rico.

Nasce o Coxipó-Mirim no planalto da Chapada, de onde precipita-se, depois de um sinuoso percurso de cerca de doze kilometros, engrossando logo o seu volume as aguas de cinco contribuintes, cuja serie fechasse com o ribeirão das Tres Barras.

Pouco abaixo d'essa corrente, na paragem em que o rio primitivamente se repartia em dois braços, formando a extrincta ilhota do Capitão-Mór, assentava-se, out'ora, a povoação de Forquilha, em terreno circumjacente ao arraial hoje existente do Coxipó do Ouro.

Forquilha, em quatro annos, apenas, fez progressos maravilhosos.

Entretanto em 1722, dois indios conhecedores do terreno, conduziram o sorocabano Miguel Sutil ao declive da collina de N. S. do Rosario, onde lhe desvendaram, por entre o gramado virente, grande copia do precioso metal.

A noticia d'aquella descoberta, exerceu influencia tão preponderante no espirito dos moradores de Forquilha, gente ferretoada pelo anhelo de espantosas riquezas, que, em menos de um anno, na outr'ora prospera localidade somente restavam cercas cahidas e esteios desaprumados, para attestarem a passagem ahi de uma população civilizada.

O abandono fôra completo, e a emigração para a nova lavra, que recebeu o nome de Cuyabá, do rio mais proximo, operou-se com assodamento só explicavel pela abundancia mineral do sitio, de cujos arredores foram extrahidos, em menos de um mez, quatrocentas arrobas de ouro, sem que as excavações fossem alem de uma camada correspondente a quatro braças da superficie do solo.

A povoação de Forquilha, transferida toda ella, para o local supra mencionado, foi pois o primeiro nucleo de habitantes de Matto Grosso que teve seu começo em 1719, o qual, com muita razão, em 1919 festejou com o nome de Cuyabá, Capital do Estado, seu segundo centenario.

* * *

Cuyabá acha-se assentada á margem esquerda do rio do mesmo nome, á latitude 15° 36′ e aos 12° 59′ de longitude O. do Rio de Janeiro, com tres kilometros de comprimento de N. E. a S. O. e dois kilometros de largura.

A piçarra, o quartzo, e a canga formam a ossada do terreno, cuja vestidura é a do campo, em parte limpo, e em parte coberto de matagaes ou arvoredo ralo e enguiçado.

A cidade, formada irregularmente, segundo as necessidades e os caprichos dos antigos mineiros, é dividida em dois districtos e consta de 24 ruas, 17 praças e 28 travessas, sendo a rua Barão de Melgaço, a mais extensa, com quasi tres kilometros. Existem alguns edificios publicos e particulares de feição moderna, dois elegantes jardins situados nas praças Coronel Alencastro e Marquez de Aracaty, uma linha de bondes com um ramal para o Mátadouro e outro de mais de um kilometro para a fabrica de Cerveja Cuaqabana; mas resente-se da falta de dois importantes melhoramentos — bom calçamento e bôa illuminação.

O governo mantem um serviço regular de agua, com derivação para 14 bornê fontaines, e cerca de 800 pennas para domicilio, assim como auxilia a manutenção de dois hospitaes de caridade, sendo um destinado a morpheticos, afastados do perimetro urbano, e a cargo de uma sociedade particular de beneficencia.

Comquanto falte uma rede de esgoto, a cidade é relativamente sadia.

Segundo Vogel, a sua altitude corresponde a 219 metros sobre o nivel do mar.

Esta é a cidade de hoje. Vejamos agora, como Hercules Florence nos descreve Cuyabá em 1827.

É cercada, diz elle, de collinas, que, com excepção da parte occidental, limitam-lhe o horizonte. O plano em que se assenta é inclinado, até á base dos outeiros do lado meridional, onde corre um riacho chamado Prainha, que, em direcção quasi recta, vae para O, e separando a cidade de um dos seus arrabaldes, atravessa uma planicie de quatro leguas, com curso parallelo ao caminho do porto, até cahir no rio Cuyabá.

As ruas que de E, vão para O, têm pequeno declive de subida e descida, mas as que lhe vão perpendiculares, de S para N, o tem mais sensivel, bem que, em geral, suave.

Tres Lagoas.

Prestada a merecida homenagem ao primeiro nucleo de habitantes do Estado, transformado, ha já um seculo, em Capital do mesmo, vou dar um resumo das outras povoações, seguindo n'isso a ordem do meu itinerario.

Tres Lagoas, é o primeiro povoado que a Estrada de Ferro Noroeste levantou no Estado.

O seu nome deriva de tres formosas lagoas que ficam nas suas vizinhanças e lhe dão muita graça. O seu plano é moderno, em forma de xadrez, ruas largas e boas e bem alinhadas praças.

Fica a uns oito kilometros do rio Paraná, nas immediações da matta, assentada n'um solo arenoso e grandemente permeavel.

Lugar improvisado — no começo — derrubou-se o matto, levantando-se casas, ás pressas, para alojar as mercadorias importadas de S. Paulo: d'ahi ser a sua edificação muito ligeira e de coberturas metallicas.

Tres Lagoas é simples Districto do municipio de Sant'Anna, e as casas de commercio alli estabelecidas, algumas bem importantes, são uma filiaes das outras, monopolizando quasi todo o commercio do municipio. A importação é feita do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Nas cercanias da povoação, ficam as fazendas do Syndicato internacional Farquahr, onde se criam raças excellentes de gado, e nas quaes iniciam-se tambem os campos artificiaes.

O telegrapho da Estrada de Ferro liga o povoado a São Paulo e Campo Grande. Existem duas escolas publicas e agencia do Correio. O serviço da Estrada dá-lhe actualmente uma vida agitada e adiantada, havendo theatro, hoteis, padarias e drogarias.

Povoado novo, cuja população, hoje, será de mil almas, elle é extremamente cosmopolita.

Campo Grande.

A villa de Campo Grande está situada no planalto da Serra Maracajú, n'uma altitude de 735 metros, pelos 20° 27′ 15″ de latitude e 11° 36′ 53″ de longitude O. do Rio de Janeiro.

Oito annos atraz, não passava de um povoado insignificante, contando apenas uma centena de casas, em sua maioria de páo a pique e uns 1200 habitantes.

Hoje está tudo augmentado pelo menos seis vezes.

O aspecto da villa, observada de qualquer das estradas que a demandam, é interessante e agradavel á vista do viajante. O seu casario alegre e de feitio moderno, surgiu na bifurcação dos corregos Prosas e Segredo e agora vae-se extendendo em terreno ligeiramente inclinado até o alto de aprazivel collina, d'onde se descortinam magnificos panoramas.

Nas proximidades da villa está a propriedade territorial mais ou menos dividida, existindo porém, dentro do municipio, vastissimas fazendas, verdadeiros latifundios, occupados em commum por varios condominios. Ha umas duzentas e tantas fazendas de criação, situadas em terras de dominio particular, abrangendo uma area de mais de dois milhões de hectares.

A villa de Campo Grande é sede da Comarca do mesmo nome, creada pela lei nº. 549 de 20 de Julho de 1910, tendo sido installada em 2 de Maio do anno seguinte.

A população do municipio todo é avaliada em mais de 50.000 almas.[1])

Aquidauána.

é uma das mais novas povoações do Estado. Effectivamente foi, a 15 de Agosto de 1892, que, a convite do prestimoso Major Theodoro Paes da Silva Rondon, dirigiram-se para a margem do Rio Aquidauána, ao ponto em que hoje se acha a villa, e alli fizeram a primeira reunião dos subscriptores, para compra do terreno destinado ao patrimonio da projectada povoção, diversos fazendeiros e pessôas residentes na villa de Miranda.

A escolha do logar não podia ser melhor, progredindo a olhos vistos. Em 1896 foi alli creada a agencia do Correio; em 1898 foi creado pelo governo do Estado o districto policial de Aquidauána. Em 1911 Aquidauána foi elevada á cathegoria de Comarca, sendo desligada de Miranda por decreto nº. 277, de 28 de Março de 1911.

Acha-se Aquidauána situada na rica zona sul do Estado, um pouco a Sudeste da antiga villa de Miranda, proximamente aos 21º 12′ de latitude e 13º 6′ de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro.

A igreja Matriz é bem feita e elegante, produzindo sua forma abaulada agradavel impressão. Foi construida em 1904, por subscripção popular, promovida pelo Coronel João d'Almeida Castro, que contractou e fiscalizou a execução de toda a obra, dedicada a N. S. da Conceição, padroeira da villa, dando o mesmo nome á praça.

As ruas da villa são perfeitamente alinhadas e perpendiculares, planas e trafegadas por carros, carretas e carroças, que fazem o transporte de passageiros e cargas, dentro da zona urbana.

A villa é dividida em duas partes pelo rio Aquidauána, rio este considerado pelo immortal escriptor brasileiro, Visconde de Taunay, como um dos mais formosos do mundo. A communicação, entre as suas margens, é feita por uma „barca pendula" que dá rendimento consideravel.

Tem o municipio seis mil habitantes, segundo os calculos mais moderados, sendo a população urbana de duas mil almas.

([1]) - Pela Lei Estadoal, nº. 772, de 16 de Julho de 1918, forão elevados á cathegoria de cidade, com as mesmas denominações que d'antes tinham, as seguintes villas do Matto Grosso: Diamantino, Rosario Oeste, Miranda, Aquidauána, Campo Grande e Bella Vista.

Miranda.

A villa de Miranda, anteriormente presidio do mesmo nome, mandado fundar pelo Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 1797, e elevado a villa, em 30 de Maio de 1857, pela lei nº. 1, acha-se situada aos 20º 14′ de latitude e 13º 8′ de longitude referida ao Meridiano do Rio de Janeiro.

A principio, obscuro destacamento militar, com o decorrer dos tempos, foram-se aggremiando nas suas circumvizinhanças alguns moradores que se entregavam exclusivamente á lavoura e á criação de gado, formando por esse modo um arraial que pouca importancia adquiriu.

Motivos de ordem administrativa elevaram-na á cathegoria de villa.

Invadida e occupada por forças paraguayas, em 1865, o seu crescimento data da terminação da guerra, e tem sido muito lento.

Conta algumas ruas, uma praça, uma agencia do Correio, uma igreja, estação telegraphica, poucas casas commerciaes, duas escolas e uma linha de navegação para a cidade de Corumbá.

Foi, a principio, considerada erradamente ponto estrategico.

Corumbá.

N'uma altitude de 130 metros, aos 18º. 59′ 30″ de latitude e 14º 25′ e 34″ de longitude, sobre uma formação calcarea, á margem direita do Rio Paraguay, está edificada a cidade de Corumbá, que, como porto e praça de commercio, é a mais importante de todo o Estado.

Fundada primitivamente, em 21 de Setembro de 1778, pelo Capitão General Luiz de Albuquerque, mais ao sul, foi ella denominada Albuquerque, conservando-se, alguns annos, como simples destacamento militar, e transformando-se lentamente em povoação.

Em 1859, o Presidente da Provincia mandou remover a povoação para o logar onde se acha agora a cidade de Corumbá, a qual, invadida e occupada pelos paraguayos, ao terminar a guerra, achava-se em ruina e quasi despovoada. Tomou então incremento tão grande que, em 1877, ja contava cerca de seis mil habitantes. Hoje sua população orça entre doze e quinze mil almas.

O porto de Corumbá é de grande movimento, e, junto da ponte da alfandega, ancoram quotidianamente muitas embarcações procedentes do Rio da Prata e de Paraguay, sobresahindo os confortaveis paquetes da Companhia Mihanovich.

Parte de sua população é estrangeira, e a esse elemento deve por certo o gosto das construcções, assim como os habitos de vida semelhantes aos da cidade do Prata.

Melgaço.

Na margem esquerda do Rio Paraguay, aos 16º 11' 44" de latitude e 14º 52' 57" de longitude O. do Rio de Janeiro, distante vinte leguas da Capital, acha-se assentada a celebre villa de Melgaço que deu o nome aos brazões mui justamente concedidos ao infatigavel e operoso Augusto Leverger, benemerito lutador do progresso e nome mattogrossense.

Foi alli que o velho e inolvidavel marinheiro concentrou uma tropa regular de voluntarios e exercito, afim de impedir a invasão e o saque no nosso territorio que, n'essa occasião, estava exposto á furia selvagem das forças paraguayas invasoras (1865).

Ainda existem em ruinas as trincheiras erguidas no flanco esquerdo da villa, n'um morro que domina, a uma consideravel distancia, qualquer embarcação que por ventura tente forçar a passagem.

Hoje, são destroços que o matto occulta; hontem, porém, foram o obstaculo invencivel que impedio a carnificina e a violação do lar patrio!

A villa conta uns oitocentos habitantes. N'ella, ha um edificio destinado á Intendencia Municipal e existem duas escolas, uma de cada sexo.

Garças em profusão extraordinaria embranquecem differentes logares marginaes e esvoaçam em rumos diversos, ostentando a belleza de sua alvissima plumagem de um modo altivo e orgulhoso.

Os terrenos, que ficam adjacentes á villa, são admiraveis na sua fertilidade, prestando-se para qualquer cultura. Basta dizer que o arroz, ahi semeado, chega a produzir setecentos por um!

Em lado opposto á antiga fortificação acima descripta, na base de um outro morro, ergue-se uma pequena capella, simples, mas cheia de encantos mysticos.

Ella destaca-se graciosamente, ferindo a vista do viajante e povoando-lhe a alma de alegria suprema, affirmando-lhe com a evidencia da verdade, a existencia do Ser Omnipotente, unico Arbitro dos destinos da humanidade.

Municipio de Santo Antonio Rio Abaixo.

Este Municipio comprehende duas comarcas, uma com o nome acima indicado, tendo a povoação sido elevada a villa, em 18 de

Julho de 1890 por Decreto, carecendo hoje de toda e qualquer importancia. A outra Comarca comprehende a villa de Melgaço.

Eis-nos chegados á cidade de Cuyabá; mas, como fallei d'ella em primeiro logar, passemos a dizer alguma cousa sobre Poconé.

Poconé.

As minas de Beripoconé foram descobertas e repartidas em 1777.

Comquanto pouco productivas, em começo das novas lavras, mais tarde, forão extrahidas muitas arrobas de ouro e, como corollario, effectuou-se o povoamento da localidade que, em 1781 recebia officialmente o nome de São Pedro de El-rei, sendo elevada a villa por decreto de 25 de Outubro de 1831, e a cidade pela lei nº. 1 de 1 de Junho de 1863.

A cidade de Poconé fica situada aos 16º 16′ de latitude e 13º 32′ de longitude O. do Rio de Janeiro, a. S. S. O. de Cuyabá, em terreno plano e não cortado por veio de agua algum permanente.

A sua população éra em 1781 de 2. 118 habitantes, e em 1822 de 3.000.

O recenseamento de 1872, dá-lhe 3.061, sendo de presumir que o algarismo actual oscille entre quatro a cinco mil.

A cidade possue um grupo escolar, duas escolas isoladas, uma agencia do Correio e uma estação telegraphica.

A principal industria do Municipio é a criação do gado, praticada em grande escala; e o commercio reduz-se a poucas casas varejistas que fazem seu supprimento na praça da Capital ou em Corumbá.

São Luiz de Caceres.

O seu nome primitivo era villa Maria, em honra de D. Maria I de Portugal. O nome actual — São Luiz de Caceres — foi-lhe dado, em homenagem ao seu fundador, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, Governador e Capitão General da Capitania, nos tempos coloniaes.

O municipio de São Luiz de Caceres está limitado, ao Norte, pelo de Diamantino, ao Sul, pelo de Corumbá, a Leste, pelo de Poconé, e a Oeste pelo de „Matto-Grosso" e a Republica da Bolivia.

A cidade de Caceres, sede do municipio e comarca do mesmo nome, foi fundada em 1778, pelo Governador e Capitão General da

então Capitania de Matto-Grosso, Luiz de Mello Pereira e Caceres. Foi elevada a villa por lei de 28 de Maio de 1859, e a cidade pela lei nº. 3 de 5 de Maio de 1874.

A população da cidade é de 8.000 habitantes, e a do municipio de 15.000.

A população cacerence é toda brasileira.

Esse municipio, na opinião do Barão de Melgaço, enfeixa os melhores elementos de prosperidade. Possue boas mattas e bons campos de crear, minas de ouro, de ferro, cobre, salitre, pedra canga e pedra calcarea, abundancia de ipecacuanha e de seringueira, facil navegação e clima sadio.

Apesar d'essas favoraveis circumstancias, sessenta annos depois de sua fundação, era ainda, Villa Maria, um logarejo; o seu incremento data de 1850, mais ou menos, devido principalmente á existencia de uma força militar que alli fora mandada estacionar e á industria extractiva da poaia, que se tornou uma fonte de activissimo commercio.

A cidade tem dezenove ruas, quatro praças, das quaes a principal é chamada da Matriz.

Suas ruas principaes cortam-se em angulos rectos; as casas são terreas, mas confortaveis e as praças arborizadas. Tem duas egrejas, sendo, que uma é a Matriz, e a outra que está a construir, servirá de Cathedral.

Possue alguns edificios elegantes, importantes casas commerciaes, e, nas immediações, duas fabricas de primeira ordem — a Usina da Resaca, e o Estabelecimento do Escalvado, sendo este de charque e, no genero, talvez o primeiro da America do Sul.

Matto-Grosso.

A cidade de „Matto-Grosso" foi a primeira Capital do Estado.

Dom João V. Rei de Portugal, por acto de 9 de Maio de 1748, creou a Capitania independente do Matto-Grosso, nomeando, por carta regia de 22 de Setembro do mesmo anno, seu governador ao Capitão General Dom Rollim d'Moura Tavares.

Este cuidou antes de tudo da segurança da parte da Capitania limitrophe com as possessões hespanholas e é por isso que resolveu estabelecer a séde do Estado na parte mais occidental.

A 3 de Novembro, partiu de Cuyabá, e, apos uma marcha de 34 dias, por caminhos mal trilhados, a sete de Dezembro, alcançou a margem esquerda do Guaporé, de onde proseguio viagem em uma canoa, e a 14 chegou a Pouso Alegre, logar este que, a 19 de

Março de 1752, transformou em villa regular, dando-lhe a denominação de Villa Bella da Santissima Trindade de Matto-Grosso.

Governou Rollim de Moura quasi quatorze annos, e a sua tenacidade servio de barreira, de encontra á qual os hespanhóes receberam os primeiros cheques no empenho de dominarem aquem do Guaporé.

A cidade de Matto-Grosso acha-se situada á margem direita do rio Guaporé, aos 15º de latitude e 16º 41′ 45″ de longitude O. do Rio de Janeiro, em terreno sujeito á alagação e, segundo Leverger, sobre um plano regular, tendo grandes e largas ruas, cortadas em angulo recto por travessas, formando espaçosos quadrados e grandes quintaes.

A cidade, que prosperou sob as vistas dos Capitães Generaes, acha-se em decadencia; entretanto é de se presumir o seu resurgimento diante do notavel incremento que, no seu districto, vae adquirindo a industria extractiva da borracha.

A guarnição militar do posto consta apenas de 25 praças, commendadas por um official. Ha uma escola de instrucção primaria, uma agencia do Correio e uma estação telegraphica.

Da rapida descripção das cidades e povoações, por onde andei, passarei a fallar de alguns homens que trabalharam em prol de Matto-Grosso.

Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

Quem estuda, inda que superficialmente, a historia de Matto-Grosso, depara com alguns nomes cheios de gloria, e, pelo muito que fizeram, com razão podem-se intitular os creadores d'esse Estado.

Na succesão, diz abalisado chronista contemporaneo, dos governadores do Matto-Grosso, merece logar distincto o nome de Luiz de Mello Pereira e Caceres, nomeado por patente de 3 de Julho de 1771, e empossado a 13 de Dezembro do anno seguinte.

Correspondendo Luiz de Albuquerque ao conceito que as suas altas qualidades moraes e intellectuaes inspiravam; não somente mostrou-se atilado, cheio de fidelidade, inexcedivel no tocante aos deveres de administrador, como ainda revelou-se habil politico, cheio de bom senso e possuidor de raro criterio em medir a importancia ou a insignificancia dos acontecimentos que se desdobravam no tempo de seu governo, d'elles tirando, para a nação, o maior proveito compativel com as circumstancias do momento.

Em 1775, apparelhou uma expedição destinada a lançar os alicerces do Forte de Coimbra, e, com o fim de cimentar o direito

de Portugal sobre outros pontos da fronteira, fez construir o forte do Principio da Beira em 1776; fundou a povoação de Vizeu, em Setembro d'esse mesmo anno; Albuquerque (hoje Corumbá) e Villa Maria (hoje São Luiz de Caceres) em 1778; Casalvasco em 1783, installando successivamente postos militares, em Dourados, Jaurú, Corixa e Salinas. Deixou o governo a 20 de Novembro de 1789.

Marechal Antonio Maria Coelho.

Outro nome digno da gratidão do povo Mattogrossense é o do Marechal Antonio Maria Coelho, o qual, devido justamente á nobreza de seu caracter e ao seu patriotismo foi, varias vezes, victima da ingratidão de seus contemporaneos. Celebrizou-se por occasião da guerra do Paraguay.

Uma columna expedicionaria do exercito paraguayo, ao mando do Coronel Barrios, tendo conseguido appossar-se de Corumbá, ahi permaneceu até 13 de Junho de 1867, data de um feito heroico de armas, em que coube a gloria ao contingente vindo de Cuyabá, chefiado pelo então Tenente-Coronel Antonio Maria Coelho, que conseguio retomar a villa, onde se manteve até a terminação da sangrenta guerra.

Por occasião da minha passagem por Corumbá, estavam ultimando um monumento, erguido no centro do grande e vistoso jardim publico da cidade: era a estatua do grande mattogrossense Marechal Antonio Maria Coelho, inaugurada solemne e festivamente, a 13 de Junho de 1918, anniversario da celebrada victoria.

Augusto Leverger.

E' a terceira personagem cujo nome seria injustiça olvidar, n'esta rapido esboço.

Augusto João Manuel Leverger, nasceu a 30 de Janeiro de 1802 em Saint-Malô, (Franca) e veio para o Brasil em 1819; entrou na marinha brasileira a 11 de Novembro de 1824.

Chegou a Cuyabá em fins de Novembro de 1830 e alli falleceu a 14 de Janeiro de 1880. Servira, desde a independencia, na marinha brasileira, e exercera por diversas vezes os cargos de presidente e commandante das armas da provincia do Matta-Grosso, alem de outras incumbencias importantes que desempenhara cabalmente como engenheiro. (Teixeira Mello).

Augusto Leverger, diz outro escriptor, o venerando ancião que a 14 de Janeiro de 1880, baixou ao tumulo, em Cuyabá, cercado pela estima e consideração do povo mattogrossense, ao qual prestou relevantes serviços, na guerra, como na paz; no repouso como na

hora do perigo; era oriundo de França, tendo nascido em Saint-Malô no anno de 1802. Em 1820, fez-se marinheiro, entrando, quatro annos depois, para a marinha brasileira como praça de 2°. Tenente em commissão, e n'esse posto foi confirmado em 1825. Em 1837 foi promovido ao posto de Capitão Tenente; em 1842, ao de Capitão de Fragata, em 1852, ao de Capitão de Mar e Guerra e, dois annos depois, cingiam-lhe os punhos os bordados de Chefe de Divisão.

Ainda cheio de vigor, aos cincoenta e cinco annos de edade, pediu e alcançou, em 1857, a sua reforma no posto de Chefe de Esquadra, com que deu por finda sua brilhante carreira, tão cheia de lances patrioticos e de exemplos fecundos.

Mas Levérger não foi só soldado; foi tambem um escrupuloso e consumado administrador.

E sua passagem, pela suprema administração da então provincia de Matto-Grosso, não foi passageira, e, por isso, profundos foram tambem os traços que d'ella deixou. Alem disto, Augusto Leverger foi um estudioso infatigavel, homem de profundo saber, que deixou numerosas producções suas, sobresahindo a Carta e o Diccionario Geographico de Matto-Grosso, duas obras de inestimavel valor.

E não terminam aqui os merecimentos do denodado patriota, porquanto sua acção fez-se sentir particularmente, no momento do perigo, no momento supreno do desespero, quando o inimigo, pisando o solo patrio, espalhava diante de si o terror, a morte e a devastação Foi n'esse momento doloroso, quando o desanimo dominava o espirito da população da Capital, ante as noticias successivas que chegavam de Coimbra, Miranda e Corumbá, pontos esses desde logo occupados pelas columnas paraguayas de Resquim e Barrios que o velho marinheiro, abandonando todas as commodidades e todos os confortos que a sua edade requeria, promptificou-se a organizar os aprestos da defesa.

A alegria e a confiança renasceram immediatamente na população.

Possuindo elle largo conhecimento das condições topographicas estrategicas da Provincia, escolheu a collina de Melgaço para centro de resistencia, fazendo marchar para alli, sem mais detença, uma força expedicionaria, acompanhando-a, no mesmo dia.

E tão prompto foi o exito desse patriotico emprehendimento, que, com justo desvanecimento poderia repetir as celebres palavras de Julio Cesar: Veni, vidi et vici.

* * *

Vamos agora, acompanhando os melhores escriptores, contemplar ligeiramente o que de rico e grandioso possue o solo de Matto-Grosso.

A c a n n a, diz o Dr. Severiano, faz prodigios que nunca fizeram os cannaviaes do Norte. Suas sócas reproduzem com forças sachariferas, por dez ou vinte annos, segundo informações geraes, e, não se querendo fazer cabedal dos trinta e quarenta annos, que alguns lavradores pretendem dar-lhes a duração. Ha vehementes suspeitas, continua o mesmo, de que esse producto seja indigena da provincia. Dizem que logo em começo do povoado de Cuyabá, alguns sertanistas a encontraram nos albardões e molocas dos indios dos rios São Lourenço e Paraguay.

* * *

O g a d o. O primeiro gado foi introduzido no Matto-Grosso, diz Pizarro, em 1739 e, dez annos mais tarde, tinha-se propagado com o mesmo admiravel incremento do das campinas do sul.

Os grandes proprietarios, dizia o Dr. Severiano, em 1875, não conhecem hoje outra fonte de riquezas sinão esta. Mas ordinariamente o unico labor do dono consiste em agenciar a fazenda (gado), por compra ou qualquer outro modo, e largal-a nos vastos campos de sua propriedade e terrenos vizinhos. Não sabem preparar pastagens, si estas faltam; nem prover-se de aguadas, si ellas escasseiam. Nunca idearam fazer açudes ou depositos de agua, ás vezes de bem facil canalização, para abeberar o gado na estação do estio.

E o terreno presta-se maravilhosamente a isso. Em grande parte da provincia é plano e atravessado pelas corixas e vasantes, longas depressões do solo, formadas pela passagem das aguas, que, n'essas occasiões, transformam-nas em verdadeiros rios, sendo que, nas outras, são canaes meio trabalhados, á espera somente do esforço do homem para completal-os.

Com a secca o gado afasta-se, entra pelos bosques, em busca da sombra e do fresco, indo ahi lamber o terreno humedecido do relento das noites, ou a terra salitrosa e sempre humida dos barreiros; alça-se (diz-se alçado o gado domestico que foge dos apriscos e torna-se selvagem) pela sede principalmente, indo procurar onde possa matal-a, ahi ficando, por alem da humidade do solo encontrar o pasto que a mesma sombra entretem e que já falta nos terrenos crestados da secca. E o resultado é a sua diminuição pela fuga, extravio e morte, como pela difficuldade do reponteamento.

Todo criador sabe que os animaes procream e augmentam em muito maior escala, no estado domestico, de que longe dos cuidados

e vistas do homem. Aqui, desconhece-se ou parece ignorar-se esse ensinamento da pratica.

Sobre o mesmo assumpto escreve o Dr. Arrojado Lisbôa:

Os campos de Vaccaria, uma vez transformados, devem ser perfeitamente comparaveis á campanha do Sul, e, sob certos pontos de vista, lhes levarão vantagens. No estado irregular e primitivo, em que se encontram presentemente, a sua capacidade de alimentação é muito variavel. Pastagens ha ahi que não comportam mais de 800 rezes por legua de 3.600 hectares, e outras que sustentam até 1.500 rezes na mesma superficie.

Os processos de criação ainda são muito primitivos, mas, mesmo assim, o districto deve ser considerado, sob o ponto de vista pastoril, como o mais adiantado do Estado.

O gado é criado solto, sendo os campos, não raro, somente cercados em suas divisões extremas, mas, como as propriedades são pequenas, e não ha Carreiros, nem salinas, o gado é forçado a vir periodicamente ao curral para tomar sal. Isso fal-o muito manso; elle não se estraga com a terra dos barreiros e recebe constantemente os cuidados do criador que então, o revista, limpa e cura.

Em taes condições, e graças ao bom clima, á insignificancia das pragas e á abundancia das pastagens, uma vez que a densidade dos rebanhos ainda é pequena, o gado prospera admiravelmente na Vaccaria. A porcentagem de seu augmento é muito consideravel. O nascimento de bezerros marcados, que prosperam e são criados, eleva-se a 85 por cento vaccas, e nunca inferior a 60. Como media pode-se tomar o algarismo de 70. Esses dados podem ser acceitos como rigorosamente exactos.

* *
*

A poaia. Quasi que só em Matto-Grosso a ipecacuanha tem patria; sendo os terrenos da sua predilecção as ribas occidentaes da provincia, e notavelmente as das cabeceiras do Guaporé e do Paraguay, até o Jaurú. É nas margens d'esse affluente e nas do Cabeçal que se colhe a maior parte da que desce a abastecer os mercados do mundo; e são conhecidas pelo nome de Mattas da poaia as frondosas florestas que cobrem as margen d'esses dois rios, e a cuja sombra protectora vegeta extraordinariamente tão precioso medicamento.

Como a poaia, a baunilha, a japecanga, a salsaparrilha, a jalapa, o jaborandy, o sangue de drago, a copahyba, a bicuiba e muitas outras especies de oleos, o angico de páo-santo, a caroba, a carobinha, a cainca, o jatobá etc. são thesouros de materia medica muito communs na região. A baunilha enreda-se ás grossas arvores,

e particularmente ás palmeiras, nas ribeiras, de quasi todos os rios e corixas, e, com preferencia, nos terrenos do Alto Paraguay e seus affluentes; do Guaporé, Mamoré e Madeira e outros rios que os engrossam.

A quina e o barbatimão, o timbó de arvore e a mangaba, tão delicada no sabor do fructo, como util na borracha que produz, cobrem os taboleiros e albardões argillosilicosos dos terrenos baixos e meiões. Da primeira, varias especies existem, todas aproveitaveis, mas não da qualidade melhor: abundam mais: a quina vermelha varicosa, chinchona nitida de Pavon, a cancifolia, variedade de folhas ovaes, de pouco mais ou menos dois centimetros de comprimento.

Nas margens dilatadas do Guaporé, Mamoré e Madeira, e dos outros cursos dos systemas do Araguaya, Tapajós e Xingú, abundam extraordinariamente a salsaparrilha, o cacáu, o cravo e a copahiba e sobretudo as seringueiras e o tocay, estes ultimos elevando-se sobranceiramente sobre as altas franças das florestas, e dando um cunho especial á feição do paiz.

* * *

É curioso o que se dá na colheita da poaia. Nas celebres Mattas da Poaia, ás margens do Jaurú, Cabeçal, Sipotuba e outras cabeceiras do Paraguay, raro se demoram os arrancadores da herva, por adoecerem logo. E comtudo não são essas florestas completamente alagadiças.

Os effluvios do sol, combinados com os que emanam da raiz emética, produzem, n'aquelles que se entregam, pela primeira vez, a tal labor, incommodos de estomago, semelhantes a esse pequeno envenenamento trazido pela embriaguez do tabaco; um nervosismo especial, com desordens mais ou menos fortes, e cujos prodromos são tonteiras, cephalalgias, anoreseias, vomiturações, dyspepsia, e tambem accessos periodicos de febre oe outros incommodos.

Os rios.

Não se pode fallar no Matto-Grosso, sem fazer ao menos uma leve referencia a uma de suas maiores riquesas. Refiro-me a essa rede admiravel de rios gigantes e de seus inumeros affluentes navegaveis que, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, cortam-no em mil direcções, como as veias do corpo humano, substituindo, não poueo, essas linhas ferreas commerciaes e estrategicas que fazem o orgulho dos paizes mais adiantados do mundo.

A divina Providencia, tão dadivosa para com a terra de Santa Cruz, parece ter concentrado no Matto-Grosso seu maior carinho e solicitude, derramando sobre elle os primores de sua liberalidade.

Ahi temos o grandioso Paraguay, um dos maiores rios do mundo, pela sua navegabilidade, o qual, não obstante perder, em sua juncção com o Pará, seu verdadeiro nome, que lhe pertence de justiça, une o Atlantico á parte mais central do continente sul-americano. É um veio de aguas como não ha igual, vagaroso, fundo e perfeitamente navegavel, n'um percurso, a partir do mar, de uns quatro mil e quinhentos kilometros!

Para que o leitor avalie a elevação quasi imperceptivel do solo d'aquellas vastidões, contentar-me-ei dizendo-lhe que a cidade de Cuyabá acha-se na altitude de pouco mais de duzentos metros acima do mar.

Sobre os rios de Matto-Grosso, diz Hercules Florence:

Si les riviers sont les chemins qui marchent, como disse Pascal, nenhum paiz do mundo, tendo menos estradas abertas, tem mais estradas que andam do que Matto-Grosso. E sem querer fazer praça dos conhecimentos, e sómente recordar os estudos e investigações dos antigos exploradores paulistas, a quem deve a provincia o descobrimento de seus invios sertões, farei uma rezenha da etraordinaria rede potamographica que a cobre, uma das mais opulentas do globo; na qual as correntes conhecidas são em numero superior a seiscentas, e em milhares se podem computar todas as que a formam.

* * *

Todos sabem que se pode ir do Rio a Cuyabá por agua. Mas quem o quizer fazer, terá que navegar um mez inteiro, não a vela, mas a vapor. É verdade que, nas viagens fluviaes, particularmente contra a corrente, é impossivel fixar-se o tempo empregado para ir de um a outro ponto. Pelo que pude apurar, um vapor, nada occorrendo de anormal, de Montividéo á Corumbá, leva de doze a quinze dias; de Corumbá á Cuyabá de cinco a seis.

O que mais me maravilhou, n'essas viagens, foi dos paquetes andarem dia e noite, haja ou não perigos a vencer.

Temperatura.

O Matto-Grosso é quente, extremamente quente; offerece entretanto as mais extravagantes variações, passando subitamente do calor para o frio e viceversa. Uma observação, diz o Dr. Arrojado

Lisbôa, ja ha muito registrada, para o clima do interior do paiz, é a grande oscillação diaria da temperatura.

E o Dr. Severiano falla-nos dos ventos d'esta forma.

Os ventos geraes sopram de N. O. e S. E.; estes, frios, e fazendo baixar rapidamente a temperatura; aquelles elevando-a e rarefazendo a athmosphera; ambos temidos — estes se chegam na força do frio, augmentando e trazendo as geadas e as friagens, ou si inopinadamente, na força do verão determinando grandes perturbações para os orgãos respiratorios e locomotores; e aquelles, os ventos do Norte, si com o seu halito de fogo, vem ainda mais abrasar a athmosphera, augmentando o calor e o mal estar ja produzido por este.

Vejamos o que diz o mesmo escriptor das tão temidas friagens.

Nas regiões seccas e altas, as de chapadão, o clima é são e benefico; bastante quente no verão, no inverno bastante frio. As geadas sobrevêm quasi que annualmente, ora em Julho e Agosto, ora mesmo em Junho e Setembro, mas ja menos frequentemente, e sempre accarretando graves transtornos á já por si tão pobre lavoura d'essas comarcas.

As friagens são mais communs, e sobrevêm mesmo na força do verão.

O Dr. Alexandre cita-as em Março, Abril, Maio e Junho, sendo a primeira a 18 do mez, ainda em viagem, no baixo Madeira; a segunda, de 6 a 14 de Abril, na cachoeira de Ribeirão, no alto Madeira; a terceira, nos ultimos dias de Maio, já no Mamoré, e tão forte que os indios remeiros não puderam manejar os remos, sendo-se forçado a voltar ao pouso e buscar o conchego das fogueiras; a quarta, e mais forte, a 28 de Junho no forte do Principe da Beira; uma quinta já muito adiantada na viagem de Guaporé e a ultima d'esse anno no arraial de Lavrinhas, entre este rio e o Paraguay. Algumas são tão fortes que tem determinado gangrenas e mortes por congelação.

Entre outras, cita-se uma de Março de 1822, que causou grande mortandade n'um comboio que vinha do Rio de Janeiro e que, na extensa campanha do Rio Manso, no alto da chapada, perdeu vinte e tantos negros novos, segundo Luiz D'Alincourt. Finalmente, referindo-se o mesmo á sua longa estadia na cidade de Corumbá, dá-nos mais os seguintes curiosos pormenores.

Ainda demorei-me em Corumbá seis mezes, de cada vez, durante tres annos. Ahi passa-se rapida e facilmente por aquellas vicissitudes thermicas. Nos mezes de frio, aquece-se rapidamente ao sopro quente das auras do Norte; no rigor do verão, tirita-se

com o frio trazido pelos tufões do sul. Emquanto á cidade de Corumbá, eleva-se, ella, sobre uma barranca de 30 a 35 metros de altura e cerca de 150 de altitude sobre o nivel do oceano. As noites, ahi, são sempre frescas e amenas; na força do verão, as brisas do sul mitigam-lhe o rigor e as do Norte muito se abrandam ao passarem por sobre as immensos paramos fronteiros, onde serpeiam os affluentes septentrionaes do Paraguay que, no tempo das aguas, transmudam esses páramos em mares. Poucas cidades gozarão como Corumbá de um horizonte tão dilatado e aprazivel, em meio de terras.

A essa magnifica posição e á facil circulação das brisas, deve ella, sem duvida, a sua salubridade.

Clima.

Muito se tem fallado do clima empestado do Matto Grosso. Qual será a verdade?

Da vasta provincia do Matto Grosso, diz Hercules Florence, são o Diamantino e Villa Bella os dois pontos mais insalubres.

O Dr. João Severiano da Fonseca, tratando do mesmo ponto, falla-nos primeiro, do clima de Corumbá, e, em seguida, do do Matto Grosso em geral.

Quem o ler attentamente, sobretudo, na segunda parte, convence-se bem depressa que esse Estado, mesmo na sua baixada, chamada pantanaes, é estupendamente saudavel. Ouçamol-o.

É natural que os miasmas palustres não exerçam influencia alguma no habitat dos planaltos, tão grande é a sua densidade e peso relativamente ao ar respiravel. Corumbá, situada em uma altitude de 30 a 35 metros, no meio dos vastos alagadiços do rio Paraguay (o lago dos Xaryés dos antigos, é altamente salubre e sóe passar incolume das febres epidemicas de máu caracter.

Seus fóros (de Corumbá) de salubridade continuam incolumes, apesar do estuario pantanoso em que se ergue.

Como ella, goza dos mesmos creditos Cuyabá e o Ladario, e talvez mesmo a cidade de São Luiz de Caceres, já proxima das cabeceiras do rio Paraguay.

É que, nas regiões palustres, a athmosphera das camadas superiores é menos denso, mais leve e mais pura; é portanto muito differente, em principios vitaes, das regiões inferiores, que existem como que estagnadas, não sendo varridas nem renovadas pelos ventos cujas correntes só muitos metros acima do solo é que se estabelecem.

Talvez, continúa o mesmo, não seja com muito acerto que se capitula de malsão e inhospito o clima de Matto Grosso. Composto de duas vastas regiões, o planalto e a baixada, são-lhe bem diversas as condições climatericas, pelo seu hypsometrismo, natureza e influencia do solo.

O ar secco, a temperatura relativamente mais baixa do que a das baixas regiões, e por conseguinte mais agradavel, e as aguas mais puras e sãs constituem já não salubre mas saluberrimo o clima do planalto, onde as molestias endemicas são quasi que completamente desconhecidas, e onde as epidimias, poucas vezes assolam.

E, pois, si essa região abrange cerca de duas terças partes do territorio mattogrossense, não é pelo clima do restante, isto é das comarcas alagadiças, onde actua uma athmosphera densa, pesada e carregada de principios miasmaticos, que se deve auferir o clima e salubridade a constituição medica da provincia.

Mas esta noção existe e tem perdurado, porque as estradas de Matto-Grosso são os seus rios, os *chemins qui marchent* de Pascal; e os viajantes é só por elles que connecem a provincia; rios que, tendo, em geral, mal povoadas as margens, e portanto descurados seus leitos e bordas alagadiças dos meios de saneamento que a população, a necessidade e a civilização requerem e impõem, são outros tantos focos de quanta Phlegmasia ha por ahi de caracter palustre. Mas ainda assim tanto tem de reaes estes males, como de menos justa a apreciação.

* * *

O solo d'esses pantanos é, em grande parte, argilloso e impermeavel, até certo ponto, como no valle de Guaporé e Mamoré. Mas o calcareo é a rocha predominante n'outras regiões não menos vastas da provincia, e todo o sertão alagadiço de Oeste é constituido por esse terreno que, essencialmente poroso e permeavel, favorece o escoamento das aguas. D'ahi o alagamento constante da região chamada dos *Pantanaes*, e as inundações periodicas do solo das corixas.

Mas, si é immenso esse estuario dos pantanos, immenso correctivo tem elle n'essa mesma amplidão, onde a luz fulgura sem igual; onde as grandes catadupas do céo lavam periodicamente, levam os productos morbificos de cada anno; e onde os grandes rios que o atravessam são outros tantos canaes de ventilação a modificarem beneficamente, com as correntes das brisas, o ar viciado da athmosphera.

* * *

Ex-vi da modificação soffrida no ar que aspiram, são os recemchegados os que pagam maior tributo ás intermitentes. Nós, todavia atravessamos essas comarças, duzias de vezes, demorando-nos nellas semanas e mezes. Mas nossa alimentação regular e sadia, o exercicio constante, de preferencia bebendo agua dos regatos e cacimbas, ás dos grandes rios e charcos, o uso de café e licores espirituosos, e os banhos sómente ás horas mortas do dia, principalmente ao alvorecer, parece que foram meios razoaveis para corrigir em nosso favor a influencia eleica, e isentar-nos de envenenamnetos miasmaticos. Si, quando o serviço o exigia, saltava-se n'agua, e, sob os raios de um sol de fogo, demorava-se, seis, oito e mais horas, como, por exemplo, desencalhando as lanchas a vapor, nos baixos do Mandioré, e nos do Guaporé, a canôa, em que descemos, para transpor a região encachoeirada do Madeira, onde ainda grande parte do serviço da tripulação era feito dentro d'agua, para salvar a embarcação dos maus passos; si sobrevinha algum insulto febril, algum accidente que revelasse o elemento palustre: uma pequenina dose de quinino, uma chicara de café, ou um gole de aguardente foram sempre meios sufficientes para debellal-o.

E não era pequena a comitiva: descendo o Guaporé, vinhamos umas trinta pessôas; e, nas marchas, nos sertões limitrofes com a Bolivia, não menos de duzentas nos acompanhavam, entre soldados, pessôal de fornecimento, capatazes, peões e mulheres que os seguiam.

N'essas regiões, os moradores, além de fraca e pessima nutrição, não a tem regularisada. Faltando-lhe frequentemente o sal, alguns preferem mesmo uma indigestão ao desgosto de deitarem fora o excedente da caça ou pesca; e, assim, comem quanto tem, e quando tem, desmarcadamente.

Nas suas repetidas abluções, não attendem si o sol está a pino, nem si elles tem o corpo super-excitado pelo trabalho da digestão. Scientes de que os licores espirituosos combatem até certo ponto, essas influencias maleficas do clima, buscam-nos; mas não usam, abusam: depauperando, cada vez mais, com taes excessos, o já debilitado organismo, e, colhendo, em vez de proveitos, prejuizos maiores.

Solo.

Em Corumbá, pessôa respeitavel e digna de toda fé, contou-me um facto incrivel. Estivera, pouco antes, em uma fazenda, cujas pastagens naturaes podem alimentar duas mil cabeças de gado, na limitada superficie de uma legua quadrada. O gado, como é sabido, não pode dispensar uma certa quantidade de sal, pelo menos duas

ou tres vezes por semana. Pois bem (e aqui é que está o prodigio) na alludida fazenda, (e em outras) ha regatos de agua doce e outras de agua salgada!

Leiamos mais uma pagina da Viagem ao redor do Brasil, cujo autor elucida de um modo admiravel o assumpto. Que na America meridional, diz o mesmo, parte do continente se solevantou dos mares, em edades não pouco primitivas, é facto inconcusso para a geologia, a qual nos mais centraes sertões americanos, como nas cumiadas tempestuosas de suas montanhas, nos terrenos á beira-rios e nas dunas dos planaltos, muitos d'elles verdadeiros fallums, tem sempre encontrado indicios certeiros a testificarem a existencia das aguas salgadas, em tempos que o estudo pode ainda determinar, mas que a geogonia elucidará. O que parece certo é que não foi o oceano que lhe interrompeu os limites e veio submergir seus vastos páramos.

Ha ainda um indice nos lagos salgados, nos rios e lagos salobros, nas savanas e pampas salitrados, onde o sal marinho e o carbonato de soda, surge ao fluxo do solo, não só nas baixadas, mas ainda nos planaltos; não só nos terrenos seccos, mas tambem á beira dos maiores rios; parecendo derivado de enormes depositos subterraneos, que, quando enxarcados, na estação chuvosa, as aguas dissolvem e levam comsigo, e ao seccarem, depositam no solo: terrenos prenhes de sal, como o chão do Egypto e de outras regiões africanas, com a differença unica, mas notavel, de que, aqui, são as verdes ondulações dos pampas, e lá os ardentes areiaes dos saharas.

São salitradas as margens do Paraguay, onde vastas salinas são conhecidas, perto do Olympo, no Chaco, e em Lambaré, na Assumpção, e cujos saes são de noventa e dois por cento de chlorureto de sodio puro. Nas provincias argentinas de Entre Rios e Corrientes, e na republica Oriental, o leite das vaccas é nimiamente salgado, o que se explica pela força salina dos campos de pácigo. Nas mesmas magestosas elevações andinas, encontram-se vastos depositos de aguas salgadas, tanto como nos planos sujeitos ao alagamento. Em Santiago, Oruro e São José, no Chile e no Perú, como nos pampas patagonios. O Titicaca, lago de seiscentas leguas quadradas, a quatro mil metros de elevação sobre o mar, é de agua salobra. As calinas de Hualaja, no Amazonas peruano, e as de Tama e Cerro del Sol; as de Pola e Tarija. na Bolivia, do mesmo modo que os llanos de Caiza e as savanas salgadas dos pampas argentinos, vastos repositorios, desde as margens salitrosas do Pilcomayo, até as confins da Patagonia ainda o confirmam tambem, como a presença dos fosseis oceanicos, nos pincaros e plainos da cordilheira.

E continua o Dr. Severiano: Aqui em Matto Grosso, os barreiros, isto é terrenos salitrados, mui buscados pelos animaes, e sitios sabidos pelos caçadores, para a espera e caçada das antas, são mui communs. As salinas são tão geraes no planalto como nos plainos alagadiços: abundam, desde o registro do Jaurú, até ás cabeceiras do Paraguay, sinão alem; e, para o sul até os campos inundados do Uberabá.

São mais nottaveis as salinas do Casalvasco, as das Merces, do Almeida e do Jaurú, todos n'uma estreita zona.

Na primeira, em 1783, o alferes Francisco Garcia Velho Paes Camargo, n'um ligeiro ensaio, tirou dois pratos de sal, n'uma decoada de dois alqueires em peso de terras; e da ultima, no verão de 1790, o escrivão da camara, Luiz Ferreira Diniz, extrahiu muitos alqueires. As do Vargem Formosa, quatorze leguas ao S. O. de Cuyabá, davam tanto e tão bom sal, que Luiz Pinto as isentou de direitos. As de Cocaes e as Noronha, entre aquella Capital e o Paraguay, descobertas em 1770, por Bernardo Lopes da Cunha, erão muito copiosas.

As grutas calcareas das cercanias de São Luiz de Caceres, nas quaes os boróros tinham suas necropoles, a julgar pelo numero de Camocis ahi encontrados, são tão ricas de sal, que, ainda em 1849, dellas se extrahiram e desceram para o Paraguay não menos de cem arrobas.

No mais alto de araxá, cerca talvez de um kilometro sobre o mar, ha, nas margens do Hacuruhuna salinas tão abundantes que, diz Ricardo Franco, eram bastantes para o sortimento da provincia. As proprias nascentes do Paraguay, descreve Southey „são acres e salgadas, ainda que extremamente crystallinas, cobrindo a margem de uma crosta espessa, que da ás raizes das arvores a semelhança das rochas. O mesmo se dá na zona, entre o Taquary e o Apa, onde a mór parte das ribeiras e regatos são salobres; e no mesmo reino vegetal encontra-se o chlorueto de sodio, em algumas plantas, entre outras a palmeira carandá (copernica cerifera), da qual os indios do Rio Negro tiram facil partido.

Vou concluir a Introducção fechando-a com chave de ouro em transcrevendo integralmente da Viagem ao Redor do Brasil a magnifica e fiel descripção de uma tempestade, nos sertões matto-grossenses, precedida de breves observações sobre phenomenos diversos. É, no verão, diz o Dr. Severiano que são frequentes as tempestades, trazidas quasi sempre pelo sudoeste, o vento dos pampas, o qual, em minutos, modifica de tal modo o estado thermico do ambiente, que o thermometro salta rapidamente de muitos gráos.

As descargas eletricas são amiudadas e quasi tão geraes no planalto como na baixada. Si para aquelle influe a natureza metalica do solo e calorico do clima; para esta são razões poderosas, alem da saturação igrometrica do ar, a grande copia de ferro oligisto e magnete que existe nas montanhas que a cortam, e as proprias arvores de suas florestas são verdadeiros intermediarios do fluido, entre essas duas enormes pilhas de electricidade contraria, athmosphera e solo.

Este, já por mais de uma vez, tem estremecido em ligeiras commoções do sub-solo. Os annaes do „Senado da Camara de Cuyabá" citam um tremor de terra a 24 de Setembro de 1749, precedido de um forte rumor como de um trovão subterraneo.

N'uma das paredes dos calobouços do Forte do Principe da Beira, do Guaporé, eu li a seguinte inscripção, que um preso ahi deixou consignada, a ponta de estilete: No dia 18 de Setembro, pelas duas horas da tarde, tremeu a terra, 1832. Registra-se outro succedido, em 1 de Outubro de 1870; e eu mesmo, na noite de 25 de Junho de 1876, pela volta das nove horas e meia, estando de passagem com os outros membros da commissão de limites, na fazenda de Cambará, quasi á margem do Paraguay, sentimos um sacudimento brusco, nas camas e redes, ao mesmo tempo que pequenos estalidos no telhado, como de granizo, durando apenas alguns segundos.

* * *

A approximação das tempestades é de ordinario presentida. A temperatura se eleva, o ar parece de fogo; não sopra a menor aragem. A natureza como que se abate estatica e assustada. Os animaes perdem o animo, murcham as orelhas, abatem as caudas; si selvagens, embrenham-se nas florestas, si amphibios precepitam-se nas aguas. Os domesticos approximam-se do homem, como que confiando na protecção d'elle. Nem as grimpas das arvores balouçam: as mattas, n'uma quietude medonha, parecem solidos inteiriços. As aves, achando-se nos ninhos, suspendem o vôo e se escondem; algumas, como as gaivotas, enchem os ares de suas vozes assustadas e quasi lamentosas, prenunciando a tormenta; mas logo se calam. O ambiente cada vez se achumba mais, e a respiração torna-se mais difficil.

Ha uma especie de dureza em tudo que nos cerca; um torpor gradativo; um silencio especial, só quebrado pelo rumor das correntezas, que augmentam o estrepito e fazem ainda maior a anciedade do homem.

Reconhece-se, sem muita difficuldade, a quantidade de ozona com que a electricidade sobrecarrega a athmosphera. Ao preparar as soluções de iodureto de potassio para meus doentes, o sal indicava, em pouco tempo de exposição, differença na cor, devido, sem duvida, á affinidade de oxigenio electrizado para com o iodo. Entretanto nem uma nuvem no céo. — Somente o sol havia amortecido seus raios, occulto sob um véo espesso e achumbado. D'ahi a pouco, denso nimbus surgia do horizonte, elevando-se de S. ou S. O; fazendo já ouvir o longinquo reboar do trovão. Em breve scintillam os relampagos; amiudam-se, e amiuda-se o trovão, com estridor medonho. O ambiente modifica-se extraordinariamente, e a temperatura desce com rapidez.

Sopra uma brisa, de ordinario do quadrante austral, que, em breve, se converte em violento tufão.

Um grosso pingo de agua, outros e outros isolados, grandes e gelidos, cahem, a grandes espaços no chão.

São as avançadas de um aguaceiro diluvial que traz, por atiradores, um chuveiro de granizos e açoita a natureza por alguns minutos.

Meia hora depois, o sol resplende fulgurante. O céo está limpido e sereno, a brisa murmura suave; as arvores curvam-se levememte ao fagueiro, a natureza sorri; os passaros sacodem das arvores as gottas de agua que tiveram força de embeber-lhes as plumas, e cantam; os animaes todos mostram-se contentes, e o homem sente-se reanimado e feliz. Tudo respira com mais vida; somente guardam por algum tempo o signal do cataclysma a relva abatida dos campos, as folhas despidas e os galhos lacerados das arvores da floresta, e as correntes que, mais tumidas e tumultuosas, vão, comtudo, pouco a pouco, perdendo a sua soberbia e entrando de novo nos limites que a natureza lhes demarcou.

Poucas horas depois, so saberia do acontecido, quem o houvesse presenciado.

Paraiso Verde.

Capitulo I.

A 20 de Fevereiro de 1918, madruguei. Ia emprehender uma viagem quasi phantastica.

Tinha de embarcar, na estação Central, ás 7 horas; ás 6 e cinco minutos, lá estava, encontrando o trem paulista quasi todo tomado. Isto causou-me surpresa, pois pensava ser eu um dos primeiros a chegar. Os trens, tanto o paulista como o mineiro, costumam encher-se, no ultimo quarto de hora, antes da partida; e agora, são tomados de assalto. É que poucos dias antes, forão supprimidos pelo governo, devido a falta de carvão, todos os trens de luxo e quatro nocturnos semanaes do ramal São Paulo. E note-se que, na vespera, tinha havido um nocturno para a Capital Paulista.

Diversas familias vieram trazer-me suas despedidas, dando-me com isso prova de gentileza e amizade. A's 7 em ponto, foi a partida. Tomei logar ao lado direito, e foi um erro, bate-lhe o sol, quasi sempre, até São Paulo. Accresce que esse dia foi de um calor extremo.

Na Central viaja-se bem e folgadamente. Os carros são grandes e solidos, posto que despidos de todo luxo. Até Belem, é um arranco, pela planicie, de sessenta kilometros em sessenta minutos. Ahi o comboio começa a subir, a voltear pela serra, a se esconder, nos tuneis, desemboccando, a cada instante, diante de novas perspectivas e lindas paizagens, trazendo o excurcionista suspenso pelas novas surpresas da natureza e da arte. Não ha quem não guarde d'esse longo e difficil trajecto da Central immorredouras recordações.

Depois de algumas horas de viagem, passa-se do Estado do Rio ao de São Paulo. Si no primeiro, os valles, as varzeas, as montanhas, os morros e essas successivas ondulações de collinas offerecem tão bellos e variegados quadros, no de São Paulo, o autor da criação, si não lhe deu tanta variedade, concedeu-lhe maior grandeza e magestade. Quanto mais a locomotiva se adianta, sobe-se sensivelmente na altitude, tornando-se o ar mais puro e refrigerante. Alargam-se os horizontes, extendem-se immensas planuras,

semeadas, aqui e acolá, de bosques, ornadas de montes e coroadas, no fundo, por verdes e sombrias serranias.

Ao passar por Tremembé, não é possivel deixar no olvido a Abbadia Maris Stella dos Trapistas, tão conhecida por seus immensos arrozaes, e pelo grande impulso que esses benemeritos religiosos deram a este ramo de cultura.

Não deixarei tambem de assignalar essas baixadas, que se me antolham, á direita, as quaes começam uma legoa alem de Taubaté e abrangem a vasta zona de Quiririm e Caçapava. São novos e dilatados arrozaes que, quaes tapetes, tomam do verde todos os matizes, conforme a natureza mais ou menos fertil do solo e a epoca da semeadura.

Leite e fructos

No mais, o dia passou sem novidades. A uma e meia da tarde, chegamos á movimentada estação de Cruzeiro. Ahi, graças a Deus, começou a chover. Ás duas, estavamos em Cachoeiras, onde ouvi um menino apregoando a garrafa de leite a 700 reis! Fiquei indignado. Em Taubaté, ou em outra estação proxima, appareceram vendedores de fructas. Alguns offereciam uvas do logar, em cestinhos muito ordinarios, cabendo, em cada um, quando muito, meio kilo. E vendiam-nos a 1$000! Gauhavam pois 2$000 ao kilo. Observarei que, na cidade de São Paulo, vende-se a mesma uva, melhor, porem, e mais escolhida, a quatrocentos ou quinhentos reis.

O que causa extranheza é o facto das autoridades locaes não tomarem providencias contra taes extorsões aos passageiros. A cidade de São José dos Campos, onde chegamos, ás cinco e dez, apresenta uma topographia verdadeiramente amena e risonha; e, creio, a primeira que encontramos cortada em todas as direcções por automoveis. Eram seis horas da tarde, quando entramos na estação de Jacarahy. Tem chovido muito e continua a chover. A temperatura baixou bastante. As oito e quarenta, paravamos na Estação da Luz, isto é, em São Paulo.

* * *

Hospedei-me no „Hotel São Paulo“ proximo da estação. Seu proprietario é portuguez, casado com uma mineira. No dia seguinte, em conversa, contei-lhes que estava de viagem para a Capital do Matto Grosso. A senhora, em ouvindo isto, mostrou-se impressionada, e não pôde conter-se de me dizer o que sabia a respeito. Narrou-me que um Tenente de suas relações, de cuja palavra não podia duvidar, dera-lhes de Matto Grosso uma descripção apavorante. Em resumo: quem, por lá, escapa dos mosquitos e dos outros damninhos, é fatalmente victima das onças, dos sicarios etc. . . . Depois de ouvil-a attenciosamente, respondi-lhe: minha senhora, fique tranquilla; o que acaba de me dizer é d'elle . . . E provei-lhe que não podia ser diversamente.

Quinta-feira, 21 de Fevereiro, devia partir. Por prudencia preveni-me de fructas, preferindo uvas. Soube então, que em São Paulo, ha tres feiras por semana, em logares diversos, onde, a uva nacional, muita boa, encontra-se a 400 reis, o kilo. Eu por exemplo, em uma quitanda proxima, paguei-a a 600 reis. Nada mais barato. Pude assim verificar que, ahi, barateaream muito as cousas, de alguns annos par cá, o que redunda em beneficio da pobreza. Eis ahi o fructo salutar da concurrencia commercial.

* * *

A's quatro e sete minutos da tarde, parte o trem paulista (Companhia Ingleza) para Baurú. Muitas vezes, ouvira elogiar essa estrada pela pontualidade do horario, limpeza, luxo e pela ordem que n'ella impera. Essas referencias, em parte, são verdadeiras. Eu é que não o seria, si não fizesse alguma restricção. Vamos aos factos!

Na vespera do embarque deixara uma de minhas malas de mão no deposito da estrada. Quando, no dia seguinte, fui buscal-a, perguntei ao encarregado si havia alguma duvida, por eu levar mais outra commigo. Respondeu-me que podia embarcar, sem receio. Entretando, o tal empregado da Companhia m o d e l a r enganou-me. Ia embarcar, acompanhado de um carregador, e, quando, no portão da estrada, apresentei o meu bilhete, para ser marcado, o empregado declarou-me que só um dos dois volumes podia levar commigo; e que o outro devia ser despachado, pagando despacho. Achei isto não só um disparate, mas um assalto á algibeira do publico. Tive de me conformar, voltando para despachar e pagar.

Sempre, em minhas viagens, tive occasião de verificar que cada passageiro tem direito a uns tantos kilos de bagagem, n'um ou mais fardos. Na Central, são 30 kilos. Na Paulista, si um passageiro levar duas malas, pesando quatro ou cinco kilos, cada uma, a segunda,

queira elle ou não, tem de pagar. E ainda heverá quem negue os primores da Companhia Inglesa? Outro facto. Ao adquirir meu bilhete, na estação, declarei que ia ao Matto Grosso e que minha conveniencia seria de tomar passagem, até lá, si possivel fosse. Só pude obtel-a até Baurú, onde começa a linha nacional Noroeste. Ahi, deu-se um facto curioso, nova benemerencia a accrescentar ás bellezas administrativas da Paulista. A estação terminal d'esta Companhia, em Baurú, fica a uns cento e cincoenta metros da estação inicial da Noroeste. Ambas entretanto estão peifeitamente ligadas pelos mesmos trilhos. Chegado o nosso trem ás cinco e trinta da madrugada, á estação terminal, parou; os passageiros forão então avisados de que, para vencer mais os cento e cincoenta metros, que restavam, era-lhes necessario comprar um bilhete de trezentos reis. Esse novo disparate, essa inqualificavel exorbitancia produziram nos passageiros justos sentimentos de indignação. E tão terminante era a ordem, que as malas despachadas tinham sido retiradas para a sala da estação. Todos fallavam e ninguem se entendia, nem mesmo os empregados da estação que declararam cumprirem ordens recebidas, e que os passageiros deveriam ter pago aquella differença, em São Paulo. Mas como poderiam agir d'esta forma, si lá não forão informados? Porque não me informaram, ao menos, a mim, que declarei ao bilheteiro querer comprar passagem até Matto Grosso?

Nas nossas Companhias, e mesmo na Central, tenho observado muitos descuidos e abusos, nunca porem presenciei tanta desenvoltura, e tanta semcerimonia, em esbulhar o passageiro do que lhe pertence, como na decantada Companhia Ingleza de São Paulo. Vem a pelo uma ligeira referencia á Central. Pouco antes da epoca a que me refiro, houve ahi uma inovação salutar. Os passageiros do interior costumavam, ou por imprudencia, ou por não haver outro remedio, abarrotar, com suas bagagens os corredores dos carros e todos os cantos, difficultando o movimento. A Central deliberou sujeitar a despacho todas as malas que não possam accommodar-se debaixo dos bancos do passageiro. Mas como este tem direito a 30 kilos de bagagem, o despacho, até esse peso, é gratuito.

Assim a Central, com mais um pouco de trabalho, tomou uma medida muito util e sympathica ao publico, mostrando que não se lembra d'elle só para o esfolar, mas tambem para bem servil-o.

Tirando-se pois, os podres, como se costuma a dizer, a Paulista tem direito, sem duvida, a que se lhe faça justiça. Nos carros, ha muita limpeza, os bancos, commodos, e a parte, em que se encosta a cabeça é forrada de branco: é o que constitue um verdadeiro luxo. As janellas abrem-se bem e tem uma altura de uns 85 centimetros.

Em todas as estações, a ninguem é permittido atravessar a linha, senão passando por pontes sobrepostas. Esta é uma medida digna de louvor e imitação.

Nas regiões que atravesso tenho a impressão que, de São Paulo a Baurú, é maior o progresso e o luxo; e ha cidades mais populosas e modernizadas do que na zona que vae do Rio a São Paulo.

De São Paulo em diante, é para mim caminho novo, e portanto mais agradavel. As distancias são immensas. Do Rio a São Paulo, 496 kilometros. De São Paulo a Baurú, quasi outro tanto, isto é 433. É pena que, tanto na ida, como na volta, tenha feito esta parte do meu itinerario de noite.

Partimos, como ficou dito, ás quatro e sete minutos, e, d'ahi a uma hora, passavamos por Jundiahy, cidade regular, vendo-se, do lado esquerdo, elevada e vistosa Matriz. Si não me falha a memoria, tocamos em Campinas ás seis e meia, em Rio Claro, pelas oito e meia e, ás nove e meia tivemos que fazer baldeação, chegando á estação Noroeste-Paulista, ás cinco e meia do dia seguinte.

* * *

Estamos na estação inicial da Noroeste, a qual, d'aqui a pouco, acolher-nos-á, para nos transportar a uma nova distancia de mais 437 kilometros, isto é ate, Itapura. Agora é que posso dizer achar-me em terra nova. Nova, porque nunca estivera em tão longinquas paragens; nova, porque tudo que me rodea diz-me que é de hontem o resurgimento da vasta e fertilissima zona noroeste de São Paulo. Ainda dez ou doze annos atraz, de Baurú para além, só se viam mattas virgens, atravessadas periodicamente, em suas vastissimas extensões, por varias tribus de indios. Os Paulistas, sempre emprehendedores e audaciosos, atiraram-se ao desconhecido, derrubando selvas e aproveitando aquelle solo fertilissimo, banhando-o com o suor do seu rosto.

Não recuaram diante das fadigas quasi insuperaveis, enfrentando mesmo a morte, na lucta com os selvagens, e especialmente com as febres que, em poucos annos, fizeram quatro ou cinco mil victimas. A pugna foi titanica, mas victoriosa.

A estação de Baurú inaugurou-se em 1906. A cidade, pois, é de hontem, e progride a olhos vistos, particularmente na ordem material. Na ordem moral imaginem que é conhecida por Sodoma do Noroeste! Notarei, que, d'aqui por diante, começa-se a sentir o enfraquecimento dos preceitos divinos, sobre tudo da justiça e da moral.

A zona Noroeste pode dividir-se em duas partes. A primeira, que vae até Araçatuba, a 281 kilometros de Baurú; a segunda, até a estação de Itapura, adiante de Araçatuba 156 kilometros. Na primeira parte, é que se tem desenvolvido uma actividade prodigiosa. Levantam-se, ao longo da estrada, como por encanto, povoações florecentes, apesar dos seus dois, quatro ou cinco annos de existencia.

A fertilidade do solo tem attrahido em grande parte os colonos de outras regiões de São Paulo e Minas, causando-lhes prejuizos grandes e verdadeiro desequilibrio. Não obstante a insalubridade que ainda continua na Noroeste, deixam os colonos as fazendas primitivas, onde percebiam cento e vinte ou cento e trinta mil reis. pelo cultivo de cada milheiro de pés de café, para ganharem, na Noroeste, noventa somente. É que a feracidade da terra compensa-lhes com usura o damno apparente.

E para prova da febril actividade d'aquelle povo, basta dizer que, em menos de dez annos, plantou vinte e tres milhões de pés de café!

Extasia suavemente ao observador a vista daquellas paragens cheias de incessante progredir.

As mattas virgens forão derrubadas, e o solo, cuidadosamente limpado, vê-se ainda coberto de troncos e ramos que o tempo não poude destruir. Grandes cafesaes revestem planicies e valles, encostas e montanhas, parecendo-se com interminos tapetes, formando alfombra encantadora. E bem longe, onde terminam as derrubadas, contemplam-se as selvas impenetraveis, despertando no coração sentimentos de admiração para com essas magnificencias e liberalidades do supremo Autor.

O plantio do café, em grande escala, não exclue nos fazendeiros e pequenos lavradores, o previdente cuidado de tirar do campo todo o fructo que o mesmo possa produzir, em cereaes e em quaesquer outras plantações. Destas mencionarei uma, quasi desconhecida. A mamona, semente do carrapateiro, com que se faz o oleo de ricino, vendia-se até ultimamente, a 40 reis o kilo. Asseguraram-me que esse oleo foi reconhecido de inapreciavel valor para os aeroplanos; na guerra européa, por isso, subio rapidamente de 40 a 900 reis. Os lavradores da Noroeste não dormiram e, quando em Fevereiro, por lá passei, apreciei pela primeira vez, vastissimas plantações d'esse novo alimento das batalhas. Eu, sem deixar de admirar aquelles industriosos e infatigaveis agricultores, e sem lhes querer mal algum, levantei votos sinceros ao Altissimo para que findasse a guerra mundial antes que a mamona paulista facilitasse, de qualquer forma, novos morticinios.

N'esta minha travessia, tive ensejo de verificar de visu que o Noroeste paulista é a patria natural da peroba, madeira de lei de primeira ordem.

Ao passar por derrubadas recentes, impressionou-me o phenomeno de certos troncos em pé totalmente carbonisados. A peroba tem uma casca grossa e esburacada. Por occasião das queimas, si o fogo lhe chega, e não sobrevier a chuva, pouco a pouco, reduz a cinzas o tronco inteiro.

Eis outro caso singular: após as queimadas, nascem, espontaneamente, no solo mamoeiros em profusão.

Na Noroeste, a poeira costuma ser um supplicio; felizmente, para nós, tinha chovido na vespera. Das seis ás nove a manhã esteve fresca, magnifica. D'ahi por diante o calor tornou-se muito forte.

Pelo meio dia, pouco mais ou menos, passamos por uma fazenda do Coronel Francisco Schmidt, o qual, n'essa zona, possue mais duas. Soube que o mesmo conta, no Estado de São Paulo, treze milhões de pés de café, e é intitulado com razão: O rei do café. É homem superior, de vistas largas, progressista e bemfazejo. Pelas doze e meia da tarde, chegamos á estação Albuquerque Lins.

Aqui deixei um companheiro, bom e afavel, fazendeiro e negociante no logar. Em conversa mostrou-se enthusiasmado para que, na volta, desembarcasse, a verificar pessoalmente os progressos de sua terra. Manifestei annuir á proposta, e o homem deu o fora. [1]

As cinco e meia da tarde, alcançamos Araçatuba, onde deviamos pernoitar. Hospedamo-nos no „Hotel Noroeste" proximo á estação e innegavelmente o melhor. O trato foi bom e o preço

---

[1] — Para que se não dê a estas palavras, outra interpretação, que não a verdadeira, eis como se deu o caso, que alias não tem nenhuma importancia. Bem depressa travei relações com o alludido companheiro de viagem, a quem não podia occultar minha admiração pelos progressos da zona noroeste de São Paulo. Como lhe manifestasse a probabilidade de escrever as minhas impressões, convidou-me com o fim de eu obter melhores conhecimentos, do que então via, com a rapidez do relampago, a demorar-me, na volta do Matto Grosso, dois ou tres dias, em Albuquerque Lins.

Parece, pelos modos, ter-se arrependido do convite feito. Nas ultimas horas da viagem, desappareceu.

Ao chegarmos á estação, reappareceu, offerecendo-me seu cartão, sem mais nada. Eis o que se chama fazer feio, sem necessidade. Emquanto a mim, para evitar a tentação de lhe citar o nome menos honrosamente, inutilizei o cartão. O prejudicado foi elle.

razoavel. Por uma e n t r a d a, como ahi se diz, isto é: jantar, cama, e café de manhã 5$000, cada um.

No dia seguinte, sabbado, ás quatro e meia da manhã, encaminhamo-nos para o trem. A madrugada era escura, e fomos até á estação, ás apalpadellas. Os empregados do hotel mostraram-se delicados e solicitos, levando as bagagens e procurando um logar para cada passageiro. Ao chegarmos, penetramos no carro unico, atulhado de bagagens e mergulhado na mais completa escuridão. Nunca vi semelhante relaxamento em uma estação ferroviaria. As cinco, em ponto, tocou a partida e, só d'ahi a meia hora, começou a clarear. Quasi logo, penetramos em magestosas e infindas florestas as quaes, de um e outro lado, cobrem aquellas ignotas plagas. Surprehendeu-me a vista de cipós que, das frondosas comas, desciam até o chão, grossos como cabos. Passageiros, conhecedores d'esses logares, disseram-me que o balsamo, ahi, é a primeira madeira de lei, tanto em resistencia, como expostos ao tempo. O silencio sepulchral d'essas mattas eternas, o agigantado de suas arvores multi-seculares e a negridão sombria que se extende por ahi a dentro, até os mais remotos confins, tudo enleva minha alma, sacode-a com impressões mysteriosas, como si cada folha, cada arbusto, cada tronco recebera do alto a incumbencia de approximar cada vez mais a creatura ao seu Creador.

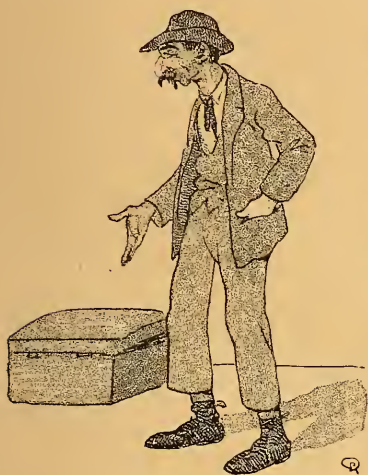
* * *

Em Itapura, termina a linha Noroeste. Quando ahi chegamos, erão doze e um quarto, e, ás doze e tres quartos, findo o almoço, partimos. Aqui, apesar de viajarmos no nocturno directo, ajuntaram-lhe diversos carros de carga, dois dos quaes levavam nada menos de 35 toneladas de arame farpado cada um. O agente da estação foi visto e ouvido entregar ao chefe da locomotiva uma ordem escripta, accrescentando que c a u t e l a . . . não faz mal a ninguem. Esse facto representa da parte do agente, ou talvez de algum mandante, falta de escrupulo.

Com effeito, poucos kilometros adiante, devido á enorme carga, a locomotiva parou. A machina, deixando então os passageiros, quiz arrastar a carga; mas tambem não pôde. Entretanto o tempo passava, e nós, parados em logar ermo, fustigados por um sol segalesco, não encontravamos refugio, nem dentro, nem fóra do carro. A machina teve de levar, até o rio Paraná, só parte da carga, vindo, em seguida, buscar o resto e o carro de passageiros. Quando afinal. conseguimos seguir, erão cinco e um quarto da tarde. É assim que são tratados os passageiros por administradores inconscientes, ou

sem consciencia que, agindo a seu bel prazer, não prestam contas a ninguem.

Na estação de Itapura, embarcou um arabe, costumeiro monopolizador do transporte das bagagens, na travessia do Paraná.

O meu sympathico companheiro de viagem, senhor Salim Bumerched, representante de uma importante firma de São Paulo, informara-me que o alludido cidadão estabelecera como lei, cobrar 1$000 por cada bagagem que lhe fosse confiada. Achei razoavel, e, mesmo que pensasse diversamente, não haveria outro remedio senão concordar. O meu companheiro tomou a si o encargo de contractar tambem o transporte de minhas duas malas. Esperava-nos entretanto uma surpresa. O famoso carregador ambulante participou aos numerosos freguezes que, por estas e mais aquellas razões, resolvera cobrar, por cada volume, 2$000. Todos pro bono pacis conformaram-se, e eu, posto que reprovando, calei-me, mas com o proposito (para o castigar indirectamente) de levar eu mesmo a valiza que pesava quatro ou cinco kilos. O meu companheiro, certo de que o homem pelas malas faria uma differença, insinuou-me que o interpellasse, a respeito. A resposta foi inexoravelmente negativa. Á vista d'isto, retorqui-lhe que elle levaria sómente a maior, pois preferia, com os outros dois mil reis tomar uma garrafa de cerveja. Não gostou da minha sahida, e declarou-me que, pela outra eu pagaria 2$500. Chegados ás margens do Paraná tomou conta da bagagem, levando-a a bordo da lancha, que aguardava nossa chegada, e, chegados á outra borda do rio, transportou tudo para o carro da ferrovia que nos devia levar até Porto Esperança.

Turco esfolado

O judêo veio cobrar os 2$500; respondi-lhe que se haviesse com o companheiro, com quem tratara o negocio. Este respondeu-lhe que pagava os dois mil reis (2$000) combinados. O homem, indignado, recusou os 6$000 do transporte dos tres volumes. Recusou-os, mas, d'ahi a pouco, veio buscal-os . . . A lição foi instructiva.

Ao chegarmos, não á estação, mas á linha ponto de embarque, suavamos em bica, e abrasava-nos uma sede cruel . Ahi perto, não se encontrava cousa alguma potavel. No carro encontrei agua quente e suja, mas, nem uma caneca. Abri a torneira, conservando-a aberta com a mão esquerda, emquanto, com a direita, aos poucos, ia apanhando agua levando-a á bocca, e quanto mais bebia mais augmentava a sede. Foi um tormento. Imaginem! No ponto inicial de uma linha de 836 kilometros, não haver, nem para os passageiros de primeira classe, um copo, ou ao menos uma cabaça para beber!

Os passageiros erão poucos, tomando cada qual o logar que lhe convinha. Aqui deparou-se-me um quadro repellente que, apesar dos pesares, só mesmo em terras esquecidas, como Matto Grosso, é admittido produzir-se impunemente.

Os caixeiros viajantes

Dentre os itinerantes iam alguns caixeiros viajantes. Appareceram, no mesmo carro, algumas mulheres do mundo, e começou entre elles e ellas tal camaradagem que, em logar publico, nunca vi cousa egual, afrontando os presentes, que não pagaram para isto.

Que taes mulheres cacem o ouro, por qualquer forma, eplica-se. É porem intoleravel que casas commerciaes do Rio, São Paulo e outras cidades cultas, se deixem representar por satyros ou typos desbriados. E a Administração da „Itapura-Corumbá" porque não zela pela moralidade publica, no terreno que é exclusivamente seu? E a policia por que não intervem em defesa do decoro, patrimonio sagrado da nação brasileira, como de todos os paizes cultos?

Na estação de Itapura, como vimos, começa a ferrovia „Itapura-Corumbá".

D'essa estação ao rio Paraná são 19 kilometros. Ahi, em quanto não se lançar sobre o grande rio a ponte metalica, de um kilometro de comprido, que, por emquanto, está espalhada, mais ou menos ordenadamente, sobre o solo na margem opposta, a Companhia mantem uma lancha a vapor para transporte de bagagens e

passageiros. Do outro lado toma-se o trem, e, oito kilometros adiante, encontra-se a cidade de Tres Lagoas, denominada a „sala de visita do Matto Grosso“.

Capitulo II.

Estamos em Matto Grosso. D'esse Estado pouco conhecia. Sabia que ficava muito longe; sabia tambem que era a Siberia brasileira, logar de degredo, não só dos malfeitores, mas não raro, das altas patentes militares que, por independencia e patriotismo, ousaram perturbar o somno das nullidades empoleiradas. O mundo foi sempre o mesmo.

O Estado, pois, que eu acabava de pisar, offerecia-me, de antemão, um attractivo absolutamente negativo.

Entretanto mal acabava de transpor o magestoso Paraná, e uma vista nova vinha deslumbrar meu espirito. O Paraná é o rio que serve de limite entre São Paulo e Matto Grosso. Atravessado esse rio, a natureza, até aqui rustica e sombria, muda de aspecto e toma ares de uma dama gentil e graciosa a qual vae ao encontro dos hospedes que a visitam.

Com o movimento da locomotiva, começa a descortinar-se essa immensidade de campinas que, de lado a lado, se perdem no horizonte. São pastagens infinitas, são planicies, por vezes suavemente onduladas, em que o gado se multiplica prodigiosamente, constituindo a principal riqueza de seus habitantes. Mas aquellas planicies, sem fim não são uniformes, como talvez se possa imaginar. Mudam-lhe continuamente o aspecto: arvoredos lindamente disseminados, bosques verdejantes, negros e arredondados, capões, regatos e, de espaço em espaço, grandes rios que cortam e recortam aquellas vastidões, dando-lhes a seiva e a vida. E note-se: o que acabo de dizer não é nem a sombra das bellezas incomparaveis e das riquezas patentes ou escondidas com que a divina Providencia dotou esse Estado gigante de um e meio ou dois milhões de kilometros quadrados de superficie. Considerar-me-ei feliz si este modesto trabalho se tornar de alguma utilidade para o desconhecido e injustamente desprezado Matto Grosso.

* * *

Antes de encetar minha excursão, pelo interior, é justo que se saiba o que eu pensava daquelles invios sertões; que conheci-

mentos tinha de seus homens em evidencia, e com que disposições ia a logares tão remotos.

Responderei muito resumidamente. O desconhecido exerce sobre mim verdadeira fascinação. Este facto, e o de ter, em Cuyabá, alguns bons amigos, fez-me prometter-lhes uma possivel visita. E a occasião veio de lá.

Um bello dia, fui surprehendido pelo honroso convite do Exmo. Snr. Arcebispo de Cuyabá para pregar uma serie de sermões quaresmaes, em sua Cathedral. Annos atraz, tive a honra de conhecer, n'esta capital, a Dom Carlos Luiz d' Amour e ao então seu digno Secretario, Frei Ambrosio Daydé, redactor-chefe da „Cruz".

Pela leitura d'esse hebdomadario sabia que, poucos annos antes, alguns catholicos distinctos da Capital do Estado, juntamente com Frei Ambrosio, tinham fundado a Liga Social Catholica Brasileira „Mattogrossense", assim como seu orgão official A Cruz.

D'esse jornal e do seu redactor tinha eu um juizo formado, quando aqui esteve um mattogrossense, o qual taes cousas me disse de um e de outro, que acabei desconfiando de mim mesmo, chegando quasi a convicção, de que nem sabia ler. A posição do informante era tal que me causou perplexidade e senti um desejo irresistivel de chegar pessoalmente ao fundo da questão.

De Dom Carlos, que apenas conhecia de vista, nada absolutamente sabia, embora vezes isoladas m'o tivessem apresentado como uma quasi nullidade decorativa, na brilhante constellação do Episcopado brasileiro.

Politicamente considerado, Matto Grosso se me afigurava qual pobre desprezado, entregue á gana de politicos sem entranhas, pela complacencia consciente do Chefe da Nação. Isto causava-me naturalmente sentimentos de repulsa.

Ao embarcar para Matto Grosso, fiz o firme proposito de me não inclinar, em minhas conversas, nem para este nem para aquelle partido; conservando comtudo plena liberdade de me mostrar com imparcialidade e justiça, favoravel aos homens de bem e inexoravel para com bandidos e malfeitores. É este alias o maior merecimento dos meus escriptos.

Tomei outrosim a resolução de não entrar em discussões sobre a marcha da tremenda guerra que, desde tres annos e meio, ensanguentava a Europa. E fui fiel aos meus propositos. Emquanto as cousas do Matto Grosso, veremos, mais adiante, o fructo das minhas observações, comparado com os fracos conhecimentos anteriores a minha ida.

Mas, desde já convença-se o leitor, de que saberei dizer as verdades sem rebuço, nem rodeios, porquanto só assim poderei ser util aquelle mundo desconhecido que é o Matto Grosso.

* * *

Feita a travessia do Paraná, tivemos que atrazar os relogios uma hora, para continuarmos a ter a hora legal. Das seis horas, que erão, voltamos para as cinco da tarde. Depois de alguma demora, seguimos em direcção a Tres Lagoas, onde chegamos ás cinco e trinta e cinco.

Tres Lagoas é uma d'essas cidades que se erguem da noite para o dia: bonita, florescente e muito animada. A demora foi de poucos momentos, e partimos. Dez minutos adiante, parou o comboio para tomar lenha, levando nisto o interminavel espaço de quarenta minutos.

Notei que o pessoal fazia o serviço muito philosophicamente. O que pegava nas achas apinhadas no chão, junto a machina, tinha o luxo de interromper amiudadas vezes o trabalho, com pequenas e amenas conversas. Imaginem o phrenesi que isso produziria em quem, como eu, tinha pressa e via diante de si ainda mil kilometros a vencer, de uma feita, para chegar ao fim da primeira parte do itinerario.

No mais, a viagem começou sob bons auspicios. Como na Noroeste, por aqui chovera tambem, o que nos libertava da poeira, a maior praga das ferrovias de longo percurso. Nos primeiros momentos de vertiginoso rolar da locomotiva, pude ainda gozar das encantadoras campinas do sul mattogrossense, em uma tarde magnificamente bella. Sobreveio a noite fresca e serena. Noite de luar prateando a natureza adormecida e dando á relva, ao arvoredo e ás aguas dos arroios, que placidamente seguem seu rumo, um tom de mysterio e de doçura ineffaveis.

Antes de proseguir, permitta-se-me uma digressão, sobre um facto de minha infancia, relacionado, embora pareça incrivel, com a presente narrativa.

Corria o anno de 1877, quando eu frequentava a escola primaria n'um logarejo interior de Santa Catharina.

O mestre-escola chamava-se Luiz Raphael, alma boa e cheia de Fé.

Para seus pequenos discipulos era um pae extremoso.

Nunca, até hoje, pôde apagar-se na minha imaginação e no meu coração a querida imagem d'esse preceptor bondoso.

O nosso mestre amava a musica e, d'entre muitos outros, ensinou-me um lindo hymno de Nossa Senhora.

Passados tempos, o cantico cahiu no esquecimento, guardando d'elle apenas uma ou outra palavra. Pois bem, na imponente „Itapura-Corumbá", arrebatada a imaginação pela natureza deslumbrante d'aquellas paragens, voltou-me á memoria aquelle hymno, palavra por palavra, nota por nota! Como se explica isto?

* * *

Ás dez horas da noite, atingimos Victorino Monteiro, onde ha uma parada de vinte minutos, para o jantar. Fomos á mesa, quasi ás escuras. O cidadão hoteleiro apresentou-nos uma sôpa boa, mas queimando. De pão, nem cheiro. Em compensação tivemos batatas inglezas . . . crúas, e a razão foi de nós chegarmos com quatro horas e tanto, de sorte que não houve tempo para cozinhal-as melhor . . . Em resumo, apesar dos pesares, o freguez teve que pagar e não bufar. E, em seguida, continuamos devorando espaço até o dia seguinte, domingo, chegando ás seis horas da manhã na estação de Rio Pardo . Ahi tive o prazer de me encontrar com o Revmo. P. João Marianno Alves, vigario de Campo Grande, o qual, sabendo de minha passagem, não obstante se achar ahi de serviço, quiz gentilmente acompanhar-me até a séde de sua parochia, onde chegamos, com quatro horas e meia de atrazo, isto é, ás nove e meia. O vigario, para completar a obra, levou-me ao hotel e pagou o almoço. Nada eu fizera para merecer-lhe tantas finezas. No tocante ao serviço da mesa foi tão singular que não posso furtar-me ao dever de registrar minhas impressões. Para esclarecimento, contarei um facto, meio antigo e muito conhecido. Conta-se que no restaurante de uma estação da Central, não muito longe do Rio, aos passageiros servia-se, em primeiro lugar, uma sôpa morna como o . . . fogo; de maneira que, para não queimarem a lingua e a bocca, andavam devagarinho, e pouco mais podiam comer. Para o proprietario isto era um negocio e um regalo. Mas tudo tem seu fim. Um bello dia, os passageiros, tiveram uma idéa luminosa: assentaram-

No hotel de Victorino Monteiro

se, foram tomando a sôpa calmamente e, ao ouvirem signal de partida, n'um abrir e fechar d'olhos, embrulharam em jornaes a carne assada, os frangos e tudo que encontraram de bom, e lá se foram. Faço idéa com que cara ficaria o meu amigo de Victorino Monteiro, si lhe pregassem semelhante peça!

Com o hoteleiro de Campo Grande não ha esperteza possivel.

A regra, em todas as estações ferroviarias do Brasil é esta: para o almoço ou jantar, o passageiro tem vinte minutos. Entra elle no restaurante, e todas os pratos: sôpa, ensopados, arroz, feijão, assados etc. estão na mesa. E não pode ser de outra forma. O tempo propriamente disponivel é um quarto de hora, tempo insuficiente para ingerir, sem atropelo, uma refeição.

Em Campo Grande, não é assim. O passageiro assenta-se á mesa, desprovida absolutamente de qualquer alimento. O copeiro está longe e é preciso esperar e chamar para que appareça. Quando se approxima, não depõem a travessa sobre a mesa, para que o freguez se possa servir; elle mesmo serve-o delicadamente, pondo-lhe no prato uma dose microscopica do que traz, como si a sua principal preoccupação fora evitar a esses comilões, a todo transe, qualquer ameaça possivel de indigestão.

Assim um prato que, em qualquer hotel ou restaurante, serveria, para quatro pessôas, no de Campo Grande, sendo tão caridosamente repartido, chega perfeitamente para dez ou doze. E o resultado pratico é este: a quantidade de alimento que nos hoteis communs é indispensavel para dez pessôas, no famoso hotel de Campo Grande s a t i s f a z sobejamente a vinte ou trinta. E é preciso ver com que solicitude e carinho o proprietario de tão sympathica empresa se desfaz amavelmente para com seus bons e esfolados clientes! Estes, geralmente fallando, são quaes mansos cordeiros que pacientemente supportam a esfola de couro e cabello. E digam, depois, que não ha gente bôa no meio das rudezas d'aquellas terras ainda virgens!

Permitta-me o leitor que aproveite a opportunidade, narrando-lhe um facto que vem a proposito. Um companheiro meu de viagem, o telegraphista José Maturino Bueno, que tomou o trem em Tres Lagoas, ahi esteve hospedado, uns dois dias, no „America Hotel", com mais quatro pessôas de sua familia, fazendo uma despesa de 90$000.

Por não haver leite no hotel, comprou-o, uma vez, a um vendedor ambulante, e mandou-o ferver, tocando a cada uma das cinco pessôas uma chicara, para o que o restaurante concorreu com o assucar e um pingo de café. Si o proprietario fosse um judeu, esta despesa po-

deria subir a duzentos ou trezentos reis. Pois o homem de Tres Lagoas foi mais moderado, pedindo apenas . . . 3$000!

Vou encerrar este ponto com mais um caso elucidativo. Pouco antes da minha partida d'aqui, Dom Aquino, voltando do Rio, como presidente de Matto Grosso, por pouco experimenta tambem tão generalizada voracidade. N'um ponto qualquer, que não me occorre á mente, a S. Ex. e ás pessôas de sua comitiva, foi servido café com biscoutos importando a despesa quando muito, em cinco mil reis. O vendedor mostrou-se razoavel, pedindo a insignificanica de trinta mil reis . . .

Benito Esteves

O que valeu foi que o Secretario do Interior teve a feliz idéa de cortar as unhas de tão benemerito altruista, fazendo com que reduzisse as contas a mais justas proporções.

* *
*

Campo Grande acha-se a 457 kilometros de Itapura; é pois o centro d'essa zona vastissima chamada „Sul de Matto Grosso, cortada pela magnifica linha ferrea: „Itapura-Corumbá". Essa villa, si continuar no mesmo passo, será, dentro em breve, uma cidade e das mais movimentadas e progressistas.

A maior riqueza do sul do Estado é o gado. Os pastos são naturaes. Quem vae do Rio, pouco adiante de Tres Lagoas, passa pela grande fazenda de syndicato norte-americano Farquahr, o qual lhe fica ab lado direito e tem sessenta leguas quadradas. Erão talvez 9 horas da noite, quando me apontaram uma luz, que indicava a séde da fazenda. Apesar da grande abundancia de gado, n'essas paragens, poucas vezes tem-se oppurtunidade de o ver, tão extensas e distanciadas são as fazendas.

A presente é a edade de ouro dos criadores. Antes da guerra, um boi era vendido, na fazenda, por 25 ou 30$000. Em 1918 pelo contrario a 60 e 70$000. Muitos, porem, dos grandes criadores não se deixam mais ficar em casa, aguardando o comprador; mas vão com a sua mercadoria até onde o comprador se encontra.

Ha fazendeiros que levam o gado até o Estado de Minas, percorrendo, a pé, com uma boiada de mil e mais cabeças, a enorme distancia de duzentas leguas, arrostando durante tres mezes de viagem, as inclemencias do tempo, privações de toda especie e mil outros perigos; tanto pode o desejo de amontoar fortuna!

Creio que em parte alguma do Matto Grosso, a criação é tão cuidada como por aqui.

Aos favores de uma natureza prodiga, ajunta-e a solicitude do homem experimentado. Do leite ninguem faz conta, e isto tem sua razão de ser. Um fazendeiro de Campo Grande disse-me que o afastamento dos bezerros, e o não aproveitamento do leite favorecem, a olhos vistos, a fecundação. De forma que quem possuir mil vaccas, pode contar com seis a setecentos bezerros por anno.

Todo o gado vive eternamente ao ar livre e, n'esses mesmos descampados, nascem os bezerros; entretanto é tal a salubridade do clima que apenas dois ou tres por cento morrem.

No tocante á população, por onde passo, noto cousas originaes. Nas estações, mulheres não apparecem. Os homens, em sua maxima parte, trajam muito toscamente. Vêm-se, aqui e acolá, uns repagões espadaúdos, pés descalços, calças arregaçadas com enorme sombreiro atirado á nuca, e o seu indefectivel canivete (assim chamam muitos ao fação) á cinta. Uns olham com certa curiosidade para os novos visitantes do comboio; outros, em pequenos magotes, conversam calmamente de gado ou de outros negocios. Aposto em como muitos d'esses pobretões na apparencia, trazem comsigo boas maquias, se já não são possuidores de grandes fortunas . Nos homens de trabalho, observo tambem uma singularidade. Um ou outro, revestido, parece, de maior autoridade, traz, além da calça, da camisa, e, ás vezes, de chapéo, uma especie de saiote, da cinta para baixo: é de couro, sempre ou quasi sempre, cobre duas terças partes do corpo, especialmente do lado direito, e termina na altura do joelho, com uma especie de franjas de meio palmo de comprimento. Apparentemente esta peça retangular é para evitar que as calças se estraguem ou sujem; na realidade, garantiram-me que é um luxo d'aquella gente que, com effeito, toma assim uns ares de maior importancia.

*　*　*

Quem viaja em caminho de ferro, em qualquer logar ou Estado, não pode fugir, em chegando ás estações, á vozeria discordante dos vendedores de fructas, comestiveis e bebidas. No Matto Grosso, tudo é diverso, e a impressão que se tem é que, por lá, todos são ricos, até os pobres e andrajosos. Si não são ricos, é certo que não querem ganhar dinheiro. Quem soffre as consequencias é o passageiro que, trazendo dinheiro no bolso, tem que passar privações.

As estações, perdidas n'aquelles sertões, são distanciadas; e passa-se uma e passam-se diversas, sem encontrar um biscoito, uma chicara de leite ou de café. Quando por acaso encontra-se alguma cousa, amontoam-se os passageiros, de primeira e segunda classe, em frente de uma mezinha, para tomarem um café, bom ou ruim que seja, servido por um homem ou por uma mulher, com tal indifferença, como si o trem ficasse ahi até o dia seguinte. Mas o horario é apertado (e ai de nós si a não fora, n'aquellas immensidades!) e, passados tres ou quatro minutos, a locomotiva apita e move-se; os passageiros correm precipitados para os seus carros, sem que a maior parte tivesse conseguido approximar-se á mesa do café! Imaginem o que lhes acontece, quando o trem vae atrasado de algumas horas, como aconteceu comnosco! O almoço, em vez de ser ás dez, será ao meio dia, uma ou duas horas da tarde; o jantar não será mais ás quatro, mas ás dez, ás onze ou meia noite. E nas estações não se encontra que comer!

A vendedora de leite

Certa occasião, disseram-me que, na proxima estação, encontrariamos leite. Apenas chegados, saltamos, mas nada vimos, e eramos muitos. Na partida do trem, e já em movimento, avistamos, n'um logar affastado da estação, de um lado, mas atraz da mesma, uma mesa coberta de chicaras, e a vendedora descançada á espera da freguezia . . . Não parece uma anecdota?

O botequim, ás vezes, é de luxo; então não é mais a estação, mas um carro de transportar gado, fechado, escuro, e com a porta de entrada unicamente. E para lá se precipitam os viajantes.

Desde cinco dias, rolavamos celeremente por ahi alem, deixando, a cada instante, mais apartado de nós o saudoso Rio de Janeiro. Erão oito hores da manhã, e ainda não conseguira quebrar o jejum.

Saltamos n'uma estação, e o amavel vigario de Campo Grande levou-me á proxima residencia de um compadre seu, onde obtive uma chicara de café. Dirigindo-se o mesmo á sua comadre, perguntou-lhe porque motivo não fornecia café, como já o fizera, na estação.

Respondeu-lhe que muitos passageiros a logravam ou, como lá se diz, fintanvam-na. E assim, mais uma vez, verifiquei que os justos pagam pelos peccadores. Soube na verdade, que muitos transeuntes, pouco escrupulosos, prevalecem-se de aperto e exiguidade de tempo, da inexperiencia ou acanhamento do vendedor, retirando-se, sem pagar o que devem, e gloriando-se boçalmente de semelhante acção.

De outra vez, não me recordo a estação, fomos tomar café. Fui feliz, chegando entre os primeiros. Quem servia era uma mulher, com duas unicas chicaras sobre a mesa; e nem por isso se agastava com a freguezia appressada. Servia o freguez, recebia a chicara e o tostão, passava na mesma agua a chicara (que divia ficar muito limpa) e a seguir attendia outro freguez.

Ao signal de partida, de quarenta e mais passageiros, seis ou oito apenal tinham saboreado o liquido restaurador. É que a esperta sertaneja, descobrira o meio de vender pouco, mas de se não deixar lograr.

Em chegando a Campo Grande, perguntei ao Vigario si havia fructos ahi. Disse-me que, na estação, não havia, e sim na villa, que fica a um kilometro de distancia. Cheguei, por isso, á conclusão de que os vendedores de fructas, em logar de trazer sua mercadoria á estação, onde varias vezes por semana, passa o trem apinhado de passageiros, esperam que a „Itapura-Corumbá" construa um ramal especial, para levar-lhe a freguezia, á porta de cada negocio . . . Que gente feliz!

Findo o almoço, dirigimo-nos á estação, tomando o trem, o qual, reencetando sua carreira, se esforçava mas em vão, por adquirir o tempo perdido, e levar-nos, sem demora, a Porto Esperança. Andaramos poucos minutos, dando uma longa volta circular, da direita para a esquerda, quando d'este lado appareceu-nos nitidamente a nova e florescente villa de Campo Grande. Appareceu e, em breves instantes, sumiu-se de vez.

Erão doze e vinte da tarde, quando tocamos em Joaquim Murtinho, onde, pela vez primeira, encontramos agua e muito bôa.

A uma e tres quartos, é que se avistam, como que perdidos n'aquellas infindas plancies, os primeiros morros. Esses montes são constituidos de piçarra vermelha; todos tem configuração original, alguns ha cujos cumes são arredondados e se parecem com castellos.

Ás duas e meia, chegamos a Aquidauána, de onde partimos ás tres e meia. D'aqui por deante, como em toda parte, a natureza mantem-se formosa e risonha: prados, arbustos, bosques, capões e coqueiraes; tudo simplesmente admiravel!

Ás cinco e meia, mais ou menos, estavamos em Miranda,

quando pelo horario ahi deviamos chegar a uma hora. Já tinhamos andado 686 kilometros pela Itapura-Corumbá. Ahi jantamos.

* * *

Logo ao deixar a estação, tenho a impressão de que estou correndo atravez de um vastissimo parque, que, pela frente, pela direita e esquerda, parece não ter fim.

Como foi prodigo o Creador, derramando n'aquellas regiões tantas bellezas!

Deslizavamos docemente por entre aquella vegetação formosa, comtemplando esses arbustos, mui chegados uns aos outros, cujos troncos rectos, claros e lisos pareciam um infinito numero de columnetas sustendo immensa e deliciosa abobada, formada por sua delgada e frondosa ramagem.

Eis que, de subito, nova perspectiva attrahe minha attenção. As arvores que ornam e ensombram as campinas, tornam-se mais espaçadas e são differentes das primeiras, porquanto, em logar de conservarem uma cor verde-escura, em suas folhas pequenas e prateadas, parecem-se com as oliveiras.

Não obstante a velocidade da locomotiva, observo que, das extremidades de seus galhos, pendem grossos e boleados volumes, artisticamente confeccionados.

Parecem formados por innumeras parasytas, de dez a quinze centimetros de comprimento, as quaes, tendo por base os mesmos galhos, formam aquella bola de vinte a trinta centimetros de diametro.

Soube, mais tarde, que essa minha impressão correspondia á realidade. A parasyta tem a denominação de herva de passarinho. São os passaros que costumam depôr as pequeninas sementes ingeridas, nos ramos em que pousam.

A primeira idéa que se faz, ao vel-as é que sejão cestos cobertos de folhagem, pendentes de diversas pontas da ramagem.

Vêm-se simultaneamente, aqui e alem, nos mesmos, ou em arbustos diversos, grossos e alongados ninhos, feitos de palhas seccas e ennegrecidas, cruzadas entre si, de meio ou de um palmo de comprido, fabricados, segundo me affirmaram, por grandes aves chamadas socós. Esses ninhos, podem ter de cincoenta e oitenta centimetros de comprimento, por uns vinte ou vinte e cinco de diametro.

Por essas bandas, ha tambem grande quantidade de carandás, altas e elegantes palmeiras que servem para trabalhos diversos.

Do Aquidauána, e particularmente, de Miranda em deante, o solo apresenta consideravel depressão, como alias todo o que forma

a bacia do Paraguay. Não é raro pois atravessar extensos terrenos alagadiços.

No dia 24 de Fevereiro, domingo, chegamos finalmente, ás onze e quarenta da noite, a Porto Esperança, termo final da gigantesca linha Itapura-Corumbá. Ha 43 horas, que ando sem parar; pelo excesso, sinto-me agitado e como que febril. Estou sujo e suorento. Aqui, o vapor „Fernandes Vieira" está a nossa espera. De Corumbá separam-nos ainda 160 kilometros de viagem fluvial, pelo grande rio Paraguay, cuja correnteza pelo engrossamento das aguas, torna mais lento o nosso navegar.

O comboio approximou-se tanto do leito do rio, que ficava a uns vinte metros do vapor. Mesmo aquellas horas os carregadores aguardavam nossa chegada, timbrando tambem na benefica pratica do esfola.

Um d'elles quiz, a toda força, transportar minhas duas malas, sem tratar primeiro. Pediu-me depois 3$000! . . . Declarei-lhe que o trabalho valia, quando muito, quinhentos reis, mas que eu, querendo ser generoso, dava-lhe o dobro, e mais nem um real. O homem recusou terminantemente aquella miseria, mas . . . voltou de mansinho a recebel-a.

O meu bom companheiro, unico que desde o Rio viajou commigo, sem interromper a viagem, até Cuyabá, o senhor Francisco Corrêa, incumbiu outro carregador de duas malas e um embrulho menor. Pois bem, pelos dois ou tres minutos de trabalho, pediu-lhe nove mil reis. E o meu amigo, não muito experimentado com tal gente, ficou quasi com esupulos, entregando ao sujeito uma nota de 5$000! . . .

Embarcando no „Fernandes Vieira", experimento desagradabilissima impressão: Parece-me não mais estar no Brasil; carregadores, pessoal de bordo e linguagem, tudo é differente. São em sua maxima parte paraguayos e bolivianos. Achei isto um desaforo.

Era uma hora da madrugada, quando o vapor deu signal de partida, subindo o rio Paraguay. Fatigado, deitei-me sobre um banco, ao relento, e adormeci immediatamente. Nunca, como n'essa noite, achei a cama tão macia.

Em Porto Esperança, o Paraguay pode ter duzentos metros de largo. Suas margens são bonitas, mas uniformes, baixas e verdes. De lado a lado grandes planicies; ao longe, mattas e, á esquerda, erguem-se montanhas de mediocre altura.

Na segunda-feira, ás seis da manhã, todos estavamos de pé. Foi esse um dia de fogo. A bordo, não havia uma talha. Para beber, descia-se á sala de jantar, tomando agua quente. Nos cama-

rotes, os vidros cheios d'agua erão tão quentes que pareciam, sem exagero, tirados do fogo.

Entretanto, entre os companheiros, descobri uma natureza rara.

Um arabe, lá pelas duas horas da tarde, foi-se encaminhando para sua camara, deitou-se e começou philosophicamente a lêr e a fumar, como se estivesse fruindo as delicias de uma aragem primaveril . . . Confesso-o, tive inveja! Eu maldizendo o desleixo de quem para mattar a sede, apresentava-me agua quasi a ferver; emquanto aquelle meu amigo sorve provavelmente o mesmo liquido com a satisfação de quem toma o mais delicioso refresco! Pelas nove da manhã, quiz fazer a barba, mas não houve meio de obter um pedacinho de sabonete, embora me dirigisse pessoalmente ao Commissario. A bordo do „Fernandes Vieira", não existe cousa tão preciosa! . . .

A senhora do Tenente Novaes (ambos companheiros de viagem) tirou-me gentilmente do embaraço. Tive pois, para barbear-me, necessidade de conservar-me no camarote durante uns dez minutos. E n'este brevissimo espaço, tive a sensação de quem está sendo assado . . . vivo.

* * *

O „Fernandes Vieira" marchava lentamente, em direcção á sua meta.

Proximo do Ladario, um companheiro apontou-nos, ao nosso lado esquerdo, parte de uma grande fazenda, formada de pastagens, na planicie, e de bosques revestindo um morro que insensivelmente se ergue a poucas dezenas de metros acima do rio.

Declarou-nos o mesmo, que essa fazenda pertencera a um seu tio, ha pouco fallecido, o qual, por occasião de uma enchente extraordinaria do Paraguay (creio que em 1905) perdera, n'aquellas planicies invadidas pelas aguas, treze mil cabeças de gado!

As quatro e tres quartos, avistamos Ladario, arsenal de guerra e base de uma flotilha. A importancia estrategica d'este arsenal é evidente, e requer do governo federal a maior solicitude e patriotismo para, sem demora e sem olhar a sacrificios, introduzir n'elle armamento moderno, depois de effectuados os indispensaveis melhoramentos exigidas pela arte da guerra.

Imaginem, que, em logar d'isto, consta em Matto Grosso, que o governo federal quer acabar de vez com aquelle proprio nacional, posto que não ignore ser aquelle ponto um dos mais ameaçados do Brasil.

Ahi mesmo, a duas ou tres leguas de distancia, está a Bolivia; ao sul fica o Paraguay. O Uruguay e a Argentina podem facilmente invadir o Brasil, subindo pelo rio Paraguay.

Isto me faz lembrar das palavras do meu bom amigo e parochiano, o fallecido General Abreu Lima, justamente indignado, como bom brasileiro, pela falta de patriotismo do governo federal, deixando em abandono a parte mais vulneravel do paiz.

No dia 25 de Fevereiro, segunda-feira, ás cinco e meia da tarde, chegamos por fim a Corumbá, depois de termos andado, sem parar, sessenta horas e meia, tendo percorrido cerca de mil cento e cincoenta kilometros, a partir da estação de Araçatuba.

O percurso mais barato de minha viagem é de Itapura até Corumbá: mil kilometros por quarenta nove mil e seiscentos reis, em primeira classe! . . .

O trecho mais vagaroso, foi de Porto Esperança em deante: para fazer cento e sessenta kilometros de caminho fluvial, levamos dezeseis horas e meia.

Corumbá era para mim terra nova. Seguindo, pois, ao sympathico companheiro, o cuyabano Francisco Corrêa, hospedei-me no „Hotel Luso Brasileiro", onde, pela diaria modica de seis mil reis, se tem commodos modestos e bôa alimentação.

Capitulo III.

Corumbá.

Corumbá é, sem duvida, a principal cidade do Matto Grosso, ligada como está ao Rio de Janeiro, pela linha ferrea Itapura-Corumbá e, ao Atlantico, por linhas regulares de navegação.

Assim mesmo, a impressão que d'ella recebe o excursionista, é desanimadora. Chega-se, com effeito, ao desembarcadouro, e, de porto nem sombra! Signal certo de que as altas e patrioticas autoridades locaes não puderam, durante dezenas de annos, ajuntar pelo menos umas centenas de mil reis, para arrumarem um encosto qualquer, aos pequenos vapores da carreira, de um metro e pouco de calado . . .

O paquete, á uns trinta ou quarenta metros de terra, baixa o ferro. Approximam-se então os botes, ou, como lá lhes chamam, as chalanas, transportando os passageiros, á razão de quinhentos reis cada um. Si estes tem bagagens, em terra não faltam carregadores e carroças. Si a bagagem é volumosa, o catraeiro, antes de chegar á terra, pega das malas, colloca-as em carroças, as quaes, immersas na agua, aguardam a freguezia, emquanto os animaes, atrelados ás mesmas, vingam-se, no leito do rio, do sol que do alto os caustica furiosamente.

Ora, n'uma cidade, que se presa de adeantada, não ha negar que tudo isso muito deixa a desejar. Em abono da verdade, devo todavia accrescentar o que lá me contaram, e corre de bocca em bocca, entre os mattogrossenses, tão affeitos a soffrer e calar. Desde alguns annos (1906) com o fim de construir um caes digno d'aquella futurosa cidade, foi creado um imposto federal de 2% sobre as cargas, passageiros etc. Esse imposto rendeu, até a data presente, a fabulosa somma de tres mil contos.

Dizem que quem os engolio foi o proprio governo federal.

Jardim de Corumbá

Será possivel? Pobre Matto Grosso! Muitos e insaciaveis são os que te escorcham!

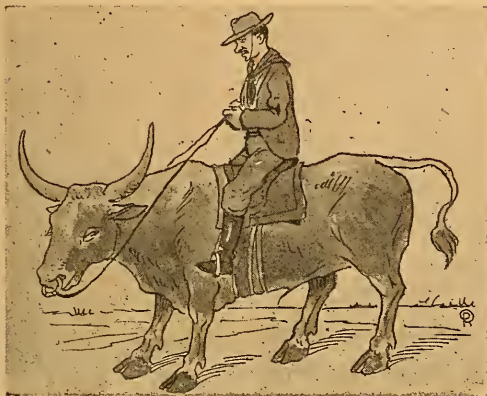
* * *

A parte de Corumbá mais em evidencia é construida sobre um alto baranco, formando uma especie de semicirculo de sorte que os edificios se espelham nas aguas do Paraguay. O photographo que quizesse tirar uma vista da cidade, só poderia fazel-o de um bote ou da outra banda do rio.

Á esquerda de quem chega de Porto Esperança, junto quasi do ponto de desembarque, prende a attenção uma casa commercial de feitio original, são, antes, tres ou quatro casas que, produzindo outros tantos degráos, trepam por aquella ingreme quebrada, constituindo as diversas dependencias do mesmo negocio.

Corumbá, Ladario e suas cercanias repousam sobre pedra calcarea que transforma a cidade em abafada fornalha. Essa pedra é durissima, de uma cor azul escura, lascando facilmente em lageas de um a dois metros quadrados. Os edificios construidos com tal pedra, vistos de longe, parecem pintados de preto.

No mesmo dia de nossa chegada, á noite, após o jantar, eu e o meu companheiro senhor Joaquim Vieira de Menezes, demos, muito vagarosamente, um passeio, de uma hora, a pé. A noite era convidativa e de luar. Ao regressarmos, sem que fizessemos o minimo esforço, o calor era tão pesado que perecia botarmos a alma pela bocca.

No „Hotel Luso Brasileiro" os hospedes são bem tratados, como em familia. Ao jantar, surprehendeu-me a ordem dos pratos. 1º sopa; muito bem. 2º carne assada e arroz; achei curioso. 3º picadinho com pirão de batatas. 4º finalmente feijão, arroz e bife. Essa de feijão em ultimo logar, achei-a monumental.

A cavallo n'um boi

No dia seguinte, sobre a tarde, estava, no alludido hotel, a conversar, e eis que um facto prende minha attenção. Corri á porta principal: um illustre cidadão acabava de passar, a cavallo n'um... boi!

Este costume está muito em voga entre os visinhos bolivianos. Em minhas excursões, por aquelles sertães, varias vezes, encontrei brasileiros adoptando o mesmo uso. Em logar de freio, na bocca, prendem aos bois o foicinho com uma argolla de ferro.

Muito mais commum é encontrarem-se tropas de bois, substituindo vantajosamente os burros no transporte, a grandes destancias, de generos alimenticios e mercadorias de toda especie.

N'este caso, sobre as cangalhas do boi, colloca-se uma bruaca de cada lado, isto é, uma mala ou sacco de couro erú, cheio de mercadorias.

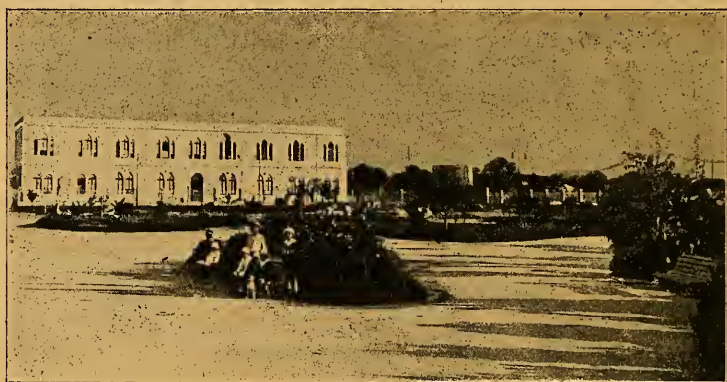
* *
*

Soube que, em Corumbá, havia uma casa salesiana; mas pelas informações que me deram, nenhum dos sacerdotes d'esse instituto era meu conhecido. No dia seguinte, 26, pelas nove horas da manhã, visitei pois aquella casa intitulada: Collegio Santa Thereza. Ao encontrar-me com o reitor, sympathico e amavel Padre Dr. Hermenegildo Carrá, tive nova surpresa: os salesianos do Matto

Grosso, usam batina branca. Obtiveram tal privilegio, em consideração ao calor excessivo de lá.

A fazenda de que uzam é o kaki amarello, mas, ou porque, com as diversas lavagens essa fazenda desbota, ou por outro motivo qualquer, acontece, não raro, que alguns sacerdotes reunidos apresentam natural e curioso contraste na diversidade dos matizes de seus habitos, desde o amarello até ao alvo como a neve.

Disse-me um delles, e creio que é a pura verdade, que a batina branca representa uma temperatura de dois a tres gráos, abaixo da de uma preta.

Percorri as diversas salas e dependencias do Collegio. Ao chegar á aula de geographia, causou-me espanto vêr todos os mappas pendurados, bem enrolados e amarrados. Desenrolam-se

Collegio S. Teresa, em Corumbá

só por occasião das aulas. E a razão é que as ventanias, quando sopram, são tão violentas, que nada lhes pode resistir.

Para prova, contaram-me o seguinte. A coberta do mesmo Collegio é de zinco e tem uma só ala ou queda. Pois em certa occasião, o furacão aponhou toda a parte superior deitando-a sobre a inferior, não só dobrando o zinco, mas quebrando todos os barrotes. Para firmar a mesma, foram obrigados a prender os barrotes, com ferros, parafusados nas vigas, que ficam meio metro abaixo. Esse Matto Grosso é sem duvida o paiz das coisas incriveis.

No Collegio, encontrei, sem esperar, uma pessôa conhecida: Dom Antonio Malan, Bispo de Araguaya, por quem fui mui gentilmente recebido e tratado.

Estavamos palestrando na sala de visitas, quando n'ella entrou o Padre Fraga, secretario de Dom Malan, trazendo ao collo uma

Collegio Santa Teresa

linda onça pintada. Tinha apenas dois mezes. Assim mesmo seu comprimento seria de uns sessenta centimetros. Posta no chão, brincava gostosamente com qualquer pessôa, como um cachorrinho. Era o encanto da meninada do Collegio. Momentos depois, passeava eu com Padre Fraga, emquanto o bichano, que se achava no palco proximo, seu logar predilecto, acompanhava attentamente nossos passos, como que entristecido de se ver só. Si paravamos a brincar com ella, exultava de jubilo.

* * *

Quarta-feira (27 de Fevereiro) pelas 7 horas da manhã, fui fazer a barba. O unico official estava occupado; tive pois de esperar um pouco. N'um hotel fronteiro, notei movimento desusado que atrahia a curiosidade publica. De vez em quando, uma rude pancada, nas portas ou nas janellas, reduzia as vidraças em estilhaços.

Aquillo impressionou-me profundamente, e, mais ainda, ao saber de que se tratava. Contaram-me que, no paquete „Nyoac, chegado tres dias antes, embarcara, em Cuyabá a mulher de um turco, confiada por elle a dois patricios que a deviam acompanhar a São Paulo, por se achar com as faculdades algum tanto alteradas.

Viajara, até Corumbá, em primeira classe, e, os passageiros pouco ou nada n'ella notaram de anormal. A mesma levava em uma pequena mala, cerca de tres contos de reis. Os dois arabes, deixaram-na, no hotel, e seguiram sozinhos para São Paulo, depois (dizia-se) de lhe terem roubado o dinheiro. Dois ou tres dias mais tarde, correu outra versão. Os dois arabes eram innocentes e o dono do hotel fôra quem teve a c a r i d a d e de alliviar aquella infeliz de um conto e tanto, ou dois contos de reis. Nas horas de lucidez, quando de volta no mesmo paquete, contava ella isso com a maior naturalidade e clareza possiveis. Esse facto deu-lhe impetos de verdadeiro furor. No quarto do hotel, onde estava, cuja porta de vidro dava para a grande sala da frente, fez em cacos copos, pratos e tudo quanto encontrou. Em seguida, começou a destruir a porta de vidro da frente. Dois ou tres homens, abriram então outra porta do quarto, avançando ella resoluta sobre elles. Foi porem subjugada, ligada com cordas sobre uma cama, e vigiada, emquanto viesse a policia. Esta compareceu lá pelas 11 horas, e dizem que nada fez para descobrir o auctor ou auctores de semelhante infamia.

Desditosa terra a em que se deixam passar impunemente esta e outras enormidades!

Esse facto encheu-me de tristeza. A pobre louca voltou, no mesmo paquete, comnosco para Cuyabá. Era brasileira, de bonita apparencia, e tinha quando muito seus vinte a vinte e dois annos.

Mostrava-se calma, gesticulava a miudo e frequentemente contava, mas de um modo original e tristonho, até alta noite.

* * *

Pouco antes de chegar á terra, em Corumbá soubemos que o Nyoac aguardava nossa chegada para levantar ferro em demanda de Cuyabá. Por isso, antes de effectuar o desembarque, deixamos, a bordo do mesmo, as nossas malas, e fomos á terra.

No dia seguinte, ás 4 horas da tarde, deviamos partir. Na hora aprazada, deu-se um incidente que retardou de mais um dia a partida. Um machinista e dois foguistas de bordo provocaram uma greve e, por pouco, houve navalhadas e facadas. Mas o Capitão do porto foi energico e digno: conseguio da flotilha de Ladario machinista e foguistas, despedindo immediatamente os tres culpados.

No dia seguinte, 27, ás cinco e meia da tarde, desatracava finalmente o Nyoac, subindo as aguas do Paraguay, em demanda de Cuayabá. Porem, mal o paquete se mecheu, em vez de andar começou a desandar. O agente do Lloyd, por motivos naturalmente muito patrioticos, determinara que o vapor arrastasse de reboque, até Cuyabá uma lancha, ou como lá dizem, uma c h a t a, carregada de mercadorias. Mais curiosa foi a execucão dessa ordem.

Presa a lancha ao paquete, por um cabo de legua e meia, deu para fazer suas artes e pirraças, de sorte que, quando o Nioyac virava para a direita, dava-lhe perversamente uma cabeçada para a esquerda. Só depois de meia hora de voltas e vira-voltas é que a nossa experimentada marinhagem percebeu que o demo da embarcação era bravio; foi pois mister castigar-lhe a teimosia; e prenderam-na fortemente ao costado direito do vapor. Ainda bem que a longa experiencia suggeriu-lhes a tempo esse remedio . . .

Os vapores da flotilha do Lloyd são especialmente destinados a transportar passageiros. Accrescentarei que o nosso, posto que pequeno, levava não menos de cincoenta e tantas pessôas de primeira e segunda classe.

Assim mesmo o agente não teve a menor duvida em lhe ajuntar um trambolho pesadissimo que havia de alongar a viagem de quarenta e oito horas.

Para ter-se uma idéa do penoso percurso que vae de Corumbá a Cuyabá, basta dizer que a viagem é feita por diversos rios, por vezes estreitissimos. Com voltas rapidas e perigosas, sempre navegando contra a corrente das aguas, e isto na i n s i g n i f i c a n t e distancia de mil kilometros! Não obstante as muitas difficuldades, navega-se dia e noite, e nós poderiamos ter chegado á Capital, em cinco dias e cinco noites, se não fora o tal presente de gregos.

É certo que o grego, isto é, o turco, fez com o Lloyd um negocião. Na lancha iam oito ou nove tripulantes, o que, em passagens, representava uns quinhentos ou seiscentos mil reis. A embarcação havia de pesar algumas toneladas e, n'ella iam fazendas e mercadorias no valor de 40 contos de reis. E o Lloyd contractou o transporte de tudo isso, a mil kilometros de distancia, pela ninharia de setecentos mil reis!

E querem que o Lloyd progrida com taes administradores!

Mas terá, com effeito, a Companhia embolsado essa quantia? Dos 700$000 temos que fazer algum desconto . . . O atrazo de dois dias e duas noites, occasionado pela lancha, causaram ao Lloyd os seguintes prejuizos certos: alimentação durante mais dois dias, de todos os passageiros e tripulantes; salario ou diaria de quinze ou vinte homens de bordo e duzentos e cincoenta a tresentos mil reis de lenha. Somme-se tudo isto e talvez que os setecentos mil reis não chegassem para cobrir o prejuizo.

Em compensação, as más linguas insinuavam que o felizardo syrio não seria avaro para com tão bons amigos . . . E chegaram os malvados a interpretar maliciosamente as repetidas passagens de seu barco para o Nyoac, para pagar cerveja a quem de direito . . .

Mas . . . ia-me esquecendo que estavamos navegando no centro de Matto Grosso. Ás seis horas, finalmente, o vapor resolveu-se a andar, depois de dobrada a ponta de terra em que o magestoso Paraguay enceta seus longos giros, serpeando, placidamente por aquellas niveladas vastidões. Já estavamos no fim da terceira volta do rio, quando, o cahir da noite mal deixava-nos divisar a cidade que se ia esvaecendo.

Navegamos toda a noite. Duas ou tres paradas, para tomar lenha, vieram quebrar a monotonia. O Nyoac apitava, avizinhava-se ao local do deposito da lenha, lançavam-se á terra dois cabos e, depois de preso, oito ou dez homens formavam uma corrente transmittindo, de um a outro, as achas, que erão contadas por um delles, em voz alta. O serviço era bem feito. A ordem, a rapidez e o bom humor, com que os tripulantes se haviam, deleitavam o espirito do viajante observador, e honrava-os a elles merecidamente.

* * *

Um terço da superficie do Estado pertence, como já vimos, á baixada, da qual é uma das partes principaes a bacia do Paraguay. Occupando-se d'esta, eis como nol-a descreve o illustre geographo Elisée Reclus: Os primeiros viajantes hespanhóes que percorreram a região, deram o nome de Xaryés a essa extensão de terras baixas em que se derramam as aguas quasi dormentes dos principaes

braços do Paraguay. Esse lago (pantanal) extende-se sobre o comprimento de cerca de 600 kilometros de sul a norte, entre as boccas do Jaurú e as collinas chamadas Fecho dos Morros e, em certos logares, attinge a 250 kilometros de largura.

Essa lagoa não é permanente, como se imagina, mas, em todo tempo, ficam partes, designadas pelos indios sob o nome muito justificado de bahias, porquanto são as bahias de um antigo mar, seccado em parte, durante o periodo contemporaneo.

N'essas bahias diversas, Uberabá, Gahiba, Mandioré e Caceres, pululam, diz o autor, os jacarés por centenas de milhares.

Já estavamos a dezoito horas de Corumbá e eu admirava extasiado n'esse pantanal, não charcos lodacentos que a imaginação erroneamente nos apresenta, mas planicies extremamente risonhas que se vão perder no fim do horizonte.

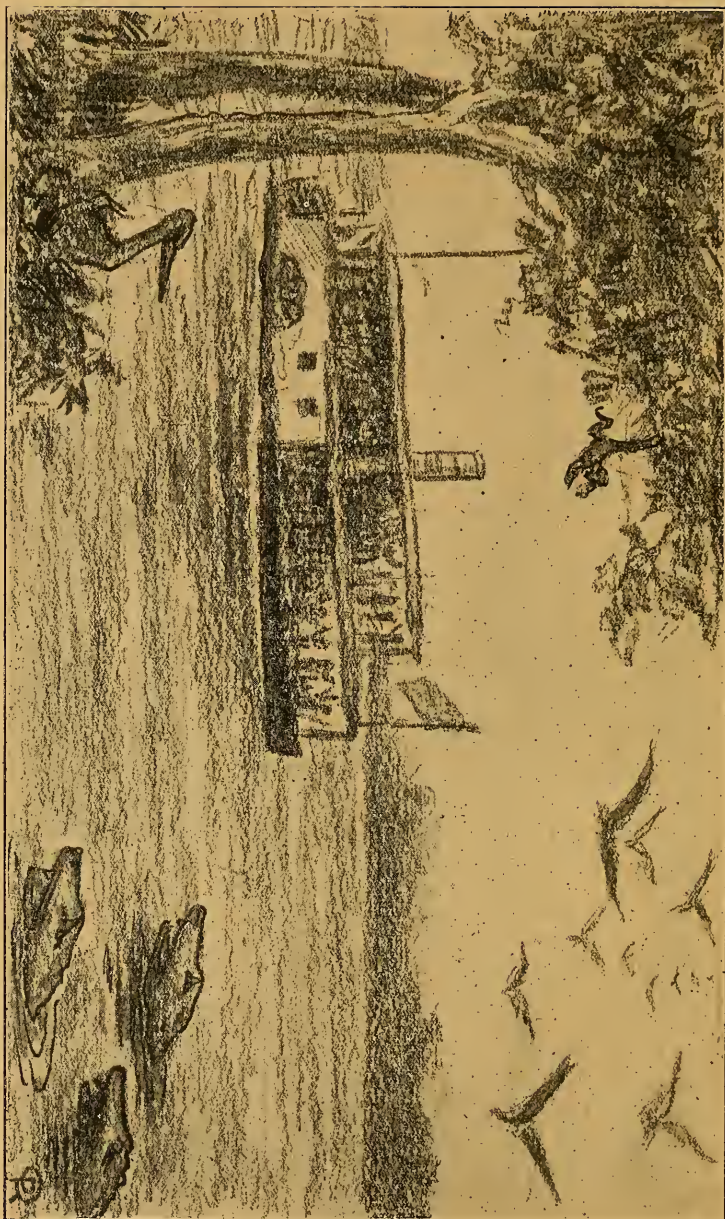
Um companheiro de viagem, a quem externei o que em mim se passava, disse-me que aquellas solidões erão a morada preferida do sucury.

O sucury, ou sucuriú, é uma cobra monstruosa de seis a oito metros de comprido. Dizem que ha de doze o até de quinze metros. Outro companheiro disse-me que matou uma, em sua fazenda, de quarenta palmos. Essa cobra gigantesca costuma aguardar a presa do alto de uma arvore, de onde dá o bote certeiro, enrolando, ao mesmo tempo, a cauda a um tronco, de onde não ha força que a possa apartar. Um veado, um bezerro, um homem, eis sua victima preferida. E, mal deu o bote, enrosca-se em derredor da presa, e aperta-a de tal forma com suas voltas ou roscas que, em poucos momentos, quebra-lhe todos os ossos; em seguida engole-a inteira, começando pela cabeça. Quando a sucury tem a victima no ventre, fica por alguns dias incapaz de se mexer ou defender.

Ouvi dizer tambem que os maiores d'esses monstros mattam um boi embora depois não o possam engulir.

* * *

Erão 3 horas da tarde do dia 28, quando chegamos em „Porto Boguary". É uma grande charqueada, ou, como lhe chamam, no Matto Grosso, um saladero, pertencente a Companhia oriental de navegação: Mihanovich. Ahi desembarcou uma mocinha, filha do encarregado da charqueada. Antes do desembarque, contara-me que era interna do Collegio das Irmãs de São José, em Assumpção, e que, vindo passar algum tempo em companhia do pae, esteve durante quasi dois mezes em Corumbá. Accrescentou que estava com saudades do Collegio, para o qual voltaria, dentro de poucos mezes.

O vapor singrando as aguas

Admirei essa joven de uns dezoito annos de edade, viajando só, exposta a tantos perigos. Muito me edificou saber, que em Corumbá frequentava os sacramentos e ia a miude ao Collegio das Irmãs Salesianas, com as quaes, si possivel fôra, desejava ficar.

A bordo iam duas d'essas Irmãs e com ellas passou a maior parte do dia. „Dize-me com quem andas e eu te direi quem és". Que o anjo da guarda proteja a candura d'aquelle coração simples e bom!

* * *

Ás quatro horas, passamos perto de um morro.

A tarde é quente, a calmaria torna-se de minuto em minuto mais intoleravel. O ar immovel difficulta a respiração e parece-me sentir uma capa de chumbo em fogo, pesando sombre mim. São os prodromos do temporal, vinzinho, mas invisivel. São cinco horas. Ao longe faiscam ligeiros relampagos, o céo conserva-se claro e quasi risonho, como quem se ri, zombetando; o rio voltea e o temporal faz outro tanto. Por fim tolda-se um pouco o horizonte e, de repente: aguaceiro, rajada, tufão furibundo, ventania irada e impetuosissima que tudo sacode e arrebata. O proprio pessôal de bordo é surprehendido, n'um instante a tolda da proa fica estraçalhada. D'ahi a pouco, volta a calma, serena o céo, fulgura o sol, e, em anoitecendo brilham as estrellas no limpido firmamento. Oh! como Matto Grosso é maravilhoso!

O Paraguay está em cheia; mas, apesar d'isto, apparecem em suas margens, aqui e acolá jacarés, de que nos rios mattogrossenses ha super-abundancia. A um delles, quasi beirando as aguas, um passageiro, a poucos metros, deu um tiro. O crocodilo, nem se mexeu, mostrando indifferença e desprezo.

No tempo da secca, são centenas e milhares d'esses amphibios, de metro e meio a dois de comprido, que jazem tranquillos sobre a areia, assistindo imperturbaveis á passagem dos paquetes, os quaes para elles são monstros de nova especie que, quaes Briareos das antigas eras, rasgam audazmente o seio das ondas e, como prova de seu poderio indomavel, agitam, em passando, mil braços e mil cabeças.

Um companheiro disse-me, que, em uma viagem anterior, de Corumbá a Cuyabá, teve a pachorra de contar quantos jacarés avistava, chegando a incrivel cifra de dezeseis mil!

* * *

O jacaré, em terra, não offerece perigo algum; mas, dentro d'agua ou nas bordas dos rios e riachos, é traiçoeiro. Deixa-se

levar, não percebido, pela correnteza, e, quando em passando, não agarra o individuo, dá-lhe formidavel pancada com a cauda, na cabeça, fazendo-o cahir na agua, e então está perdido.

No dia 1º. de Março, sexta-feira, ás oito e meia da manhã, entramos no São Lourenço, deixando o Paraguay á nossa esquerda. Eis como o Dr. Severiano descreve esse rio.

O São Lourenço, cujas prinzipaes origens estão, ao Norte, na serra do seu nome, e, ao Oeste, na de Santa Martha, entre os parallelos de 15º e 16′ tem mais de oitocentos kilometros de longo, dos quaes cerca de seiscentos navegaveis.

O São Lourenço corre ainda uns cento e cincoenta kilometros, depois de receber o Cuyabá, e vae entrar no Paraguay, por duas boccas, no vasto e perenne pantenal, onde se eleva o morro de Caracará, n'uma altitude de setenta e mais braços sobre o nivel do mar, conforme D'Alincourt.

Esse rio foi conhecido antigamente pelo nome „Porrudos", pela confusão que trouxe aos seus descobridores a extravagancia de ornato das tribus que o habitavam, e que consistia n'uma cabaça comprida que usavam, como preservativo ás mortiferas dentadas das piranhas, extremamente communs n'essas aguas.

De Corumbá á embocadura do São Lourenço levamos pois 38 horas. Observarei que a navegação fluvial, no que concerne á duração, nada tem de regular. O mesmo vapor pode fazer a viagem de Corumbá a Cuaybá em cinco dias, como tambem em oito, dez ou mais, conforme o tempo secco ou chuvoso, A estação chuvosa é muito favoravel. D'esse longo percurso-Corumbá-Cuaybá- vou dar ao leitor uma idéa approximada, mas clara, dividindo-o em tres partes. Supponhamos que a viagem dure seis dias e seis noites. N'este caso, de Corumbá á emboccadura de São Lourenço são 36 horas. Do São Lourenço á emboccadura de Cuyabá, outras tantas. Do Cuyabá á cidade do mesmo nome serão necessarias mais setenta e duas horas . Si a subida leva seis dias, a descida leva quatro e, ás vezes, menos.

Entrados no São Lourenço, navegamos até as dez, parando em um logar chamado Caracará, que fica na margem direita.

Ahi doze ou quinze companheiros saltaram em terra, impacientes por quebrarem a monotonia, espairecendo o espirito. O morador do logar reside em modesta casinha, poucas dezenas de metros além, no alto do morro, ingreme e pedregoso. Correram para lá, como quem vae descobrir novas terras, e nada viram, a não ser duas ou tres pelles de boi pendurados, e algum charque exposto ao sol. Mas . . . forão buscar lã e sahiram tosqueados. Assaltou-os de todos os lados uma chusma infinita de mosquitos, obrigando-os

a descerem precipitadamente, defendendo-se como podiam. Ao pôrem pé no convez, cada qual vinha cortejado por uma nuvem dos taes a m i g u i n h o s. Verifiquei, n'essa occasião, que esses animalejos têm grande pendor pela côr preta tanto assim que eu e o meu collega salesiano soffremos um assalto em regra d'essa multidão de barbaros alados.

Em minha defesa, tive mais dois companheiros, fazendo nos assaltantes, pavorosos destroços. Diga-se entretanto a verdade: bem mostram esses hospedes que são m a t u t o s, comparados com os seus collegas civilizados do Rio de Janeiro.

Quando, ha poucos annos, morei na rua Santos Titara, appareceram ahi inesperadamente os pernilongos os quaes tão geitosamente picavam o pobre mortal, que bastava meia duzia delles para tirar-lhe o somno e envenenar-lhe o sangue, por uma e muitas noites seguidas. Em Caracará, apesar de milhares, são, pode-se dizer, inofensivos.

E vão falar mal de Matto Grosso por causa dos mosquitos! . . .

O exercito inimigo diminuia já de intensidade quando o Nyoac levantou ferro, enfretando com forte viração a qual, como sóe acontecer, tirou toda a p r o a á m o s q u i t a d a, varrendo-a do convez.

Em Caracará, o commissario comprou alguns pacús, peixes gostosos e abundantes n'aquelles rios. Ás quatro da tarde, paramos, para tomar lenha, na margem esquerda, bem proximo ao matto, n'um logar denominado Rita, si não me falha a memoria.

Aqui, tivemos nova invasão, mas, bastou pôrmo-nos em movimento, que uma aragem refrigerante soube cumprir o seu dever.

* * *

Ha uma ave preciosa que se encontra, por toda a parte, mas que povôa particularmente as margens e as planicies de São Lourenço: são as garças, que andam em bandos e pousam em poleiros, nos brejos. N'esses poleiros naturaes os fazendeiros, proprietarios do terreno, poem alimento, para que ellas voltem e ahi deixem as pennas que se vendem a 800$000, a um conto e mais, ao kilo.

O fazendeiro, quando quer fazer negocio com tal logradouro, que nada lhe custara, vende-o por cinco ou seis contos de reis.

Na mesma sexta-feira, ás dez horas da noite, desabou nova e formidavel tempestade.

* * *

No São Lourenço, ha regiões immensas proprias para arrozaes, onde este cereal produz de quatrocentos a setecentos por um! E,

como para confirmar este facto, encontro, entre os meus apontamentos, esta nota significativa:

„Sabbado, 2 de Março, ás 8 horas da manhã e depois d'esta hora, grandissimas planicies de capim absolutamente egual aos arrozaes de São Paulo".

Não se pode imaginar essa serie ininterrupta e variada de sensações novas e sempre agradaveis, produzidas por tantos quadros indescriptiveis de uma natureza ubertosa e paradisiaca. Digo isto porque não sei descrever as magnificentes paizagens que n'esse dia arrebataram meu espirito.

* * *

Em Corumbá, muitas pessôas embarcaram para Cuyabá. D'entre ellas mencionarei: duas Filhas de Maria Auxiliadora, o P. Guilherme e o sympathico Mestre Angelo, ambos salesianos. O P. Guilherme celebrava a bordo, todos os dias, em altar portatil.

Tudo estava ás minhas ordens, se quizesse fazer outro tanto, mas faltava-me, em primeiro logar, a licença especial. Em segundo logar mesmo que a tivesse, creio que d'ella me não teria aproveitado. Vou dizer porque. Servia de capella o camarote do commandante. Logo que este se levantava, armava-se ahi o altar, o sacerdote paramentava-se, o Mestre Angelo ajudava a missa, e as duas irmãs, do lado de fora, ouviam-na.

O pessôal de bordo era muito bom; o mesmo direi dos passageiros, mas confesso que não me animaria a celebrar, em taes circumstancias: angustia de espaço, difficuldade de movimento e absoluta indifferença, sinão peior, dos quasi forçados assistentes.

Pensaria de outra forma si á bordo houvesse um local independente e disponivel para isto.

A manhã de sabbado (2 de Março) esteve linda, o dia, melhor que os precedentes; a meia noite ameaçou temporal, mas desvaneceu.

Si não estou enganado, ás cinco da tarde d'esse mesmo sabbado, entramos no Cuyabá, deixando o São Lourenço á nossa direita. O Cuyabá é mais estreito que o São Lourenço, egualmente fundo e suas aguas limpidas. As do São Lourenço, pelo contrario, são barrentas, a tal ponto que quando desemboccam no Paraguay, por mais de dois kilometros, diz o Dr. Severiano, descem separadas das aguas crystalinas do mesmo.

O Cuyabá, diz o mesmo, é o principal tributario do São Lourenço, sendo-lhe quasi egual no curso. Vem, desde a montanha do Tombador, d'onde se despenha n'uma cascata de cerca de trinta metros de altura. O Cuyabá guarda uma largura de oitenta a cento e cincoenta metros, no curso ordinario. A navegação a vapor faz-se

até á Capital, que dista seiscentos kilometros da foz em navios de menos de 1,60 m de calado. Da cidade para cima, ha talvez ainda uns trezentos e cincoenta kilometros de navegação para canoas.

O Paraguay, o São Lourenço e o Cuyabá parecem-se muito no seguinte: atravessando immensas planicies, não procuram o caminho mais curto, mas, dando voltas gigantescas movem-se lentamente, quaes preguiçosas serpentes que despertam. E isto é providencial, pois, si assim não fora, a maior rapidez da corrente difficultaria não pouco a navegação.

Logo que se entra no Cuyabá, o solo denota maior fertilidade. Arvores altas e sombrias derramam-se pela campina e um c e r r a d o luxuriante e copado reveste soberbamente as altas ribanceiras do rio, dando ás ondas crystalinas uma negridão tetrica e magestosa.

Em anoitecendo, o espetaculo não desvanece, mas muda, transforma-se tomando uns tons de maravilhoso phantastico. A noite é clara, suavissima a temperatura, contemplando-se distinctamente, n'aquelle lençol immenso por onde o Nyoac docemente desliza, o reflexo suave de mil estrellas, refulgindo nos infinitos paramos azulados.

Momentos esses de ineffavel enlevo, ennuviados, não raro, por subita extremeção, toda vez que o paquete parece atirar sua proa de encontro ao tronco de alguma arvore, gigantesca. Embora prevenido d'esse phenomeno, a illusão optica era perfeita.

Já todos recolhidos, deviam ser dez horas da noite, quando, despertando subitamente, percebi que havia alguma cousa de anormal.

N'esse logar, o rio dava uma volta brusca, como cotovello, a correnteza era forte e não havia meio de vencer a subida. A lucta durou boa meia hora; tempo perdido. Ouvi então dar ordem de recuar e avançar, em seguida, para o ponto determinado, fossem quaes fossem as consequencias. Ouvi aquillo e em vez de arreceiar-me approvei. E assim fizeram.

O Nyoac arremessou-se, juntamente com a lancha acorrentada ao seu costado, com tal impeto e temeridade, para a margem esquerda, que tudo levou de vencida. Avizinhou-se adoidamente á terra, ultrapassou com verdadeiro furor a correnteza, barafustando, pela ramaria marginal; tanto assim que, por um triz, um esgalho me leva pelos ares.

N'esse lance temeroso não havia para rir. Tal foi o choque, que o fracassar da lancha e do vapor parecia reduzir tudo a cacos. Felizmente não era um caso perdido, mas de parte a parte houve consideravel avaria. A c h a t a, entretanto, é a que levou a peior. E não pensem que este seja um caso virgem: é pelo contrario o „pão nosso de cada dia".

Com o mesmo Nyoac, e na mesma altura, menos de um mez mais tarde, as cousas correm peior, pois pouco faltou que houvesse uma catastrophe. A indefectivel chata, agarrada, como carrapato, ao paquete, foi ainda causa do desastre. Mas d'esta vez, o rombo foi tal que começou a fazer agua em abundancia, ameaçando sossobrar o barco e pondo em perigo imminente o mesmo vapor. Foi um fim do mundo.

Quando é que o Lloyd terá pena dos pobres mattogrossenses?

Vem a pelo accrescentar mais alguma cousa attinente, á navegação fluvial d'essas paragens.

Acabara de comprar minha passagem em Corumbá, quando entrou na agencia um empregado publico, exigindo, como de direito, camarote para cinco pessôas. Responderam-lhe que, devido a pequena lotação de camas, só as senhoras tinham direito a ellas. O homem não gostou mas, não teve remedio, e conformou-se. Mais adeante convenceu-se de que não valia a pena fazer questão.

A temperatura é tão alta que os camarotes, mesmo de noite, são como fornos. Quando embarquei, trazia commigo um embrulho de laranjas, limas, etc. O dispenseiro tomou conta. Ora, dois dias depois, fui encontrar o embrulho n'uma cama desocupada, no mesmo camarate do alludido cidadão. Pois querem saber ? As fructas, que erão verdes, amarelleceram: estavam assadas.

Vejam de que escapou o meu amigo! . . .

Por isso, á noite, depois do chá, costuma-se dividir o convez em duas partes: a proa, para os homens, a popa, para as familias. Ahi uns armam suas redes; outros tiram os colchões dos camarotes e preparam suas camas nos bancos existentes nas bordas do navio. D'ahi podem apreciar commodamente: os encantos de uma noite de luar, o mysterioso ciciar da brisa matinal, e tambem as grossas bagas de aguaceiro não desejado . . . Eu tive ainda outra ventura: o rude arranhão de um galho que quasi me leva d'esta para melhor...

A's quatro da madrugada, passamos por Bananal, ponto que, segundo dizem, divide exactamente esse longo trajecto em duas partes eguaes.

* * *

Era domingo e o nosso Mestre Angelo transformara em capella a parte do convez, que serve de sala de jantar. A tripulação, alguns passageiros de segunda, todos os de primeira (exceptuando um só) assistiram respeitosamente ao santo sacrificio da missa. O commandante edificou-me pelo modo correcto com que a todos deu o bom exemplo. Continuamos a navegar.

Ás onze horas, passamos pela fazenda de São João, onde vi uma pequena plantação de arroz. O edificio da fazenda é bonito e elegante.

Nessa manhã, a temperatura refrescou. Da mesma data em deante, começa-se a encontrar espaçadamento um ou outro morador, e o Cuyabá, que se acha em sua enchente ordinaria, extravasa por todos os lados, invadindo calmamente as planicies. Os habitantes, por aqui são todos adventicios, ou melhor, vagabundos, no bom sentido da palavra. Com effeito, eis como elles costumam estabelecer-se. Uma familia mette-se n'uma canoa, desce pelo rio, atraca no ponto que lhe apraz, sem indagar a quem pertence, semea alguns cereaes, planta um pouco de mandioca, e, com meia duzia de forquilhas faz uma choupana, á toa, que as aguas, ao engrossarem, levam por ahi a abaixo . . . E na verdade, vejo, em passando, essas choças prestes a serem invadidas, e arrebatadas; em muitas a agua entrou ou está a entrar, não de surpresa, e sim maciamente. E si isto se der? Recorrem de novo á barquinha, sem motivo de lagrimas pelos edificios que acabam de perder . . .

Na noite de domingo para segunda-feira, não houve temporal. O dia seguinte amanheceu magnifico. Ás sete da manhã, chegamos a Porto São Vicente! Durante o dia, choveu um pouco; a noite, tempo novamente fresco e bonito.

Pelas cinco e meia, vejo uma arvore desfolhada, inteiramente carregada de frangos d'agua ou biguás.

Morre o dia, mas risonho e tranquillo.

Ás oito da noite, atracamos em Limeiro, partinda ás nove e meia.

N'esse longo e accidentado percurso, ha um trecho consideravel chamado „Uacurutuba". N'elle encontram-se, a cada momento, passagens difficeis e perigosas, pela velocidade, pouca agua e voltas rapidas do rio.

É o terror dos viajantes, no tempo da secca. Lá pelas doze da noite, é que entramos em „Uacurutuba", mas sob a vigilante e segura direcção de nosso commandante. Ás seis e meia do dia seguinte, terça-feira, encontramo-nos com uma lancha que trazia uns sessenta voluntarios. Dez minutos depois, avistamos, na nossa frente, o pequeno paquete Coxipó, tomando lenha, em São Pedro. Esse logar, para quem sobe, é a terminação ou sahida do Uacurutuba. A bordo do Coxipó, contei uns setenta au oitenta voluntarios.

* * *

Em assumpto de movimentos patrioticos e militares, nunca vi quadro tão prosaico e desenxabido. E como não havia de ser

assim, si o despertar da nossa mocidade para as armas não vinha como era sabido, da tuba marcial dos campos de batalha, mas das doces harmonias do Parnaso?

Lá se foram os tempos, em que Orpheo, ao som mavioso de sua lyra, erguia palacios e cidades. Não é com processos artificiaes que, da noite para o dia, se mudam os costumes de um povo.

Entremos na realidade dos factos. Ao vêr aquelle rapazio de todas as côres, tamanhos, idades e feitios, sem farda, e cada qual com trajos a seu sabor, correu-me á lingua aquella phrase da Escriptura: *Bestiae et universa pecora, serpentes et volucres pennatae.*

Os sorteados

Era uma mistura informe e inexpressiva.

Basta dizer que as autoridades militares de Corumbá censuraram acremente a ausencia de criterio na remessa, para as fileiras, de elementos phisicamente inadequados e incapazes. Asseguraram-me que trinta ou quarenta por cento d'essa primeira remessa foi devolvida para o ponto de partida. E ainda bem si fosse só isto!

Matto Grosso é um paiz immenso, povoado por um punhado de homens. É, além d'isto, uma região essencialmente agricola e pastoril. O presidente da republica acabava de recommendar a intensificação da lavoura, em beneficio do Brasil, e de seus alliados. O bom senso e o patriotismo oppunham-se, pois, a que um só homem fosse retirado d'esse solo fertilissimo, mas deshabitado. Aconteceu justamente o contrario, e deram-se verdadeiros paradoxos.

A mania de fazer numero foi arrebanhando moços e velhos, solteiros, casados, negociantes, criadores e fazendeiros, perturbando, com isto, profundamente a vida economica e da familia. A maior praga foi a politicagem desbraçada, a qual, para poupar os de seu partido, sacrificou duplamente as familias do partido opposto.

Eis ahi em poucas linhas, o que foi, em Matto Grosso, a conscripcão, cujos maleficos effeitos se não fizeram esperar.

* * *

Dito isto, continuemos para deante. Ás nove e meia, encontra-se Porto Urbano, logar agreste, mas agradavel. O que ahi desperta minha attenção é uma gigantesca figueira, imponente pela sua coma sombria e pela belleza de seu raizame.

Mais adeante, um pouco, na margem esquerda, admiro um coqueiro baixo, com uma especie de trepadeira colossal, de grossos galhos e alta ramagem, que, como tenas, prende-lhe os flancos e suga-lhe a seiva. Bem perto, via-se minuscula cabana, coberta de capim e com uma abertura, semelhante á residencia de indios.

Proseguindo mais um pouco, deixamos á nossa direita a chamada B o c c a d o s G u a t ó s. Crê-se que uma tribu de indios, conhecidos com este nome, proveniente do Alto Paraguay, estabelecera-se, em tempos idos, n'essa localidade, dando-lhe o nome.

Á primeira vista, a Bocca dos Guatós parece um affluente do Cuyabá, quando, na realidade, não passa de um sangradouro que lhe rouba porção consideravel de suas aguas.

Ás onze da manhã, alcançamos Flechas, a primeira usina de assucar que se encontra, desde Corumbá.

Ás tres e meia, chegamos á Melgaço. Avista-se essa povoação meia hora antes.

Do ponto em que estamos á Melgaço, o rio forma uma linha recta, a que os naturaes chamam e s t i r ã o. Quem, de bordo, levanta os olhos, tem Melgaço não de lado, mas de frente. É uma povoação rustica de umas vinte casas, á vista. Proseguindo pelo e s t i r ã o, tem-se matto á esquerda, matto e morro á direita; matto e morro que suavemente se levanta, no fundo do panorama. Melgaço, apesar de tão modesta, é a mais vistosa povoação, desde Corumbá.

Ao approximarmo-nos, vi, de mais notavel, uma casa, em construcção, encetada, dissereram-me, ha longos annos, são oito columnas, muito altas, de pao; em cima dellas, um telhado e . . . só.

Em esthetica, nada mais grotesco.

Apreciei tambem a escola publica que, nas horas vagas, é Tabelionato. Lá dentro, as creanças no b-a-ba; cá fóra, de um e outro lado da porta, grandes pedras das que se usam nas escolas, com Avisos, Portarias, Editaes etc.

Aqui o rio dá uma volta, formando quasi um angulo recto.

Ás quatro e meia, partimos ,beirando as habitações do povoado, e, a seguir, uma montanha coberta de matto e de uns cem metros de alto.

* * *

Nossa chegada á Melgaço, e, mais ainda, a partida, despertou entre os passageiros, sentimentos de jubilo. É que viamos avizinhar-se

o fim de tão longa e ardua jornada: no dia seguinte, chegariamos a Cuyabá. Deve-se reconhecer que o facto de tanta gente se encerrar dentro de um pequeno navio, passando longos dias, n'uma vida monotona, pouco confortavel e mesmo penosa, não é o que ha de mais apetecivel. O que vale é que tudo tem suas compensações. Os tres primeiros dias forão de uma calmaria senegalesca, e eis que, no domingo, de manhã, a temperatura desce suavemente e faz-nos experimentar as delicias de uma epoca primaveril.

O pessôal de bordo, a começar pelo commandante e commissario, não podia ser melhor. Quanto aos passageiros, posto que de condições tão diversas, estabeleceu-se entre elles, desde o primeiro dia, o laço de união e respeito que liga entre si os membros da mesma familia.

O senhor Francisco Corrêa, como já disse, é o unico companheiro que tive do Rio a Cuyabá. Muito o apreciei pela sua prosa sensata e agradavel.

Na estação de Tres Lagoas, juntaram-se-nos o senhor Maturino Bueno, sua mulher, o conhecido capitalista A f f o n s i n h o e suas enteadas Ernestina e Maria. O senhor Maturino, transferido de uma estação do Estado do Rio, para ser o telegraphista de confiança do novo presidente de Matto Grosso, tornou-se, pelo seu espirito jovial e folgazão, a alma de toda a c a r a v a n a. Em Aquidauána, creio, adquirimos um novo companheiro de primeira ordem, na pessôa do sympathico 1º. Tenente de policia, o senhor Prudencio José Dutra. Finalmente, visto não poder registral-os, a todos, não deixarei de mencionar, ao menos, o nome do amazonense Dr. Carvalho, tão habil e abundante contador de l o r ó t a s.

O nosso divertimento predilecto era a bisca, que muito concorreu para abreviar aquellas horas longas e enfadonhas.

E como apontei os principaes parceiros, d'esse passatempo innocente, seria injustiça deixar no olvido o nome do atilado e activo Mestre Angelo.

Sua especialidade consistia em mil artes e advinhações, por meio de cartas, deixando-nos embasbacados. Momentos agradaveis fez-nos elle passar, sem preoccupações nem do passado nem do porvir.

Que, em uma viagem tão longa, houvesse alguns s e n õ e s, não é para extranhar; e si a elles não julgo opportuno fazer referencias, é que não quero empannar o brilho suave e inolvidavel d'aquelles dias tranquillos de uma vida em familia.

* * *

Viajamos toda a noite, e, no dia seguinte, (quarta-feira, 6 de Março) ás oito da manhã, passamos pela villa de Santo Antonio-

Rio Abaixo que, por signal, não apparece. D'ahi a um quarto de hora, viamos de passagem a usina da Conceição, uma das principaes. senão a primeira, do Estado.

Ás duas, estavamos no principio do e s t i r ã o de Cuyabá, aonde chegamos ás duas e meia da tarde.

A viagem do Nyoac, durou, pois, sete dias e sete noites. menos 3 horas.

Capitulo IV.

A viagem, apesar de tudo, não podia ser melhor. Para dar d'ella uma idéa, direi que, desde o Rio, fui directo, a vapor, sem cama, exposto ao relento e á chuva, sem tirar a roupa do corpo, devorando espaço durante quinze dias e quinze noites, n'uma carreia louca.

Assim devia ser a sorte dos que, em tempos remotos, arrabatados por algum monstro mysterioso, sob suas azas possantes, se sentiam transportar, para longinquos e desconhecidos mundos . . . Mas emfim, em ahi chegando, tudo lhes sorria, e a propria natureza inanimada fazia-lhes prelibar as ineffaveis doçuras do suspirado. Eden.

Pois bem, chegamos á longinqua Cuyabá, ultimo termo de infinda jornada. E agora ás mil circumstancias fortuitas, juntaram-se os proprios elementos da natureza para desfazer, como bolho de sabão, a chegada que phantasiaramos alegre, poetica, côr de rosa.

O tempo tão formoso e limpido, nos ultimos dias, enfarruscara de repente, preparando-nós um desembarque aguado e fastidioso.

Durante o fatigante trajecto fluvial, ouvira, muitas vezes, fallar no porto da Capital do Estado, e, ao approximarmo-nos de terra, observei attentamente e, do promettido p o r t o, nada vi. Nem ao menos o recurso rudimentar de uma taboa que, da borda do pequeno paquete, se firmasse com a extremidade opposta em terra, dando aos viajantes o ensejo de um exercicio de gymnastica.

E lá vem sahindo as c h a l a n a s, para nos levar á terra, a quinhentos reis cada um!

Ha cem annos, que Cuyabá é Capital do Estado, e o seu porto i n f i e r i prova exuberantemente o z e l o e c a r i n h o com que os governos que se succederam, cuidaram do bem publico! . . .

Muito antes da nossa chegada, companheiros de viagem, nascidos e residentes em Cuyabá, forneceram-me dados interessantes, sobre esta e outras bellezas locaes. Relataram-me, entre outras cousas, que o porto, ou melhor, o desembarcadouro, fica a cerca de dois

kilometros do centro da cidade, para onde quem não quizer ficar ahi, a ver navios, tem que ir calcante pede. E porque? Pela razão muito simples de não haver, na Capital, um unico carro ou tilbury. E qual a causa d'isto? As ruas de Cuyabá são intransitaveis! Esse facto causou-me espanto.

Para melhor esclarecel-o, contarei o seguinte. Uma testemunha ocular e fidedigna, narrou-me resumidamente a odysséa venturosa de um carreiro. Vinha elle das margens longuinquas do Araguaya.[1]) — Sua carroça, de uma resistencia a toda prova, era puxada por doze juntas de bois e fez a prodigiosa travessia de seis a setecentos kilometros, por aquelles sertões, afundando em socavas e esbarrando em penedias imprevistas; e, apezar de tudo isto, aos trancos e solavancos chegou incolume á Capital do Estado. Mas, quem o diria? O destemido sertanejo teve a audacia de querer transitar por uma das principaes ruas de Cuyabá, chamada „Couto Magalhães" ou „Rua Nova". Mas foi severamente castigado: não chegou ao fim da rua, os bois ficaram maltratados e a carroça quasi reduzida a frangalhos.

Outro carroceiro, passando pela mesma rua, tal era o precipicio a vencer que um violento solavanco o prostrou para sempre.

Eis ahi dois factos incontestaveis, que mais se parecem com invencionices. Sciente da absoluta falta de carruagens, recobrei animo, ao saber que havia bondes, e que não deixariam de vir ao nosso encontro. E fiquei na espectativa.

Fundou-se em Cuyabá, uma Companhia de bondes, ha cerca de trinta annos. Em relação a todos os emprehendimentos humanos tem ella isto de particular: emquanto aquelles marcham para a luz, ella mergulha, cada vez mais, nas trevas.

Por outras palavras: hoje em dia, tudo tende para o aperfeiçoamento; a Companhia de bondes de Cuyabá sègue resoluta para o seu anniquillamento.

---

[1]) - Eis o que o Dr. Severiano nos diz d'esse rio:

O Araguaya, Rio Grande ou Beocoan, que, no dialecto dos Carajás, tem identica significação, é um rio majestoso de cerca de mil e oitocentos kilometros de extensão, dos quaes quasi mil e duzentos beirando terras de Matto Grosso; largo e desimpedido na maior parte de seu curso. É o principal limite da provincia com Goyaz.

A mais remota das suas origens é o corrego das Duas Pontes, descido das abas septentrionaes da serra oriental do Coyapó. Da fóz do Vermelho para diante é que é conhecido pelo seu principal nome Araraguaya.

Alguem do Nyoac contou-me, que o bonde de porto a cidade, andando devagar, mas, sem incidentès, leva vinte minutos. Certa occasião, o mesmo informante, despachou do porto, uma carroça de mercadorias, e, em seguida, tomou o bonde, para chegar um pouco antes. Querem saber o resto? O bonde chegou quarenta minutos depois da caroça!

Haverá ainda quem falle mal de tão benemerita empresa?

* * *

O Nyoac baixara o ferro a uns vinte ou trinta metros de terra; rodeavam-no as chalanas, de onde muitas pessôas passavam para o paquete: erão amigos e parentes que vinham ao encontro d'aquelles a quem esperavam.

Olhei para terra, avistando então o meu velho e distincto amigo Frei Ambrosio Daydé acompanhado de Frei João Luiz, Provincial da Terceira Ordem Regular, no Brasil, e do estimado amigo professor Feliciano Galdino. Criei coragem: não estava só. Em breves instantes, abeiraram o Nyoac, pularam para dentro, e abraçava-nos. Mais alguns minutos e estavamos em terra. Os bondes acabavam de chegar; mas os recem-chegados olharam-nos com indifferença, lembrando-se d'aquella recommendação do divino poeta: Non ti curar di lor, ma guarda e passa.

Entretanto, nunca talvez sentiramos maior necessidade de uma rapida e refrigerante movimentação do ar. Mal tocamos a terra, que uma calmaria asphixiante opprimiu-nos de tal forma, como si nos quizesse tolher a respiração. Confesso a verdade: andando, sentia difficuldade em fallar. Não havia que duvidar: erão os signaes que precedem a tormenta.

O amigo Feliciano, em passando por sua residencia, convidou-nos a tomar um copo de cerveja. Esse refrigerio deu-nos novo alento, e proseguimos até o antigo Seminario, que hoje serve de convento aos Franciscanos.

Ao entrar no meu quarto, espaçoso e arejado salão, assentei-me, e agradeci cordialmente a Nosso Senhor de me ter concedido uma viagem, inevitavelmente penoza, mas rapida e feliz. Chegaramos, não havia meia hora, e, de repente, desabou enfuriada borrasca, entrecortada de coriscos e trovões, tombando simultaneamente copiosos aguaceiros em catadupas, atiradas pelos borbotões do vento, para uma e outra banda, que parecia chegado o fim do mundo.

A tempestade durou menos de uma hora, e posso affirmar, que nunca vi, em tão pouco tempo, cahir tanta massa d'agua, transformando os caminhos e as ruas da cidade em torrentes.

Passada a procella, clareou o céo, o horizonte tornou-se sorridente, e, baixando rapidamente a temperatura, os pulmões ganharam folego, enchendo de alegria os nossos corações.

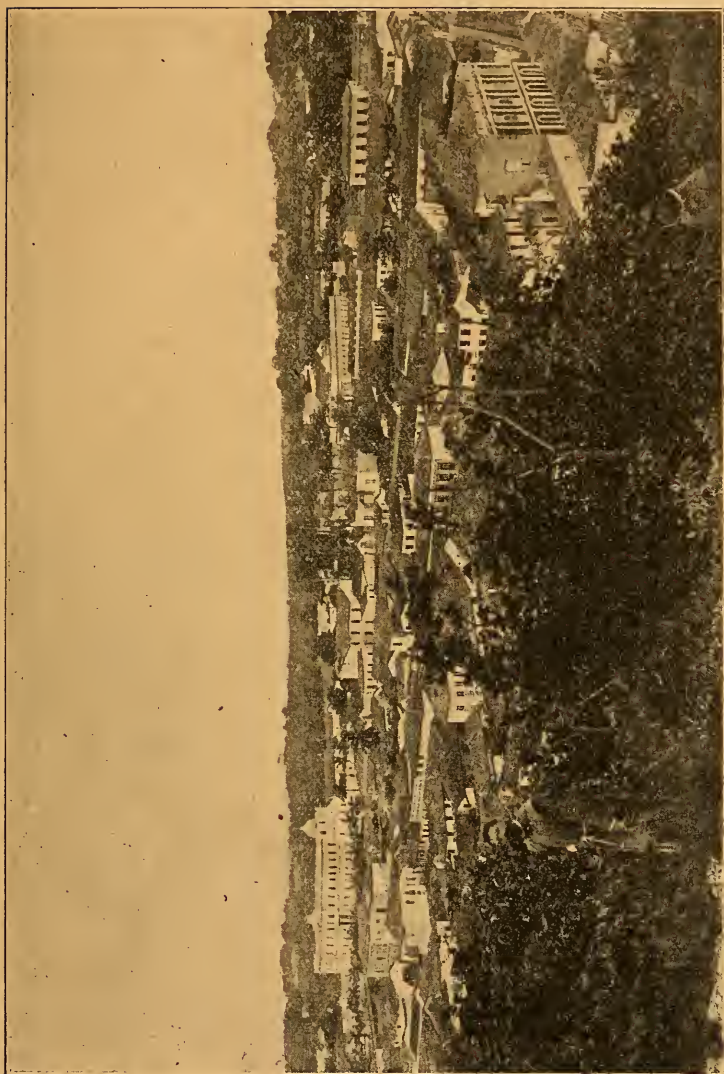
* * *

A primeira noite, em Cuyabá, passei-a tão bem que melhor não podia ser. Na manhã seguinte, fui fazer uma visita ao Exmo. Arcebispo e Conde Dom Carlos Luiz d'Amour e outra a Dom Aquino, presidente do Estado.

Por ambos fui recebido e tratado gentilmente. Na tarde do mesmo dia, fizemos o programma da pregação quaresmal, que deveria ter inicio, no proximo domingo, 10 de Março, para terminar no domingo da Resurreição. A tarefa era enorme: sermões um dia sim, um dia não até 31 de Março inclusive. Percebi logo que esse tempo todo seria absorvido pelo exaustivo trabalho da pregação. Como porem minha demora não podia ser longa, e, já estabecera escrever um livro, sobre minhas impressões extraordinarias de Matto Grosso, cogitei, desde o primeiro dia, de approveitar avaramente tudo: encontros casuaes, visitas fortuitas e indifferentes, para o material indispensavel d'este fragil edificio, que pretendia levantar, não para meu ou alheio passa-tempo, mas em homenagem e beneficio desse longinquo e desamparado Estado, cuja lembrança saudosamente conservo. Para isso, é mister conhecer de perto sua Capital, e por varios motivos.

De facto, Cuyabá é a cidade mais populosa do Estado e, de cem annos para cá, sua Capital. É cidade central, na estricta significação da palavra, conservando, por isso mesmo, habitos e costumes inveterados, bons ou ruins que sejão. Dá-se o inverso com as cidades a que chega a estrada de ferro: dentro em breve, tornam-se cosmopolitas e, si é verdade que perdem certos costumes typicos e nacionaes que deveriam conservar como tesouros, adquirem outrosim novos conhecimentos, noções novas, attinentes ao bem geral; abrem-se-lhe finalmente esses vastos horizontes, unido com seu amplexo os homens, em uma só familia. Esse é o verdadeiro progresso: confraternizar os membros da familia humana. Progresso almejado e abençoado pelo proprio divino Salvador, quando disse: *Et fiet unum ovile et unus pastor*; e haverá um só rebanho e um só pastor.

* * *

Cuyabá, materialmente fallando, é hoje, o que era algumas dezenas de annos atraz: um cidade á antiga. O solo, em que assenta, é desigual, ondulado meio montanhoso, cheio de *sobres* e

Vista de Cuyabá; 1º parte

desces, poucos trechos perfeitamente planos; mas as subidas e descidas, não são nem largas nem ingremes. As ruas, em geral, são viellas tortuosas. O que porem mortifica os transeuntes é o calçamento das ruas de pedras brutas, mais ou menos encostadas umas as outras. Esses blocos da chamada pedra crystal, são meio arredondados e meio quadrados, obrigando a quem caminha, a olhar de continuo para os pontos em que pisa. No tempo do calor, o reflexo dos raios solares, quebrados n'aquellas rochas alvas, lisas e durissimas, parece convertel-as em ferro em brasa, para suppliciar o pobre do transeunte.

As ruas, de ordinario, não são abauladas, como de costume, com o fim de facilitar o escoamento das aguas; pelo contrario, n'ellas vê-se, não raro, uma depressão, no meio, dando-lhe o feitio do leito de um rio, o que não deixa de ter suas vantagens: Ao desabarem aquelles aguaceiros torrenciaes, tão frequentes. e não existindo (que eu saiba) ainda um só boeiro, as ruas tornam-se rios, que se precipitam por ahi a baixo, durante algum tempo, depois de passado o temporal.

O passante, já livre da chuva, aproveita-se das beiras do caminho, seguindo cautelosamente seu rumo, como quem atravessa uma ribeira por estreita pinguela.

Si a noite o surprehende, fora de casa, sua situação aggrava-se, que a illuminação publica é defeituosissima feita a kerosene, encontrando, de espaço em espaço, um pequeno lampcão com luz pequenina e de vidros quebrados ou embaçados.

Entretanto, para ser verdadeiro e fiel, accrescentarei que as ruas principaes, em todo percurso ou em parte, têm seus passeios da largura de metro e meio, quando muito; mas, para que a Capital conserve seu cunho de rusticidade, peculiar a todo o Matto Grosso, esses passeios são de lages de pedra ou de tijollos, de meia grossura do commum. Tudo que não é isso, é sempre a tal calçada de blocos, de varios tamanhos e feitios, de que todos procuram fugir.

Faz-me isto lembrar um costume, que só observei em Cuyabá. Á tardinha, ou á noite, sahe-se de casa, para um ponto qualquer, preferindo-se, por gosto, e mesmo necessidade, o passeio modesto á calçada intoleravel. Acontece que, aqui e alli, as familias, suffocadas no interior de suas casas, sentindo a necessidade de gozar a aragem verspertina, collocam, nos passeios, cadeiras, em que se accommodam.

Quem passa, julgando-se com direito ao passeio, pensa que, ao approximar-se, lhe cederão parte ao menos, d'aquella nesga que considera logradouro publico. Os que estão assentados julgam as cousas por outro prisma, e lá se ficam alegremente refestelados, achando que, si, com effeito, aquillo é logradouro publico, foi feito

em beneficio dos particulares e, n'este caso elles mesmos tem não só o direito, mas o privilegio da primazia . . .

E para provar de que estes tem razão, quem passa, comprimenta-os respeitosamente, sahe do passeio para o meio da rua, volta para o mesmo, poucos metros adeante, seguindo pacificamente seu caminho.

Não digo que todos procedem d'esta forma, mas ha casos frequentes. [1])

* * *

Em Cuyabá, e em todo Matto Grosso, as casas, mesmo de luxo, são de telha vã, devido ao excessivo calor que ahi faz, pode-se dizer, o anno inteiro.

Por egual motivo, não se conhecem os soalhos. As habitações, em logar de assoalhadas, têm seus pavimentos feitos de largos ladrilhos de barro. As mais confortaveis porem, tanto no andar terreo, como no superior, são ladrilhadas luxuosamente. Não ha tambem casa ou choupana em que o morador não tenha sua grande talha com agua sempre fresca.

* * *

Sahir de casa, durante o dia, é um tormento; e faz pena não haver uma empresa de locomoção, disposta a ganhar dinheiro.

Os bondes apparecem, um na vida outro na morte. Cada um d'elles não tem mais de quatro bancos, com lotação de quatro pessôas! Pois bem, o bonde que vi mais cheio levava cinco passageiros!

Soube de um medico, o qual tinha de ir todas os dias até o porto, fazendo uma despeza com o cavallo, de quatro a cinco mil reis diarios, por não contar com o bonde. Tantas vezes ouvi celebrar essa Companhia, em prosa e verso, que resolvi tomar um

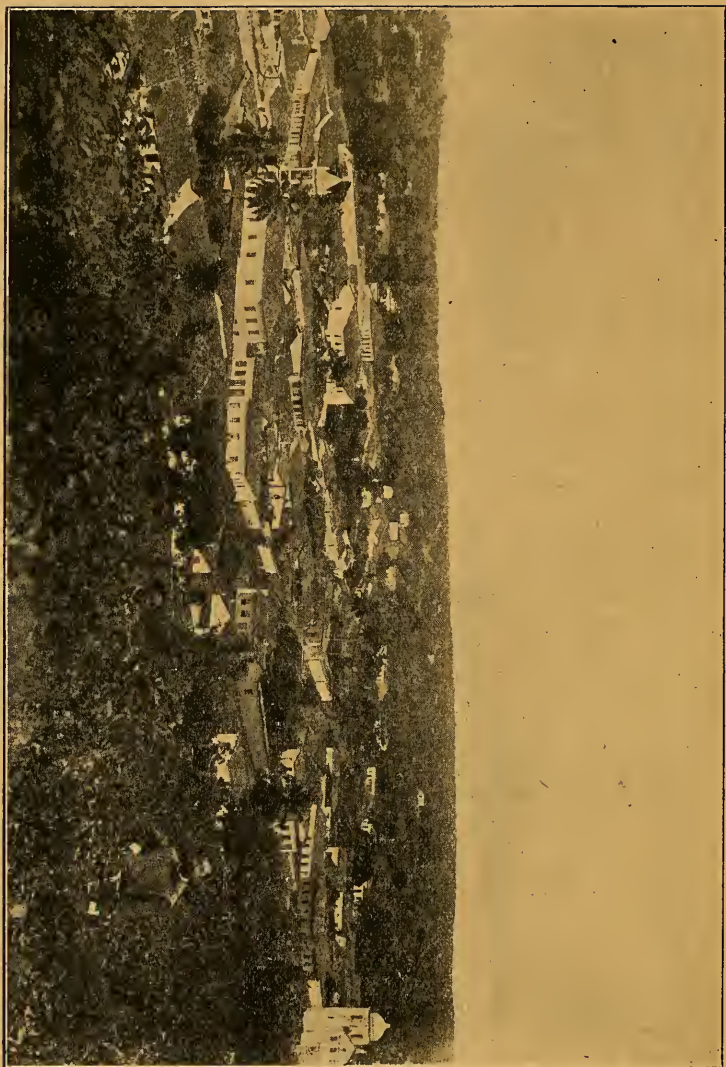
---

[1]) - Em 31 de Março de 1920, li no Correio da Manhã, que transcrevo com a mesma epigraphe. Parece feita de encommenda. Eil-a:

As calçadas não são feitas para sala de visitas.

„Pedem-nos os moradores da rua Major Avila chamemos a attenção do fiscal da Prefeitura, ou da Policia ou de quem competir, para o abuso seguinte: em frente ao numero 28 da alludida rua, semtam-se na calçada os moradores d'aquelle predio, impedindo a passagem e obrigando os transeuntes a passarem para o meio da rua, com graves riscos para a sua integridade phisica.

Ora, como as passeios forão feitos para utilização publica e não para sala de visitas, urge corrigir o alenso".

Vista de Cuyabá; 2º parte

de seus vehiculos, percorrendo-lhe o itinerario, ida e volta: contava adquirir novo e curioso material para a singela narrativa das minhas impressões. E que succedeu? Cousa nunca vista: na viagem, não se deu o minimo incidente, e tudo correu tão bem que, nem na ida nem na volta, houve um minuto de atrazo. Foi para mim uma decepção, embora gostasse do occorrido.

* * *

As chacaras e mesmo os terrenos maiores são fechados, em toda sua extensão, não por zinco ou arame, mas por taipas ou muros de taipa. O processo de fazer esses muros é, mais ou menos, o seguido para paredes de cimento armado. Amassa-se barro, misturado, ás vezes, com pequenos cascalhos ou pedras maiores, e bota-se n'uma especie de caixão previamente preparado no logar. Passados alguns dias, desmancha-se o caixão e o tapamento está prompto. O que achei de extraordinario n'essas construcções antiquadas, expostas a todas as intemperes, é sua resistencia extraordinaria, pois existem taipas, perfeitamente conservadas, cuja existencia conta perto de cem annos! . . . Supponho que o barro d'aquellas regiões deve conter uma propriedade liguenta em proporção muito grande.

* * *

É sabido que Cuyabá deve sua fundação á abundancia de ouro do seu subsolo, attrahindo os bandeirantes paulistas, que afrontavam loucamente mil mortes, obcecados pela fome do precioso metal. E havia d'elle tanta quantidade que, em 1777, quando para lá se encaminharam os exploradores, nos arredores de Cuyabá, em menos de um mez, forão extrahidos quatrocentas arrobas de ouro, apesar das excavações não irem alem de uma camada correspondente a quatro braças abaixo da superficie do solo.

Entretanto parecerá incrivel, mas é a pura verdade: hoje em dia, passados dois seculos, depois da chuva, muitas pessôas procuram, especialmente ao pé dos morros, onde as aguas cahem em regatos, e ahi encontram pequenos fios de ouro.

O senhor Carlos Schinardi mostrou-me o logar em que, no anno anterior, com um dia e pouco de paciente trabalho, em extrahir o ouro da areia, tivera o tentador resultado de 95$000.

* * *

Outra nota caracteristica de Cuyabá é de estar atufada na sombra. É pois com justiça que lhe chamam a „Cidade Verde". A vegetação sobrepuja exuberante, a cada canto. E é deveras admiravel que, emquanto a arborisação, crescida livremente, nas

cercanias da cidade conserva-se em proporções limitadas e modestas; dentro do seu perimetro, as arvores fructiferas como sejão: cajueiros, mangueiras, tamarindeiros, araçás e muitas outras, embora sem trato algum, suspendam tão alta suas copadas e sombrias ramagens, como atalaias gigantes a deteram o soprar dos ventos, ameigando, ao mesmo tempo, os raios solares com o eterno frescor de suas melenas.

* * *

Notei em Cuyabá, e por ahi a dentro, um costume peculiar: o povo é madrugador.

Em geral, as missas mandadas celebrar, são das cinco as seis da manhã e não são mais cedo porque os religiosos têm, antes, outros deveres a cumprir. Uma missa encommendada para as sete horas é um luxo phenomenal. Uma occasião, vieram pedir uma missa para as seis horas, devendo ser eu o celebrante. O vigario quiz convencer a pessôa que era muito cedo, propondo que fosse as seis e meia. Mas foi em vão, e condescendi.

Procurei saber qual a causa do povo ser tão amigo da alvorada. Disseram-me, uns, que assim as pessôas vão á igreja mais a vontade, sem luxo e sem aparatos. Outros attribuem ao facto das noites serem frescas e reparadoras das forças, de sorte que, ao amanhecer, ou mesmo antes, o corpo sente-se leve e disposto para a acção. Outros acrescentam um terceiro motivo. Em Cuyabá, á noite, não ha em que se divertir. Alem disso fica de pé o problema da volta: calçadas desastradas e ruas envoltas nas trevas; por conseguinte anda-se penosamente e aos tropeços. Devido a isso tudo, o povo lucra immenso: deita cedo, dorme a noite tranquillamente, e, mal apontam os primeiros albores, desperta naturalmente, e ergue-se ligeiro e alegre.

* * *

Aqui no Rio, e creio que em toda parte, nada ha que mais agrade ao povo do que as solemnidades á noite.

Conta-se que, uma vez, ao nosso fallecido Bispo, Dom Pedro Maria de Lacerda, um vigario disse-lhe que ia fazer o „Mez de Maria". Dom Pedro emendou-lhe a phrase dizendo-lhe: Não diga „Mez de Maria" e sim „Mez das mariquinhas", fazendo allusão a certos abusos e namoricos, que, de frequente, têm logar, em taes occasiões. É certo que a grande massa de povo prefere por commodidade os actos religiosos á noite, e a elles assiste expontaneamente e por devoção. E é de lamentar que, por causa de meia duzia de cabeças levianas

ou desabusadas, se prive uma parochia d' esta commodidade, transferindo os actos para horas menos convenientes.

O que, em resumo, quero dizer com esta breve digressão é que as nossas egrejas enchem-se litteralmente, quando pelas seis ou sete horas da noite n'ellas são celebradas novenas, ladainhas ou quaesquer solemnidades.

Mas . . . cada terra tem seu uso, Em Cuyabá, quando por exemplo, se quér fazer um triduo solemne e concorridissimo, annuncia-se a missa, com canticos ou não, para ás quatro ou quatro e meia da madrugada.

Então, sim, que os devotos, e não devotos madrugam gostosamente e enchem á cunha o templo, quando muitos não ficam do lado de fora, por não poderem penetrar!

E isto não é só em occasião de festa, mas em qualquer acto do culto. Soube, por exemplo, que, na Matriz da Boa Morte, [1]) havia uma devoção que mandava celebrar uma missa, todas as sextas-feiras, ás quatro e meia da manhã . Pois tão grande era a concurrencia e, por conseguinte, tantos erão os abusos, que a autoridade ecclesiastica foi forçada a prohibir definitivamente a continuação d'aquelles actos religiosos. Quem, á vista d'isto, ousará asseverar que os cuyabanos são preguiçosos?

Capitulo V.

A um kilometro do porto da cidade, sobre a margem esquerda de Cuyabá, acha-se installada a Cervejaria Cuyabana, ponto predilecto em que as familias se reunem, aos domingos, de tarde, passando ahi algumas horas de repouso e alegria. Foi casualmente esse o ponto de estreia de minhas breves e uteis excursões nos arredores da Capital. A fabrica pertencente ao Dr. Alberto Novis, consta de diversos edificios construidos no alto das bordas do Cuyabá. O sobrado de um d'estes edificios, é um grande salão ou varanda aberta de tres lados, de onde se descortina uma vista magnifica, e o lento caminhar do largo e solemne Cuyabá.

Era uma terça-feira, 26 de Março, quatro horas e quarenta e cinco minutos da tarde, quando montamos a cavallo, seguindo para lá.

---

[1]) - A egreja da Boa Morte, que fica proxima á Cathedral, em 1918, era Matriz, de nome e não de facto. Eis porque d'ella não me occupo, em fallando das duas parochias de Cuyabá: Cathedral e S. Gonçalo.

Devo dizer, antes de tudo, que, em minha viagem fluvial, encetada em Corumbá, adquerira informações pouco favoraveis ao proprietario d'essa fabrica. Disseram-me que a Cervejaria Cuyabana era a unica casa que fabricava gelo, fornecendo-o gratuitamente aos que lhe compravam uma ou algumas duzias de cerveja. Accrescentavam que a mesma não vendia gelo a ninguem, para matar a possivel venda da cerveja, fornecida pelas fabricas de Corumbá. Achei que isto, n'aquelle clima africano, era odioso. Soube, mais tarde, que o que se propalava era inexacto. Tanto assim, que o proprietario, em vesperas de seguir para o Rio, ia com o fim de adquirir, na Capital da Republica, as machinas necessarias para introduzir na fabrica novos e importantes melhoramentos. E uma de suas principaes preoccupações era: fornecer gelo, a domicilio, a quem quer que fosse.

Eis como teve origem essa passeata.

O senhor Novis, em virtude de sua projectada viagem, determinou fechar temporariamente a fabrica. E como tivesse alguns barris de chops, convidou a Frei Ambrosio Daydé e outros amigos seus a passarem algumas horas em sua companhia. Frei Ambrosio accedeu a tão cavalheiresco convite, improvisou uma selecta caravana de amigos e, na hora acima indicada, partimos. Seguira com antecedencia o sympathico e bom amigo Carlos Schinardi, para os necessarios aprestos.

Á frente, iamos eu e o Major Laudelino Leite, acompanhados de perto pelo Capitão Thomas de Aquino e pelo negociante Raulino Theodoro. Vinham em seguida: o 1º. Tenente, Prudencio Dutra, Frei Ambrosio Daydé, o fiscal Pedro Maiolino, o agente Consular da França, João Kuyl, o Coronel Americo Salgado, o senhor Gabriel Neves e o senhor Pedro Guimarães, o popular „Peró". Os tres primeiros são officiaes do corpo policial de Cuyabá.

No momento da partida, o tempo ameaçava chuva. Os cavallos (o meu especialmente) corriam celeres, mesmo como quem vae a uma diversão. De forma que, ás cinco horas, já estavamos na Cervejaria. E chegamos a tempo, pois, ao apearmos, alcançaram-nos os primeiros pingos d'agua. Os retardatarios (é inutil dizel-o) ficaram mais bem servidos . . .

Mas, em Matto Grosso, ninguem olha para isto.

O companheiro que nos precedera, esperava-nos com impaciencia. O generoso Dr. Alberto Novis, para que, com mais proveito, lhe apreciassemos os duzentos litros de chops gelados entregara ao abalizado cozinheiro Schinardi um bom e taludo cabrito para condimentar e assar, até ás quatro da tarde destinado ao pequeno mas bem disposto batalhão de visitantes que já vinham com uma hora de atrazo. Frei Ambrosio, previdente sempre (quando não se esquece)

levava um sacco de pães frescos e appettitosos. E só faltava assentarmo-nos ás mesas pois o senhor Schinardi, transformado, n'um volver d'olhos, de cozinheiro em copeiro, servia-nos prazenteiramente carne, pão e successivos copos de cerveja, conforme a disposição e o valor de cada conviva. Foi aquella uma tarde encantadora.

O Dr. Alberto, sempre gentil, mandou, á ultimo hora, repôr o motor em seu logar para, ao anoitecer, illuminar o edificio a luz electrica. Aquella era a primeira vez que me punha em contacto, e na maior intimidade, com elementos tão varios da sociedade cuyabana! Todos elles rivalizaram em manifestar-me sentimentos de respeito, de admiração e mesmo de amizade. Sim! Quando, d'ahi, nos levantamos, já eramos amigos.

Ao terminar o singelo, mas suculento repasto, o Major Laudelino Leite tomou a palavra para brindar-me com expressões repassadas de gentileza e patriotismo. E eis que, ao levantarmos os copos, um dos companheiros, que viera em ultimo logar, e que me passara despercebido, chega-se a mim, mais familiarmente, e, com o copo na mão, cruza o seu com o meu braço e bebe á minha saúde, como si fora um velho amigo. Era o popular e sympathico Però que, em poucos momentos, fizera-se com effeito amigo meu.

E tão sincera foi essa amizade que, d' ahi a pouco, convidou-me para baptizar um seu afilhado, e, nessa occasião, ir almoçar em sua casa.

N'esse agradavel ajuntamento, fallou-se de assumptos diversos, e até de politica. Soube então que os dois partidos existentes em Matto Grosso têm seu respectivo apellido. Os azeredistas conhecem-se pela alcunha de papudos; os celestinistas pela de perrengues. E soube tambem, que, emquanto os primeiros dão solemne cavaco, quando os chamam de papudos; os segundos, pelo contrario, sentem-se orgulhosos com o titulo honorifico de perrengues.

Um dos oradores notou, de relance, a completa ausencia de papudos e então saudou effusivamente toda a perrengada presente. A assistencia bateu palmas, ja se sabe, a tão feliz descoberta. E levantou-se a sessão. Erão quasi oito horas, quando, montados a cavallo, estavamos de volta á cidade; trazendo cada qual (começando por mim) as mais doces e indeleveis recordações.

* * *

O dia 4 de Abril, era quinta-feira, dia cheio para mim, e mais alegre, por que já não pesava sobre meus hombros a responsabilidade dos sermões, concluidos no domingo precedente.

A Frei Cypriano promettera que, n'esse dia, iria celebrar na igreja do Rosario da qual é zeloso e incançavel capellão. Sahimos

de casa, ás cinco e quarenta. Era dia apenas. Ás seis, começou elle o santo sacrificio da missa; eu, ás seis e meia.

Ambas as missas eram encommendadas, e por almas de pessôas fallecidas. O que não impediu que o meu amigo tocasse harmonio, emquanto eu celebrava, acompanhando um numeroso grupo de cantoras de vozes firmes e bem afinadas. Isso deu grande realce ao acto que muito agradou á familia interessada. Essa pequena festa, improvisada por pessôas tão modestas, quão dedicadas, convenceu-me novamente de que, quando o sacerdote é zeloso e trabalhador, encontra, em qualquer parte d'este abençoado paiz, almas piedosas, capazes dos maiores sacrificios pela gloria de Deus.

Durante a primeira missa, tive ensejo de aproveitar o meu tempo. Do lado da epistola da igreja do Rosario, d'ella porem separada, está a capella de São Benedicto, cuja primeira parte é uma grande sala, dividida da segunda por um tapamento central, com duas portas, nas extremidades lateraes.

Vê-se, á primeira vista, que São Benedicto é muito milagroso; prova-o a grande quantidade de promessas pendentes da parede.

Ora, poderia alguem objectar, grande novidade vêr a capella de um santo, attestando a bondade de Deus que recompensa a fé do nosso povo! Mas, tenham paciencia; não é isso propriamente que quero dizer, e sim a nota da singularidade que pretendo assignalar. Ao entrar n'aquella capellinha, ergui os olhos, volvi-os para a direita e esquerda, e a impressão que tive foi de estar deante de um grande e variado mostruario de retratos.

As paredes, com effeito, estão cobertas de promessas, isto é, de retratos. Um ou outro é de pessoas que ainda não foram attendidas. Vi, por exemplo, o de uma menina cega, dizendo, em sua singela dedicatoria, que o offerecia a São Benedicto, pedindo-lhe que lhe concedesse a vista. Outra, ao retirar-se de Cuyabá, deixava sua photographia ao Santo como lembrança.

Apreciei uma terceira photographia, da qual não souberam dar-me cabal esclarecimento. Representa um moco de seus vinte e cinco annos, photographado de frente, com as mãos sobre as ilhargas, e a bocca exageradamente aberta. Não obstante sua posição exotica, percebe-se logo que sua bocca fora curada milagrosamente.

A parte entretanto mais interessante e curiosa, é a das pinturas. A mais antiga que me mostraram tem nada menos de 98 annos. São, já se sabe, figuras imperfeitas, obras de pintores expecialistas . . . Em geral, de um lado do quadro, está São Benedicto, sobre uma nuvem; do outro uma cama, e nella a pessôa deitada sobre um lado, apparecendo sempre nitidamente o rosto do doente. As pinturas em sua quasi totalidade são grosseiras e a cores.

Esta capella tem cerca de cem annos de existencia, tendo sido constituida, quasi contemporaneamente, com a egreja do Rosario.

Terminada a missa, tomamos café e biscoitos. Pouco depois, estavamos de volta, no Seminario, para dar começo á segunda parte do programma: um passeio fóra da cidade.

Ás oito horas e um quarto, eu, Frei Ambrosio e Frei Cypriano, estavamos montados, tomando a direcção de Coxipó da Ponte, distante uma legua. O sol era torrador e assim se conservou todo o dia. Eu, antes de dar um passo, ja suava copiosamente, e, varias vezes, nesse dia, a roupa enxugou-se no meu corpo.

Ultrapassaramos a metade do caminho, quando um accidente, que não estava no programma, veio colher-nos de surpresa.

Caminhavamos, os tres, a curta distancia, um do outro. Chegamos á uma ponte feita de pranchões, na qual, quasi no fim, havia uma falha da largura de uns 20 centimetros. O primeiro já tinha passado. Eu vinha em segundo logar, despreoccupado, e o meu cavallo mais distrahido ainda, pois mettendo as patas da frente naquella abertura, cahiu quasi fulminado, segurando-se no chão violentamente com o proprio focinho, impossibilitado de reerguer-se pelo peso que levava. Então deixei-me cahir do lado esquerdo, levantei-me e nada tive, nem o susto. Só assim, mas a custo, pôde o cavallo pôr-se de pé, ficando bastante ferido n'uma perna da frente, n'uma trazeira e no focinho. Montamos de novo e seguimos. E já estavamos pertinho do Collegio dos Irmãos Salesianos, quando dobrando á esquerda, entramos por um caminho e, atravessando pastagens, fomos ter, á chacara do senhor José de Abreu. O proprietario é cearense e ahi reside, ha dezoito annos.

A familia consta de pae, mãe, filho e nora. Só uma vez ou outra alugam um ou dois trabalhadores, em aperto de serviços. Parece incrivel que uma familia tão resumida possa apresentar tanto trabalho. Ha, com effeito, um grande cannavial e um vasto arrozal.

A vivenda, simples mas espaçosa, acha-se poeticamente situada no meio de lindo arvoredo e arvores fructiferas de toda a especie. Ha cajueiros collossaes e grandes larangeiras, cuja casca é clara e muito delgada. Dir-se-ia que aquelle pomar, tão recente, como vimos, conta pelo menos trinta ou quarenta annos.

A terra é fertilissima e banhada pelo Coxipó. No anno anterior, colhera o senhor Abreu dois mil abacaxis, vendidos a quinhentos ou a seiscentos reis, cada um. As laranjas, quantas tiver, vende-se a 3$000 ao cento. No anno transacto, uma só laranjeira dera oito mil laranjas!

Tudo encantou-me n'aquella especie de paraiso: o arvoredo, o pomar e as plantações diversas. A altura das arvores fructiferas é descommunal.

O que mais contribuiu para enlevar meu espirito, foi sem duvida, o sentimento affavel e religioso d'aquella familia verdadeiramente catholica e digna representante no Matto Grosso, do Ceará. Aliás os cearenses, em duas ou tres levas, forão parar no centro desse Estado, mostraram que são activos e trabalhadores, ganhando merecidamente a sympathia e admiração de todos.

Antes de me retirar de tão bôa gente, não dexarei de referir um facto occorrido com um proximo parente do senhor Abreu.

Um cidadão qualquer, cujo nome não vale a pena citar, engendrou a idéa de casar sua filha com uma rapazinho de dezesete ou dezoito annos. E de tal forma soube cathechisal-o que, d'ahi a pouco, mesmo a contragosto dos pais, foi o casamento tratado e marcado dia e o logar. A cerimonia effectuou-se a umas trinta leguas de Cuyabá, achando-se ausentes os paes do noivo. Terminado o acto religioso, ao sahirem do local que servira de capella, o pae da noiva preparava, ahi proximo, um bom cavallo no qual fez montar a filha, retirando-se com ella em disparada e deixando o pobre do noivo atordoado e emmudecido. E nunca mais appareceram. Sie esse jovem indignamente ultrajado, não fez uma ou mais desgraças, é que Nossa Senhora o amparou n'essa tremenda emergencia.

Indagando de diversas pessôas a razão de tão extranho caso, deram-me, como mais provavel, a seguinte explicação. O pae da moça, a qual contava apenas 14 annos, queria casar a filha com outro, descobrindo no jovem ludibriado, um noivo ad hoc para dar á menina, desprovida de tudo, um bom enxoval e outras roupas de uso . . .

Dá-se cada uma n'essas cafurnas mattogrossenses!

* * *

De outro lado do rio Coxipó, fica a graciosa chacara dos salesianos, isto é: a Escola Agricola Santo Antonio, onde éramos esperados. A um chamado nosso, partiu, la do fundo, uma piroga, para transportar-nos á margem opposta.

Avistamol-a de longe, singrando rapida as aguas, impulsionada pelo remo de dois membrudos barorós.

Poucos instantes ainda, e um d'elles cahe no rio, e lá fica para se resfrescar. A canôa, de um só tronco, era pequenina, redonda, com trinta centimetros de diametro, si muito. Era tão leve e arisca que foi uma lucta sobrehumana conseguirmos n'elle pôr o pé. Mal tinhamos entrado, e começou a pirotear, e o meu amigo frei

Ambrosio a recommendar-me convictamente que não faça caso e que lhe acompanhe, com indifferença, os movimentos . . . Agachando-nos de cocaras, agarrando com as mãos as bordas do delgado barquinho que, assim mesmo, por um triz, quasi ia pelos ares e nós . . . em direcção opposta. Mas o indio tanto tinha de corpulento como de geitoso, e assim, transportou-nos são e salvos a porto de salvamento.

O Coxipó enchera, na vespera, extraordinariamente, deixando, ao descerem as aguas, em suas ingremes encostas, abundante nateira que difficultava o desembarque, tornando o solo escorregadio, e perigoso. Mas vencemos alfim: estavamos em terra firme.

Coxipó da Ponte é um pequeno povoado, uma especie de suburbio de Cuyabá. As casas nada têm de notavel e representam, como é de facto, uma modesta villa de campo. Mas, si de um lado a arte pouco se esmerou, ostenta a natureza suas louçanias, de forma que, tanto os campos esmeradamente cultivados e o pomar com suas multiplas fructeiras; como as pastagens risonhas, os arvoredos copados e viçosos e o tranquillo Coxipó, deslizando silencioso e ameno no seu leito tortuoso: tudo produz, no visitante surprehendido, uma doce impressão de poesia, que não sabe exprimir. É escusado dizer que a actividade e proficiencia dos filhos de Dom Bosco constitue a alma d'aquelle abençoado recanto.

Nossa visita coincidio com um desses bellos dias do santo alvoroto, nas casas salesianas. Os alumnos do Lyceo Cuyabano Salesiano terminavam, n'aquelle dia, o seu retiro espiritual. Era pois dia de intenso jubilo, que só as almas purificadas conhecem; dia de folgança que aos superiores, mestres e alumnos transforma repentinamente n'uma familia numerosissima e feliz, unindo-os, a todos, o laço da caridade.

No lauto almoço, houve discursos embebidos nos mais nobres sentimentos de fé; saudações patrioticas, diversos e mimosos brindes, nos quaes não forão esquecidos os hospedes que o feliz acaso ahi levara, e que d'esses ditosos momentos guardam, em sua alma reconhecida, eterna recordação.

Na Escola Agricola Santo Antonio, prendeu particularmente minha attenção a sala-museo consagrada quasi exclusivamente ás colonias indigenas. Ahi, alem de pedras variadas e bellissimas e couros de muitos animaes selvaticos de Matto Grosso, vêm-se trabalhos de toda a especie, habilmente executados por selvagens e, mais particularmente, por indios e indias civilisados e residentes nas longinquas colonias salesianas.

* *
*

Tudo que diz respeito aos indios, ou, no nosso, caso aos bororós, tem para mim um attractivo, uma sympathia irresistivel. Por isso admirei o possante rapagão que nos transportou no fragil batel; admirei-o na sua cabelleira comprida, mas, segundo aos usos selviculos, raspada a fundo nas partes lateraes da cabeça, sobranceiras ás fontes.

Apresentara-me tambem dois alumnos, de seus treze ou quatorze annos, seguindo em tudo os nossos costumes: indios legitimos, de formas absolutamente regulares, alegres, não só civilizados mas bem educados.

Isso que, para outros, seria porventura indifferente, em mim despertou jubilo e enthusiasmo.

Ás tres da tarde, levantamos acampamento, de volta para Cuyabá. Despedi-me affectuosamente de todos, particularmente do digno Director da Escola Agricola, Padre Jose Galbuzera. D'ahi a pouco, passamos a grande ponte do Coxipó, um dos melhores, ou antes, o unico trabalho n'esse genero visto por mim em Matto Grosso. Atravessada a ponte, subimos longa ladeira, ladeada, á direita, de casas e formando a unica rua, no alto, do lado esquerdo, fomos fazer uma breve visita á escola publica, provisoriamente ahi installada, sob a direcção das benemeritas Filhas de Maria Auxiliadoras.

Essas religiosas, aqui, em Cuyabá, em toda parte, distinguem-se pela lhaneza do tracto e por esse espirito de jovialidade, que é o apanagio das almas do bem. A ordem que notei na escola; o progresso dos alumnos, a dedicação e o esforço de suas dignas preceptoras e o acolhimento benevolo e urbano que nos fizeram, tudo fez-me esquecer, n'aquelles momentos que voaram, as fadigas de um dia de sol capaz de derreter até as pedras.

Aqui tambem encontrei tres meninas bororós, de oito para dez annos de idade, engraçadas filhas das florestas, prova manifesta do sublime desprendimento d'aquelles heróes e heroinas da fé que, deixando para sempre os encantos d'esse paiz, que com razão, é chamado o jardim da Europa, vivem sepultados no centro dos sertões matto-grossenses, para arrancar das garras de Satan aquelles lindos entes, feitos á imagem do Deus!

Após breve descanço, despedi-me e, como na ida, de uma so carreira, chegamos a Cuyabá.

*   *
*

Uma das primeiras pessôas que conheci na Capital do Estado, foi o Senhor Carlos Schinardi, italiano, residente, ja algums annos, no Brasil, e casado com uma Cuyabana.

Amigo sincero dos Franciscanos é um catholico convicto, e, como tal, cumpre desassombradamente seus deveres religiosos. Teve negocio, por algum tempo, mas não se deu bem, e tornou-se ultimamente lavrador, cultivando a terra com dedicação e proveito. Oito mezes antes, adquirira uma chacara que me convidou a visitar, a qual fica á uma legua da cidade, sobre a margem esquerda do Cuyabá.

Como cada terra tem seu uso, observarei, de passagem, que o que nós chamamos quinta ou sitio, no Matto Grosso tem o nome de chacara, isto é, uma quasi fazendola, em que ha matto, pastagens e terra cultivada.

Tal era a propriedade do sympathico Schinardi (Skinardi).

Para a projectada visita, ficou combinado o dia 9 de Abril.

N'esse dia, pois, ás oito e meia da manhã, seguimos: eu, Frei Ambrosio e Frei Affonso, todos a cavallo.

A manhã era magnifica e sem sol, e assim conservou-se o dia, até á tarde. Por isso pude, mais uma vez, apreciar os encantos sempre novos de uma natureza prodiga, na multiplicidade de sua flora e no ameno verdejar de successivas paisagens. O solo dos arredores de Cuyabá é, em geral, formado por um cascalho alvo (crystal) que denota a passagem dos famosos bandeirantes, extrahindo o ouro do seio da terra. Cobre esse solo um matto ralo ou cerradinho, de um a dois metros de alto.

São arbustos de varias especies, espalhados n'aquella superficie limpa ou revestida de relva.

É essa alias a nota caracteristica de todas as vastas regiões do Matto Grosso, por onde andei.

O que mais ainda aformoseia esses quadros agrestes são as lindas e peregrinas flores, pequenas, em geral, que, por toda parte, cantam, no seu silencio, as glorias do Creador. Entretanto, aquelle humilde e encolhido arvoredo, ergue, por vezes, sua fronte altaneira e, como que desdenhando que os passantes o contemplem de cima, inclinando-se, o mesmo, respeitosamente sobre a estrada, presta-lhes, por sua vez, as homenagens de sua sombra confortadora e benefica.

Atravessamos, em caminho, uma varzea quasi circular, coberta de herva rasteira, toda matizada de delgadas e mimosas floresinhas.

Chegamos, em pouco, aonde o prestimoso amigo estava a nossa espera, em sua vivenda, verdadeira casa de campo, na qual, a ausencia de certas commodidades e de luxo foi vantajosamente compensado pelo carinhoso agasalho e por um almoço abundante e succulento em que o amizade e a pericia forão postas a prova com o melhor exito.

Corri um pouco a chacara, e fiquei encantado. Estivera muito tempo abandonada, mas agora resuscitou, e está em plena efervescencia de vida nova.

Tudo, que a terra produz, é dinheiro certo. Uma banana, commum, dez reis; uma da terra, vinte reis. As limas mil reis cada cem, as laranjas, dois mil reis. A canna é vendida a quinhentos reis, á arroba, dando um dinheirão. Vi muitos pés de pimenta malagueta, agigantados, e muito carregados. Um só pé, que o amigo me mostrou dera-lhe, na ultima colheita, oito mil reis de pimenta! O mesmo amigo em outra occasião, que o fui visitar, em sua residencia, na rua Couto Magalhães, levou-me a vêr um canteiro de sua horta, de uns sete ou oito metros de largo, com doze ou quinze de comprido, plantado só de tomateiros, os quaes, n'uma só estação, derão-lhe o producto de quatrocentos mil reis.

Findo o almoço, fomos visitar a chacara do vizinho e amigo do nosso hospede, o senhor Vinagre. Ha nove annos, que este veio da Parahyba do Norte, casou-se com uma filha do Cuyabá que tem mãe, irmã e tres filhinhos. Todas as pessôas são muito chegadas e amaveis. Fiquei captivo das crianças, ao ver a confiança filial com que se approximavam, conversando desembaraçadamente comnosco.

O senhor Vinagre, ha quatro annos, que se estabeleceu ahi. Tem bom gado, e vi agrupados uns quatorze ou dezeseis bezerros nedios e rechonchudos.

Vi bonitas gallinhas de raça e, dentre ellas, admirei um gallo de rara belleza. Alem d'isto, boa plantação de cereaes e arvores fructiferas. O rio Cuyabá fica afastado d'ahi uns duzentos metros. Acompanhados do senhor Vinagre, fomos até la. D'esse rio contou-me cousas ineditas.

Disse-me que quando começa definitivamente o tempo das chuvas (Dezembro), os peixes descem pelo rio, em busca das vastissimas e baixas planicies (pantanaes) que ficam alagadas, onde encontram grande abundancia de alimento. Passadas as chuvas, e começando as aguas a sahir dos terrenos alagados, os peixes, bem nutridos, voltam para o leito do rio, e sobem, como desceram, para o logar de onde vieram.

Quando descem, produzem um barulho surdo, como de tambores, o qual perturba não pouco o somno dos moradores, não obstante o rio achar-se afundado entre altas ribanceiras, e as casas ficarem a cem e a duzentos metros.

A razão d'isso é que, os peixes, em sua marcha precipitada, travam verdadeiros combates, pulando furiosamente fôra d'agua muitos d'elles, os quaes, depois do chocados entre si, novamente mergulham, para mais adiante surgirem de novo.

E n'essas emigrações periodicas, taes são as massas que se poem em movimento, que enchem, de lado a lado, o leito do rio, n'uma especie de procissão de um ou mais kilometros . . . E essas levas gigantescas succedem-se ininterruptamente, durante dois ou tres dias. Em taes occasiões, torna-se difficil atravessar o rio em canoa. Essas cousas tão naturaes para os do terra, erão, para mim, surprehendentes e maravilhosas. A familia Schinardi, que com tanta solicitude e prazer nos acolhera, acompanhou-nos na visita ao senhor Vinagre. Este e sua familia obsequiaram-nos da mesma forma enchendo-nos de attenção.

Ao retirarmo-nos acompanharam-nos tambem até a casa do amigo Schinardi. E devo confessar a verdade: quando montei a cavallo, depois de feitas as despedidas, tive pena de me apartar de gente tão boa e amiga.

Capitulo VI.

O que até aqui temos visto, são factos, com que poderá o leitor formar uma idéa vaga, ao menos, de Matto Grosso. Vou agora dar-lhe algumas noções geraes, não direi do que esse Estado é, porque seria prometter muito, mas do pouco que eu pude observar.

Alguem fallando-me de um modo geral, assegurou-me que em Matto Grosso, mais de que em qualquer outro Estado, ha muita indolencia. E querem saber, a quem attribuia a culpa? Dizia-me ellé, com certa graça e sem maldade, que a culpada era a divina Providencia. Com effeito: nos mattós ha grande quantidade de fructas gostosas e alimenticias; por toda parte ha caça prodigiosamente abundante; os rios fornecem peixe a quem não quer. Para que então trabalhar tanto?

O Tempo.

Em Matto Grosso, o tempo divide-se em tres epocas. A primeira é a das chuvas e dura de quatro para cinco mezes, isto é, de Dezembro a Abril. Pode-se affirmar que n'esta quadra chove diariamente: quando não é n'um ponto, é n'um logar proximo. As chuvas, quasi sempre são pouco duradouras, mas tempestuosas, precedidas e acompanhadas de continuos relampagos no que eu presenciei, porem ordinariamente desacompanhadas de trovões. Uma ou mais horas antes da borrasca, a athmosphera torna-se calmosa e afogueada. Com as chuvas já se sabe coincide o crescimento dos

rios, que sobem lentamente, transbordando por fim e alagando milhares e milhares de kilometros quadrados, o que, aos olhos do espectador, assemelha-se a um immenso oceano, cuja superficie limpida e serena é maravilhosamente ornada pela eterna verdura do clima tropical.

E esses rios sobem, ás vezes tão alto, que os paquetes, guiados por bons pilotos, abandonam-lhes o leito, em busca do caminho mais curto.

Passado o tempo das aguas, entra o periodo das friagens, o terror dos mattogrossenses, e que tem logar ordinariamente nos mezes de Maio, Junho e Julho.

O clima do Matto Grosso, é não só quente, abrasador: o calor começa no dia 1º. de Janeiro e finda a 31 de Dezembro . . . Não quer dizer que o frio não chegue até la, isto é, que não dê, de quando em vez, sua escapula por aquellas terras. Quando isso acontece, o povo em peso, sempre apparelhado para os rigores do verão, acha-se irremediavelmente desarmado, nas fortuitas e apavorantes visitas do frio. A transição da primeira para a segunda estação dá-se, as mais das vezes, por uma mudança brusca do tempo que se torna carrancudo, enfarruscado e chuvoso. Si em taes circumstancias ao vento norte sobrevem subitamente o sudoeste, a friagem chegou. Esse phenomeno, a nós desconhecido, consiste n'isto: em uma, duas ou poucas horas desce a temperatura dez, quinze e até vinte graós!

O major Laudelino Leite contou-me que, alguns annos atraz, quando o General Savaget foi a Corumbá, era tão intenso o frio que as praças não podiam mover os braços para fazer as devidas continencias. E essa friagem barbara durou nove dias! Na obra de Estevão Leão Bourroul „Um heróe da Sciencia" conta o senhor Hercules Florence que na *Chapada*, proximo de Cuyabá, morrerram de frio seis ou sete homens, que se tinham extraviado do caminho. E com razão faz o mesmo esta interrogação de espanto: *Crer-se-á facilmente que o frio na Chapada é tão forte, que tem acontecido mattar gente como na Russia?*

Tirando estas transições duras e crueis, para aquelle povo desappercebido, o sol nunca deixa de açoitar inexoravelmente aos que se lhe expoem, embora, n'esta segunda epoca, afrouxe um tanto sua vehemencia.

O ultimo periodo abrange os mezes de Agosto a Novembro, tempo em que o astro-rei parece enraivecer; transformando seus raios luminosos em azorragues de fogo, para castigo dos miseros mortaes.

Esse tempo é o mais torrido do anno, não só por sua ignea athmosphera, mas porque o proprio ar torna-se intoleravel e malsão,

Por esta razão Setembro e Outubro são os mezes das ferias collegiaes.

Como acabamos de ver, em Matto Grosso, do primeiro ao ultimo dia do anno, o clima é calido em extremo.

Mas a divina Providencia, como sóe praticar, não quiz que esse inconveniente ficasse sem um contrapeso magnifico.

Si do levantar ao pôr do sol, experimentam-se os rigores do calor; em anoitecendo, muda tudo por encanto. Sente-se, a principio, o perpassar da brisa, modificando, pouco a pouco, o ambiente insoffrivel, e assim, com o adeantar da hora, torna-se ella cada vez mais agradavel e deliciosa, a ponto da madrugada fazer-se fresca, e, por vezes, fria.

Não é facil imaginar o effeito salutar que essas noites produzem sobre os corpos extenuados, restaurando-lhes maravilhosamente as forças e dando-lhes novo alento.

Aproveitando essa dadiva providencial, regalei-me, a principio, deixando durante a noite, abertas as janellas do meu salão-dormitorio. Aconselharam-me que não fizesse tal e achei o conselho prudente.

Com effeito, a Directora de um internato provou-me que, pelo menos, para as pessôas fracas, aquelle phenomeno não deixa de offerecer algum perigo. As meninas, accrescentou ella, ao deitarem, ficam naturalmente, devido ao calor que ainda sentem, descobertas; mas, se assim se conservam até o dia seguinte, acordam, pela certa, todas constipadas. Por isso, lá pela meia noite ou uma hora, levanta-se uma religiosa e vae cobrir cuidadosamente, uma por uma, as meninas que já dormem a somno solto.

* * *

Toda esta excursão, como vê o leitor, effectuou-se no periodo das chuvas.

Finda esta epoca, a persistente e irresistivel acção do sol começa a absoroer as aguas, não so canalizadas e em movimento, mas, tambem as accumuladas n'uma superficie amplissima que corresponde a centenas de milhares de kilometros quadrados. É tal a rapidez e intensidade da evaporação, que, em poucos mezes, até os maiores rios vêm-se reduzidos ao m i n i m u m.

Seccam-se as campinas e os brejos; os riachos e correntes, que cortam e recortam o interior do Estado, temporariamente desapparecem.

Si isso, de um lado, abre e facilita aos cavalleiros as melhores e mais curtas passagens pelos sertões a dentro, fal-os, a miude, experimentar os soffrimentos indescriptiveis da sêde.

Quem ainda lucra, apesar dos pesares, no tempo da secca, é quem viaja por agua, subindo ou descendo esses interminos veios crystalinos que, qûaes delgadas serpes, mansamente volteam por aquellas amplidões. Essas viagens tornam-se, em tal epoca, muito pitorescas e animadas.

Sobre as praias areientas, vêm-se centenas e milhares de jacarés fruindo na sua indolencia os raios solares.

Aqui, são os mimosos veados ou os c e r v o s agigantados, correndo em tropel. Alli, as velozes emas (avestruzes) que contemplam a nossa passagem, ou fogem, entre desconfiadas e espantadiças. E que dizer do passaredo que, em bandos e nuvens, enche de vida aquellas solitarias e silenciosas vastidões? Que dizer de tantas especies de aves, tão diversas, no tamanho, nas cores, e no canto? E dos simios ou macacos que, como acrobatas, atiram-se comicamente de um para outro galho, de uma para outra arvore, fazendo-nos, ao se despedirem, as mais provocadoras caretas?

E note-se: toda aquella bicharada, é innocente, nada teme e, n'uma ingenua algazarra, dá-nos a idéa da felicidade do paraiso terreal.

* * *

Não darei por findo este assumpto sem assignalar uma observação que fiz, em estricta relação com elle. Notei que os rios, particularmente o Cuyabá, são differentes de todos os outros, pois, quanto mais afastados de sua emboccadura, são mais largos. A razão é muito simples: não ha rio, em geral, que não tenha um e muitos affluentes ou tributarios, que, de espaço em espaço, lhe vêm trazer novo contingente, que cada vez mais lhe vae engrossando o volume das aguas. Pois, em Matto Grosso, presenciei, com espanto, justamente o inverso: em logar de affluentes, encontram-se, não raro, s a n g r a d o u r o s, verdadeiros ladrões que, abrindo novos rumos, pelas campinas, vão regando inhospitos e desconhecidas regiões. E isto prova um facto apenas crivel, isto é; que o leito dos grandes rios, em longas extensões, está mais alto das planicies adjacentes.

Não nego entretano a existencia de algum affluente, o que não destroe absolutamente o acima allegado.

Plantas e Flôres.

Relativamente á flora matto-grossense, tive já occasião de dizer alguma cousa.

Não posso todavia furtar-me ao desejo de externar o meu pasmo ao vêr o grande numero de plantas medicinaes que por lá encontrei, a cada passo.

A titulo de curiosidade, e para confirmação do que digo, apontarei algumas. A quina. Aproveita-se-lhe a segunda casca e serve para curar febres, colicas e anemias. O pé da quina, applicado ás feridas, é maravilhoso.

A fava de Santo Ignacio. Na dôr de dentes, substitue perfeitamente o dentista, arrancando-os, na verdade, sem dôr. Para isso pulveriza-se a semente da fava, poem-se no dente furado, o qual, em poucos dias, quebra-se e sahe.

Essas duas plantas são verdadeiras arvores de quatro até seis ou sete metros de altura.

Raiz de Lagarta (ha tambem Purga de Lagarta) é um remedio excellente contra a mordedura de cobra. Come-se a batata da plantinha e poe-se um pouco da mesma mastigada, na ferida.

A Genciana. É um pequeno arbusto. A raiz em infusão, na agua, bebe-se. Serve para curar febres e dôres de cabeça.

Páo doce. Remedio contra a syphilis e contra a retenção das urinas. Rala-se a raiz e bebe-se com agua. Toma-se tambem chá da folha.

Angelica. É tambem um arbusto, e é remedio efficaz, contra a syphilis. Rala-se a casca da raiz, expreme-se com agua e bebe-se este liquido, que serve para homens e para animaes. Curam-se tambem as feridas, botando o remedio em cima.

Cassia. Produz os mesmos effeitos da angelica, fazendo-se chá com a raiz esmiuçada.

E para que o leitor não pense que é só isso, dir-lhe-ei que só o meu amigo Padre João Luiz conhece uma centena de plantas medicianes.

Mencionarei, outrosim, o angico. Suas achas são a lenha preferida para as machinas dos paquetes e lanchas fluviaes: é vermelho e é o melhor para vapor a pressão.

Emquanto a flôres bem se pode asseverar que, em Matto Grosso, as mattas, os cerrados, os campos, os pantanaes e até os rios e as extensas bahias são verdadeiros jardins. Por toda a parte ha flôres, mas não derramadas em profusão e como que amontoadas, porque tudo que é excessivo enfarta; mas sim, atiradas aqui e alli, com arte e parcimonia, prendendo insensivelmente a attenção do observador, o qual, a cada passo que dá, depara com um novo mimo que aquella terra ubertosa e virgem graciosamente lhe apresenta.

Merece especial menção uma planta aquatica, a aguapé que orna profusamente as margens do Paraguay destacando-se, por vezes, em ilhotas, e seguindo até o mar. Eis como Alfredo Moreira

Pinto em seu „Diccionario Geographico do Brasil" descreve a aguapé:

Em alguns rios, como na bacia do Rio da Prata, esta planta aquatica cobre a agua com um tecido tão basto e campacto que sustenta em cima um homem deitado; e quando, nas primeiras enchentes, o rio destaca algum pedaço desse immenso tapete, para arrastal-o em sua serena e vagarosa corrente, os tigres costumam embarcar-se em cima, e assim viajam dias; lá essa planta é uma especie de lyrio aquatico, de flôres brancas em cachos com o calice da corolla, as vezes, roxo, ás vezes cor de rosa.

*   *
*

Encontram-se nas chapadas (que são os terrenos mais elevados, em contraposição aos brejos) arbustos não muito altos, que dão uma flôr grande e empinada, ou melhor, uma penca de flôres, só brancas, só azues, ou de outra côr, conforme a especie. Ajuntando-se duas ou tres d'essas flôres, cada qual com a sua côr, forma-se sem mais enfeites, um bellissimo e grande ramalhete.

Nas viagens, por esses sertões interiores, attravessam-se, dequando em vez, risonhas e limitadas veigas, revestidas, não de capim prosaico, mas de miuda relva rasteira, toda florida: são florezinhas que mal se avistam, verdadeiros mimos, com que o Creador de todas as cousas quer deleitar a vista do alquebrado viandante. E, o que ha de mais curioso e attrahente é que cada vargem adorna-se diversamente tomando o mesmo ornato mas de uma só côr: branca, azul, côr de rosa, escarlate, amarello etc. Esses quadros imperceptiveis á primeira vista arrebatam pela sua singeleza.

*   *
*

Peixes.

Não ha terra talvez, em que haja tão grande abundancia de peixes, de toda a especie e tamanho, como nos rios do Matto Grosso. Por exemplo:

Piranhas. Esses peixes medem apenas uns 20 centimetros, são carnivoros e de uma voracidade nunca vista. É perigosissimo cahir-se na agua, com alguma ferida no corpo: o sangue attrahe-os em numerosissimos bandos. Contaram-me, no paquete Nyoac, que, um anno antes, em Cuyabá, cahindo um homem ferido no rio, em dez minutos foi por elles devorado.[1])

---

[1]) - O Commandante H. Pereira da Cunha, em seu livro Viagens e Caçadas publicado em 1919, escreve a pagina 42:
Para melhor dar idea da quantidade e principalmente da ferocidade d'essas vorazes piranhas, contarei que, tendo atirado

As Raias, largas e chatas, lançam um ferrão que é venenoso, como picada de cobra. As feridas levam mezes para sarar.

O Bagre fere com as esporas e é pequeno.

O Pacú é um dos peixes melhores e mais abundantes e mede de 30 a 70 centimetros.

Os Pintados tem o tamanho do precedente com listas pretas ao comprido do corpo.

As Geripocas tem tambem 60 ou 70 centimetros de comprimento.

O que porem se pode chamar o rei dos peixes de Cuyabá, e de outros rios, é o Jahú, do comprimento, mais ou menos, de um homem; é muito bom para comer, como todos os outros.

Feras, bichos etc.

Em bichos, insectos etc. seria tambem um nunca mais acabar. Contentar-me-ei de dar uma amostra.

A onça não se encontra em todas os logares e é a fera mais terrivel d'aquelles desertos. As pretas são raras e as peores. São as unicas, disseram-me, que matam o homem por instincto de crueldade. Outros porem contestaram este ponto. Succede raramente encontrar-se um bando de onças de varias especies; em taes casos costuma ser uma preta a que lhes toma a deanteira.

As pintadas não são tão ferozes, atacam o homem só quando esfaimadas. As pardas nem isto fazem. A jaguatiryca é uma onça pequena.

Morcegos ha muito grandes. Na redacção da „Cruz" vi marcado, n'uma mesa, o tamanho de dois que forão mortos ahi. A largura das azas do maior era de sessenta centimetros!

As aranhas, caranguejos tem o corpo do punho de um homem e são venenosas.

Em cobras, alem da sucury, de que já fallei, as mais perigosas e venenosas, são: A jararacussu e a boipeba.

---

n'uma das capivaras, antes de ter ella ganho a terra firme, se afundou o animal na lagoa; mas qual não foi a nossa surpresa, ao vel-a, quasi que immediatamente, depois, como que correndo á tona d'agua! Corremos a pescal-a com um galho do matto, apanhado na occasião, e conseguimos trazer para a margem metade da capivara que um cardume de piranhas fizera boiar e empurrava a tona d'agua!

As piranhas, accrescenta o mesmo, a pagina 72, são em tão grande numero, n'esse rio, que mal ha tempo para o pescador jogar n'agua o anzol, e logo tem que retiral-o com uma pianha. Serve a mesma isca inumeras vezes, pois que, no seu excesso de voracidade, a pianha fere-se por si mesma, e raramente estraga ou come a isca tentadora.

C a r r a p a t o s. Os maiores, que são enormes, chamam-se r e d o l e r o s; outros, pelo contrario, pequeninos, quasi invisiveis, chamam-se m u c u i n s. Estes encontram-se, em grandes balas ou ninhadas, sobre folhas do matto. Si uma pessôa toca-os casualmente de passagem, cahem-lhe n'um atomo sobre a roupa e o corpo, que tomam de assalto e martyrisam.

F o r m i g a s. As chamadas c a r r e g a d o r e s são, na sua especie, gigantes, pois medem até dois centimetros de comprimento. Em uma noite, desfolham qualquer arvore, por grande que seja, deixando, no chão, uma especie de trilho marcado, por onde passaram. Ha outra qualidade de formigas, porem menores, que, quando mordem, queimam como veneno.

M o s q u i t o s ha tambem muitas especies. O mais p a v o r o s o é o denominado p o l v o r a. São insectos quasi microscopicos, e, na apparencia, sem azas. Mordem horrivelmente.

Os animaes perseguidos por elles rolam doidamente, no chão, e emmagrecem a olhos vistos; e se estão a pastar, fogem para junto de casa, em busca da fumaça que os defenda. Esse insecto damninho costuma apparecer no tempo das chuvas.

Aves.

Descrever as aves, em suas multiplas variedades, que se encontram no percurso d'essas viagens, seria unpossivel.

Seguindo o meu plano, darei d'ellas tambem algumas especies, embora nas diversas localidades, por onde haja de passar, não falte occasião de tocar n'estas ou n'outras não mencionadas.

C a n a r i o s, c a r d e a e s e t u c a n o s, ha-os em grande numero, por toda parte. N'estes ultimos, admirei o bico desmensurado, comparado com os de outras regiões do Brasil.

O m a r t i m - p e s c a d o r é um dos mais mimosos passaros que vi.

Os s o c ó s são grandes, aquaticos, brancos, bico grande e penna preta.

A j u p y r a, de tamanho regular, das cores do corrupião, pendura seus ninhos nos galhos das arvores.

E m a s (ou avestruzes) são muito grandes, e cinzentas na cor, e vão em grupos, isto é, as ninhadas.

S i r i e m a s, um pouco maiores das gallinhas de angola, em tudo parecidas com as emas. Como o gato é amigo do rato, assim a siriema é amiga das cobras . . .

A n h u m a, é do tamanho, mais ou menos, de um perú. Vi nos logares mais desertos, mas dizem que gostam muito viver perto das casas e que cantam a meia noite.

M u t u m, passaro de tamanho de uma gallinha, é preto, pintado, e gostoso ao paladar.

A r a r a s, são grandes, bellissimas e vão em bandos. Ha umas de côr azul; outras de amarello e azul: e outras innegavelmente as mais bonitas, são vermelhas e azues, e, si não me falha a memoria, são tambem amarellas.

G a r ç a s, são lindos passaros, alvos, da altura de um ganso, e o seu peso não ultrapassa talvez quatrocentas ou quinhentas grammas.

Suas pennas são preciosas, especialmente as que ficam no alto da cabeça, como as do pavão.

A r a q u a m, menor do que a anhuma, e mais manso. Serve de despertador aos vaqueiros, pois canta alternativamente com a femea, ás quatro horas da madrugada.

T u y u y ú, eis um passaro bello, possante e magestoso; branco, cabeça preta, bico grosso e de uns vinte e cinco centimetros de comprido. Faz seu grande ninho em logares altos, e, para defender seus filhinhos avança contra quem quer que seja.

O nosso comarada Sabino contou-me ter perseguido um tuyuyú, estando elle a cavallo. Fatigada a ave, e vendo que não podia fugir, voltou-se contra o seu perseguidor, enfrentando cavalleiro e cavallo. O Sabino atirou-lhe então o laço, com a esperança de o levar vivo até em casa. Mas era tal a resistencia que offerecia que o homem, si quiz proseguir, não teve outro remedio sinão matal-o.

No percurso de Poconé a Caceres, caminhavamos, eu e os meus companheiros, por uma chapada, entremeiada de pastagens e arvoredos, quando, a distancia de uns duzentos metros, em meio do descampado, nos ramos de uma arvore extraordinariamente alva, vi um d'esses ninhos agigantados, e junto d'elle, um tuyuyú, de pé, desafiando soberbamente a veleidade de quem ousasse se lhe approximar.

Capitulo VII.

Passemos a outra ordem de cousas.

Ja tive a opportunidade de observar que, quanto mais me afasto do centro civilisado, mais me parece vêr e apalpar o enfraquecimento do sentimento religioso, e por conseguinte da justiça e da moral.

Não indagarei, por ora as causas d'esse phenomeno; mas contentar-me-ei de ir assignalando factos de somenos importancia, assim como a impressão pcr elles em mim causada.

Subiamos o rio Paraguay, quando passamos proximo de um bote que estava para atracar á margem esquerda, onde havia uma ou duas casas com moradores.

D'ellas sahiram tres ou quatro pessôas, em direcção ao barco recemchegado, no qual vi uns seis ou oito homens, nús!

Deante d'esse quadro emmudeci!

Nunca imaginei que n'um paiz civilizado pudesse presenciar semelhante scena.

E esse não é um caso virgem.

Tomando banho

No passeio que dei a Coxipó da Ponte, depois de nos despedirmos da amavel pessôal da Escola Agricola do Santo Antonio, seguiamos a cavallo, ao atravessarmos á ponte, vi quatro rapazes de seus dezoito ou vinte annos, descançando fora d'agua, expostos a vista de todas, sem um trapo no corpo e sem que fingissem, ao menos, que tinham vergonha. Nem se abalaram ou manifestaram pejo com a nossa presença.

E não fica só n'isso.

No porto de Cuyabá, lougradouro publico, ponto de passagem continua para a margem opposta, dá-se muito a miude o seguinte: rapazes e homens, sem o minimo traje, entram e sahem do rio, muito frescamente, como si elles forão os dominadores do mundo. E note-se que não é as horas mortas, em que não haja probabilidade de indiscretos e pouco escrupulosos espectadores. Pelo contrario, elles têm seus assistentes habituaes: são as lavadeiras meio vestidas, e meio despidas, no meio das quaes, e de dia, passam e voltam com a maior liberdade talvez do que aquelles que vivem enchafurdados no fundo dos . . .

Mas como, perguntará alguem: E o decoro publico? E a policia onde está, Vou responder, Pouco antes da minha ida a Cuyabá, deu-se um facto como o que acabo de descrever e a policia

(criminosa, muitas vezes, por sua impassibilidade deante de taes enormidades) representada, d'essa vez, por uma autoridade de bem, prendeu um d'esses partifes desabusados, encarcerando-o.

A opinião publica respirou jubilosa e desafrontada: voltava-se por fim, ao regimen abençoado da lei.

Infelizmente a historia não acabou. O imprudente aprisionado tinha por si um poderoso da terra, para quem, acima da moral, das leis do paiz e do clamor de uma sociedade inteira, estava o seu capricho voluntarioso de proteger o mencionado typo.

E a policia teve de lhe entregar o deliquente, dando, talvez, graças a Deus, do alludido regulo não ter mandado enforcar as autoridades policiaes que tão dignamente se tinham portado.

Si á prepotencia de um fuão qualquer é dado espezinhar d'essa forma a lei moral de um povo, que hão de fazer os homens de bem? Só calarem-se! O mais acertado é d'elles se recolherem ao silencio!

Cidadão saliente

Vamos a outro ponto. No Nyoac, viajava, entre outros, em segunda classe, um cidadão, pertencente ao corpo de segurança do Estado. Salientava-se pela sua urbanidade e era bem fallante.

Quando se chegava a um porto, era o primeiro que descia á terra, que se approximava dos moradores do logar, apertava-lhes a mão, puxava de uma cadeira ou de um tamborete, assentava-se, travava conversa, fallava alto, soltava gargalhadas, com a maior familiaridade; emfim, dava-me a impressão de um inspector de trafego, de um capião de porto, ou de uma alta autoridade que se acercava benevolamente de seus humildes subalternos.

Um dia, (caso unico em todas as minhas longas viagens) o homem esgueirou-se geitosamente para a primeira classe, mais do que nunca maneroso e gentil, como de egual para egual.

Querem saber quem elle era? Um cidadão manchado com o sanguo de tres assassinatos, degolando as victimas a sangue frio, a um simples aceno de seu mandante ou proctector! E hoje, pouco depois de commetidos taes crimes, sem cumprir pena, convive prazen-

teiro no meio da sociedade, incumbido pelas autoridades da defesa da honra, dos bens, e da vida dos mattogrossenses . . . Que o homem procure fazer esquecer o que fez, explica-se; mas que a sociedade, que o acolhe, tenha estomago para tanto, é o que se não pode comprehender.

* * *

No dia 6 de Março, passamos em frente da fazenda da Conceição e, pouco depois, pela bahia do Garcez. Essa bahia traz tristes recordações que um companheiro de viagem passou a relatar-me.

Corria, se me não engano, o anno de 1902, epoca em que felicitava aos mattogrossenses o benemerito e humanitario Presidente Dr. Antonio Paes de Barros. Permitta-me (accrescentou o meu interlocutor) declarar-lhe que, n'este recanto esquecido do Brasil, tivemos, no ultimo quarto do seculo, não poucos homens investidos de altas responsabilidades, patriotas e bondosos como este.

Entretanto eis que, quando menos se esperava, rompe a revolução. O que valeu aos revolucionarios é que seu chefe era o Dr. João Paes de Barros, irmão do Presidente do Estado e proprietario da fazenda e usina da Conceição, sobre a margem direita de Cuyabá, quatro horas, mais ou menos, abaixo da Capital. Com razão os revoltosos formularam esta hypothese: Na peior das emergencias „lobo não come lobo", e a voz do sangue, poupando o irmão adversario, poupará tambem aos seus partidarios.

Começada a lucta, o Presidente dirigiu-se com grandes forças para a usina da Conceição, formidavel centro da concentração revolucionaria.

Depois de encarniçados combates, a fortuna sorriu ao Presidente, o qual, cercando a usina, todos que lá estavam tiveram que se render. A maxima parte dos prisioneiros foi embarcada em lanchas, e seguio para Cuyabá.

Quasi todos, trabalhadores da fazenda e de outros centros pastoris, agricolas e industriaes, forão distribuidos entre os poderosos governistas, e caridosamente escravisados juntamente com os seus haveres.

Os mais graduados, por sua fortuna e posição social, em numero de dezeseis, tiveram ordem do governo de seguir por terra, acompanhados de uma escolta de cavallaria. Chegados á bahia do Garcez, fizeram alto. Foi então que a autoridade da confiança do Presidente, que acompanhava a escolta, ordenou aos dezeseis desgraçados que se puzessem em linha e sobre elles mandou fazer diversas descargas de fuzilaria, até que todos forão assassinados. A seguir, a mesma autoridade determinou que a todos abrissem o ventre, lançando-os,

sem demora, no meio da bahia, para que, devorados pelas piranhas, não pudessem boiar, desvendando uma das maiores monstruosidades commettidas em Matto Grosso, a qual, ainda hoje, desperta sentimentos de piedade, nos proprios inimigos politicos, toda vez, que se lhes recorda tamanho crime.

Todavia esse Presidente não deixa de ter seus admiradores. E que admiradores!

Tanto pode a caridade! . . .

Direi agora alguma cousa sobre o terceiro ponto: a religião.

Eis ahi o maior mal talvez de Matto Grosso. Falta-lhe o sal da terra e a luz do mundo: é um rebanho disperso e sem pastor.

Basta dizer, que, n'aquelle mundo, existem apenas vinte nove sacerdotes, a saber:

Em Tres Lagoas, um Vigario de nacionalidade italiana. Em Campo Grande, quasi quinhentos kilometros adeante, outro Vigario, este mexicano. D'ahi a mais quinhentos kilometros, em Corumbá, estão seis salesianos. Em São Luiz de Caceres novecentos kilometros acima de Corumbá, cinco sacerdotes Francezes, da Terceira Ordem Regular de São Francisco. Em Cuyabá, a mil kilometros de Corumbá, mais seis salesianos, quatro franciscanos e um padre secular francez, secretario do Arcebispo Dom Luiz Carlos d'Amour. [1])

Em Poconé ainda tres franciscanos. Em Santo Antonio, algumas leguas abaixo do Cuyabá, existe um Vigario antigo. Muito ao Norte de São Luiz de Caceres, ha tambem um Vigario cearense. Estes dois ultimos são os unicos sacerdotes brasileiros.

Dizer isto é dizer tudo. „A seara é immensa e os operarios são poucos".

Comtudo ha um mal incomparavelmente maior: o terreno é safaro e ingrato. E essa esterilidade é tal que constitue um mysterio indecifravel e desanimador.

Dos quatro sacerdotes seculares nada posso dizer, porquanto não tive occasião de os conhecer. Os outros pertencentes á uma ordem e á uma Congregação Religiosa, por ter privado com elles, conheço-os de perto e bem podendo affirmar que a quantidade é grandemente suprida pela qualidade. Em Corumbá os salesianos

---

[1]) - Presentemente as condições do clero em Matto Grosso estão modificadas, mas em pouco ou nada melhoradas.

Dom Carlos Luiz d'Amour falleceu, creio, em fins do anno de 1920, succedendo-lhe Dom Aquino.

A diocese de Corumbá, que em 1918 estava vaga, cerca de dois annos mais tarde, recebeu jubilosa o seu segundo Bispo, na pessôa do Exmo. Snr. Dom José Mauricio da Rocha.

Emquanto a sacerdotes, continua a mesma penuria: não ha nem brasileiros, nem estrangeiros.

mantêm um bom collegio internato e externato, e as Filhas de N. S. Auxiliadora estão nas mesmas condições. Os salesianos têm tambem a cura de almas da cidade e em outras localidades vizinhas. No Collegio, como na cura das almas, são infatigaveis, esgotando n'aquelle clima enervante, suas forças, no ensino, na administração dos sacramentos e na propagação da palavra de Deus. N'esta missão incessante e sobrehumana são elles efficazmente auxiliados pelas mencionadas Irmãs.

Corumbá conta umas doze mil almas. De vinte annos para cá essas duas congregações religiosas trabalham com afinco por transformarem aquelle campo em ameno e aromatico jardim. Mas quantas vezes sentem ainda o peso acabrunhador do desalento dizendo, como Pedro ao Divino Mestre: Praeceptor, per totam noctem laborantes nihil fecimus. „Mestre, apesar de trabalharmos toda a noite, nada conseguimos!"

Esta expressão é verdadeira, emquanto significa a aspereza e a aridez do campo a trabalhar. E, na verdade, quantas vezes, ao volverem aquelles obreiros da vinha do Senhor suas vistas para a campanha que com tantos suores e carinhos acabam de lavrar, n'ella descortinam com espanto, não flores e fructos, mas cardos e espinhos!

* * *

Cuyabá, a cidade mais populosa do Estado, conta approximadamente vinte mil habitantes. Ahi trabalham quatro congregações religiosas, isto é: seis salesianos, quatro franciscanos, seis Irmãs salesianas (alem de outros tantos residentes em Coxipó) e sete religiosas francezas da Congregação de Maria Immaculada. Os salesianos estão ahi ha cerca de vinte e cinco annos, os franciscanos ha quatorze ou quinze. E todos esses religiosos esforçam-se muito pela gloria de Deus e bem das almas.

Os salesianos têm aos seus cuidados a administração da Parochia de São Gonçalo e Coxipó da Ponte.

Mais ainda: o Gymnasio Cuyabano, internato e externato, mantem um oratorio festivo, de sorte que estão em continua actividade e o tempo não lhes chega para tão complexos e successivos trabalhos.

Os franciscanos, alem da Freguesia da Cathedral, que abrange a parte principal da cidade, têm varias freguezias que, pelo lado norte, vão quasi até o fim do mundo.

Cada uma d'estas congregações tem, mais, suas instituições proprias, em que consomem grande parte do tempo, como sejão: Filhas de Maria, Devoção do Sagrado Coração, Conferencia de São Vicente de Paulo, Sociedade de Dom Bosco, Liga Social Catholica e Ordem Terceira de São Francisco.

Diga-se pois: poderia haver cousa melhor para cidade tão pequena? Acrescentarei ainda que todos esses religiosos são, não só zelosos e activos, até ao sacrificio, mas têm outrosim uma vida illibada, a toda prova. Pois, apesar de tudo isso, ouso affirmar que, em qualquer outro logar, um unico sacerdote, em vinte cinco annos de vida laboriosa e exemplar, teria transformado, desde seus fundamentos, a cidade inteira.

É certo que esse grupo heroico de obreiros evangelicos conseguio bastante; mas, que é tudo isso, comparado com o que resta fazer?

Religiosamente fallando, pois, o terreno é pedregoso e falta-lhe aquelle humus vivificante que faz com que a semente nasça de prompto, lance raizes profundas e se torne arvore frondosa, produzindo fructos em abundancia. Penso entretanto não haver motivo para desfallecimentos. Passará o tempo da provação e virá o dia em que o Pae da misericordia, vencido pela perseverança de seus ministros, transformará a indifferença geral em sentimentos de piedade, de fé e fervor.

Antes de levantar a penna, mais uma observação, sobre o mesmo assumpto.

Um dos esforços mais pronunciados da impiedade sectaria consiste n'isto: corromper a infancia. Muitos paes, inconscientes por certo, favorecem tão sinistros designios.

Vejamos o que se dá em Matto Grosso. Os paes, em geral, que residem longe da Capital, de Corumbá ou Caceres, para lá mandam seus filhos e filhas, com o fim de lhes darem um preparo intellectual mais accurado.

O lado moral não lhes dá cuidados. E faz pena! Atiram para longe dos encantos e doçuras do lar essas almas inexperientes e boas, collocando-as em casas de parentes ou simples conhecidos, em que, rodeadas de mil perigos, fatalmente se hão de perder!

Sabem comtudo que n'essas tres cidades ha internatos religiosos, para meninos e meninas, em que se cuida não só do preparo intellectual, mas tambem da formação do coração da mocidade.

Espectaculo entristecedor! Ao passo que esses institutos catholicos se conservam quasi vazios, vagueam, pode-se dizer, tantas crianças por esse mundo agitado e tempestuoso, desacompanhadas de quem as possa amparar, nas continuas ciladas e perigos!

Como n'isso é differente o Matto Grosso do resto do Brasil, aonde os internatos catholicos, de ambos os sexos, enchem-se á cunha pela simples razão que o amor paterno e materno visa, acima de tudo, o bem de seus filhos.

Dom Carlos.

Quem falla nas actuaes condições religiosas de Matto Grosso, tem forçosamente de fazer reberencias ao Exmo. Sr. Arcebispo de Cuyabá. É o que, em ligeiros traços, vou fazer.

Dom Carlos Luiz d'Amour é maranhense, tendo nascido, na cidade de São Luiz, a 11 de Junho de 1837. „Ainda muito jovem, diz um seu abalisado biographo, entrou para o seminario de sua diocese natal, onde, pela lucidez de seu espirito, pela sua piedade e por suas qualidades de coração, conseguio conquistar um amigo intimo e dedicado, na pessôa do Bispo diocesano, o Exmo. Snr. Dom Manoel Joaquim da Silveira de saudosissima memorta, que o estimava com particular affecto. O mesmo Prelado ordenou-o sacerdote, a 8 de Dezembro de 1860, nomeando-o, pouco mais tarde, conego da Sé do Maranhão, „cargo que elle soube honrar pelo seu zelo e inexcedivel dedicação".

Transferido Dom Manoel para a sede metropolitana da Bahia, acompanhou-o o conego d'Amour, dedicando-se ahi, com todo o zelo ao magisterio, no Seminario, e a outros multiplos deveres inherentes ao seu cargo.

Em Junho de 1871, a Coroa distinguiu-o com a commenda da ordem de Christo, e a Santa Sé nomeou-o Prelado Domestico.

Em 1874, falleceu Dom Manoel Joaquim da Silveira, e, „o Cabido em sua unanimidade não hesitou sobre quem devia ser o eleito para o desempenho de um logar que tanto tinha de honroso, como de difficil, sobretudo n'uma epoca em que a perseguição religiosa bramia furiosa n'esta terra de Santa Cruz, onde dois Prelados soffriam no carcère pelo firmeza do seu non possumus, ante o regalismo sectario que então opprimia a consciencia nacional". Continua o mesmo biographo: „E o Cabido não se enganou na sua escolha. O governador da Archidiocese fez uma administração que honrou o respeito que inspirava o seu nome, e o passado de uma archidiocese sobre cujo solio tinham sentado tantos homens illustres pelo saber e pelas virtudes.

Zelo, firmeza, prudencia e caridade, eis a synthese do seu governo, como Vigario Capitular".

A 28 de Dezembro de 1876, foi por Dom Pedro II apresentado para Bispo de Cuyabá; e 21 de Setembro de 1877, a escolha foi confirmada pela Santa Sé, sendo sagrado na Bahia, a 28 de Abril de 1878, chegando a Cuyabá, a 2 de Maio de 1879. D'estes brevissimos dados pode o leitor formar uma idea nitida do que, mais tarde, Dom Carlos havia de fazer como Principe da Egreja mattogrossense. Este meu

trabalho em suas despretenciosas narrativas terá o merito de despertar no publico brasileiro algum interesse, em beneficio d'aquellas regiões desprezadas pelos governos que se têm succedido, procurando melhorar as condições religiosas, economicas e sociaes que muito deixam a desejar.

E si hoje se pode fallar assim, que não seria quarenta annos atraz?

Quando Dom Carlos Luiz d'Amour tomou posse de sua longinqua e extensissima diocese, encontrou-a nas condições mais deploraveis.

O clero, salvo rarissimas excepções, desviara-se de sua missão. Sacerdotes e mesmo seminaristas, viviam em publica mancebia. E como remediar tão grande calamidade?

Convenha-se que a posição do novo Prelado, animado do espirito de Deus e dos mais vivos desejos da santificação das almas, não poderia ser nem mais delicada, nem mais angustiosa.

Soaram-lhe então ao ouvido as palavras do propheta: Ecce constitui te hodie super gentes et super regna ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipes, et aedifices, et plantes. „Eis ahi te constitui eu hoje, sobre as gentes e sobre os reinos, para arrancares e destuires e dissipares e para edificares e plantares. (Jeremias 1—10).

E Dom Carlos atinou de relance com o que lhe cumpria fazer: estudou o campo de acção, e, consultando com attenção a voz de sua consciencia encetou a lucta formidavel, lançando mão das duas armas, tão dignas de um principe da Igreja: a firmeza e a caridade. Luctou por muitos annos, soffreu muito na lucta e venceu.

Mas que sacrificios e que desolação! Terminada a refrega, olhou em derredor de si: estava só! Comtudo uma voz secreta reanimou de subito seu espirito abatido dizendo-lhe: cumpriste teu dever!

E assim como elle soube ser valoroso no combate, foi solicito e extremoso em plantar e reconstruir. Não se contentou com apartar a pedra do escandalo, esforçou-se por obter dignos cooperadores para o prompto reerguimento religioso e moral de sua querida diocese. Vieram, primeiro, os lazaristas, cuja obra fecunda teve infelizmente curta duração. Dom Carlos não desacoroçoou, e, nos filhos de Dom Bosco, de São Francisco de Assis e em outras congregações religiosas, encontrou essa pleiade de almas heroicas que se não arreceiam em deixar para sempre as plagas saudosas da Europa, segregando-se do resto da humanidade, e expondo-se ás asperezas de um clima equatorial, para despertar e avivar no coração do sertanejo a esperança fagueira de uma patria de alem.

Esses novos apostolos das plagas americanas, guiados pela fé, principiaram resolutos sua nobilissima missão.

É que o digno Prelado mattogrossense ia á frente, dando-lhe o exemplo. E na verdade, causa-nos assombro o heroismo d'esse Bispo brasileiro, mantendo-se inquebrantavel no seu posto de honra, curtindo amarguras e privações, no seu eterno isolamento, não ambicionando transferencias merecidas, pois seu coração de pae não se sentiria capaz de deixar seus queridos diocesanos.

Uma virtude que, sem duvida, collocara a Dom Carlos no numero dos mais conspicuos Principes da Egreja, é sua firmeza inabalavel em defender, sempre, os bons principios das autoridades, da fé e da moral. Para isso não vacilla em se expor as mais injustas criticas, ao tão temido perigo dé perder a popularidade. E não é so isto. Si um dos seus cooperadores tem que tomar uma medida acertada, mas antipathica, autoriza a declarar que esta é a ventade e a ordem do Bispo diocesano. Digo a verdade; essa peregrina virtude, tão difficil, na epoca presente, enche-me de profunda admiração.

Outro illustre escriptor, referindo-se a vida do digno Arcebispo de Cuyabá, escrevia, ha pouco, nas columnas da „Cruz", estas palavras textuaes: „Atravez de uma vida austera e impoluta, dedicada inteiramente aos labores apostolicos de sua sublime missão, o illustrado Pastor conseguiu crear, em torno de seu nome, uma athmosphera de respeito e sympathia, que é como que uma aureola que o reveste aos olhos de seus diocesanos.

De seu zelo e dedicação no desempenho das suas arduas attribuições, dizem melhor do que nós, o grande numero de egrejas que a sua iniciativa, e mesmo os seus auxilios pecuniarios têm erguido e reconstruido na vastissima Archidiocese, sob sua jurisdição espiritual; as suas „pastoraes", cheias de bom senso, ideas elevadas e sublimes licções de moral christã; o seu infatigavel esforço na manutenção do „asylo de Santa Rita"; enfim, mais do que tudo, o bello exemplo da sua vida austera, pia e recolhida, toda votada aos misteres da sua grandiosa missão religiosa e social". Estas palavras de inestimavel valor, pois forão traçadas, creio, pela penna autorizada de Dom Aquino, dão-nos, em resumo, a vida cheia de merecimentos de Dom Carlos Luiz d'Amour.

Com effeito, si Sa. Ex. Revm, em quarenta longos annos de Episcopado, outros meritos não tivera, sinão este: manter-se puro no meio de tanta corrupção, era bastante para que a presente geração e as vindouras o acclamem um benemerito reformador de seu rebanho, porquanto ninguem melhor do que elle pode dizer com o divino Mestre: Exemplum dedi vobis.

N'esta minha viagem, tive a felicidade de conhecer de perto a Dom Carlos, e averiguei, com pasmo, que esse venerando decano do Episcopado brasileiro, apesar de seus oitenta e um annos, se acha n'estas invejaveis condições: Agora mais bem disposto do que dez ou vinte annos atraz; com a mesma firmeza e energia de caracter; com a mesma alma grande para com seus desaffectos; e com tal lucidez de espirito, que melhor não podia ser, quando Roma tão acertadamente o escolhera para reger a Egreja de Matto Grosso.

E é a um homem d'esta estatura moral que se quer amesquinhar apresentando-o como um inutil, de cerebro amolecido, sugestionado por outrem, incapaz de governar! . . .

É difficil haver injustiça que mais do que esta clame aos céos!

Para terminar, accrescentarei que Dom Carlos, desde 1890, é Conde romano e Assistente do Solio Pontifice; em 1892 recebeu a honrosa distincção de membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil. Em 1901 foi condecorado com a Cruz de Benemerencia do Anno Santo. Finalmente em 5 de Abril de 1910 foi elevado á dignidade de Arcebispo Metropolitano da nova Archidiocese de Cuyabá.

E ahi tem os leitores não uma noticia completa, mas um esboço ligeiro da vida de uma personalidade escondida, mas que deve ser conhecida.

Capitulo VIII.

Antes de proseguir, vem a proposito uma ligeira observação. Ao conceber a primeira idéa de escrever este livro, vi logo, que o mesmo devia consistir só n'isso: em minhas impressões.

Ora, as impressões que se recebem de uma pessôa, de um logar, ou de um paiz, podem ser bôas ou ruins. De quaes d'ellas deveria eu occupar-me? Das que me agradaram ou das que me causaram desprazer? Naturalmente de todas. E considerar-me-ia infiel ao meu programma de observador, se assim não procedesse. Reconheço que para mim seria mais commodo exaltar o que por lá vi de grandioso, bello e attrahente, deixando o mais cuidadosamente no silencio.

Seria mais commodo, mas menos digno e portanto contrario ao meu plano que é de ser util ao Matto Grosso, o qual mais do que nenhuma outra terra, deixou em mim as mais fortes e indeleveis impressões.

É bem conhecido o brocardo popular: „quem me avisa amigo é" e a experiencia confirma esta verdade, a cada momento. Quem,

por exemplo, na administração de um paiz, é merecedor do reconhecimento da nação? Será essa chusma de vivedores, incensando incondicionalmente a quem desgoverna a nação e desbarata a fazenda publica? ou serão aquelles que, embora cahindo no desagrado dos potentados, não se cançam de dizer a verdade, para salvar a nação do descalabro?

Estou inteiramente convencido que o elogio, raras vezes, produz beneficios; pelo contrario, a verdade, embora, no momento, amargue um pouco, faz sempre algum bem. É todavia de justiça assignalar que, em Matto Grosso, ha cousas admiraveis, que só elle possue; o que elle tem de ruim, proveniente das miserias bumanas, tem-no, mais ou menos, o resto da humanidade.

E, sem irmos mais longe, qual o crime ou acto de banditismo, praticado n'aquellas terras, que não possa ter sido perpetrado n'esta mesma Capital?

Si, pois, certos factos occorridos n'aquelle Estado, muito me impressionaram, não é propriamente por constituirem novidade; deve-se antes attribuir isso ás circumstancias especiaes da minha viagem. Nos centros populosos, como o Rio, os grandes acontecimentos passam com a rapidez do relampago: a vida ahi, é tão agitada que nos não deixa o tempo de reflectir.

Mas, em Matto Grosso, atravessando-se aquellas solidões infinitas, em pleno dominio de silencio, as magnificencias da obra da creação empolgam, a cada passo, o espirito do viandante, transportando-o para as limpidas e sublimes regiões do bello, onde não chega nem a dôr, nem o espirito do mal. E, quem paira em taes alturas, sente natural repulsa pelas minimas cousas que comsigo trazem resaibos das miserias humanas.

O Matto Grosso offerece-nos, pois, por toda a parte, contrastes impressionantes. As bellezas extraordinarias d'essas paragens priviligiadas e opulentas contribuem para darem maior realce ás maselas do mundo moral que effectivamente formam o reverso da medalha.

Feita esta digressão explicativa, entremos de novo em minhas impressões, narrando, em primeiro logar, um facto de pouca importancia no qual fui uma das partes interessadas.

Alguns mezes antes de minha viagem, o redactor da „Cruz" de Cuyabá encommendara-me alguns clichés para um numero extraordinario d'esse hebdomadario. Sem demora cumpri as ordens e os clichés forão remettidos, muito a tempo; mas ao seu destino é que não chegaram.

Certo dia, um amigo d'aquella redacção, de passagem por Corumbá, foi á Agencia Pestana, onde, por acaso, deparou com o

caixote dos clichés. Que fez elle? Embora desprovido de documentos, pagou a armazenagem, vintem por vintem, e levou ao seu dono.

Aqui, por occasião da remessa, recommendei ao gravador que despachasse a encommenda no seguro. Cumpriu minhas ordens, mas encontrou a maior relutancia, na propria Agencia. Mais tarde, soube com espanto que a Agencia de Corumbá era filial da do Rio de Janeiro.

E esta?

Indaguei qual o motivo da retenção da mercadoria, cujo frete estava pago, até Cuyabá. Responderam-me ser praxe da terra deterem, quanto possivel, begagem, encommendas e carga com o fim h o n e s t o de uma armazenagem remuneradora . . .

Alfandega de Corumbá

Em segundo logar, fiz outra pergunta, sobre o caso gravissimo de entregarem, os da Agencia, as encommendas ao primeiro que se lhes apresenta sem c o n h e c i m e n t o. Acharam graça e disseram-me que isso, por lá é até considerado uma benemerencia! Imaginem com que cara fiquei!

Dois annos antes, seguira do Rio, para estabelecer-se em Cuyabá, o Dr. Genofre com sua senhora, Da. Odette. Esta, passado algum tempo, resolveu mandar vir do Rio sua cadeira de dentista, para se dedicar á sua profissão. E, pela remessa, teve que pagar cento e quinze mil reis . . . Esse frete, já se sabe, foi pago á bocca do cofre, e é naturalmente por isso que a cadeira, para chegar a seu destino, levou nove mezes. E para remate, si D. Odette quiz receber o que lhe pertencia teve que m a r c h a r com quarenta mil reis.

*   *
*

Os Salesianos de Corumbá mandaram vir da Europa uma estatua com o fim de a collocar no alto da torre da nova Matriz de S. Gonçalo. O pessôal esperto e d e v o t o entreviu um boccado apetitoso.

Mas o plano falhou. Só dez annos mais tarde, a imagem foi parar ás mãos de seus destinatarios; e, agora, ergue-se magestosa, sobre o pedestal que havia tanto tempo lhe fora preparado.

* * *

Faz já algums annos o governo federal mandou a Matto Grosso os instrumentos necessarios para um observatorio astronomico.

Eis entretanto o que se deu: Os solicitos patriotas prenderam em Corumbá a instrumentação, até o momento solemne de pôrem tudo em leilão, para pagamento da armazenagem . . .

Ultimamente um fiscal do Observatorio do Rio de Janeiro, foi a S. Luiz de Caceres em cujo observatorio falta, pode-se dizer, tudo. Ao retirar-se prometteu que mandaria todos os instrumentos, mas, ao mesmo tempo ,comprometteu-se, a mandar um homem de sua confiança acompanhal-os ate seu ulitmo destino. Já ouviram? O governo a se precaver contra os homens d'elle mesmo governo!

Como tudo isso é edificante! [1])

* * *

Os mattogrossenses costumam dividir o Estado em duas partes: norte e sul. O sul abrange todo esse mundo atravessado pela linha: „Itapura-Corumbá", e banhado, em suas extremas, oriental e occidental, pelos dois rios gigantes: Paraná e Paraguay. Cuyabá é considerada pertencente ao norte do Estado, embora isto não seja conforme a verdade. Com effeito, com um rápido olhar ao mappa de Matto-Grosso, verifica-se que sua Capital se acha, não ao norte, mas no centro do mesmo Estado.

E isso vem a proposito de uma breve conversa a que assisti, em Corumbá, a 26 de Fevereiro. Achava-me palestrando com um terceiro, n'um logradouro publico, quando a um official do exercito ouvi a seguinte phrase „O norte é muito peior que o sul, pois por lá existe a escravidão". Estas palavras, pela sua naturalidade e pela nenhuma reserva com que foram proferidas, denotavam um facto verdadeiro e inesperado, em que instinctivamente fixei minha

---

[1]) - Pouco depois do meu regresso ao Rio de Janeiro, tive a incumbencia de uma compra de fazendas no valor de um conto e quinhentos mil reis para um amigo de Matto Grosso. Conhecedor do terreno, recommendei á Casa Commercial todos os cuidados na expedição.

Entretanto, apesar de todas as providencias, o meu amigo considerou-se feliz, quando, seis mezes ápoz a expedição da encommenda, teve o ensejo de entoar um Tedeum em acção de graças por encontrar o que já estava perdido . . .

atenção, no firme proposito de apurar a verdade. Quando, mais adeante, começei a sondar o terreno, sobre o que havia, senti que pisava em falso, e alguem, a quem externei o que se passava, assegurou-me que não conseguiria o intento, por todos recearem de dizer certas cousas, embora por lá commummente conhecida.

Nem por isso me dei por vencido, certo de que tudo conseguiria. E fui tão feliz que os melhores e os mais insuspeitos informantes tudo me contaram e com a maior liberdade.

Em resumo, direi que o alludido official foi verdadeiro na enunciação do seu conceito, sobre a existencia da escravidão, posto que disfarçada.

Narrarei factos fidedignos, irrefutaveis, para o publico ajuizar.

D'esses factos chega-se facilmente á conclusão que o culpado não é o povo mattogrossense, porquanto este é a eterna victima, victima de meia duzia de carrascos arbitrarios e prepotentes, sustentados e defendidos por uma politicagem sem alma que infelizmente, ora mais, ora menos, tem encontrado protecção incondicional no proprio governo federal.

Entrando no assumpto, vamos, por ordem, narrar o que se dá com as crianças.

Não ha muitos annos, a „Cruz" de Cuyabá, tão querida do publico, pela intrepidez com que defende a justiça e profliga seus transgressores, ergueu sua voz, em defesa das victimas desprotegidas e inermes, com estas palavras dignas de ponderação „De tempos em tempos, a pretexto de se ampararem crinanças desvalidas, apparece, nesta Capital e seus arredores, uma verdadeira e immoral caçada de menores pobres, filhos de humildes operarios que, com sacrificio mas honestamente, mourejam pela educação da prole.

Assim, contra todos os principios da razão e da moral publica, dão-se, aqui, periodicamente, grosseiros attentados contra o patrio poder, arrancando-se do lar domestico, e, até mesmo de collegios, filhos de artistas para serviço de criadagem, em casa de potentados.

A tutela, que, segundo autores reinicolas e patrios, só se dá aos de menor idade, que se acham privados de seus protectores naturaes, vae-se transformando, entre nós, em uma verdadeira escravidão disfarçada, pois, aos interessados sob qualquer pretexto, ou mesmo sem elle, basta-lhes apresentar uma denuncia mentirosa ao escrivão do districto, dizendo, por exemplo que fulano (ou fulana) é pauperrimo e tem tantos filhos que cria com difficuldade . . . e zás uma informação ao juiz de orphãos, e, logo em seguida, um termo de tutela, que varia de preço, conforme o felizardo tutor, pois si elle é algum chefe politico, tem-no até de graça".

Os periodos supra são tão claros que dispensam commentarios, Os encarregados pela sociedade de proteger os fracos e perseguidos, sofismando a lei, roubam-lhes a liberdade, entregando-os a outrem . . .

Si uns, por amor ás apparencias, preferem este processo complicado, outros, desdenhando de dominante seguem caminho mais curto, apoderando-se de surpresa da victima almejada.

Quando em logar de meninos, trata-se de meninas, não raras vezes, tudo muda de aspecto, porque o movel é outro: visa-se a degradação de um creatura innocente. A Directoria de um instituto feminino contou-me que, por varias vezes, tentou-se, ora manhosa, ora violentamente, arrancar-lhe das mãos alguma menina, de cuja educação e conservação acceitara toda a responsabilidade.

Uma vez, o caso foi mais grave e perigoso, por isso que o proprio chefe de policia, instrumento de um potentado sem entranhas, a procurou, repetidas vezes, exigindo que lhe entregasse uma asylada, e declarando que isto fazia autorizado pela propria mãe da menina.

A Directoria passou momentos de angustias, mas era mais facil que lhe tirassem a vida a permittir que lhe arrancassem dos braços uma de suas queridas meninas. Vendo, entretanto, que a violencia não cessava, e receiosa de um futuro desconhecido, declarou que faria entrega da pupilla, mas sob certas condições.

Para o dia aprazado, chamou a mãe da menina e o juiz de orphãos e, na presença do chefe de policia, entregou a asylada ao juiz, responsabilisando-o por tudo que pudesse acontecer. Mas essa intimação era desnecessaria, que o juiz, homem recto e caracter impoluto, era capaz de tudo, se áquella creança fizessem a minima violencia.

A publicidade do acto e a superioridade moral do juiz puzeram a menina a salvo de qualquer perigo.

* *
*

O Senhor X. foi, certa occasião, avisado de que um potentado da terra pretendia, quando partisse para o Rio, apossar-se de duas galantes meninas. Assoalhava-se, a bocca pequena, que o fito do maráu era n o b i l i s s i m o, destinando-as aos . . . D'ahi nutrir a esperança de um bom negocio.

As crianças, sobre quem essa harpia de nova especie fitava seus olhares homicidas, eram duas lindas meninas, uma de oito e outra de onze annos. Ellas só tinham por si uma mãe extremosa, viuva e indefesa.

O Senhor X. não pôde dormir, e no dia seguinte, ao em que lhe fora feita a ignominiosa revelação, um jornal de Cuyabá desmascarava a projectada miseria.

Tinham passado alguns dias, e já ninguem pensava no caso.

Era alta noite, e o senhor X., que deitava cedo e muito fatigado, toscanejou, sonhou cousas tristes e lugubres e nesse mal estar, ouviu que alguem, em voz convulsa, o chamava repetidamente.

Estremeceu, sacudiu a cabeça, para desfazer o que elle julgava um sonho; abriu os olhos: estava acordado. A fria realidade dos factos, era peior do que o supposto pesadelo. Abrio a janella. Quem lhe fallava, consternada e offegante, era a mãe infeliz que lançava mão dos meios extremos, na terrivel incerteza de ainda poder salvar aquelles dois entes queridos, a quem dera o ser. Contou ao seu ouvinte estupefacto que as altas autoridades puzeram ás ordens do alludido pachá, a policia para apoderar-se das pobres meninas, onde quer que estivessem, entregando-as ao mesmo, que embarcaria no dia seguinte.

Onde estão ellas, perguntou anceado o seu interlocutor.

Antes de aqui vir, embrenhei-as n'um mattagal — foi a resposta.

O senhor X. respirou, e, após brevissima pausa, fitou-a fazendo-lhe esta pergunta.

Confia na minha palavra?

Ella, que lhe conhecia a firmeza e nobresa de caracter, respondeu-lhe commovida: confio firmemente.

Pois bem, tornou o mesmo, volte para junto de suas filhas e fique certa que nada lhes acontecerá!

No dia seguinte, o paquete devia levantar ferro, ao meio dia. Pelas dez horas, tres cavalleiros encontraram-se casualmente, a bordo. Cumprimentaram-se um ao outro, saudando amigavelmente aos que iam e vinham, entretendo com os mesmos breves palestras. Os tres eram o senhor X. e mais duas almas grandes, todos dispostos a libertarem a presa, custasse o que custasse. Dispunham de elementos que lhes asseguravam o exito da empresa.

Com disfarce e prudencia, todos os cantos e esconderijos possiveis foram desvendados: as meninas não estavam a bordo. Admittiram então a hypothese que as tivessem levado por terra, com o fim de as embarcar mais adeante. Resolveu-se então que um dos tres seguisse, até Corumbá, para tranquillidade de consciencia. E para lá seguiu sem que nada observasse de anormal.

As meninas, que estiveram á beira do abysmo, ouviram com tranporte de jubilo o signal de partida do paquete, confundindo com as de sua mãe as lagrimas de commoção e reconhecimento para com os seus nobres e generosos libertadores!

* * *

Quando no anno de 1888, lá n'aquelle saudoso e aprazivel reconcavo, que é o Collegio do Caraça, seguia o curso de historia universal, impressionou-me o que meu erudito professor Arcadio Dorme disse-nos, na aula, a saber: na antiguidade a mulher era escrava do homem; veio Jesus Christo, rehabilitou-a e com seus sublimes ensinamentos fel-a não só a companheira, a amiga, a irmã e confidente de seu esposo, mas sublimando-lhe os singulares predicados do coração, converteu-a no genio tutelar, no anjo bemfazejo que, com a meiguice de suas palavras, mantem a harmonia e a paz entre aquelles que pela Divina Providencia lhe forão confiados.

Em minha viagem, muitas vezes, lembrou-me esta grande e

Libertados!

profunda verdade: ai da mulher, quando a sociedade, em que vive, se afasta dos caminhos do Senhor!

* * *

Um dia, mostrou-me alguem uma photographia, representando um grupo numeroso de meninas, tirado, creio por occasião de sua primeira communhão. Com manifestos signaes de tristeza, apontou-me uma d'ellas, interessante e graciosa, dizendo-me, que, ja mocinha, sua propria mãe a entregara a um negociante em pagamento de uma pequena divida!

Confesso-o: tive um fremito de indignação e horror.

* * *

Por occasião da malfadada intervenção, de que adeante fallarei, causou grande escandalo terem sido encontradas e postas em liberdade oito moças escravizadas pela prepotencia de um fazendeiro.

* * *

Ha poucos annos, grassou, em Cuyabá, a variola, ceifando, durante quatro mezes, grande numero de vidas. A Santa Casa appelou para a cooperação das Irmãs da Immaculada Conceição.

Estas, como era natural, forão, jubilosas, ao encontro do perigo, em beneficio e consolo de tantas victimas da horrivel epidemia.

Muito concorreram com seu heroismo e dedicação para despertar, n'aquelles infelizes, os sentimentos de fé, ja amortecida, fazendo com que, nos estertores da morte, o anjo da esperança lhes viesse abrandar os padecimentos com a antevisão certa de uma vida melhor.

Das mulheres, nem uma só se negou a receber os ultimos sacramentos, procurando as culpadas reparar os desvarios commettidos pelas proprias fraquezas e, mais ainda, arrastadas e conservadas violentamente no máo caminho pelo homem egoista e brutal. Muitas não so perdoavam a quem fora a causa de sua desgraça, mas morriam, preferindo a morte, a cahirem de novo nas mesmas torpezas, ou nos mesmos perigos de que mui difficilmente poderiam fugir.

A breve narrativa d'estes factos é uma prova flagrante da escravidão exercida tyranicamente sobre creaturas cuja fraqueza devera despertar sentimentos mais humanos, si, nos algozes, ainda houvesse entranhas de compaixão.

Não duvido que quem me acompanhar, em lendo estas linhas, possa considerar-me um phantasiador ou maniaco, descobrindo, por toda parte, casos de escravidão. Tenham paciencia; não pretendo haver esgotado o assumpto.

Capitulo IX.

Em Matto Grosso, ha quatro fontes de renda (fallo das principaes), a saber: o gado, a canna, a borracha, e a poaia.

N'estes quatro ramos da actividade humana, trabalham os melhores braços disponiveis da população.

Da criação do gado, em grande escala, que occupa particularmente as immensas pastagens do sul, direi tão sómente ser muito resumido o pessôal n'elle occupado, pois a divina Providencia tomou

aos seus cuidados a natural manutenção e procreação d'esses irracionaes, profusamente esparsos por aquelle immenso seio de Abraham.

Já fiz, aliás, breves e sufficientes referencias a este ponto.

Para começar, fallarei, pois, da extracção da borracha, que muitos talvez julguem pertencer exclusivamente aos dois grandes Estados do Norte: Pará e Amazonas.

* * *

Os seringaes começam nas duas margens do rio Preto, antes de chegar a Diamantina, cerca de duzentos kilometros ao norte de Cuyabá. São extensissimas mattas virgens de arvores inteiramente differentes das que existem em Cuyabá, entremeadas de muitas seringueiras. O solo, nos campos, é alvacento, nas mattas, amarellado. Geralmente não se encontram n'aquellas regiões nem pedras, nem morros. O terreno dos seringaes não se presta de ordinario, para plantações, nem tão pouco para pastagens.

A seringueira propriamente dita é a que dá a borracha superior, e produz uma fructa que só os animaes comem.

Da mangabeira extrahe-se uma borracha inferior. Sua fructa, mangaba, quando bem madura é muito gostosa.

O meu informante, que, durante muitos annos, trabalhou nos seringaes, disse-me que o cautchú é uma arvore differente, cuja borracha corresponde á da seringueira e que, juntamente com esta, se encontra nas bacias dos rios Divisão e Arinos, até a barra do rio Branco. Os seringaes abrangem toda a immensa extensão norte do Matto Grosso e toda a parte sul do Amazonas.

O tronco das seringueiras pode ter de um a cinco metros de circumferencia, não é madeira de lei, e corresponde, mais ou menos, ao pinho.

Cada seringueiro toma conta de uma area chamada „Estrada" na qual pode haver de trezentas até seiscentas seringueiras.

A safra dura do meiado de Março ao de Agosto, segundo o tempo. Durante as chuvas, sempre ou quasi sempre, suspendem os trabalhos.

Para extrahir a borracha, faz-se, em toda a volta do tronco, um corte alto, na parte posterior, o qual vem baixando para a frente. N'este corte, ou incisão, collocam um sarrafo flexivel, feito de palmeira rachada, ou de outra madeira, a semelhança de um lenço, dobrado cuidadosamente em volta do pescoço, cahindo sobre o peito. Immediatamente acima d'esse circulo fazem-se pequenos furos, na distancia de um palmo, um do outro. D'esses furos cahe o leite o qual, acompanhando o circulo, que serve de anteparo, até sua parte inferior, cahe em uma caneca, adrede preparada.

Esse liquido parece-se com o leite grosso, e tem o mesmo cheiro. Depois de extrahido, põe-se n'uma especie de cocho, que serve de prensa. Passadas vinte e quatro horas, o leite fica coagulado, sobrepujando bastante as bordas da mesmas prensa.

Lança-se-lhe então, em cima, agua fervente, e aperta-se a prensa com toros pesados de madeira.

Feito isto, sahe uma barra de borracha, correspondente, mais ou menos, a 75% do leite ahi collocado.

Do acima exposto, poderá o leitor ter ja uma noção da vida dos seringaes. Todos elles ficam a enormes distancias de quaesquer povoados, por isso, um simples trabalhador nada poderia fazer.

São os capitalistas chamados patrões, que, n'aquellas regiões selvagens, mantem uma actividade industrial que recorda a audacia e temeridade dos aventureiros dos tempos coloniaes. Tal é o poder do ouro!

Esses patrões residem em cidades ou villas, e, á frente de seus seringaes, cada qual tem um gerente. O seringueiro, é o trabalhador que extrahe a borracha por sua conta, e vende-a ao patrão. Por tanto quanto mais extrahir, maiores serão seus proventos.

Consideremos, agora, na pratica, a engrenagem d'este serviço. Supponhamos: um patrão de Cuyabá contracta um camarada, na mesma cidade.

Passados os mezes da chuva, este se encaminha para o seringal. Para isto, necessita de duzentos, trezentos ou mais mil reis, adeantados, sacando-os sobre os serviços a prestar. O patrão tudo facilita, que só tem a ganhar.

Desde que o camarada contractou os seus serviços com um patrão qualquer, este engendra o plano de o transformar de empregado em escravo. E para isso é so fazer com que o inexperiente trabalhador contraia com elle uma divida avultada. Alcançado isto, o capitalista emprega todos os meios licitos e illicitos para que essa divida nunca mais desappareça.

Depois de muitos dias de viagem, o contractado chega, emfim, ao seringal do seu senhor o qual tem ahi, as vezes, trinta, quarenta ou mais homens, nas mesmas condições. No seringal o camarada encontra dois grandes amigos: o barração e o gerente da empresa.

O barracão é uma casa de negocio, pertencente ao patrão do seringal. Só n'ella é que os camaradas podem fazer suas compras de roupa, mantimentos etc.

O gerente que, com o barracão, constitue uma unica e mesma entidade, mata de uma cajadada dois coelhos.: Fazendo bons negocios para si e seu patrão, e acorrentando indefinidamente o camarada, para continuação e progresso da empresa.

Nas compras, a fazer no barracão, o camarada gosa do singular privilegio de ser roubado; em compensação, não lhe assiste o direito de verificar a exactidão do peso e medida . . . Supponhamos que o mesmo compra cinco kilos de feijão e recebe só tres; compra uma calça ordinaria que, em Cuyabá, onde tudo é carissimo, custa cinco ou seis mil reis, e por ella lhe notam, na caderneta, vinte mil reis. Pois o pobre diabo tem que se calar, e si tiver a audacia de protestar, corrigem-no maciamente, quando o não mettem no tronco.

Esses infelizes perdem, parece, até a noção da propria dignidade; não fallam, não protestam, e, passadas as chuvas, voltam ao trabalho! Como se explica tudo isto? Pelo medo das consequencias!

No sertão, isto é, nos proprios seringaes, ou em logares proximos, as familias dos trabalhadores poderiam se estabelecer, mas preferem geralmente ficar em Cuyabá, ou em otros logares onde moram.

O seringueiro, no primeiro anno, ainda bisonho no officio, não consegue vantagens compensadoras.

Ao começarem as chuvas, pede mais algum dinheiro, para si e sua familia, e volta para junto dos seus. Quando, pela segunda vez, toma o caminho dos seringaes, costuma elle levar sobre seus frageis hombros uma divida de dois contos e tanto!

Favor esse que deve á solicitude e magnanimidade de seus insignes bemfeitores!

No segundo anno, o trabalho, guiado pela experiencia, produz-lhe uma renda consideravel e immensamente superior á do anno precedente.

Mas de que lhe valerão taes melhorias, si, por onde quer que se queira mover, mil peias lhe tolhem os movimentos?

O gerente tem, com effeito, muitos meios apropriados, para praticar a caridade, em causa propria, embora isto custe lagrimas de sangue ao pobre pae de familia que se lhe deixou cahir nas garras.

Outro caso muito commum: O seringueiro vende ao gerente cem kilos de borracha, bem pesada. Mas este, adversario declarado do setimo mandamento, marca só setenta kilos, allegando que, si esta mercadoria não perdeu peso, pode o perder no tempo futuro!

E ao roubado resta este unico remedio: Nem tugir, nem mugir!

Pessôas conhecedoras d'essas enormidades garantiram-me que taes gerentes, quando conseguem abafar o grito da propria consciencia, são sempre felizes. Seus ordenados, que regulam de duzentos a trezentos mil reis mensaes, esbanjam-nos no tempo das chuvas, na Capital, ou onde quer que residam; assim mesmo, passados cinco ou seis annos, voltam com suas modestas economias de quinze ou

vinte contos, estabelecem-se e tem a vida ganha, e a consciencia tranquilla . . .

Emquanto á sorte dos pobres parias, a ganancia insaciavel e inventiva é abundante em meios com que as conserva indefinidamente agrilhoados. Vejamos este caso. Um seringueiro está prestes a pagar a divida ao patrão. Que faz então o gerente? Tira-o de uma estrada, onde colhe muita seringa, e o mette em uma outra, em que, para conseguir alguma cousa, tem que trabalhar mezes e mezes!

Não ha muito, deu-se um facto caracteristico. Um camarada teve felicidade de tirar na loteria alguns contos de reis. Como se achasse em divida com o patrão, na quantia de um conto e quinhentos mil reis, apresentou-se-lhe para pagar, isto é, linquidar suas contas, declarando que, d'ahi por deante, pretendia dedicar sua actividade a outro ramo de negocio. O patrão fez-se desentendido, declarando que não precisava pagar já, e que continuasse a trabalhar no seu seringal. O homem, vendo que nada podia conseguir, entregou o dinheiro a um advogado, para fazer o pagamento e receber a quitação. Percebendo o patrão que a conversa podia tomar um caracter grave promptificou-se a tudo fazer, desculpando-se, e attribuindo o occorrido á sua propria ingenuidade . . .

Os proprietarios de seringaes são de uma largueza de vistas que até parece prodigalidade.

Proval-o-ei com o seguinte caso corriqueiro.

Um pae de familia, que, para a manter decentemente, deve suar, tem quatro filhos aptos ao trabalho. Ao contractar os seus serviços, o proprietario não vacilla em lhe abrir o credito até dez contos de reis. Querem saber a razão? Com o fim e a certeza de fazer não um, mas cinco escravos de uma só vez, debitando separadamente dois contos por cabeça!

Outro aspecto d'essa chaga do principio do seculo das luzes é o modo original de premiar a quem mais merece.

Um gerente, por exemplo, que tenha, sob suas ordens, cem trabalhadores, apenas com vinte e cinco poderá contar, como dedicados e capazes de dar lucros consideraveis á empresa. Pois é a esses que nunca perde de vista, aperreando-os, damnificando-os e evitando, a todo transe, que recuperem sua liberdade . . .

N'estes ultimos annos, deu-se um facto impressionante. Um patrão, não me recorda si de Cuyabá ou de outra localidade, contractou algumas familias para seu seringal, que fica uns trezentos kilometros pelo sertão a dentro, garantindo-lhe que lá poderiam viver perfeitamente, por quanto nada lhes deixaria faltar. E seguiram.

Chegou o tempo das aguas, sem que o patrão lhes remettesse mantimentos. O espectro da fome não se fez esperar, morrendo tres

pessôas, nos primeiros dias. Os outros, homens, velhos, mulheres e creanças, apavorados, puzeram-se em fuga, atravessando, a pé, aquelles horridas solidões, mantendo-se de caça e fructas, n'uma odysséa de angustias que durou cerca de um mez!

E a justiça? Esta não tem tempo em cuidar de taes ninharias! . . .

Talvez haja quem não possa comprehender como, n'um Estado de tão desmensurada superficie, não consigam esses desgraçados fugir, com facilidade de quem tão deshumanamente os explora.

A isso responderei que a objecção não procede; pois é justamente a immensidade das distancias, que afoga em seu nascedouro qualquer velleidade de evasão. Atufar-se nas profundezas d'aquelles sertões deshabitados, é andar de encontro á morte certa; é peior do que emprehender sosinho a travessia do Sahara ou transpor incolume, em fragil barquinha a immensidade do oceano.

Demos o caso que a temeridade não chegue até lá, mas que, no auge de desespero tente algum d'esses infelizes reconquistar a liberdade perdida.

Que lhe acontece, n'este caso? A policia toma invariavelmente as partes do perseguidor, prende o fugitivo e entrega-o de novo ao seu carrasco![1])

O castigo dos camaradas é discrecionario, sem leis, nem limites.

Os mais communs são: Páo, solitaria e tronco.

Em referencia a este ultimo, não tinha, antes de ir ao Matto Grosso, uma noção exacta e como é possivel que outros se encontrem nas mesmas condições, direi em que consiste.

Imaginemos dois pranchões do comprimento de dois metros

---

[1]) Pelo que acabo de dizer, sobre a escravidão dos infelizes camaradas, os algozes ou proprietarios tinham as suas ordens de força publica para perseguir aos miseros fugitivos.

O Ministro do Interior e Justiça do novo governo, Dr. Bemito de Abreu, disse-me que, para fazer desapparecer do Estado essa chaga, essa mancha da escravidão, nada mais tinha de fazer senão negar a força publica aos que a reclamassem, para tal fim E era sem duvida mais do que sufficiente. Mas ficaria por ventura com isso tudo sanado?

Não esqueçamos que entre os camaradas pode haver, e ha, homens sem consciencia e capazes de tudo; capazes portanto de explorar em detrimento de seus patrões, em sentimentos de benevolencia e justiça observados nos altos poderes de governo.

Melhor fora talvez, fixar um prazo maximo para a completa liquidação dos mutuos compromissos entre patrões e camaradas. Ignoro si o Dr. Benito conseguio levar a bom termo o seu bello programma de humanidade e justiça.

com cera de vinte centimetros de grossura e quarenta de largura. N'uma das extremidades são presos por uma dobradiça, sobre posto um ao outro, formando, pois, uma altura de oitenta centimetros. Na parte de contacto dos dois pranchões assim sobrepostas, vêm-se furos abertos de varias formas, conforme seus fins, é: Para prender pés, mãos ou pescoço, já se vê que a metade do furo é feita no pranchão superior, a outra no inferior.

Supponhamos que o camarada é condemnado e ser preso ao tronco pelos pés. N'este caso, o pranchão superior é levantada, a victima deita se no chão, colloca as pernas nos furos apropriados, e, em seguida, o executor abaixa o pranchão para o seu logar e fecha-o a chave na extremidade opposta.

A pena do tronco ao pescoço é incomparavelmente mais dura e angustiosa.

O paciente, em quanto estiver ao tronco, por horas, dias ou semanas é forçado a conservar-se immovel, pois qualquer movimento ou violencia, ser-lhe-ia fatal, fazendo-lhe cahirem em cima os dois enormes e pesados madeiros.

Perspectiva pouca animadora aos que, sonhando em ajuntar economias para sua velhice, tiverem de confiar sua pelle a tão carinhosos patrões!

A Poaia.

A poaia, eis outra fonte de renda. É uma plantinha de dois ou tres palmos de alto, parecida um pouco com o cafeeiro, quando novo.

Acha-se nas duas margens do rio dos Bugres, na margem direita do Paraguay, e em outras partes.

Em geral, o terreno, em que cresce, é fertil, e devoluto; o proccesso é simples e primitivo. Arrancam-se as plantas com suas raizes finas e quasi á superficie do solo.

Essas raizes têm um cheiro forte que faz espirar, e chegam a ter um metro de comprimento. As mesmas, depois de arrancadas, seccam-se ao sol, e, actualmente são vendidas a cem mil reis a arroba; ja estiveram a trezentos mil reis!

A poaia cresce em moitas ou pequenos capões, de um ou muitos metros quadrados. Prefere logares estrumados ou onde haja arvores cahidas e apodrecidas; medra muito nas queimadas.

Quanto aos que se dedicam a esse duro mister, a sorte é, em tudo, semelhante á dos que tabalham na extracção da borracha.

No logar da colheita, ha uma picada geral, por onde cada um parte, em busca da herva. Quantos soffrimentos ficam, sem echo e sem alento, sepultados, n'aquellas solidões!

* * *

De pessôas que por largo tempo trabalham nas margens do rio dos Bugres, soube da existencia, ahi de uma tribu conhecida por indios barbados. É pouco numerosa, não passando os homens de uns duzentos. Acredita-se que sejam descendentes de um grupo de paulistas que, por qualquer circumstancia, abandonando a civilização, adoptaram a vida selvagem. São brancos e têm bonitas feições. Deixam crescer a barba e o cabello, e com este fazem um coque comprido, no alto da cabeça, tal e qual as moças da moda.

Os que são considerados heróes, pintam toda o corpo de preto, os outros de vermelho. Fallam baixinho e, quando cantam dão apenas pequenos gritos.

As mulheres d'esses indios, que se saiba, ainda ninguem as viu. Eis ahi uma prova de moralidade publica . . .

Um dos meus informantes, quando lá esteve, levava sua mulher, uma jovem de seus quinze annos, e teve occasião de conversar com alguns d'elles. O principal do grupo pediu-lhe a mulher, que estava presente, e, para abreviar o negocio, apresentou umas cordas, para que o mesmo a amarrasse e lh'a puzesse aos hombros.

Esses indios são immoralissimos. Tem grande ciume de seu arco e flexa, mas si lhes for concedido dar a mão a uma mulher branca, á mesma offerecem arco e flecha.

Quando estão a conversar com os civilisados, pela minima contrariedade empunham logo o arco, para fazerem justiça. Ahi temos pois o prototypo acabado do homem animal.

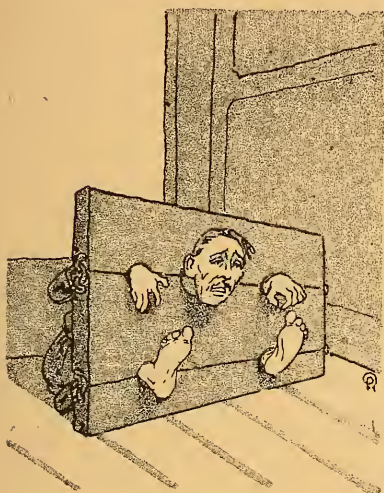
Outra informação curiosa, que me deram, é a seguinte. Na Barra dos Bugres existe uma colonia da tal „Protecção dos Indios", com a sua respectiva Directoria, com esta differença, porem, accrescentou o meu informante, que tanto a colonia como a Directoria ahi estão realmente, mas de mentira.

O Director, continua o mesmo, é o senhor Severiano Godofredo de Albuquerque, o qual é proximo parente, creio, do famoso cathechista leigo.

Para ser completo nas informações, que me deram, esse director móra na povoação dos civilizados ou brasileiros, e nada tem com os indios, que ficam muito longe. A folha d'essa Directoria cathechetica e civilizadora marca quinze empregados; na realidade é um só.

Feliz republica que conta com tão solidos elementos para attrahir desinteressadamente os nossos aborigines á civilização!

As Usinas.

Em varios pontos do Matto Grosso, existem algumas usinas importantes, cujos productos, em alta escala, são: assucar e aguardente. Basta dizer que, em cada uma, trabalham de oitenta até cem ou duzentos homens. O trabalho, no tempo normal, vae das seis da manhã ás seis da tarde, com uma hora para o almoço. No tempo da safra, que dura uns quatro ou cinco mezes, vae de meia noite, ás seis horas da tarde! Dispenso-me de tratar do plantio e cultivo da canna, assim como de outros particulares, sobre esta industria, mais ou menos conhecida de todos. Entremos no regimen verdadeiramente modelar d'essas usinas. Os melhores trabalhadores, ou camaradas recebem mil reis por dia. Os outros, de seis a oitocentos reis. Os pagamentos são feitos unicamente em mercadorias . . . salgadas.

O tronco

Quando um camarada foge, o patrão o manda perseguir por dois ou tres companheiros. Estes nada percebem pelo trabalho, mas si o fugitivo for preso, é debitado para com a usina em 20$000 mil reis diarios (ou mais) por cada dia perdido de cada um de seus perseguidores.

Acontece, no entanto, que de ordinario o fugitivo é morto, ou porque resiste, ou por vingança dos que lhe vão ao encalço.

Si o desventurado é preso, levam-no para a usina onde, alem da pesada divida acima mencionada, soffre um castigo de vinte, trinta ou quarenta dias, com trabalhos forçados, de dia, e supportando, durante a noite, o supplicio do tronco, encerrado dentro de um quarto, para que, com menos facilidade, se ouçam seus gemidos.

Aos sabbados, depois das seis horas da tarde, é facultado um festim que consiste em batuque e maxixe de homens com mulheres: Uma verdadeira orgia despejada.

Em taes occasiães, ha sempre brigas, ferimentos e mortes. Entretanto os armazens das usinas estão abertos, com todo o pessôal ao balcão, para vender aguardente ao preço de mil reis a garrafa! . . .

Alguem, com conhecimento de causa, asseverou-me que o dominador do Matto Grosso e seu peior escravizador é o p a r a t y. E tem razão! Muitos d'esses infelizes, com grande satisfação dos seus senhores, gastam, em aguardente, n'um sabbado, o que ganharam durante toda a semana.

Reparemos bem na iniquidade requintada contida no que estou descrevendo. Uma garrafa de aguardente, que talvez custe ao proprietario dois a tres vintens, é vendida ao pobre operario em troca de dezoito horas de suores e soffrimentos impellindo-o para o vicio da embriaguez, para melhor o poder dominar! . . .

Acontece que, no domingo de manhã, quasi todos estão embriagados ou na r e s a c a. N'este estado, os homens para agradarem ás companheiras de orgia, compram nos mesmos armazens espelhos, lenços e outros objectos de luxo, por preços fabulosos. Ha typos que n'uma occasião d'essas, esbanjam o ordenado de um mez inteiro!

Quanto ao mais, é a repetição do que se dá nos seringáes. Não ha c a m a r a d a que não deva ao dono da usina um ou mais contos de reis, dando-lhe portanto o direito a que o mande prender, em caso de recusa.

As usinas têm grandes armamentos e munições, e por isso os governos, politiqueiros e commodistas, sentem-se impotentes para reprimir-lhes os excessos.

Como disse ainda ha pouco, comettem-se, nas usinas, homicidios muito a miudo 'sendo os cadaveres enterrados clandestinamente. Si alguem, autoridade ou não, inquirir sobre o paradeiro da victima, respondem-lhe imperturbavelmente que fugiu. Ha talvez tres ou quatro annos, proximo de Cuyabá, de uma usina levaram, para enterrar na margem opposta do rio, o cadaver de uma mulher, morta a paulada.

Esse crime foi presenciado e confessado por innumeras pessôas ás autoridades policiaes encarregadas do processo.

E a justiça? Nada fez! Pobre povo mattogrossense!

Capitulo X.

Ao primeiro pisar em terras mattogrossenses, um facto, por lá muito vulgar, empolgou irresistivelmente meu espirito: a sorte dos infelizes filhos das florestas. Em Matto Grosso, o indio está em toda parte, e não é possivel olhar para o legitimo e natural senhór dos continentes americanos, sem experimentar por elle sentimentos de sympathia e desejos de o ver feliz.

Não ha muitos annos, fez grande estardalhaço este problema nacional, passando de bocca em bocca os maravilhosos effeitos da tão facil e improvisada catechese leiga.

Os periodicos, mais ou menos sectarios, os jornaes officiaes e os mesmos que se dizem independentes, fizeram côro ao endeusamento de tão estupefaciente descoberta catechizadora.

Qual seria a origem de tão systematica e ensurdecedora apologia dos novos e nunca vistos thaumaturgos que, da noite para o dia, amansaram tantas tribus selvagens? Responde-se em breves palavras. As Congregações religiosas, em poucos annos de paciencia e sacrificios, conseguiram fructos inesperados, na civilização christã dos pobres indios bororós. Foi quanto bastou para a seita dar o alarme, com o fim de suffocar, em seu inicio, emprehendimento tão patriotico, procurando ella chamar a si sua direcção material e espiritual.

E, infelizmente para aquelles irmãos nossos, espalhados como feras bravias pelos invios sertões do Matto Grosso e de outros Estados, conseguio, senão abafar em seu nascedouro, paralyzar, de mil modos differentes, o crescimento d'essa mimosa flôr do christianismo: a catechese catholica.

Em um folheto intitulado *A catechese dos Indios*, encontro de facto, os preciosos periodos, a seguir, que textualmente transcrevo:

„Discorrem (diz o referido folheto) os maçções do respectivo Congresso Sul Americano, de 1906, em Buenos Ayres".:

A maçonaria trabalhará por impedir a exploração do indio, por congregações religiosas, instituindo missões leigas que o civilizem.

„Resolvem (continua o mesmo) os Pedreiros Livres do Congresso Nacional do Rio de Janeiro, em 1909: *Sendo a sciencia a grande bemfeitora da humanidade, e cabendo-lhe a grande direcção material, intellectual e moral da sociedade, os serviços da civilização dos selvagens não são da competencia exclusiva dos representantes de quaesquer religiões, devendo ser, de preferencia, entregues a preceptores e agentes leigos.*

Inspirado naturalmente por tão *altos* conceitos, o ex-ministro da Agricultura, Dr. Rodolpho de Miranda, sem mais nada, fel-os seus, desfazendo-se impatrioticamente do unico meio efficaz de levar a civilização e o bem-estar a tantos infelizes, lá no fundo de inhospitas florestas.

Vejamos como então o super-homem gravemente sentenciava!

Cumpre-lhe, dizia elle, (ao governo) pelo contrario, constituir em bases novas a catechese, imprimir-lhe feição republicana, fóra do privilegio de castas sem preocupação de proselytismo religioso, constituindo serviço especial centralizado n'esta Capital, com irradiações pelos Estados onde se torne necessaria a acção que é chamado a exercer pacientemente e sem intermissão de esforços.

Essa promettedora e mirabolante receita de antichristianismo encontrou um pharmaceutico ad hoc, para avial-a, a contento de quem a traçara. Quem seria o homem extraordinario que, n'um pestanejar viria transformar essas feras das florestas em mansos cordeiros?

E inutil que o diga: É o conhecido e famoso Catechista leigo, grande bemfeitor dos indios e papae extremoso dos mesmos. Sua nota caracteristica é o altruismo; seu procedimento é impeccavel, pois sempre vive ás claras, vagando solicito e offegante pelos sertões, em busca de tresmalhadas ovelhas.

Eis ahi a razão porque, segundo propala a imprensa, não passa dia talvez em que esse Messias moderno não consiga attrahir uma nova tribu ao gremio fecundo da civilização leiga . . .

Passando do faceto ao serio, direi o seguinte: em Matto Grosso, de um a outro extremo, não se encontra um só matto-grossense que affirme ser o alludido cathechista bemfeitor dos indios.

Contentar-me-ei relatando o que por lá, a cada instante, se repete.

São factos attestados por testemunhas oculares, que ha em grande numero, na Capital e em muitos outras logares.

Com razão diz o divino Mestre, no sagrado evangelho: „Pelos fructos conhecereis a arvore".

A catechese catholica que, alias, mesmo em Matto Grosso, tivera, em epocas recentes, verdadeiros apostolos, resurgiu em 1895, por obra dos benemeritos salesianos, ahi levados pelo espirito do Dom Bosco.

De commum accordo, e com auxilios do governo, fundaram a colonia Thereza Christina, sobre as margens do São Lourenço. Os frutos foram surprehendentes, ultrapassando em tres ou quatro annos, que ahi estiveram, toda a espectativa.

Por isso mesmo, o espirito do mal suscitou-lhes mil obstaculos, forçando-os a abandonarem aquelle solo, banhado com os seus suores, assim como as primicias abençoadas de seu fecundo apostolado.

Aos filhos de Dom Bosco, visando o amor de Deus e a salvação das almas, succederam os que gostam de viver ás claras, cuidando, não de futuro, mas do presente; não dos outros, mas de si mesmos.

Por esta razão a tão fallada Colonia de São Lourenço não pode deixar de ser o que é.

No papel, isto é, na imprensa, e provavelmente nos relatorios, essa colonia é a ultima palavra em catechese. Á sua frente acha-se o grande catechista . . . Ella é a séde d'essa instituição gigantesca, erguida e ramificada em opposição á catechese catholica. Á colonia de São Lourenço é que deram o pomposo titulo de Bororia ou Rondonia.

Na verdade, reduzido tudo ao seu justo valor, as cousas são de uma modestia extrema . . .

Poucos dias antes da minha partida de Cuyabá, tive uma entrevista com um homem que estivera, por algum tempo, na Colonia Christina de São Lourenço, dando-me de tudo minuciosas informações. Disse-me, por exemplo, que, o que de facto não existe, na Colonia, são justamente os indios! . . .

A folha do pessôal apresenta quarenta e tantos empregados, embora na Colonia, só haja seis ou sete trabalhadores e tres ou quatro empregados no escriptorio.

É que os restantes devem estar dispersos, pelas quatro ou cinco partes do mundo, zelando pelos interesses da Bororia . . .

No tempo das colheitas, é que os bororós apparecem pontualmente para roubar com presteza e arte, o que custou tanto tempo e trabalho a crescer, fructificar e amadurecer.

Entretanto, accrescentou entristecido o meu interlocutor: o solo é fertilissimo, e o proprio governo, só com o trabalho dos indios poderia tirar grandes lucros, si para lá, em logar de soldados, mandasse outra gente.

Mas, diga-se a verdade: que poderia fazer o governo, si o seu preposto maior quer que os indios, quando por acaso se encontram na Colonia, para maior moralidade se conservem nús, e prohibe, peremptoriamente que os obriguem a trabalhar? Não é outra a causa porque os bororós, indolentes por natureza, quando trabalham, fazem o menos que podem, e não chegam a ganhar o pouco que comem.

Comtudo são esses mesmos indios que, vinte annos após a retirada dos Salesianos, lembram-se d'elles com saudade e gratidão.

N'aquelles tempos felizes, guiados por um regimen racional e moralizador, ja sabiam trabalhar. Cultivavam grandes cannaviaes, colhiam cereaes em abundancia, e a terra com poucas fadigas, produzia frutos, hotaliças e tudo mais. E a quem hoje os interpella do

motivo de não quererem trabalhar, respondem, que, no tempo dos Salesianos, erão bem tratados, especialmente na alimentação, sufficiente e regular.

E esta resposta tem sua base. Quem tivesse a extravagante idéa de visitar inesperadamente a Colonia de São Lourenço, correria a risco de ahi morrer a fome. Deus sabe como o pessôal de lá se arranja. Não ha pobreza franciscana que se lhe compare. Poucos mezes antes da minha viagem, estava Bororia aguardando a visita do Coronel Rondon. Pois bem; não havia copos, pratos, talheres nem moringues. Fizeram uma encommenda de tudo isto, em Corumbá, para ser remettida sem demora no primeiro paquete! . . .

E note-se que os visitantes erão apenas tres ou quatro!

No que concerne a generos alimenticios, nem se falla. Imaginem, a vista d'isto, a fartura d'aquellas paragens.

Na Colonia São Lourenço encontra-se um grande e variado machinario, para industrias diversas, como serraria, moinho, usinas, instrumentos para beneficiar arroz etc. Os magnatas do Rio estão convencidos que aquillo tudo se movimenta, maravilhosamente, produzindo milhares de contos de reis, que, ahi mesmo, so accumulam para os tempos de carestia . . . Pois fiquem sabendo: nada ainda se mecheu; as peças das machinas, que custaram dezenas de contos de reis, lá estão atiradas, para todos os cantos, notando-se que os bororós se incumbem diariamente de levar para o matto as que podem carregar.

Garantiram-me que, para a construcção d esse aldeamento modelo entrou o governo com quinhentos contos.

E foi uma ninharia, á vista da magnificencia de taes construcções que se resumem n'isto: dois galpões cobertos de zinco; um d'elles fechado, no qual dormem os empregados. O outro completamente aberto! . . .

Contam-se coisas estapafurdias do inesquecivel catechista. Esta é typica: Um dia, não sei por que motivo, mandou corrigir altruisticamente a um soldado.

O infeliz, emquanto se lhe applicava a correcção fraterna, se dirigiu, em supplice voz, ao homem, dizendo: Snr. Coronel, perdõe-me amor de Deus!

Não conheço a Deus, foi a resposta.

Perdoe-me pelo amor de Nossa Senhora, tornou o suppliciado.

Não conheço a Nossa Senhora, respondeu-lhe, pela segunda vez.

Perdoe-me pelos seus galões, senhor Coronel.

E immediatamente S. Exa. mandou suspender o castigo . . .

Os antigos catechumenos dos Salesianos, ao apreciarem exemplos tão bellos e edificantes, aproveitam admiravelmente a licção.

Indolencia, embriaguez e rapinagem são os fructos mais preciosos e recentes, colhidos por esses quasi sequazes de Augusto Comte.

Em Cuyabá, e por toda parte, os indios da Bororia são considerados peiores dos que nunca se approximaram dos civilizados.

No dia sete de Março celebrei uma missa, pedida por um fazendeiro, residente á uma legua de Cuyabá. Dias antes, os indios de São Lourenço, isto é, os taes bororós ultra-civilizados, lhe tinham saqueado a fazenda.

Com poucas semanas de antecedencia, assaltaram outra fazenda, n'ella commetendo actos de vandalismo e, para maior desgraça, arrebatando a filha do fazendeiro, a qual nunca mais appareceu!

* *
*

No principio de Abril, achava-me em Cuyabá, quando correu uma noticia pouco tranquillizadora para os da Protecção dos Indios: um enviado ou inspector do governo federal estava para tomar passagem, no Rio, em demanda da Colonia de São Lourenço, para constatar de visu os boatos pouco abonadores, a respeito das obras da famosa Rondonia.

A camarilha interessada agitou-se; foi um fervet opus como nunca. Convinha prevenir o perigo, fosse como fosse. A imprensa local occupou-se do assumpto.

Ficou pois resolvido mandar incontinente, na lancha Rosa-Bororó, uma commissão de officiaes, cujo chefe teria um ordenado de oitocentos mil reis, para (á moda Frontin) montarem pelo menos a serraria, a qual teria a grande vantagem de não dar trabalho a ninguem, por não existir madeira de especie alguma n'aquellas terras.

A lancha levantou ferro, no dia oito ou nove de Abril. Ignoro si chegou a erguer-se o famoso moinho de vento.

O grande chefe, por onde quer que passe, é sempre fazendo bem. Em Matto Grosso, por exemplo, em obras de beneficencia, precedeu, de alguns annos, o nosso Alto Commissariado da Alimentação publica.

E como é sempre justiceiro e imparcial, nunca deixando de applicar a doutrina da expressão popular: „Matheus, primeiro os teus"! . . .

Um unico facto que muitas pessôas me contaram, bastará para illustrar e confirmar este conceito.

S. Exa., rezam as chronicas, possue, d entre as muitas habilidades, a de fixar os preços a quaesquer mercadorias, offerecidas em venda a elle ou ao seu pessôal.

O criterio depende das condições especiaes de cada mercador. Mas entremos no assumpto. Um dos artigos mais procurados e indispensaveis, n'aquellas longas e penosas viagens, é a rapadura. No formato, parece-se com um tijolo grande; alem de assucar leva leite e é bastante saborosa. O preço admittido em toda a parte é de 1$000 cada uma.

Ora aconteceu que o catechista e sua numerosa comitiva estavam acampados n'uma longinqua localidade do interior, quando um cidadão, ditoso parente de S. Exa. foi ao acampamento, para vender rapaduras. Mas era necessario obter licença, para que o homem pudesse fazer o seu negocio.

E S. Exa., entranhado a m i g o dos seus subalternos, mandou que cada rapadura fosse paga a 2$000! . . .

O negociante é que não pretendia tanta largueza da parte de seus freguezes. Outra vez apresentou-se um novo vendedor; não era conhecido, nem parente. Entardecera e o pessôal estava descançando dos penosos trabalhos do dia, quando o chefe mandou tocar chamada dos officiaes. Estes, futurando ameaças ou assaltos, apresentaram-se promptamente armados.

S. Exa. declarou-lhes, então, que os mandara chamar — sabem para que? — para, em conselho, marcarem o preço das rapaduras! A officialidade mostrou-se um tanto agastada, declarando muito naturalmente, que elle mesmo podia ter feito aquillo. Um d'elles, o Snr. J. F. M., não querendo furtar-se a dar seu parecer, com a linguagem da imparcialidade e bom senso, respondeu que, si ao primeiro forão pagas, á razão de 2$000, cada uma, era justo que agora se fizesse o mesmo.

Que fez então o grande chefe, que acabava de intimar os exhaustos officiaes, a se reunirem, para resolver assumpto tão complicado e transcendental? Desprezou-lhes a presença e os pareceres, ordenando que as rapaduras fossem pagas a 800 reis! E não ficou só n'isto. O alludido official que, em sua resposta, representara o parecer de seus camaradas presentes, cahiu-lhe no desagrado, provocando as iras do regulo do sertão.

E a vingança planejada foi digna do grande sertanista-altruista.

Pouco depois, o chefe levantou acampamento, deixando ao abandono o mesmo juntamente com um soldado, ambos doentes, condemnados á morte certa.

A victima telegraphou para um seu conhecido, que acabava de chegar a Cuyabá, com tropa de muares, pedindo que lhe reservasse dois animaes, por qualquer preço, e, caso não pudesse voltar, lh'os mandasse, sem demora, para onde elle se achava.

O bondoso catechista soube disto, e telegraphou ao mesmo, propondo-se a comprar-lhe toda a tropa. Emquanto aquelle se encaminhava de volta para o sertão, o benemerito sertanista abandonava os dois animaes, por qualquer preço, e, caso não pudesse voltar, lh'os

Dias depois, o mesmo encontrou-se, de caminho, com o tropeiro, a quem offereceu o negocio mais tentador, com a condição porem, de lhe entregar todos os animaes. Este ultimo, que tinha entranhas, respondeu que dois ja estavam vendidos ao alludido official. Por isso o humanitario chefe não lhe comprou um unico animal. Esse facto triste, que aqui reproduzo fielmente, sô tem um contrapeso, n'aquella alma grande do tropeiro, que tudo sacrifica para salvar dois desgraçados de morte horrivel.

* *
*

Os jornaes publicaram, em principio de Junho de 1913, um artigo, ou cousa que o valha, enaltecendo os merecimentos do nosso catechista leigo appellidando-o: o eterno namorado do bem, alma transbordante de amor puro, fronteiro de egrejas lides, cavalheiroso, coração ardido.

Ora, deix-se disto seu Manoel! Nunca vi quem, em tão poucas palavras, dissesse tanta inverdade e sandice ao mesmo tempo!

* *
*

Não percamos de vista que, ao traçar estas linhas, o meu fito é fazer justiça não só aos meritos do nosso héroe mas tambem de seus dignos imitadores. Encontram-se, ao longo d'essas extensas linhas telegraphicas, verdadeiros mestres de altruismo pratico.

D'entre muitos factos, citarei dois apenas. Um official do exercito estava tomando conta de uma estação telegraphica, onde havia telegraphista e alguns soldados. Certo dia, appareceu-lhe um magote de indios. O official, exultante de alegria, encheu-os de brindes, que nada lhe custaram, e fez-lhes comprehender, com signaes inequivocos, que voltassem, n'um dia aprazado, trazendo mulheres tambem. É inutil accrescentar que o seu grande desejo era catechizal-as. Os indios prometteram e cumpriram a palavra. Em se apresentando, no dia marcado, declararam ao doutrinador terem deixado as mulheres n'um ponto proximo. O official e o telegraphista, cada qual de braços dados com dois bororós, seguiram lampeiros e satisfeitos, em direcção ao matto, não permittindo que os soldados os acompanhassem, pois não admittiam competidores na delicada tarefa de missionar. Chegados os conductores a um determinado ponto, assobiaram e, de repente em logar das catechizandas, desem-

boccaram, de todos os lados, indios armados, atirando até não poderem mais sobre os dois civilizadores.

Só o telegraphista apanhou dezoito flechadas. Os guias, dado o signal, embrenharam-se na floresta.

* *
*

Outro exemplo, digno de encomios, pelo aperfeiçoamento da arte de catechizar leigamente, encontramol-o n'um ex-Director da propria Bororia de São Lourenço. Ha cerca de oito annos, o tal Director que, segundo me informaram, se chamava Umberto, quiz provar praticamente, a esses atrazados salesianos, que para educar, com efficacia, os filhos dos selvagens, deve o catechista tornar-se em tudo semelhante aos mesmos.

E que fez elle? Simplesmente isto: Formou uma luzida caravana de indios e indias, adamicamente trajados, e, em seguida, mandou que lhe arrancassem as barbas, as sobrancelhas e lhe raspassem o cabello da região temporal. Feito isto, alliviou-se bravamente de tudo que o cobria: camisa, calças, ceroulas e . . . perdão: substituiu tudo isso por uma tanga! . . . E, n'esses trajes, á frente de sua digna comitiva, passou por Coxipó de Ponte e entrou na cidade de Cuyabá o magnifico Director da Rondonia! . . . Essas bellezas são os fructos naturaes da decantada catechese leiga.

Que não haveria a dizer, si quizessemos desvendar o que se passa, no percurso intermino da linha telegraphica estrategica? Quantos soffrimentos, quantas lagrimas, quantos horrores!

Basta dizer que um jornalista de Corumbá chegou a publicar que cada posto d'essa linha telegraphica representa a morte de um soldado!

E o Tenente Pimentel escreveu, na imprensa do Rio, que cada um d'aquelles postos representa tres existencias sacrificadas.

* *
*

A cidade de São Luiz de Caceres é o ponto por onde passam frequentemente levas de homens ou de soldados para a mencionada linha. Vão, mas não voltam!

Soube, na mesma cidade, o que absolutamente ignorava: os marinheiros revoltados do „Minas Geraes" passaram por ahi, em fatidica feitoria.

Cahiram em boas mãos . . .

Capitulo XI.

Devo confessar que os factos relatados no capitulo precedente e outros anolagos, impressionaram-me profundamente. A elles attribuo o sonho (ou pesadelo) que tive, cuja lembrança faz-me ainda estremecer.

Deitei-me, uma noite exhausto, e, sem saber porque, mal humorado. Nada sentia de anormal, a não ser uma tristeza indefinida. occasionada, quiça, pela calmaria suffocadora. Deitei-me, e, bem ou mal, adormeci.

Morubixaba

Appareceu-me, subitamente, em sonho, um homem agigantado, de má catadura, encarando-me, ora serio. ora sarcastico, como succede, em certas fitas cinematographicas, quando, por breves instantes, se nos offerece o vulto do principal protagonista. Vi, em seguida, uma multidão de gente, brancos e pretos; civilizados e selvagens. homens e mulheres, n'uma promiscuidade desordenada. Nada d'aquillo comprehendia: Estava atordoado.

De repente, muda aquelle scenario: turmas de trabalhadores occupam-se aqui e acolá, em tarefas diversas, como seja: fazer barracões, abrir picadas, construir pontes, etc. etc. E eu, sem saber como, mettido no meio d'aquella babelica multidão, observando apalermado o „vae e vem" de tanta gente, prestes aos acenos de um homem conhecido pelo apavorante titulo de: Morubixaba. Ai de quem lhe cahe no desagrado!

Uma lei draconiana, emanada do seu cerebro, rezava, mais ou menos, assim: „Prohibo terminantemente rixas entre companheiros; pedidos para se retirarem (mesmo com justo motivo) da minha empresa; reclamações de seus salarios atrazados, mensaes ou annuaes;

reclamações dos que venderam fiado a mim ou aos meus dependentes". O decreto concluia assim: Será castigado severamente todo aquelle que não cumprir suas tarefas, tenha ou não razão para isto.

O leitor quererá saber si havia penalidades, e quaes eram, contra os infractores de lei tão justa quão humanitaria. Responderei affirmativamente; mas essas penas tinham isto de singular: applicavam-n'as, não conforme a diversidade e gravidade da culpa, mas ao arbitrio momentaneo do voluntarioso e truculento legislador. Poderiamos resumil-as em duas palavras: páo e bacamarte.

Quando, porém, o delinquente merece castigo mais brando, o benigno Morubixaba manda-o deitar de barriga para cima, e, em completa nudez, amarram-lhe os braços e os pés a quatro estacas fincadas no chão e ahi permanece, durante horas, e, as vezes, dias inteiros, exposto, ora, aos raios esbraseadores do sol, ora á crueza de frialdades siberianas.

Isso, nos dominios do Morubixaba é o pão nosso de cada dia, porquanto, não obstante todos lhe conhecerem a selvatica rigidez, não lhe faltam, a elle, meios e modos, de renovar, sob varias formas, esses desconhecidos processos de governar.

Succedeu, certa vez, que um empregado, tendo trabalhado dois annos, sem receber um real, de seus ordenados, sentiu-se adoecer, antevendo a acabrunhadora perspectiva de não ter recursos para d'elles lançar mão. Este pensamento trouxe-lhe a lembrança dos seus, que muito lhe queriam e, com alegria, o receberiam de braços abertos, dando-lhe agasalho e conforto. Impellido pelo coração e, mais ainda, pelo instincto da propria conservação, pediu uma licença, expondo respeitosamente as suas melindrosas condições.

O cacique annuiu calado, estudando um meio de castigar o protervo subalterno. Teve uma idéa luminosa: Descobrira, a poucas dezenas de metros do acampamento, um grande formigueiro, cujos habitantes eram os mais ferozes, na sua especie.

O misero e calloteado trabalhador foi agarrado, despiram-no, lançando-o e conservando-o, por longo espaço, dentro d'aquelle montão de infinitos algozes, cuja mordedura envenenada queima como fogo!

O infeliz, escapando milagrosamente á morte, munca mais ousou affrontar as iras d'aquelle endeosado Messias.

Para maior clareza dos acontecimentos ou (para dizer a verdade) do meu sonho, cabe-me dizer que o famoso chefe (como em sonho me informaram) não é uma potestade absoluta, mas o logartenente de quem prosaicamente se affirma ter a faca e o queijo na mão, e a quem os nossos matutos appellidam de Papae Grande. Sem o paternal bafejo d'este, o Morubixaba nada seria,

na ordem das cousas. O que um faz, o outro approva. E tudo é feito de um modo invejavel. Por exemplo. Si o grande logar-tenente necessita de cincoenta muares, encommenda duzentos, que o Papae Grande paga generosamente, sem pestanejar, aos felizardos fornecedores que, por signal, são muito amigos de quem faz a encommenda.

E ha mais uma circumstancia que attrahe a sympathia sobre o humanitario Morubixaba:

Elle não faz questão que as duzentas cabeças sejão de muares. Podem ser tambem bezerros, vaccas, bois e cavallos, aos quaes dá um fim mais nobre e conveniente, remettendo-os para as proprias fazendas, que são lindas, ricas e povoadas de gado barato e bem nutrido . . .

Ás vezes, ha necessidade de cem ou duzentos bois, para carne. N'este caso, faz a compra a algum criador da vizinhança, manda a conta ao chefe dos chefes: este remette immediatamente a somma, que é recebida pelo logar-tenente e solicitamente guardada, emquanto o fornecedor fica a ver . . navios, em pleno sertão.

Esquecia-me de dizer que esta grandiosa empresa, alem de grande numero de trabalhadores, mantem muitos empregados graduados, e cujo ordenado está em relação com o cargo que occupam. Com elle succede o mesmo. Dão mil graças a Deus, quando podem recolher-se aos seus penates, levando, pela certa, um callote de alguns conto de reis.

Morubixaba tem uma virtude que sobrenada a todas as outras: constituiu-se o defensor perpetuo das hordas selvagens, ás quaes o proprio Coronel Rondon recommendou muito que não fossem bravas. Pois bem, o nosso chefe não admitte a possibilidade de um aborigine ser cruel, e, a um amigo que lhe perguntou de que forma deveria agir, casto fosse assaltado, respondeu-lhe que só tinha um caminho a seguir: deixar-se matar. Doutrina admiravel.

Mas, esses selvagens tem cada uma! Não é que, um dia, pregaram-lhe a elle mesmo uma peça?

Chegou-lhe a vez de confirmar os proprios ensinamentos com a pratica. E fel-o de um modo cabal.

O nosso Cacique-mór e o seu Estado-maior foram, um dia, assaltados por numeroso bando de selvicolas, e, em logar de se deixarem matar, lançaram mão das carabinas, atiraram em cima d'aquelles desgraçados matando a muitos d'elles.

Os pobres dos indios começaram a fugir, em disparada, e os nossos benemeritos civilizadores, a alvejal-os de continuo e a assassinal-os.

O Morubixaba exprobrou aos seus companheiros a chacina que acabavam de commeter.

Mas um d'elles respondeu-lhe calmamente: que elle mesmo dera-lhes o exemplo, ferindo e matando os mesmos . . .

* * *

A nota que põe em destaque a personalidade honrada e heroica do magestoso e magnifico chefe dos sertões é a sua impeccabilidade, a pureza de seus costumes, que resiste á prova do fogo.

Depois de longo viajar, chegaram ao centro de espessa floresta, n'uma varzea ladeada por silencioso e crystalino regato. As fadigas de tantos dias attribulados persuadiram-nos a fazer alta, levantando, ahi mesmo, suas barracas, em que pudessem recobrar as forças perdidas.

Na manhã do dia seguinte, o Morubixaba endereçou a palavra a todos os presentes, recommendando-lhes pela centesima vez, a virtude da continencia, por quanto, accrescentou: o homem que não sabe dominar seu coração, não é homem, mas escravo.

Fallou, depois, ao seu substituto legal, amigo e pessôa de toda confiança, dizendo lhe que, por prudencia, ia perlustar as cercanias, prevenindo assim qualquer surpresa ou trahição dos selvagens. E despediu-se. Passaram-se tres ou quatro dias, sem que reparasse no acampamento. Com razão todo o pessôal começou a se inquietar, agourando tristes acontecimentos ou, quem sabe, algum fim tragico.

Para que voltasse a calma, foi mister que o seu substituto fosse pessoalmente fazer pesquizas sobre o paradeiro do amado chefe. E muito teve que andar, por planicies, valles e montes, até que, emfim, do alto de um morro, avistou uma leve fumaça, subindo preguiçosamente o espaço. Não teve duvidas: ahi devia haver uma aldeia ou algum agrupamento de selvagens, e seguio para lá. O amigo dos indios com certeza alli estaria, entretido com elles. Lembrando-se, comtudo, que „cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem", foi-se approximando da maloca, esqueirando-se atraz de arbustos e moitas, e, pé ante pé, sem ser percebido, chegou, a poucos metros de um rancho, coberto de palha, aberto de tres lados, e só com um tapume de páu a pique, no fundo.

E que havia de encontrar? Cousa inesperada! Seu querido chefe, rodeado de indios, trajados todos á moda da terra . . . La estava elle pregando moral ás pobres mulheres, atrazadas e ignorantes! . . .

Não se esqueça o leitor que tudo isso não passa de um sonho.

Cousas tão cruas e humilhantes sonhara. Por isso, ao despertar offegante e acabrunhado, ganhei vida e, como Dante, ao sahir das profundezas do inferno, respirei novos ares . . .

Capitulo XII.

Nos dois capitulos precedentes, vimos, entre cousas verdadeiras e cousas sonhadas, scenas diversas, que, não só ao crente, mas ao homem de coração recto e honesto, causam indignação, revolta e tristeza.

O objecto d'este capitulo é o mesmo: são os pobres indios; mas os indios no caminho da civilização, a unica que os pode salvar, quero dizer: a civilização christã.

O assumpto, por conseguinte, muda muito de aspecto, e não parece fora de proposito encetal-o com aquelles bellissimos versos do divino Poeta:

Per correr miglior acqua alza le vele
Omai la navicella del mio ingegno
Che lascia dietro a sé mar si crudele.
(Dante.)

Do engenho meu a barca as velas solta
Para correr agora em mar jucundo,
E ao despiedoso pego a popa volta.
(trad. de Xavier Pinheiro.)

Fallemos resumidamente da actual catechese catholica, em Matto-Grosso. As primeiras noticias circumstanciadas que tive, sobre os indios das colonias salesianas, recebi-as, em Corumbá, a 26 de Fevereiro, quando, de passagem para Cuyabá alli encontrei Dom Antonio Malan, que acaba de chegar do Registro do Araguaya, tendo passado pelas tres colonias: Sagrado Coração, Immaculada Conceição e S. José.

Com elle estavam o seu secretario Padre Fraga e Mestre Angelo, ambos conhecedores da vida indigena, de seus costumes e da notavel transformação n'elles operada pelo salutar influxo do Evangelho.

Um ponto que muito me interessava conhecer era si os indios tinham fogo, e como o conseguiam. A resposta, á segunda pergunta, surprehendeu-me.

O padre Fraga trouxera das colonias o instrumento, tão simples quão rudimentar, que lhes serve para tal fim. É uma vara

bastante dura, de meio metro de comprido, com pouco mais de um centimetro de diametro. No meio, mais ou menos, d'esta, abrem um furo de sete ou oito millimetros de diametro, com tres ou quatro de fundo, parecendo essa pequena e redonda excavação feita por uma púa. Em um lado do furo, sobre uma das margens da vara, fazem um pequeno rego de dois ou tres millimetros. Por baixo deste rego, collocam algumas folhas de matto, bem seccas.

O indio colloca esta vara no chão, segura-a firmente com as pernas, ficando o furo virado para cima e o pequeno rego, para o lado do corpo do mesmo indio, o qual pega de uma vara direita, de um pé de comprimento, cuja extremidade arredondada colloca na alludida excavação. O mesmo agita a vara, que tem entre as mãos de diante para tras, e vice-versa, com tal firmeza e agilidade, que, em menos de um minuto, esse movimento produz scentelhas as quaes, descendo pelo pequeno canal, attingem e incendeiam as folhas seccas, que ficam por baixo.

O indio tirando fogo

* *
*

Outro facto extraordinario. Constara ao mesmo sacerdote que os bororós conversam perfeitamente de longe, por assobios. Um dia, quiz fazer uma experiencia. Estava no campo, onde os indios trabalhavam. Chamou a um d'elles, dizendo-lhe que a um companheiro, distante d'alli algumas centenas de metros, pedisse, por assobios, uma panella e uma enchada. Dito e feito. Assobiou sua linguagem, e, d'ahi a poucos minutos, o outro trouxe os objectos pedidos. D'outra feita, alguns indios estavam trabalhando na margem opposta de um rio, a uns quinhentos metros de distancia, o Padre Fraga ordenou ao que estava em sua companhia transmittisse, pelo mesmo processo, a um d'elles, o recado de ir ao matto proximo, para cortar diversos páos.

Estabeleceu-se o dialago assobiado, e, pouco depois, ouviam-se no bosque as pancadas do machado, em cumprimento ás ordens recebidas. Esses factos encheram-me de admiração.

No *Nyoac*, de viagem para Cuyabá o Mestre Angelo quiz demonstrar-me a naturalidade d'essa linguagem: proferio uma phrase inteira, em bororó, assobiando-a, em seguida, e tal era a semelhança da cadencia dos assobios com a das palavras proferidas, que fiquei maravilhado.

Imagine-se o tempo, paciencia e o ouvido apurado que se requerem para chegar a tão prodigioso resultado. Soube, na verdade, que o indio começa desde seus primeiros annos esses exercicios linguisticos.

Na visita que fiz ao Collegio de Santa Thereza, em Corumbá, estava ainda conversando com Dom Malan, quando lhe annunciaram a chegada do vigario de Porto Soares, freguezia da Bolivia, que fica a duas leguas de Corumbá. O vigario foi immediatamente recebido. Depois de fallar sobre cousas diversas, expoz o fim de sua vinda. Uma tribu de indios bolivianos manifestara-lhe o desejo de se organizarem em nucleo colonial; para isso vinha pedir a Dom Malan alguns sacerdotes de sua Congregação. Este, penalizado, respondeu-lhe negativamente, devido aos tempos calamitosos do momento, pois a guerra européa, alem de outras ruinas incalculaveis causadas á Congregação salesiana, chamara para as fileiras do exercito nada menos de mil e quinhentos dos seus filhos.

Esse facto compungiu-me e trouxe-me á memoria aquellas palavras de Nosso Senhor: *A ceara é immensa e os operarios são poucos, pedi a meu pae que mande mais operarios.*

Os indios conhecem pela experiencia que o unico civilizador e amigo que elles têm é o missionario catholico. É pena que os operarios sejão tão poucos, e estes mesmos, guerreados a todo transe, por catechistas de outra especie!

Ja vimos como a primeira fundação salesiana, abençoada por Deus de um modo visivel, e promettedora dos mais abundantes fructos, chamada a *Colonia Christina de São Lourenço*, teve fim desastrado, passando subitamente dos ensinamentos regenerados do Evangelho ás doutrinas demolidoras do ensinamento leigo e amoral. Mas esses apostolos do bem, alentados pelo bafo ainda quente de seu ardoroso e intrepido fundador, não desistindo do primitivo intento, lançaram suas vistas, atravéz das amplidões mattogrossenses, vendo por toda a parte gentes bravias, ovelhas desgarradas e sem pastor.

Um reduzido numero de pregoeiros da fé fez-se a caminho, affrontando o desconhecido e, depois de mil privações e soffrimentos, fundaram, em 1902, o *Nucleo Colonial de Bareiros*, sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus, a quinhentos kilometros

de Cuyabá; em 1904, o Nucleo Colonial do Rio das Graças, sob a invocação da Immaculada Conceição, distante cerca de seiscentos kilometros, e, em 1908, a uns trezentos e cincoenta kilometros de Cuyabá, fundaram o Nucleo Colonial do Sangradouro, sob a invocação de São José.

O plano restricto d'este livro não permitte entrar em pormenores ácerca d'essas instituições. Não dexarei todavia de assignalar as enormes difficuldades com que as missões tiveram e têm ainda de arcar. A das distancias dos centros civilizados é de apavorar. Exemplifiquemos o caso. Do Rio a São Paulo, a distancia não chega a quinhentos kilometros. Que diriamos se estivessemos na contingencia de fazer este percurso a cavallo? Vejamos agora o que não ha de ser uma viagem por aquellas mattas e desertos, sem habitantes, sem caminhos, sem cousa alguma! Parecidos com isso só os steppes da Siberia.

E é n'aquelle degredo, que alguns Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora jazem sepultadas, vivendo a vida do heroismo, em continuo holocausto pelo resurgimento de tantos infelizes, mergulhados nas trevas do erro e do vicio!

As novas colonias salesianas, comparadas com a de São Lourenço, estão em muito peior condição.

Na São Lourenço, pela facilidade de exportação, sobretudo dos cereaes, podiam materialmente fallando, viver folgados e progredir. Onde estão, não ha escoadouro possivel, tornando inutil qualquer tentativa de maior vulto.

Accrescentarei que mesmo o transporte de instrumentos agricolas, de fazendas e outros artigos de consumo como sal, kerozene etc. representa despesas, não só pesadas, mas fabulosas. Vou dar uma prova. O frete de uma carroça carregada, que vae de Cuyabá a qualquer das tres colonias, importa em um conto de reis! E não pensem que é exagero!

Imaginem que a carroça, só de ida, leva de trinta a quarenta e cinco dias, e n'ella são empregados, para se revezarem, doze juntas de bois.

Alem d'isto, são necessarios tres homens ou carroceiros.

Veja-se a despesa, para tudo isto, durante dois ou tres mezes, e o ordenado do pessôal, e a conta é facil de se fazer.

* * *

A catechese catholica do Matto Grosso, não ha negar, é rodeada de inimigos e os peiores são os da decantada Bororia; e isso explica-se muito naturalmente. De um lado está a Protecção aos Indios, cuja unica benemerencia (mas esta é efficaz)

consiste em alliviar os enthisicados cofres do Thezouro; do outro, os Salesianos que, não obstante os minguados recursos obtidos do governo, apresentam magnificos resultados.

Uma pessôa insuspeita, que conhece *de visu* a colonia de São Lourenço e a missão salesiana, narrou-me que, dentre os indios de uma e outra, existe uma especie de correio, pelo que, tudo que se passa, aqui e lá, sabem-no immediatamente. O pessôal do São Lourenço, procura attrahir com presentes seductores, e por outros meios, os indios das colonias salesianas. Não é, pois, para estranhar que, de vez em quando, entre estes hajam deserções.

Alguem contou-me o seguinte. Estava elle na colonia de São Lourenço, e foi incumbido, depois de tudo devidamente preparado, de ir buscar alguns indios nas missões salesianas, aos quaes foram feitas as melhores promessas. Estes, a quem os foi buscar, propuzeram a condição de trabalhar separadamente, e não juntos com os de São Lourenço. O meu informante acceitou a proposta e, em chegando, expoz ao Director da Colonia o compromisso assumido com os doze casaes que de lá trouxera. O Director concordou, mas os seus indios exigiram-lhe que os recem vindos tivessem o mesmo tratamento e convivessem com elles. E o Director cedeu.

E qual foi o resultado? Os de São Lourenço roubaram as doze mulheres, emquanto os maridos d'estas fugiram, voltando á vida selvagem. Eis o fructo das promessas que não se realizaram: a deserção e a desgraça das doze familias, a quem nada faltava sob a benefica direcção dos missionarios.

Afóra esses dissabores, oriundos de uma campanha interesseira, ha casos de indios, já civilizados, fugirem novamente para as mattas, não obstante nada lhes faltar e serem bem tratados. Pode isso ser causa certamente de desgostos e de desanimo para os benemeritos pregoeiros da fé, mas não deve causar extranheza a ninguem.

Os Salesianos convenceram-se pela longa pratica, que, por varios motivos, dos adultos pouco podem esperar; e não é com muita facilidade que lhes ministram o sacramento do baptismo. A vida nómada e, digamos com mais verdade, a vida animal que tiveram formou n'elles uma segunda natureza e ahi está a razão porque ás vezes volta-lhes a saudade irresistivel e, sacrificando o bem estar e as mil vantagens da civilização e da moral christã, reincidem nos habitos selvagens e nas asperezas de um viver já intoleravel. Dá-se com os indios o mesmo que com os civilizados; as paixões cegam e arrastam para a ruina.

Soube, entretanto, de um facto que ninguem pode explicar-me satisfatoriamente. Os Padres educaram, desde a edade de sete ou

oito annos, um menino bororó muito prendado e intelligente. Tanto assim que o Padre João Balzola levou-o comsigo a Roma; e o Padre Antonio Malan (hoje Bispo) teve-o a seu lado, n'uma viagem que fez a Turim. Era considerado uma joia bororó. Pois bem, esse menino, já com dezenove ou vinte annos de idade, considerado absolutamente civilizado, fugiu da colonia, voltando á vida nomada. Como, comtudo „O bom filho á casa torna", algum tempo depois, o querido Thiago (assim se chamava) voltou para junto de seus bemfeitores, e, hoje, é casado e mestre escola dos seus irmãos de origem.

* * *

O systema de catechese, adoptado pelos salesianos, é o mais racional e adequado. Supprimiram o methodo absurdo e prejudicial, que consiste em encher de presentes os selvicolas que, por isso, se tornam insaciaveis e vadios. Nas missões, o selvagem avesso ao trabalho, habitua-se a elle pouco a pouco, quer trabalhando por conta da administração, mediante remuneração razoavel; quer por conta propria. Em todos os casos, com o producto dos seus esforços, vae adquirindo os objectos necessarios ou desejados.

Os indios têm seus costumes e suas cerimonias religiosas e suas horas de descanço. Vivem em familias, independentes uns dos outros. Os Padres, com prudencia e caridade, procuram fazer desapparecer do meio d'elles habitos e usos máos ou crueis, quando os ha. Depositam porem toda a sua esperança nas creanças. Para isto, contam com o sublime e inegualavel concurso da mulher christã, alli representada por um punhado de religiosas.

* * *

Muitos talvez ignorem que os bororós têm seus „Bari" especie de sacerdotes e guias espirituaes, cuja influencia, de ordinario, lhes é nefasta. Na colonia são conhecidos com o titulo de capitão, sendo elles os intermediarios entre o Director e os proprios selvagens.

Em geral, quando o superior quer transmittir avisos, conselhos ou determinções, sobre trabalhos a fazer no dia seguinte, fal-o por bocca dos capitães, transformados em oradores officiaes.

No decurso de minha viagem, para Cuyabá, contou-me o Mestre Angelo este caso. Um indio roubara, durante a noite, alguns cereaes no campo cultivado e pertencente aos padres. O superior expoz isto ao capitão, incumbindo-o de reprehender o culpado. Á noite, reunidos os indios, o capitão discursou sobre varios assumptos e, em seguida, endereçou a palavra ao autor do furto, dizendo-lhe, com a gravidade de um moralista austero: Você é duplamente

culpado. Primeiro, porque foi tão tolo que se deixou apanhar em flagrante. Segundo, porque não reservou parte do roubo para mim. A moral estava salva! . . .

A conversão dos adultos é lenta e raramente tem logar. Dizem que uma das causas é o dominio absoluto que os „Bari" exercem sobre elles, apavorando-os com tremendas ameaças, da parte do espirito do mal.

Em 1908 teve logar, n'esta capital, a Exposição Nacional. Essa exposição recorda uma das maiores glorias da catechese catholica no longinquo Matto Grosso.

Abrilhantou-a com effeito, uma banda composta exclusivamente de bororós. Foi essa uma das notas mais empolgantes e patrioticas d'esse inolvidavel certamen nacional.

Por essa occasião, eis que, no centro do Matto Grosso, na missa da Immaculada Conceição, um Bari, discursando aos bororós, annuncia-lhes que tres dos seus musicos tinham fallecido, em viagem, citando o nome de cada um.

O facto era verdadeiro, e o Bari não tinha absolutamente nenhum meio humano de o conhecer. O mesmo, interpellado, declarou que o demonio lhe fizera aquella communicação. Dahi a dias, o mesmo Bari, em outro discurso, communicou aos seus ouvintes que mais cinco musicos tiveram a mesma sorte.

O Director, profundamente impressionado, dirigiu-se telegraphicamente ao Rio e a São Paulo, para saber si havia alguma cousa de verdade. A resposta foi negativa. Mandou então chamar o Bari, intimando-o a citar os nomes dos cinco novos fallecidos. Mas, d'esta vez, o diabo, que, com noticias atterradoras, esperava provocar um levante, causando a ruina definitiva d'aquelle novo oasis espiritual no meio do deserto, nem de longe tocara nos nomes.

O Bari, premido pela insistencia do Director, esconjurou ao pae da mentira (B o p e C h o r e u) a lhe dar uma resposta clara. Mas o demo não esteve pelos autos, e, em resposta, tentou estrangulal-o. Outro Bari interveio, conseguindo salval-o. Toi foi porem o mysterioso terror que se apoderou do desgraçado, por este acontecimento, que nunca mais quiz fallar, como costumava, com o seu m e s t r e.

Quem me contou este facto emocionante foi um sacerdote salesiano, que, n'essa epoca, se achava na colonia. O Bari protagónista, que alias contou tudo como se dera, morreu, assim mesmo, mais tarde, impenitente.

* * *

Apesar das difficuldades, lá está a catechese catholica, admiravelmente organisada e cheia de viço. Á sombra da missão salesiana, abrigam-se centenas de aborigenes que, amanhã, guiados pelos dictames do Evangelho, farão parte integrante da familia brasileira.

Soube que as missões salesianas são, todas os annos, procuradas por numerosos grupos de bororós, que ahi desejariam se localizar, mas que não são admittidos, por absoluta falta de meios. [1])

Quem atravessa, como tive o ensejo de o fazer, esse mundo desconhecido, encontra a cada instante o magno problema da catechese. No decurso d'estas paginas terei occasião de voltar ao assumpto, entretanto, não levantarei a penna, sem patentear os sentimentos da mais profunda homenagem e admiração a esses heroicos filhos e filhas de Dom Bosco, perdidos n'aquelles reconcavcs, de onde, talvez, nunca mais voltam ao convivio da civilização.

É tambem de justiça que, d'entre todos, os que lá mourejaram (na convivencia dos indios) empenhados em amenizar não só a rusticidade das selvas, como em transformar a bruteza dos costumes, cite um nome, gloria da Congregação salesiana.

Fallo do Padre João Balzola. S. Revma. pode ser chamado o apostolo, o pae dos bororós. Durante doze ou treze annos, elle foi a alma vivificadora, de tão fecundo e gigantesco emprehendimento. Só elle poderia repetir com São Paulo: omnia omnibus factus sum! pois onde estavam seus queridos selvagens, estava elle tambem. Na escola, na officina, e até nos mais rudes labores do campo ia-lhes á frente, não só para instruil-os, mas para dar-lhes o bom exemplo. D'entre as virtudes que o distinguiram, a mansidão, a paciencia e a caridade são as que n'elle mais brilharam, e que lhe ganharam o coração de todos. S. Revm. não se acha mais no meio

---

[1]) - Em 1918, achando-me em Cuyabá, a imprensa local publicou que, trinta mil contos já tinham passado pelas mãos de um so leigo, a favor da tal Protecção aos Indios.

É pois digno de lastima que os governos, os quaes, ás mãos cheias, têm posto fora annualmente quantias fabulosas, não se lembrem de assegurar uma quota regular e certa, a cada uma das corporações religiosas, consagradas á catechese dos selvicolas, como são:

Salesianos, Franciscanos, Capuchinhos, Dominicanos etc. Supponhamos que o governo federal destinasse, para este fim, mil contos de reis annuaes, com direito a fiscalizar seu emprego (ao que certamente ninguem se opporia); estou certo que o resultado mais animador se não faria esperar.

Sejão quaes forem as crenças religiosas dos nossos intellectuaes, politicos e homens de governo; todos os que possuem intelligencia e bom senso sabem que a civilização dos indios não é obra de mercenarios, mas de apostolos; e que unicamente o evangelho tem o poder de regenerar as sociedades mais decahidas.

dos seus bororós, mas vaguea, hoje em dia, entre os selvagens das florestas amazonenses, na vastissima e inculta bacia do Rio Negro. Eis, por emquanto a recompensa de tão longos e arduos trabalhos! Só o supremo Dador de todas as graças saberá premiar, e com usura, tão grande heroismo.

Capitulo XIII.

Observei, em Matto Grosso, um costume que, segundo me parece, isola esse Estado de todas as outras unidades da Federação: ahi a mulher, geralmente fallando, vive quasi que segregada do convivio social. Qual será a causa? Creio que não é uma só, mas são muitas. Não deixarei todavia de dizer o que penso: a principal razão é de ordem religiosa e moral.

O que eu reparei, outros notaram, antes de mim. Elisée Reclus, em sua Nouvelle Geographie Universelle, escreve delicadamente estas poucas palavras: „O hospede apresenta raras vezes sua mulher e sua filha aos visitantes, e estes abstem-se discretamente de as mencionar em sua conversação".

O sabio Hercules Florence, que por lá andou, em 1827, descrevendo as origens de Cuyabá, pinta-nos, ao vivo, os costumes de seus primeiros habitantes e dá-nos uma idéa dos costumes d'aquellas epocas, attribuindo certas mazellas justamente ao esquecimento de Deus e dos seus mandamentos.

Posto que, hoje em dia, as cousas tenham mudado muito, para melhor, não privarei os leitores das observações judiciosas e imparciaes d'esse homem superior e acima de toda suspeição.

Diz elle: „entregaram-se (os fundadores de Cuyabá) a grosseiros prazeres e viveram com amasias, não se lhes dando de formar familias, e educar os filhos, quando os tinham, nos sãos principios da religião e da moral.

As mesmas cousas, ainda hoje persistem em Cuyabá, bem que se manifeste salutar tendencia para a modificação. Os casamentos ainda são pouco frequentes. Geralmente se casam os homens ja maduros, que buscam uma companheira para os tempos da velhice. Os mais vivem amancebados e nem se limitam a isso, entretendo intrigas amorosas entre pessôas casadas e solteiras.

As mulheres da classe media e, sobretudo, inferior, são muito livres nas suas conversas, modos e costumes. Alem do continuo exemplo da licença geral, e quasi desculpada, recebem pernicioso

influxo do contacto dos escravos, negros e negras, cujas paixões violentas não vêm peas á sua expansão.

A fidelidade conjugal é muitas vezes falseada. Apesar de temerem os maridos e consideral-os como amos e senhores, sabem perfeitamente enganal-os. Não faz muito, que elles começam apparecer á mesa de jantar, ao lado dos parentes e maridos. Entretanto, em todas as casas do sertão, onde recebi hospitalidade, nem uma d'ellas se apresentou, ficando sempre no fundo dos aposentos, a menos que não seja a pessôa muito familiar.

Conheci comtudo uma senhora, muito bem fallante, civilizada e espirituosa. Tres outras nas mesmas condições; tinham porem já a sua edade, e, apesar do muito que já tinham dado que fallar em sua mocidade, passavam por uns typos de virtude.

As moças, filhas de paes pobres, nem sequer pensam em casamento. Não lhes passa pela cabeça a possibilidade de arranjar um marido, sem o engodo do dote, e, como ignoram os meios de uma mulher poder viver da trabalho honesto e perseverante, são facilmente arrastadas á vida licenciosa, na qual, justiça se lhes faça, apesar de pertencerem a todos, nunca mostram a ganancia e as baixesas das mulheres publicas da Europa.“

Fallando particularmente da corrupção dos costumes, eis como se exprime o mesmo viajante: „em todos os paizes do mundo, os bons costumes não são sempre respeitados, em todas as classes da sociedade, nem direi que a relaxação seja geral, em Cuyabá, mas, em parte nenhuma tenho visto tão grande arrastamento para a licença.

Independentemente do clima, e isolamento d'este povo, a pouca força dos preceitos religiosos, enfraquecidos pelas grandes distancias; a facilidade de viver com pouco trabalho; a ausencia de uma civilização adeantada, que nutra de occupações moraes as classes independentes do trabalho, a vizinhança dos selvagens, cuja liberdade innocente nos mattos, se transforma em vicio n'um povo que quer ser civilizado; a escravidão; enfim tudo concorre para afrouxar os costumes, cuja observancia faz a gloria e o vigor dos povos que os respeitam.

Todos os padres vivem em concubinato; vem-se, em suas casas, rodeados de seus filhos.

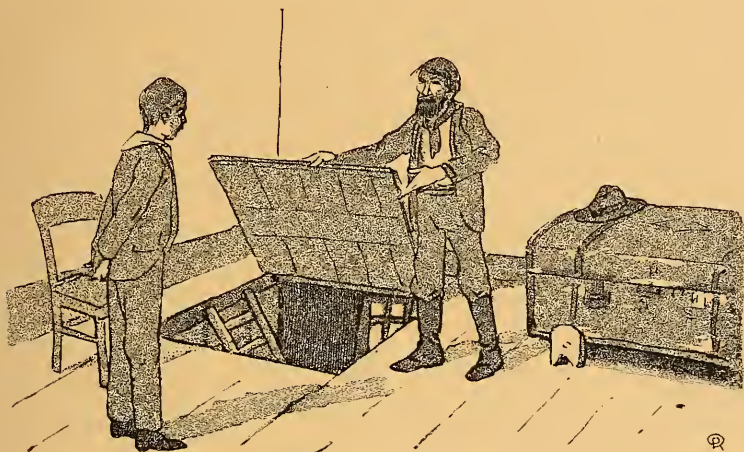
Seja o exemplo dos padres, seja a corrupção geral, a mór parte dos homens têm tambem concubinas.“

Estes periodos do illustre sabio forão escriptos, ha quasi um seculo. O autor, como fino observador que é, não só nos offerece um quadro fiel da sociedade de seu tempo, mas aponta-nos as cousas proximas de sua decadencia. A inobservancia de lei divina sempre foi e será a origem do mal estar e da ruina dos povos. Uma das

calamidades que aponta o autor, e que, mais ou menos, subsiste ainda em Matto Grosso, é o numero limitadissimo de casamentos, que constitue uma prova flagrante da moral publica combalida.

Infelizmente esse mal não é só do Matto Grosso, pois entre nós se acha bastante generalisado: É d'elle que provem esse lamentavel desequilibrio da sociedade, em que a mulher é sempre a victima expiatoria.

E é aqui que queria chegar. O homem sem religião é libertino; não é mais o amigo, é o carrasco da mulher.

Certos factos isolados, por mim presenciados, atravez d'aquelles sertões encheram-me de tristeza.

O fazendeiro de Quilombo

Para encurtar o assumpto, vou narrar um facto, mui proprio para abater um tanto a rigidez de certos Catões amoraes, transformados em mestres de moral. É ainda o senhor Hercules Florence que nos relata este edificante episodio de sua viagem. A commissão scientifica da qual fazia parte, achava-se em Quilombo, umas vinte leguas de Cuyabá. Estavam hospedados em casa do Fazendeiro Domingos José de Azevedo. Eis como a elle se refere o Snr. Florence. „Falou-nos da mulher, já falecida. E ao levantarmos da mesa, levou-nos aos seus aposentos, que eram dois quartinhos. No fundo, suspendeu do assoalho um alçapão e mostrou-nos uma salinha, collocada no primeiro pavimento, escura, humida e com uma janella de grades que dava para o engenho de canna. Aqui em baixo, disse-nos elle, é que eu guardava a mulher, quando ti-

nha de sahir de casa. Ella descia, por uma escadinha, que eu recolhia e recebia alimentos pela janella do engenho.

Admiremos n'esse homem o amor conjugal elevado ao heroismo . . . É que elle praticava tudo isto por amor a virtude, nol-o prova o mesmo escritor, encerrando a narrativa com estas palavras. „Supponhamos que, como acontecia em todas as fazendas, pudessemos ir ao engenho; vendo que elle se mostrava cioso de suas mulatas, conservamo-nos no alpendre e no terreio que ficava deante de nós". Eis ahi um caso typico, que, com certeza, constitue o mais alto ideal, para muitos quorum deus venter est, conforme deixou escripto S. Paulo, em lettras de fogo!

Note bem o leitor que eu não generalizo. O que fica dito pode ser applicado a alguns ou a muitos talvez, animados, para com suas caras metades, dos mesmos sentimentos de benevolencia e carinho do fazendeiro de Quilombo . . .

Quando, em Cuyabá, fallaram-me no costume de não apparecerem as senhoras, e sim os homens, ás visitas, mostrei-me surprehendido e quasi escandalizado.

O meu informante quiz convencer-me, e o conseguiu, em parte, de que isso tinha a sua razão de ser, por dois motivos. O primeiro é que certos cidadãos pouca confiança inspiram. O segundo achei-o mais natural e razoavel. A mulher, em Matto Grosso, tem geralmente sobre os seus hombros, todo o peso da casa, e particularmente da cozinha. A falta absoluta de quem se queira empregar, é, n'aquella terra, o desespero das familias abastadas. Do outro lado, o calor senegalesco obriga as senhoras a ficarem á vontade, em suas casas, não podendo, por isso, apparecer ás visitas com facildade e sem grande sacrificio. E, diga-se a verdade, nada mais pratico, para alliviar uma dona de casa do massante dever de fazer sala ás visitas, do que o processo seguido pelo benemerito fazendeiro de Quilomba . . .

Vamos concluir. Esse costume original dos homens receberem as visitas, entreterem-se com ellas, acompanhando-as amavelmente até á porta, deixou-me, como era natural, impressão desagradavel. É que, desde minha infancia vi sempre praticar o contrario. A mulher é a vida de uma familia, e, dentro de casa, é rainha. E justiça seja feita: n'este ponto, o povo brasileiro leva a palma a todos os outros.

N'uma brochura que, em 1905, publiquei sobre o Estado de Santa Catharina, encontra-se o meu pensamento n'estas palavras textuaes: Não deixarei de mencionar a consideração inexcedivel dos homens (basileiros) para com a mulher, á qual, em todos os actos, por espirito de cavalheirismo, cedem sempre o primeiro logar.

Mas . . . demos tempo ao tempo, que necessariamente tudo ha de mudar. Ha, na sociedade, certos costumes, tão inveterados, que não ha força humana, capaz de modificar.

Só a religião, quando penetra nos lares, e consegue assenhorear-se dos corações, transforma-os, de bem para melhor, porque o laço da caridade, que nos une a Deus, lembra-nos a todos que somos eguaes e irmãos em Jesus Christo.

Capitulo XIV.

Minha viagem ao Matto Grosso coincidio com o epilogo de extraordinarios acontecimentos politicos, ahi desenrolados. Nunca fui politico em logar algum, muito menos quero sel-o numa terra, onde fui tão bem acolhido. Isso não me inhibe, impõe-me, antes, o dever de explanar, embora ligeiramente o assumpto.

Na, verdade o facto de alguem atravessar regiões consideraveis de um paiz, pondo-se em contacto com suas variadas camadas sociaes, com o intento de registrar imparcialmente suas impressões, força-o a percorrer tambem os arraiaes da politica local.

Na cidade de Cuyabá, tenho alguns amigos, acompanhando, por isso, com interesse os acontecimentos da terra que ainda não conhecia. Posso, agora, affirmar que, no fundo, os factos são conforme a imprensa independente nol-os tem transmittido.

Actualmente, ha n'esse Estado dois partidos. O primeiro, representado por um politico activo e de prestigio real; o segundo por um homem que, nesta Capital, tem passado sua vida, sem a minima saudade d'aquelle degredo.

O Senador Azeredo, a exemplo, aliás, de outros magnatas da Republica, acha mais commodo ficar-se aqui, onde lhe é dado colher as rosas sem as picadas dos espinhos.

E não tem mau gosto.

Mas, por isso mesmo, sua influencia é assaz limitada, pela razão muito simples que „quem não planta não colhe". Não nego, com isso, que elle não tenha partidarios; nem a estes pretendo desaprovar suas preferencias politicas. Quiz provar tão somente, que o partido que dispõe da grande maioria dos votos é o celestinista, pelas razões expostas.

A intervenção federal, coroada pela escolha de um presidente de conciliação é o remate de um anno de revolução.

Na ultima eleição havida, fora escolhido, para Presidente, o General Caetano de Albuquerque, o qual, em sua plataforma, apresentou um programma honesto.

Nem por isso tardou que o nababo carioca começasse a querer ageital-o maneirosamente ás suas proprias conveniencias. Logo no começo, houve, no sul do Estado, medições de terras, de envolta com negociatas. O General Caetano, cuja honestidade os proprios adversarios reconhecem, insurgiu-se contra as planejadas maroteiras. D'ahi o levante do azeredismo para o desbancar. Mas o Presidente preferia exonerar-se do cargo, a macular seu, nome, mancommunando-se com elementos tão damninhos.

N'esse interim, deu-se um facto imprevisto: o celestinismo opposicionista poz-se ao seu lado. Todos os melhores elementos, de norte a sul, fizeram o mesmo. O General Caetano, Presidente do Estado, de direito e de facto, e como tal, defensor nato dos altos principios da justiça, atirou-se generosamente á lucta, applaudido pela nação inteira. D'esses embates sanguinolentos é que não tivemos idéa exacta. A imprensa de então dizia-nos que o Presidente ia levando tudo de vencida, com a brava e disciplinada policia estadual, quando, na verdade, com este fraco e muito reduzido elemento, bem pouco poderia conseguir.

O que lhe valeu foi o elemento civil do partido celestinista, adheso e unido, até o ultimo sacrificio. Soube, por exemplo, de um grande fazendeiro, o Dr. Morbek, que veio das margens do Araguaya, distante seis ou setecentos kilometros, atravessando, a pé, esses inhospitos desertos, á frente de trezentos homens, armados; alimentados, e pagos por elle, durante alguns mezes.

Foi assim que o Governo limpo e patriotico do General Caetano de Albuquerque conseguio jugular a revolução.

Quaes deveriam ser as consequencias dessa victoria?

Readquirida a paz, o general Caetano, desprezando quaesquer impecilhos, começaria a execução do seu programma: Um governo honesto. E, em quasi tres annos, que lhe restavam, restauraria as finanças; compensaria, como era de justiça, a tantos que pela sua causa foram sacrificados. Finalmente, na machina governamental, imprimiria esse cunho de actividade progressista e laboriosa, unico meio de fazer um povo respeitado e feliz.

Mas . . . é sempre esse m a s, que ha de vir desvanecer os mais grandiosos e desinteressados acontecimentos!

A perspectiva d'essa felicidade que, em Matto Grosso, não podia falhar, roubou o somno a algum, que viu sumirem-se chimericos sonhos, ao adeantar-se d'aquelle caracter inquebrantavel, ladeado d'essas duas bellas virtudes: a honestidade e a justiça.

E o grande homem, a quem, segundo fama pouco verdadeira, o Matto Grosso incondicionalmente obedece, fez-se pequenino e procurou o chefe da nação, expondo-lhe sua desdita. O Dr. Wenceslão, cheio de sensibilidade pelas lagrimas do amigo, e insensivel pelas desgraças que sua condescendencia iria causar a milhares de familias mattogrossenses, prometteu-lhe mão forte, isto é, comprometteu-se, conforme asseveram as victimas, a por em jogo sua influencia e suas artes para ser-lhe util, sem olhar ás consequencias.

Então o céo mattogrossense toldou-se de novo e o Presidente do Estado começou a subir o ingreme e pedregoso caminho do Calvario. E as angustias opprimiam-no de tal forma que bem podia affirmar que os proprios amigos, os seus comensaes armavam-lhe ciladas.

Sentia, com effeito, faltar-lhe o terreno, sob os pés, sem atinar com a causa do ignorado phenomeno. Que fazer em tal apertura? Accusaram-no de, na hora em que ia colher os louros da victoria, ter-se entregue, corpo e alma, seduzido pelo canto da sereia do Cattete. Eis outra injustiça a reparar. O general Caetano teve n'essa quadra momentos difficeis, forçado pelas circumstancias a guardar, dentro em si, factos graves que, desvendados, lhe dariam plena razão.

Não me é licito entrar em taes meandros, mas posso asseverar: S. Exa. veio ao Rio, e, n'uma serie de conferencias successivas, bateu-se, como um leão, junto ao Presidente da Republica, em defesa do seu partido, apresentando e sustentando com lealdade tudo que este reclamava.

O Snr. Wenceslão, de pouco gloriosa memoria, fechou os ouvidos á voz da justiça, acenando claramente á intervenção armada, transformando o pobre Matto Grosso n'um matadouro, caso ainda houvesse veleidades de resistencia!

* *
*

Outro ponto, que só é conhecido, e bem conhecido, em Matto Grosso, é o caso da intervenção.

A intervenção foi, para o Matto Grosso, uma humilhação e uma ruina financeira. O interventor ia acompanhado de numeroso sequito, dando, em partilha, a cada um d'esses amigos os cargos principaes, como si em Cuyabá não houvesse mattogrossenses honestos, necessitados e capazes de servir dignamente a terra que lhes servira de berço. E, já se sabe: todas essas enormes despezas da intervenção custeadas pelos miseros cofres do Estado.

Alguem, com expressões de indignação e revolta, asseverou-me que a intervenção levara um modesto serventuario dos Correios,

como cozinheiro, e que, como tal, tinha um ordenado (tirado do Thezouro do Estado) de trezentos mil reis mensaes!

Por occasião desses acontecimentos, pensavamos, aqui, que a intervenção, n'aquelle Estado longinquo, seria muito parecida á visita do anjo da paz; emquanto, na realidade, ella não passou de um furacão que, varrendo as planuras mattogrossenses, nada deixou de pé. Não me attribuam com isso allusões de prepotencias, anarchias e morticinios. Quero só dizer que a tal intervenção entrou em Matto Grosso, não como mediador de paz, mas como um d'esses felizardos que, herdando, da noite para o dia, grande fortuna, a ella se atira, com o unico fito de a delapidar.

Assim, para quebrar a monotonia de tão luzido pessôal, mandou vir de São Paulo uma Companhia theatral de gente muito alegre; tão alegre e attrahente que um dos mais conspicuos funcionarios da confiança do interventor, pegou de um rico tapete do palacio do governo e, sem mais nem menos deu-o generosamente á mais sympathica das actrizes. E muito mais haveria a dizer, sobre isso, mas façamos ponto final.[1])

---

[1]) - Pouco após minha volta de Matto Grosso, recebi uma brochura intitulada: A Politica de Matto Grosso e a Intervenção Federal. É seu autor o senhor Nilo Povoas. Eis o que elle escreve sobre o mesmo assumpto:

„Quando toda gente (diz o senhor Povoas) ja alimentava a consoladora esperança de não mais ver pisar terras cuyabanas ao Dr. Camillo Soares, logo após a apuração das eleições, um despacho telegraphico transmittia a infausta noticia de haver embarcado, no Rio de Janeiro, com destino a este Estado, já grandemente arruinado, fallido e completamente desacreditado, afim de reassumir o exercicio de cargo de interventor, o relapso Director Geral dos Correios.

Não se sabe ainda de que maneira cavou o senhor Camillo Soares a sua absolvição do já celebre processo de responsabilidade, a que fora chamado a responder; o certo é porem, que o senhor Camillo foi absolvido! . . .

Sómente n'um paiz como o nosso, onde as responsabilidades são só pour épater le bourgeois, onde se nomea semcerimoniosamente interventor, n'um Estado, n'uma unidade da Federação, completamente conflagrada, a um funccionario incompetente, e que tem, a pesar sobre seus hombros, a carga de um processo por crime de peculato! sómente n'uma terra como a nossa, em que o mais alto Tribunal da Justiça se tansforma da noite para o dia, em mercado de sentenças, verdadeiro pardieiro de politicos apaixonados, aos quaes menos vale a justiça do que os interesses inconfessaveis do partido a que pertencem; mais valem algumas dezenas de contos de reis que o bom nome do Paiz e limpeza de suas togas, poderia ainda voltar a exercer funcções publicas aquelle que já fora processado por crimes, como o que motivou o processo do Director Geral dos Correios, o ex-interventor d'este infeliz Matto Grosso que, graças aos achegos do Snr. Wenceslão, já chegou até

Entretanto, é de justiça notar que, n'essa intervenção houve uma nota harmoniosa e altamente dignificadora: Os varios officiaes superiores do exercito, incumbidos de tão delicada missão, souberam honrar a farda, cumprindo estrictamente o seu dever. Sim, os ultimos acontecimentos de Matto Grosso (1916—1917) são uma pagina de ouro, nos annaes do nosso exercito.

* *
*

Desde alguns annos, publica-se em Cuyabá um jornal, que merece uma referencia especial: é „A Cruz". Recebo-a com mais ou menos regularidade, desde seu apparecimento. N'esta Capital, e durante minha viagem ao Matto Grosso, conversei com pessôas, cujas referencias, ao alludido hebdomadario, lhe erão tão desfavoraveis que me causaram espanto.

No momento, nada pude comprehender; mais adeante, porem, tive perfeito conhecimento de que, o que fallava por bocca dos meus informantes, não era a razão, mas a conveniencia. Tanto o interesse, e mais ainda a cobiça, pode offuscar as mais bellas intelligencias!

Não é que eu pretenda defender A Cruz, a qual cahiu, effectivamente, no erro gravissimo de seguir os mais solemnes ensinamentos do immortal Pontifice Leão XIII. Vou explicar-me.

O General Caetano de Albuquerque era o Presidente eleito e empossado do Matto Grosso . Contra elle, pela unica razão de ser honesto, ergueu a revolução o braço fratricida, querendo apeial-o e inutilizal-o para sempre.

Deu-se então um facto incrivel, inaudito: pessôas dignas e em destaque puzeram-se ao lado da revolução, apregoando, sem reservas, não o assassinato, mas a destituição da suprema autoridade!

Que fez então a Cruz? Fez o que, a meu ver, deveria fazer qualquer jornal official da Diocese em que é publicado.

Supponhamos que um partido de opposição dá o grito de revolta contra o governo de Dom Aquino; qual o papel da Cruz, em tal emergencia, sinão o de defender as autoridades legitimamente constituidas?

Observamos porem que esse semanario não é um simples orgão da opinão publica, mas, mais estrictamente é o orgão da

---

para o governo de um Camillo processado". E, mais adeante escreve o mesmo autor: „E o que jamais ninguem poderá negar, de boa fé, é que o senhor Presidente da Republica tenha sanccionado a mais negra das desgraças para Matto Grosso, mandando tomar conta da sua Administração, uma horda de criminosos e aventureiros esfaimados, como foi o bando negro da intervenção". Até aqui o senhor Nilo Povoas.

Frei Ambrosio

Liga Social Catholica „Matto Grossense", respeitavel e, digamos a verdade, temido agrupamento de homens livres que, alem de bons catholicos, se prezam de bons brasileiros, e, como taes, não renunciaram ao direito de se interessar pela grandeza de sua patria, pondo-se incondicionalmente ao lado da boa causa.

Mas, como um dos principaes defensores d'essa fortaleza é o valoroso Frei Ambrosio Daydé, contra elle se voltaram especialmente as iras inimigas. Entretanto, Frei Ambrosio, como ha pouco affirmei, não fez n'isto tudo, sinão seguir os conselhos de Leão XIII ao episcopado francez. De sorte que, si como assistente ecclesiastico e redactor do mesmo jornal, acobardado pelas ameaças ou intrigas interesseiras, capitulasse, se mostraria indigno de capitanear, nos incruentos embates do pensamento, esses ousados luctadores, que, nos momentos difficeis, encontra sempre a seu lado, para sua guarda e defeza.

Os inimigos da probidade e da justiça viram, pois, na Cruz um formidavel impecilho a seus torvos e sinistros designios. Começaram então por guerreal-a, á socapa.

E não faltaram nem o canto da sereia, nem as lagrimas commovedoras da raposa, com o fim de conseguirem que um decreto draconiano quebrasse aquellas pennas, reduzindo a aguas movinas o temido campeão da verdade.

Todas as tramas cahiram! So ficou de pé a Cruz, paladino intemerato, azorrague do banditismo, defensor solicito e cavalheresco dos fracos e perseguidos!

É preciso conhecer de perto as condições internas do Matto Grosso, para avaliar a somma de beneficios que a sociedade d'esse Estado deve á Cruz, unico jornal de opinião formada, que sabe desvendar, sem acrimonias, as maroteiras d'esses figurões prepotentes, dizendo sempre a verdade, agrade ou deixe de agradar.

* * *

Na cidade de Cuyabá, passei um mez e dias. Achava-se tambem ahi, de passagem, o coronel Candido Rondon, o qual, na sua chegada, foi garbosa e espirituosamente saudado pela Cruz.[2])

---

[2]) - No dia 18 de Fevereiro, approximadamente, de 1918, dois dias antes de encetar minha viagem, li nos diarios d'esta Capital, uma noticia verdadeiramente sensacional.

Estavamos ainda no tempo da pavorosa guerra mundial.

Foi quando o então Coronel Rondon, telegraphou lá do fundo dos sertões mattogrossenses, ao governo, aventando a idea pratica de se militarizarem os nossos bellos indios de um metro e oitenta de altura (fora as penachos), começando por um batalhão, vindo em

Dizem que o coronel não vae á missa do Redactor da C r u z, isto é: não morre por elle de amores. Um cuyabano, amigo de ambos, contou-me o seguinte: Poucos dias antes, um partidario do Coronel, fallando com o mesmo, em referencia a Frei Ambrosio, desabafou-se á vontade, contra este ultimo. Ao que o Coronel Rondon respondeu mui serenamente que Frei Ambrosia não tinha culpa do que a C r u z publicava contra elle. „Quem escreve, accrescentou, não é elle, são outros informados (alias com muita fidelidade) pelos meus proprios commensaes".

Confesso sinceramente que, d'esta vez, o Coronel encheu-me as medidas: não podia ser mais verdadeiro.

Effectivamente, Frei Ambrosio não se occupa d'essas cousas. Quizera mesmo dizer, que, devido a seus inumeros e continuos afazeres, pouco pode fazer pela C r u z. E é de lamentar, pois com isso este jornal só tem a perder.

Quando foi por occasião da campanha em defesa do General Caetano, a C r u z encontrou-se incidentemente ao lado do partido celestinista, o qual soube dar o devido apreço a tão valioso contingente.

Não quer dizer que ella se tivesse ligado a esse partido, mesmo porque, si o fizesse, não demoraria em experimentar os fructos amargos das desillusões politicas.

Vou contar um caso insignificante, que teve logar, durante minha estadia, em Cuyabá. Um collaborador occasional, muito apreciado, alias, por seus trabalhos historicos, sobre Matto Grosso, mandou um longo artigo, tratando da imprensa do Estado, para ser publicada na C r u z. O meu amigo Frei Ambrosio, dando, mais uma vez, razão aos acertados conceitos do Coronel Rondon, não leu o artigo, no qual, duas ou tres palavras melindraram ao Presidente Dom Aquino.

Via-se logo que a culpa da Redacção, si havia culpa, não podia ser proposital, mas, um descuido apenas. O jornal celestinista local alludindo ao caso, definiu-o uma injustiça!

Em politica, tenho visto muita cousa que não presta; nunca porem tão insolita e descabida aggressão contra um correligionario.

E fiem-se depois, na dedicação dos politicos!

* *
*

---

seguida um regimento e finalizando com a formação de uma legião inteira ou trinta mil homens.

Confessemos que no genero f i t a s não ha cousa mais sonorosa nem mais hilariante.

Foi esta noticia que occasionou a carinhosa saudação da Cruz ao recemchegado sertanista.

Já contei como, a 7 de Março, fui fazer uma visita ao recem-eleito Presidente do Estado, Dom Francisco Aquino Corrêa, e ao seu digno Secretario P. Manoel Gomes de Oliveira.

Por occasião das festas da Paschoa, Dom Aquino mandou, retribuir-me a visita, e, dias depois, recebi o honroso convite para um almoço, em Palacio, que teve logar a 12 de Abril, tres dias antes da partida.

Comtudo, em se tratando de um Bispo brasileiro, guindado por dois partidos adversos, ás culminancias do poder, em seu Estado,

A Justiça

seria muito deficiente, limitando-me a uma ligeira referencia, e ao modo gentil com que fora por S. Exa. acolhido.

A 6 de Março, havia pouco mais de um mez, que Dom Aquino empunhara as redeas do governo.

A intervenção que o precedera, devia ter um fim, mesmo porque os salvadores haviam cumprido sua missão, isto é: tinham raspado meticulosamente, até o ultimo ceitil, as arcas do Thesouro...

Dom Aquino, chamado Presidente da Conciliação, escolhido pelos dois partidos, devia governar com elementos de ambos, mantendo, entre elles, quanto possivel, concordia e harmonia.

Apenas tomou posse de seu alto cargo, começou a governar, cuidando seriamente de reanimar, com vida nova, aquelle pobre Estado reduzido á petição de miseria. E logo no começo, acercaram-se da presidencia personagens conspicuas, com o fim evidente de lhe darem mão forte, em tão agigantado emprehendimento. O primeiro era o Snr. Coronel que para ultimar seu mappa, pedia, hinc et nunc, a miseria de quinhentos contos, bem contadinhos! O homem foi de uma perseverança heroica, em repetindo diariamente suas visitas a Dom Aquino. Mas . . . afinal, teve que voltar para o matto.

O segundo, é inutil que o nomeie, é o já conhecido papae dos mattogrossenses, o qual muito contava, parece, com a docilidade do novo Presidente. Mas em seu jovem patricio encontrou, não a creatura docil que elle sonhava, mas um Presidente firme e prudente, visando exclusivamente o reerguimento de seu Estado abatido e arruinado. E d'isso deu prova incontestavel, fazendo recahir a escolha dos cargos de maior responsabilidade, em pessôas idoneas e de comprovada honestidade. Vamos a um facto.

Matto Grosso é talvez o Estado em que ordinariamente a justiça tem sido arrastada pelo caminho da amargura.

Dom Aquino comprehendeu, de relançe, a gravidade d'este facto, escolhendo, para Ministro do Interior e Justiça ao Dr. Benito Esteves, integro juiz de Direito da cidade de Poconé.

Essa escolha representa uma boa acção e o programma de quem quer fazer justiça.

Ora, hoje, como em todos os tempos, a justiça é a base da paz e da prosperidade dos povos. [3])

---

[3]) - Diz-me a consciencia que este livro ha de, mais tarde, ter algum valor historico, tal o exemplo com que me tenho occupado de todo e qualquer assumpto de algum peso e responsabilidade. Por isso seria injusto, teria dois pesos e duas medidas si deixasse passar sem um leve reparo a parte que se refere á administração da justiça.

Apesar de ser a absoluta expressão da verdade, o que acima fica dito, os meus prognosticos não se realizaram: ainda não foi o governo de Dom Aquino, no qual a justiça conseguisse desfraldar sobranceira o seu labaro glorioso. Quaes seriam as causas por que o recto e inflexivel Ministro do Interior e Justiça não conseguio executar o seu programma?

Seria a fatalidade? Não sei!

Capitulo XV.

Voltemos ao fio da historia. No dia immediato ao da minha chegada, como ficou dito, fui fazer uma visita a Dom Carlos Luiz d'Amour, Arcebispo de Cuyabá. Havia oito ou nove annos, que o não via, e, apesar de suas oitenta primaveras, achei-o rejuvenescido e mais bem disposto. S. Exa. Revm. gentilissimo por natureza e por educação, foi para commigo de uma amabilidade illimitada.

No dia 13 de Março offereceu-me um intimo e lauto almoço. No dia 20 do mesmo mez, quiz retribuir-me a visita, no edificio do Seminario, almoçando comnosco. Para isso teve de vir, a pé, subindo pedregosa ladeira, n'uma manhã, em que o sol queimava como fogo.

Na quinta feira da ultima semana (11 de Abril), convidou-me para um almoço de despedida, offerecendo-me, n'essa occasião, uma reliquia de São Vicente, lembrança que, ha longos annos, recebera de sua extremosa irmã.

No dia 13 de Março, antes de almoçar com o senhor Arcebispo, tive opportunidade de visitar o Asylo de Santa Rita, instituido e mantido por S. Exa. N'este genero, é o primeiro edificio que vi em Matto Grosso, onde tudo se faz com sacrificios inauditos e concursos minimos. A chacara é immensa, e n'ella ha grandes mangueiras e outras arvores fructiferas, cuja sombra é, para as meninas e para todos, benefica e providencial. A casa é ladrilhada, com luxo, sendo dirigida pelas Irmãs francezas da Immaculada Conceição.

Quasi em frente ao Palacio archiepiscopal, fica o Collegio das Irmãs salesianas, que tambem visitei, sendo por ellas recebido com amabilidade e satisfação. N'esses dois institutos, tão bem apparelhados para a educação das filhas de familia, pela escassez desoladora de meninas, tem-se a impressão opposta á da conhecida passagem do Evangelho. Aqui, *a seara é pequena e os operarios são muitos.* Quando é que os paes de familia do Matto Grosso se resolverão a cuidar com carinho e solicitude da educação christã e moralizadora de suas filhas?

* * *

Já deixei dito que o Matto Grosso, considerado sob o aspecto religioso e moral, apresenta um quadro desanimador. Esse mal é attribuido a diversas causas. Em primeiro logar, esse Estado foi sempre considerado o logar de degredo de assassinos e malfeitores. Como pode uma sociedade progredir, si os proprios governantes inoculam-lhe periodicamente o virus da corrupção?

O que não faz o governo federal, completa admiravelmente o de São Paulo.

Emquanto lá estive, a policia paulista, para que sua capital figure entre as mais adeantadas e irreprehensiveis, atirou para a cidade de Corumbá uma centena de vagabundos, ladrões e outros elementos perniciosos. Que patriotismo. Que civilização!

* * *

Muitas circumstancias, e particularmente o abandono votada áquellas infelizes regiões, concorrerram para que uns resaibos da antiga escravidão se conservassem, accentuadamente pronunciadas mais ou menos, em toda a parte, o que só pode produzir este funesto resultado: a prepotencia e libertinagem de poucos, brutalmente mantida sobre os pequenos, considerados fóra da lei.

* * *

Constou-me que uma nova causa veio aggravar, em Cuyabá, a decadencia dos costumes. Ha cinco ou seis annos, appareceu ahi um sujeito portuguez, vindo de São Paulo, vendendo livros os mais sujos e infames. Como si essa alluvião de podridões impressas não bastasse, elle mesmo, com o bom exemplo, procurava edificar a quem não estava de todo pervertido.

É facil imaginar os fructos produzidos por taes sementes, n'uma epoca em que se proclama e defende criminosa e insensatamente esta sentença: liberdade para o mal e para os malfeitores.

Da corrupção dos costumes origina-se a maior praga do nosso tempo: o indifferentismo, quando não é a aversão a tudo que é bom e puro e, ás vezes, mesmo o odio ao que é santo e divino.

Do jardim publico e da Escola normal de Cuyabá (que, ao mesmo tempo, é grupo escolar mixto) contaram-me cobras e lagartos, contra o publico decoro. Penso haver muito exagero, por não apontarem factos notorios e comprobatorios. Que ahi, como em qualquer outra cidade, possa, nos logradouros publicos, haver abusos, não duvido; mas tenho por certo que um pouco de vigilancia e de boa vontade, por parte das autoridades, poderá cortar definitivamente os motivos de murmuração e de escandalo, si os ha.

* * *

Já disse como se deu minha chegada a Cuyabá. Nos primeiros dias recebi, numerosas, gratas e honrosas visitas, mas facto curioso e unico, na minha vida: essas visitas forão exclusivamente de homens.

Comecei a pregar, na Cathedral, com grande concurrencia, entretanto, nem antes nem após a predica, alma viva me appareceu.

Só depois do quinto sermão, duas ou tres mulheres do povo vieram, como que a medo, cumprimentar-me respeitosamente.

Graças ao zelo infatigavel dos Franciscanos e Salesianos, ha já um numero regular de pessôas do povo que frequentam os sacramentos. Nas familias abastadas a religião, até agora, pouco tem conseguido. Entre os homens, tem-se feito outrosim alguma cousa. É assim que os Franciscanos dirigem a Liga Social Catholica Brasileira „Mattogrossense" e uma Conferencia de São Vicente de Paula.

Os salesianos tem, sob sua direcção, a Companhia de Dom Bosco e a de São Luiz Gonzaga.

O meio, em que esses catholicos mourejam, é completamente differente do nosso. Por isso talvez eu não esteja muito longe da verdade, asseverando que elles, para defenderem a boa causa, mais se ageitariam em pegando da espada do que do terço. A essas diversas associações, tão bem encaminhadas falta ainda uma cousa: a unidade de vistas.

Quem lucra com isto não é a boa causa. Vou explicar-me com um exemplo.

Nos primeiros dias de Abril, fazia annos Dom Aquino, o qual achou mais acertado ausentar-se n'esse dia, dando um magnifico passeio pelo Cuyabá abaixo. Poucos dias mais tarde, uma das associações catholicas, resolveu fazer a S. Exa. uma manifestação de apreço. E por isso merece louvor.

O modo, como ella se houve, é que foi singular. Preparou tudo, ás caladas, para que suas congeneres, de direcção diversa, d'ella não participassem. E assim aconteceu. O illustre anniversariante é que se não havia de enthusiasmar, pois o facto lembrou-lhe com certeza aquella phrase evangelica: Omne regnum divisum contra se desolabitur.

* *
*

A cidade de Cuyabá é dividida em duas parochias: a de São Gonçalo, no segundo districto, sob a direcção dos Salesianos, e a Cathedral, no primeiro districto, entregue aos Franciscanos.

Esta ultima abrange a maior e principal parte da cidade.

A Cathedral é um templo vasto, reformado, ha poucos annos, pelo Snr. Arcebispo, Conde romano, Dom Carlos Luiz d'Amour.

Accresce que a matriz de São Gonçalo, cuja soberba torre, encimada pela gloriosa imagem do Santissimo Salvador, domina sobranceira os edificios da Capital, ainda está para concluir.

Na Cathedral é que eu devia pregar a serie de sermões para que fora convidado.

Antes de começar, fora prevenido de que os ouvintes não seriam em numero, como no Rio, São Paulo, Minas, etc. A indifferença religiosa occasionaria a escassez do auditorio, quanto mais, que a maior parte dos sermões teria logar, não aos domingos, conforme o uso, mas em dias uteis. Felizmente os prognosticos falharam, ultrapassando os factos toda espectativa. Os dias de pregação (fóra os extraordinarios) erão: terças, quintas e domingos, ás seis horas da tarde.

Foi um trabalho insano e de grande responsabilidade, mas tudo correu na melhor ordem, e sem contratempo.

Preguei, a primeira vez, no dia dez de Março. Achava-se presente o Exmo. Snr. Arcebispo Dom Carlos, assim como todos os Franciscanos e as Irmãs salesianas. Grande massa de povo enchia o templo. Não podia encetar a pregação sob melhores auspicios. O senhor Arcebispo, apesar da sua avançada edade, e de ter de andar, a pé, do Palacio á Cathedral, assistiu não só ao primeiro sermão, mas a diversos.

Um facto causou-me pasmo, e honra, mais do que qualquer elogio, o povo de Cuyabá. No decorrer d'essa serie de sermões, o auditorio observou o respeito e o silencio de um modo impeccavel. Basta dizer que, nem uma unica vez, ouvi uma palavra sequer que pudesse perturbar ou distrahir.

Aos domingos e ás quintas-feiras, justamente ás 6 horas da tarde, costumava uma banda de musica tocar, no jardim publico, proximo da Cathedral.

O governo tomou as providencias para evitar tal inconveniente, que vinha não só distrahir, mas concorrer a que muitos assistentes se retirassem da egreja e do sermão, para irem apreciar um pouco de musica. Isto, n'uma cidade desprovida de passatempos, explica-se.

D'esta vez, o pregador tinha a certeza de não ser perturbado, pois, depois da predica e da bençāo do Santissimo Sacramento, é que a banda quebrava o silencio.

No domingo da Resurreição, resolvi pregar tambem á noite. Era o sermão de despedida, não incluido no programma, pelo que a banda não fora prevenida.

Estava talvez ao meio, quando inesperadamente a musica irrompeu em notas estridentes e jubilosas.

Pois bem, aquella massa compacta, que enchia litteralmente a Cathedral, não se moveu: nem uma pessôa abrio a bocca ou se retirou! Tenho pois justos motivos para guardar d'esse auditorio modelar a mais grata e sincera recordação.

O tempo que medeia entre minha chegada a Cuyabá e o domingo da Resurreição, passei-o n'uma actividade febril.

Na Semana Santa, houve mais sermões e mudança de horario.

Na Sexta-feira Santa, Missa de Presantificados com sermão. Os precedentes pregara-os de um pulpito portatil, mais commodo e conveniente. Para o da Paixão, tive que subir ao pulpito fixo da Cathedral. A impressão que experimentei, em lá chegando, foi de estar fóra do alcançe do auditorio, tão desproporcionada era sua altura. Creio que se costumasse decorar os sermões, esse ligeiro incidente poderia ser-me causa de um desastre.

Ás grandes solemnidades d'esse dia assistiu tambem Dom Aquino. O mesmo fizeram as religiosas do Asylo Santa Rita, que fica distante da Cathedral, juntamente com as asyladas. Em caminho, aconteceu a estas um caso curioso. Inesperadamente deram de rosto com um figurão da terra, o qual perfilando-se empertigado na importancia de sua prosapia perguntou gravemente ás meninas como era possivel que Nosso Senhor, tendo morrido no anno passado, pudesse agora morrer outra vez! . . .

Ora, seu tigre, poderiamos responder-lhe com a Cruz de então, si não tem outra cousa a dizer, procure melhor officio; melhor e menos ridiculo!

* * *

Em Matto Grosso, as chuvas costumam ser precedidas de relampagos e coriscos, e acompanhadas de ventanias e rajadas. N'esse dia de grande lucto para a Egreja, o tempo mudou de estylo, como querendo tambem chorar a morte do Salvador. De facto, ás cinco da manhã, começou a cahir brandamente uma chuva miuda e continua. Ás cinco e cincoenta, contemplava da minha janella o sol brilhando vivamente, atravez de incessante chuvisco, produzindo nas folhas seccas do proximo arvoredo o effeito indescriptivel do variegado scintillar de mil pedras preciosas.

Ás seis, pouco chovia e ás sete, o sol allumiava a terra em toda sua pujança. Ás dez e meia, e a uma hora da tarde, voltou a chuva, por alguns momentos, succedendo-lhe com igual facilidade o tempo mais lindo e encantador.

* * *

Erão seis e cincoenta da noite, quando começou a desfilar a procissão do Enterro, sahindo da Cathedral. Acompanhei-a tambem. As ruas, quasi ás escuras, são fracamente illuminadas pelas tochas accesas dos Irmãos, e sacerdotes. O itinerario é longo, cheio de voltas, por altos e baixos, tendo-se, por vezes, de atravessar corregos, formados pela chuva recente. Quando algum ponto de passagem offerece perigo, a massa do povo que procede tacteando por taes

labyrinthos, approxima-se, pressuroso, o venerando Tocantins, digno Secretario da Camara Eccelesiastica, o qual armado de poderoso archote, ahi permanece, até que todos tenham passado. A banda acompanha o pallio e o povo vae-se distrahindo, amenizando inevitaveis e pequenos incidentes.

Nem podia ser de outra forma, porquanto, como disse o meu amigo Frei Ambrosio, uma procissão de Enterro não passa de uma manifestação catholica. O movimento do prestito não é como no Rio, fazendo alto a cada momento; mas uma especie de motu perpetuo. Só assim é que o cortejo chegou até o bairro da mandioca, deu mil voltas, entrando novamente no templo, no breve espaço de uma hora, com duas ou tres paradas de dois minutos, si tanto.

O povo já estava de volta, na egreja, entoando as ultimas estrophes do Senhor Deus, quando desabou sobre a cidade formidavel aguaceiro que, n'uma meia hora, transformou viellas e ruas em regatos e torrentes.

* *
*

No domingo da Resurreição, ás tres e pouco, estavamos de pé.

O tempo, mais uma vez, chuvoso, amedrontou muita gente, enaltecendo, ainda mais, o espirito de sacrificio e de piedade da immensa concurrencia dos fieis. Ás quatro e meia, entrou a missa solemne, sendo eu o celebrante; ao Evangelho, subi á tribuna, pregando sobre a Resurreição. A distribuição da communhão foi longa e penosa, mas consoladora, Findo o santo Sacrifreio da Missa, acompanhei a procissão em volta do extenso largo da Cathedral.

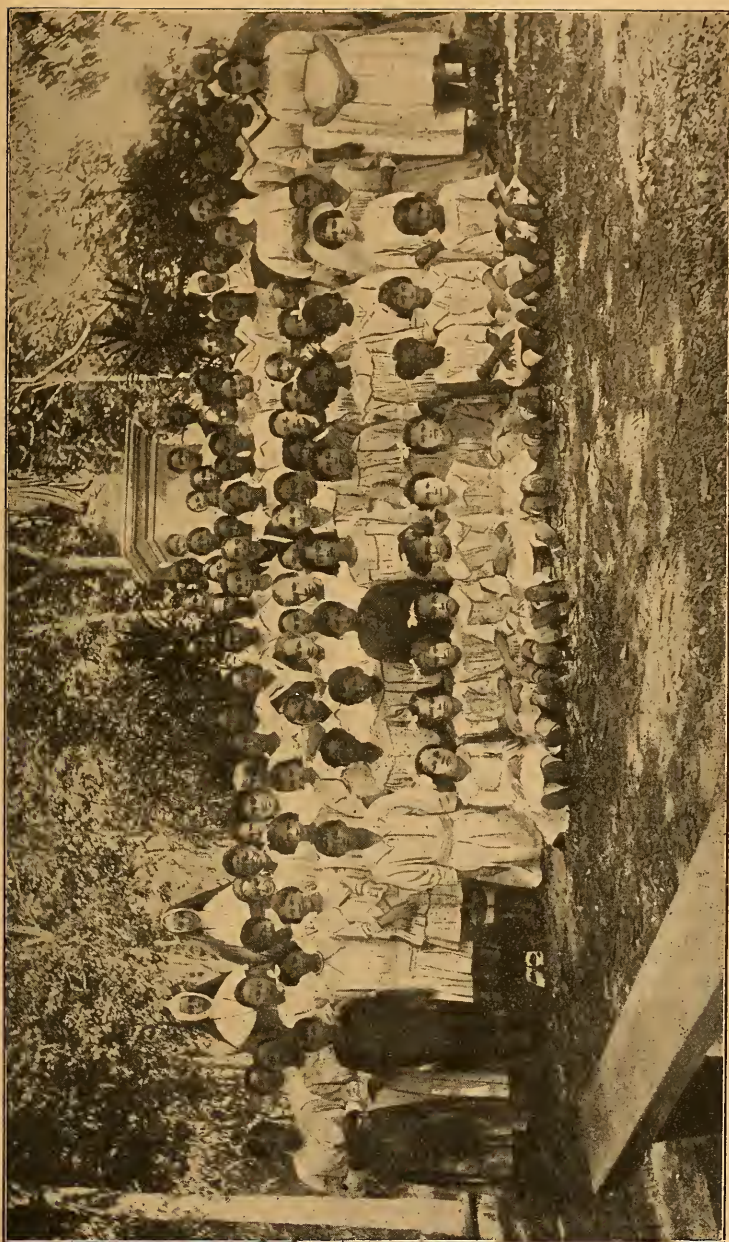
Minha missão estava terminada, embora, á noite, fizesse o sermão de despedida, com tal concurrencia de povo que nunca vi egual.

Era meu plano aproveitar os quinze primeiros dias de Abril, em tirar diversas photographias, fazer algumas visitas e tomar novas informações. Em parte o plano falhou, devido a trabalhos, sobrevindos á ultima hora.

No primeiro dia de Abril, segunda-feira da Resurreição, á primeira cousa que fiz foi um ensaio.

Ao grupo de moças que cantaram, por occasião dos sermões quaresmaes, quiz deixar uma lembrança minha, ensinando-lhes alguns canticos, a serem executados no proximo domingo.

Apresentaram-se promptamente umas vinte cinco, que, sem difficiuldade, aprenderam oito ou nove canticos. No domingo da Paschoa o pessôal estava a postos, enthusiamado e satisfeito.

O vigario começou a missa ás oito horas, finda a qual, deu benção do Santissimo Sacramento. Estando eu ao harmonium, tinha

Asylo Santa Rita

ao meu lado duas ou tres solistas valentes. Tudo correu em boa ordem, alegria e edificação.

Faltava uma semana para minha partida. N'esse mesmo dia a Superiora do Asylo Santa Rita mandou-me convidar para pregar um retiro espiritual, nos tres ultimos dias da semana. Hesitei, a principio, mas acabei acceitando o convite.

O retiro teve logar na quinta, sexta e sabbado com dois sermões por dia, confissão geral na sexta e no sabbado, e encerramento no domingo de manhã cedo, com missa, predica e communhão geral. Assistiram aos actos as meninas do Asylo, todas as Filhas de Maria externas e algumas outras pessôas, que ahi conseguiram um cantinho. A elegante capella estava apinhada. Todas as Filhas de Maria aproveitaram o enseio para fazer sua confissão geral. E devo confessar que nunca vi uma communidade de jovens, internas e externas, tão preparadas para fazer uma confissão bem feita.

Domingo, 14 de Abril, ás seis e meia da manhã, começou a santa missa. Encerrados os actos religiosos, dei uma pequena lembrança a todas as pessôas presentes. Ao despedir-me, digo a verdade, experimentei os effeitos de uma saudade antecipada. Ás oito e pouco, em companhia de Frei Affonso, digno capellão do Asylo. parti, em direcção ao Palacio do senhor Arcebispo. Levava-lhe minha photographia tirada, de proposito, em Cuyabá, e ia fazer minha despedida final. A demora foi breve e a separação não podia deixar de ser dolorosa. Apartava-me, talvez para sempre, de um homem superior, de um Bispo venerando e de um amigo!

Partimos, que novos trabalhos me esperavam. Seguimos para a Egreja do Rosario, na qual se festejava São Francisco de Paula, com missa solemne, ás nove horas, e sermão, ao Evangelho, para o qual fora convidado. E reparem bem que, n'esse mesmo dia, ás quatro horas da tarde, deveria partir. Na Egreja, encontrei o velho amigo Peró que, como ja vimos, fazia questão que eu lhe baptizasse um afilhado e fosse almoçar em sua casa.

Emquanto ao mais, prophetizou-nos que, n'aquelle dia, não poderiamos partir, e adivinhou, por isso que os animaes, que esperavamos, não chegaram.

Após a missa solemne, baptizei a criança, e, em companhia de Frei Ambrosio, segui ao bom amigo Peró.

Lá, tivemos um opiparo almoço ajantarado, correndo tudo no meio da mais intima alegria. A esse almoço, assistiram mais dois ou tres amigos intimos. E, si já era admirador do espirituoso amphitrião da festa, n'esse dia, aprendi a estimar, outrosim, as pessôas de sua familia, que, com seu bom trato e affabilidade demonstraram-me que me encontrava no seio de uma familia genuinamente brasileira.

Na casa do bom amigo, um facto singular prendeu-me a attenção. Ao apresentar-me elle sua filha mais velha, julguei-a, pela sua estatura, uma moça de seus dezoito annos. Fiquei pasmo ao saber que não passava de uma menina de dez annos e meio! Nunca, em se tratando de edade, enganei-me como d'essa vez.

Ás duas horas da tarde, despedi-me guardando grata lembrança de tão boa gente, e levando commigo a certeza de que ahi deixava uma familia de pessôas amigas.

Capitulo XVI.

Estavamos ainda em casa do senhor Peró, quando tivemos noticia qua os nossos animaes não chegariam n'aquelle dia. Findo o almoço, e depois de agradavel palestra, despedimo-nos. Ás duas e meia estavamos em casa, onde encontramos um telegramma de Poconé, scientificando-nos que, por falta de animaes, teriamos de demorar a partida, tres dias, pelo menos.

Isto poz-me na contingencia de desistir da empresa, pela absoluta falta de tempo. Notarei que essa viagem estava fora de meu programma.

Ao partir do Rio de Janeiro, deliberara ir directamente a Cuyabá, demorar-me ahi, até fins de Abril, voltando, depois, pelo mesmo caminho.

Frei Ambrosio participou-me, que, depois da Paschoa, pretendia ir, por terra, a São Luiz de Caceres, manifestando desejo que o acompanhasse, na excursão.

Reflecti sobre o caso e achei-o uma temeridade, para quem, como eu, não estava habituado a taes rudezas. Ninguem pode fazer idéa do que é viajar pelos sertões mattograssenses. Basta dizer que, de Cuyabá a Caceres, são cerca de trezentos e cincoenta kilometros, de distancia. Caminhos, a bem dizer, são os que natureza fez e conserva. Si na viagem apparece algum empecilho, o viandante desvia-se um pouco, e prosegue imperturbavel sua derrota. Nunca o braço do homem dá um golpe de picareta, machado ou enxada para manter ou melhorar a via publica. Muitas e muitas vezes, viaja-se por um trilho quasi invisivel, quando não é a linha telegraphica que, em seus estirões de leguas em leguas, em linha recta, guia o passageiro, pelo caminho mais curto, ao seu destino.

Anda-se sempre: ora atravessando mattas, brejos ou pantanaes; ora por entre amenos e interminas campinas, ás vezes, ensombradas, aqui e acolá, por lindos capões verde-escuros, outras vezes, descam-

padas e extensas, tão bellas, pela variedade do matiz, como apavorantes, pelo dardejar do sol que extenua e anniquilla cavallo e o cavalleiro. E reparem bem: os rios não tem pontes e habitantes não apparecem, senão de longe em longe. De sorte que, quando o viajeiro, lá pelas tantas da noite, consegue encontrar uma choça amiga que o acolha e lhe offereça, na simplicidade de sua pobresa, um alimento que lhe reconstitua as forças ou um refrigerio contra a sede que lhe affoguea as entranhas, agradece do fundo d'alma á divina Providencia tão assignalado favor.

Essas cousas sabia-as eu, antes de partir, e não foi por afoiteza que me atirei a novas aventuras. É que já me sentia impellido a descrever as impressões recebidas. N'este caso, quem acabava de percorrer, em trem e em paquetes fluviaes, milhares de kilometros, não podia nem devia desprezar esse novo meio de locomoção, duro, é verdade, mas caracteristico da terra, e, por conseguinte, o mais apropriado, para dar ao excursionista uma idéa fiel da vida do sertão.

Acceito o convite, calculei o tempo de que dispunha. A pregação terminaria no domingo da Resurreição (31 de Março).

Determinei, pois, conservar-me na Capital até quinze de Abril.

O amigo Peró, vendo o nosso embaraço, arranjou dois bons animaes, um para mim e outro para Frei Ambrosio. O meu era valente e de uma resistencia prodigiosa, e assim convinha porquanto o peso que lhe cabia era um p o u c o maior.

Os ultimos dias forão consagrados ás despedidas. Uma das ultimas fil-a ás Irmãs Salesianas, das quaes guardo as mais gratas recordações, já pelo bom espirito que as distingue, já pela assiduidade exemplar e edificante com que assistiram aos sermões da Cathedral. A cada uma d'ellas e a todas as meninas deixei uma lembrança, que foi recebida com o maior agrado.

Chegou finalmente a vez das despedidas de casa, a saber: da querida e boa familia franciscana. O edificio em que esses religiosos estão installados é o antigo Seminario, o melhor, por suas grandiosas proporções, de Cuyabá.

Essa familia religiosa consta de nove pessôas. Começando pelo maior, citarei o pequeno Cantidio, dedicado ajudante de missas do exterior . . . da casa.

Em seguida, vem os dois typographos da C r u z - o Germanico Augusto e o legitimo mattogrossense João: ambos elles bons e dedicados rapazes.

Seguem-se os dois Irmãos leigos: o venerando Irmão Felix, que fizera a campanha de 1870, e que actualmente gasta o melhor de seu tempo fazendo terços cujo producto é destinado aos pobres que, a cada instante, batem á porta do São Francisco. O Irmão

A Familia Franciscana

Theophilo, moço ainda, é o braço direito da casa, cuja ordem interna corre exclusivamente por sua conta. Alem d'isso é elle o cozinheiro, sobre cuja solicitude podem descançar o superior e o procurador. Durante minha estadia, n'aquella casa, observei n'elle sempre o mesmo homem calmo e diligente, cumprindo com prazer seus multiplos deveres.

De manhã eu celebrava ás sete horas. Findo o santo sacrificio da missa, e depois da acção de graças, encaminhava-me para a sala de jantar, onde, impreterivelmente, encontrava prompta uma refeição ligeira. Foi quando comecei a saborear o leite cuyabano.

Confesso, sem o minimo exagero; nunca experimentei leite tão bom e delicioso. Os Padres Franciscanos de Cuyabá são quatro apenas. Occupa o primeiro logar Frei Ambrosio Daydé, superior da casa e Vigario da Capital.

São seus companheiros: Frei Affonso, Frei Cypriano e Frei Carlos. O primeiro é procurador da casa e parece talhado para esse officio. O mesmo desempenha o cargo de Capellão do Asylo de Santa Rita. É pena que não possua uma saude inalteravel, posto que, graças a Deus, ella não esteja tão cambalida como elle pensa.

O sympathico e amavel Frei Cypriano talvez possa queixar-se com maior razão, desse mal. É elle o capellão da Egreja do Rosario e São Benedicto, onde, com inexcedivel zelo e caridade, trabalha na vinha do Senhor.

Frei Carlos não lhe fica atraz em zelo e actividade. Seu campo predilecto são os enfermos e os que vivem unidos illicitamente. Não ha nem sol, nem chuvas, que lhe detenha o passo, toda a vez que se trate de chamar ao aprisco alguma ovelha desgarrada.

O suor, a fadiga, as intemperies nunca lhe embaçam, no rosto, aquelle ar tranquillo e a habitual jovialidade.

Mas esses quatro filhos de São Francisco, operarios da mesma vinha, vendo, na sua frente, um campo immenso a cultivar, atiram-se para toda parte, substituem-se a cada momento, multiplicam-se, quanto possivel, e sempre fica-lhes muito e muito a fazer.

Os Franciscanos de Matto Grosso são todos francezes, exceptuado um unico, que é portuguez. Pertencem á Terceira Ordem Regular de São Francisco, novo ramo de familia franciscana, reformado por um capuchinho italiano. Suas regras ou instituições foram approvadas pelo Santo Padre Pio X. Seu habito é, pouco mais ou menos o dos Franciscanos, só differindo na côr, que é cinzenta escura.

* * *

O verdadeiro mattogrossense distingue-se de quantos conheco, por uma caracteristica: para elle não ha distancias. Considera seu vizinho a quem lhe fica a vinte ou trinta leguas de distancia. O percurso de dez ou vinte leguas, feito em montaria, não é senão um passeio.

Diga-o o meu amigo Dr. Agostinho dos Reis, que lá estivera, pouco antes. Convidaram-no, a titulo de recreio a visitar uma mina de ouro, abandonada. A diversão devia encher-lhes as medidas . . . Oito leguas de ida e outras tantas de volta, feitas no mesmo dia!

Esta provavelmente é a razão porque, n'esse Estado, não se falla em kilometro, e sim em leguas brasileiras que, como é sabido, são de seis mil e seiscentos metros.

Fazer uma viagem, em Matto Grosso, significa atravessar seus sertões n'um percurso de uma ou muitas centenas de kilometros.

Por isso, uma viagem, como a que iamos emprehender, apresenta sempre um problema emmaranhado e complexo. Com effeito quem se abalança a transpor, por terra, tão vastos desertos, deve cuidar do dia de hoje e do de amanhã, levando roupa, cama e cozinha, prevendo as maiores surpresas, n'uma longa e accidentada excursão.

De Cuyabá a Caceres, são cerca de trezentos e cincoenta kilometros, viagem penosa, demorada e dispendiosa. Para fazel-a, antes de tudo, tem-se que procurar um bom camarada, que não se encontra por menos de cento e vinte ou cento e trinta mil reis, com comida. Si ha alguma bagagem, aluga-se um cargueiro, durante uma quinzena, á razão de cinco mil reis por dia.

N'aquelle clima torrido, apesar das chuvas frequentes e torrenciaes, não se usam capas de borracha, por isso que, conforme me asseguraram, derretel-as-ia o excessivo calor. Cada cavallo tem não só que aguentar com o peso do cavalleiro (durante longos dias) e de varias miudezas que comsigo este deve levar, mas tambem de um poncho, capa immensa de panno grosso, e forrado, em cujo centro ha uma abertura, adrede preparada, por onde enfia a cabeça. O poncho pode pesar de cinco a dez kilos, e cobre folgadamente cavalleiro e cavallo.

N'essas immensas e solitarias regiões, com nada se pode contar: deve-se, pois, levar um pouco de tudo.

Os pobres dos animaes só contam com a pastagem, á noite, ou nas horas de descanço. Acontece, não raro, chegarem tão fatigados e exaustos, o ponto de se conservarem immoveis, sem beber nem comer, durante horas e horas. Quando no logar de pernoite encontram um pouco de milho ou de arroz, é para elles um regalo.

Ninguem pode viajar, por lá, sem que leve sua cama, isto é uma rede.

Cada viajante mune-se de um sacco, do feitio de um colchão, de metro e meio de comprido, por quarenta ou cincoenta centimetros de largo, com uma longa abertura, no centro, ao comprido. Ahi introduz, cuidadosamente dobrada, a rede, assim como toda a roupa de que necessitar, no praso em que se conservar fóra de casa.

Não deixarei de fallar no que, em Matto Grosso, chamam a matula, isto é, a matulotagem que consta dos generos alimentares mais indispensaveis, a saber: carne assada, pão, biscoutos, carne secca (que em poucos minutos é transformada pelo camarada, em gostoso churrasco) e a classica e indispensavel rapadura, assim como sardinha, bolacha, café, assucar e mesmo certos utensilios indispensaveis como, por exemplo, uma lata, d'essas de dois kilos, para ferver a agua juntamente com o pó de café, ja misturado com o assucar. Seria injustiça não fallar na inesquecivel passoca, que, na opinião abalizada de meu bom amigo Frei João, é uma das mais finas e exquisitas petisqueiras d'aquelle seio de Abrahão. Eis como ella se prepara: toma-se carne secca, corta-se em pedacinhos, ferve-se n'agua e, misturada com farinha, socca-se no pilão, até tornar-se como estopa. Come-se com bastante agua.

Perdoe-me o caro amigo, si lhe declaro que a tal passoca achei-a intragavel.

N'um clima como aquelle, ora de fogo, ora de diluvios, o maior preservativo absolutamente indispensavel, nos sertões interiores é, sem duvida, a aguardente. Lá talvez mais do que em outras partes, essa bebida é procurada, sympathisada, querida . . . É conseguintemente conhecida com os nomes mais variados e interessantes. Amigos, com quem casualmente tive de abordar o assumpto, convenceram-se, bem depressa, que eu, em tal nomenclatura levava-lhes vantagem, manifestando a maior satisfação quando lhes disse que o termo technico, nas cidades cultas, d'essa preciosa bebida, não é cachaça, branqinha, abre-corpo etc. etc. mas giribita. Aposto como, por muitos mattogrossenses, que fazem uso d'esse precioso liquido, não por necessidade, mas por sympathia, sou por isso considerado um benemerito.

* * *

Quem percorrer aquelles sertões, naturalmente vae armado, levando ainda munições, fumo, cigarros etc., tudo acondicionado, não em caixas ou malas, mas em saquinhos. A matalotagem, como é de ver, vae em saccos, denominados sapiquás. Chama-se mitiri o saquinho da munição; e de boccó a bolsa de couro em que vão: isqueiro, fumo, canivete, giribita, caneca e muitas outras cousas.

O meu amigo Frei Ambrosio levava, alem d'isso, uma respeitavel pistola.

Todos hão de approvar que, na terra das onças, os componentes de uma caravana andem armados até os dentes. Pura illusão! Praticamente, nas campinas mattogrossenses, não ha como um tiro certeiro n'uma d'essas feras, para ser por ella mesma estraçalhado.

Qual, com effeito, a espingarda cuja bala mate n'um segundo tão perigoso adversario? E para onde fugir das garras e do pulo d'esse gato gigante?

O caso da onça

A proposito, contou-me Frei João o seguinte. Elle, outro religioso e um rapazinho de quinze ou dezeseis annos, seguiam, silenciosos, pelo caminho da longinqua desmoronada cidade de „Matto Grosso".

Erão 11 horas da noite; noite de luar bastante embaçado. De repente, seu cavallo, n'uma como extreme ção, deu um salto de dois metros para a esquerda, e emperrou, de orelhas em pé. Os outros fizeram o mesmo, nem havia chicote ou esporas que os demovessem. Certo do perigo, embora nada visse, fitou no lusco-fusco o olhar, e não tardou a vislumbrar o movimento vagaroso de um vulto preto que o encheu de pavor. Era uma onça pintada, das maiores, que

atravessando o caminho, vinha, mas de esguelha, ao seu encontro, na distancia de quinze ou vinte metros.

Como ultimo recurso, pediu aos companheiros dessem um grito, juntos, mas a voz, á vista do perigo, morreu-lhes na garganta. Os animaes, apesar de fortemente dominados pelo freio, já não se podiam mais governar. O caminho, pouco adeante, dava uma volta, facilitando a fuga. E, esporando os cavallos nervosamente, dispararam, á redea solta, por ahi alem, sem olhar para traz . . .

As onças pintadas, em Matto Grosso, são verdadeiros monstros de dois metros. Contra ellas só haveria um remedio. Os que viajam deveriam, si os houvesse, montar camelos, como nos desertos da Africa, e, sobre seus largos lombos armar canhões, cujos projectis levassem pelos ares o inimigo commum. Mas . . . tenhamos paciencia, emquanto la não chegarmos.

* * *

Estavamos ultimando a arrumação da bagagem, quando vi um dos meus collegas embrulhando com solicitude seu breviario, collocando-o no fundo de uma sapiquá.

Como é isso, meu amigo, disse-lhe eu, quasi escandalizado; então não se reza, nem o que é de obrigação? N'essas viagens, nem d'isso se trata, respondeu-me elle; e muito será si nos for dado rezar o terço, uma ou outra vez. E tinha razão. O mesmo, quasi a ultima hora, perguntou-me, si queria levar o meu cobertor. Não achei graça, na brincadeira. Só, mais tarde, verifiquei que a pergunta nada tinha de jocoso, devido aos pulos mais extravagantes do tempo.

Para a partida faltava uma cousa só: fazer o meu toilette. Convenceram-me que devia mudar de trajes, da cabeça aos pés. Viajar de batina era o mesmo que querer ficar cozinhado; o chapeo duro, de seda, ficaria em frangalhos; as pernas, retalhadas. Nunca a docilidade me foi tão necessaria, como n'essa occasião. Em logar da batina, vesti um habito branco e leve; um chapeo de palha, de largas abas, forrado de mitim branco, cobria-me a cabeça e os hombros. Chicote, esporas e polainas completaram minha subita metamorphose.

Assim transformado, lembrei-me (sem fazer comparações) de David, que, carregado e opprimido pelo peso das armaduras guerreiras, impaciente pela liberdade, sacudio com ellas por terra, e, pegando da funda, correu ligeiro a enfrentar as iras do formidando Golias. Lembrei-me mas não pude fazer o mesmo, porque, como diz

Promptos para a viagem

o famoso traductor de latim: „A necessidade tem cara de hereje"; necessitas caret lege . . .

Tive pois que aguentar com todo aquelle fardo, até Poconé e, depois, até São Luiz de Caceres.

Capitulo XVII.

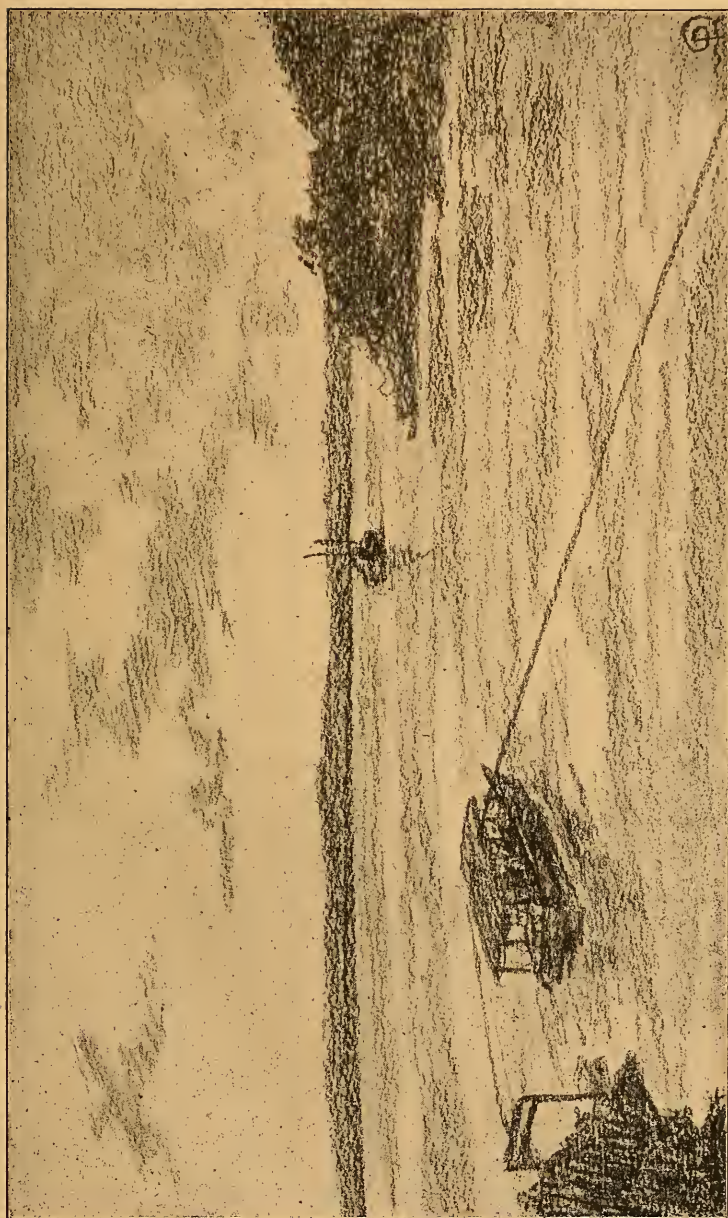
Partimos de Cuyabá, n'uma segunda feira, ás duas da tarde de 15 de Abril. Tive, pois, na Capital do Matto Grosso, uma demora de um mez e nove dias.

Do Seminario ao porto são dois kilometros de distancia. Tinhamos que atravessar o rio, n'uma embarcação, adaptada para transportar homens, cavallos e carruagens.

O rio é fundo e largo: as suas aguas movem-se gravemente, em demanda de sua foz. Aguardava-me aqui nova surpresa. Como é que aquelle transporte, largo e pesado, se passaria d'esta para outra margem? Seria a vapor, a gazolina, a remo ou a zinza? [1]) Nada d'isso. Vae e volta continuamente, sem dar gastos nem trabalhos. D'ahi, o seu nome de barca pendulo e leme. Assim como o pendulo de um relogio, preso na extremidade da corda, move-se regularmente da direita para a esquerda e vice-versa, sem nunca ultrapassar seus limites lateraes demarcados; assim, no chamado porto de Cuyabá, uns cento e cincoenta metros talvez, acima da passagem, um cabo está preso a uma estaca no leito do rio, emquanto sua outra extremidade é agarrada a uma especie de mastro da embarcação que, no nosso caso, faz as vezes de pendulo. O movimento das aguas impelle naturalmente o barco para baixo, mas,

---

[1]) - Eis o que a respeito da zinza escreve o Dr. João Severiano de Fonseca, em sua obra: Viagem ao redor do Brasil.

O pau de movato é a taixy do Re (taixy é uma especie de formiga) tambem chamado pau formigueiro. É notavel por criar em seu amago uma especie de formiga (aqui chamada novato) amarellada, do tamanho da sauva e de dentada dolorossima. Vivem ahi aos milhões e são o desespero dos viajantes inexpertos, que, vendo as hastes do novato altas e direitas, vão cortal-as para zinzas, isto é: varas de que se servem na navegação, ou, dando impulso ás embarcações, ora, escorando-as, ou amparando-as, nas pedras e troncos do rio. O termo novato é-lhe dado porque os que não conhecem a arvore, e que de ordinario são caloiros, na provincia, facilmente a buscam pela sua belleza e belleza de suas flores, sendo então assaltados pelas formigas, terriveis nas ferroadas, e mais ainda por serem innumeras no assalto.

Barca pendula e leme

preso, como está, e guiado pelo homem que fica ao leme, mediante pequenos zig-zags, approxima-se em poucos momentos á outra margem. Para voltar é a mesma cousa.

Ignoro o autor d'esse invento simples, economico e admiravel; confesso entretanto que tive de ir a tão longinquas paragens para o apreciar de visu, pela primeira vez. Transposto o Cuyabá, tivemos que aguardar a chegada de um terceiro companheiro, o senhor Fabiano Caporossi, negociante de Poconé.

Esperamol-o, na venda do Vicente italiano. D'ahi a pouco chegou, mas teve um trabalho exhaustivo para carregar e despachar as carroças das mercadorias. Dentro de uma d'ellas, coberta por um toldo, em forma de telhado, conseguimos solucionar um problema muito difficil, pendurando, no tecto, o meu chapeo, para o poder conservar. É aqui que tiveram termo os multiplos aprestos com que me armaram cavalheiro sertanista. Só ás cinco horas da tarde, é que pudemos partir. Facto insolito e desanimador; estava na começo da viagem, e sentia-me extremamente abatido.

Alem d'isso, ao darmos os primeiros passos, começou a chuviscar, e não tinham decorrido ainda dez minutos que, de subito, avistamos um chuveiro diluviano, que vinha ao nosso encontro, cercava-nos de todos os lados e, apertando rapidamente o cerco, cahiu, em gottas grossas, espaçadas a principio, incessantes e amontoadas, em seguida, como querendo-nos envolver e sepultar, ahi mesmo. E tudo isso, em dois ou tres minutos! O senhor Fabiano, mal entrevira a tormenta, pulou do cavallo, desatou meu poncho, atirou-o sobre mim, e, antes que tombasse o aguaceiro, estava elle a cavallo, cuidando da propria defesa.

Em outras terras, quando isso acontece, encontra-se facilmente algum remedio; n'essas plagas desertas, só uma dose illimitada de paciencia e resignado silencio.

Durante uns vinte minutos, a chuva foi tão cerrada e torrencial que, bem depressa atravessou o volumoso e encorpado poncho, ordinariamente impermeavel. Imaginem o effeito d'esse banho frio, em meu corpo esfogueado e ensopado em suor! . . .

Um kilometro antes de chegar a Varzea Grande, o caminho estava enxuto; não cahira uma gota d'agua.

Aqui tivemos um pequeno contratempo. Na vespera, eramos esperados pela professora D. Maria Anna Serra e por sua familia. Chegamos, um dia depois, ás cinco e meia da tarde, quando já ninguem pensava n'isso. Estavamos molhados e necessitados de hospedagem e alimento. O primeiro momento foi desagradavel e de vexame, mas aquella boa e generoza familia não perdeu tempo, dando a tudo o mais prompto remedio. Eu, alem do mais, estava

com os sapatos encharcados, e preoccupou-me bastante a possibilidade de cahir doente, na viagem.

É verdade que, prevendo taes incidentes, iamos munidos de uma garrafa de aguardente. Foi o que nos salvou.

Nos sertões do torrido clima mattogrossense, conta-se muito com o favor da noite. Resolvemos, pois, madrugadar no dia seguinte e, de facto, ás duas e meia, estavamos de pé, sem contarmos com novo e mais grave acontecimento. O meu animal fugira do pasto, e o senhor Fabiano e seu camarada, por muito que o procurassem, não conseguiram encontral-o. Suppuzeram, como era natural, tivesse voltado para Cuyabá.

Meu collega fez então uma promessa a Santo Antonio, caso o animal apparecesse, até cinco horas. Como não fosse attendido, fez outra, mas esta definitiva e formal, uma especie de *ultimatum* ao querido padroeiro das cousas perdidas, para que o animal comparecesse, o mais tardar, ás seis horas.

Em Matto Grosso, quando de viagem, si a cavalgadura não inspira confiança, prendem-lhe, á noite, as duas pernas dianteiras com a *peia*, uma tira de couro da largura de quatro dedos, que conserva os dois pés, na distancia de menos de um palmo, um do outro. É o que fizeram ao meu animal.

D'est'arte tinham como certo que o mesmo não poderia fugir, nem desencaminhar os outros. Entretanto, tinha desapparecido! Estavamos ja desanimados, olhando para o lado de onde vieramos quando, com espanto, avistamos, mas do lado opposto, quatro ou cinco animaes desconhecidos, correndo em nossa direcção. Vinha, no meio d'elles a travessa, mas indomita e invencivel cavalgadura que tão anciosamente procuravamos.

Vê-se, d'ahi, que os bichos tem tambem seus caprichos. O animal, esquecendo os companheiros de viagem, fizera camaradagem com os novos *collegas*, e com elles fora dar um passeio.

Nunca pensei que até os burros praticassem actos de ingratidão . . .

O lote dos quadrupedes vinha quasi á marcha precipitada, e, como o companheiro de *peias* não pudesse naturalmente competir com elles, acompanhava-os admiravelmente em artisticos pinotes.

Olhei para o relogio; eram seis horas em ponto! A promessa fora attendida. D. Maria, sua mãe e irmãs, havia muito, estavam de pé, preparando gentilmente uma chavena de chá para antes da partida. Quando, cheios de reconhecimentos, d'ellas nos despedimos, erão sete horas.

Foi aquella uma perda de tempo irreparavel!

Mal montaramos a cavallo, fomos comprimentados por indesejavel e impertinente chuvisco; felizmente elle veio e foi-se.

Ás dez, chegamos ao logar denominado Iguassú; uma bonita vargem, onde apeamos. O senhor Fabiano, pratico, ligeiro e serviçal, desarreou meu animal, estendeu os arreios no chão, ageitando-os para cama, servindo a sella de travesseiro. Elle e os outros fizeram o mesmo.

Accommodados á sombra do arvoredo, almoçamos do que levavamos e descançamos até meia hora. Não obstante a variedade dos alimentos, com difficuldade pude tragal-os. Mesmo a sombra, fazia um calor incrivel, continuando assim toda a tarde.

* * *

Estavamos no começo d'essa longa jornada, dividida em duas partes: a primeira, de Cuyabá a Poconé; a segunda de Poconé a Caceres. Por onde quer que passemos, é sempre a mesma natureza de Matto Grosso, com sua vegetação variegada, planicies amenas, semeadas de arbustos e salpicadas de flores, formando um ambiente de suave poesia. Nota-se todavia entre ellas uma differença palpavel. A primeira parte, posto que agreste, é, por assim dizer, mais cuidada e mimosa, como si mysterioso jardineiro por ahi passasse a desfazer solicito os senões do abandono. A segunda, por ventura mais solitaria e selvagem, suppre os retoques do supposto artista com as louçanias de uma flora mais prodiga e luxuriante.

Mas o cavalleiro que, pela primeira vez, atravessa emmudecido aquellas solidões silenciosas, sente, mais do que nunca, borbulharem, em derredor de si, mil e mil creaturas que o arrebatam e o extasiam. São, na verdade, innumeraveis os seres que o rodeiam e acompanham, por toda parte. A humilde relva, os arbustos, a arvore gigantesca, os regatos e os rios, o canto dos passaros, o longinquo uivar das feras, os mattos que atravessa, os morros, erguendo-se para o céo, em formas ora adelgaçadas, ora apresentando sua carantonha exotica e sinistra: tudo isto arrasta o espectador, povoa-lhe a imaginação de quadros vivos e estupefacientes, como si o perpassar de uma fita cinemetographica o transportasse para terras, maravilhosas e desconhecidas.

E não é só isto: ás vezes sente e vê o que não existe.

„Quem viaja, diz o Visconde de Taunay, fallando d'esses logares, attento ás impressões intimas, extremece, máo grado seu, ao ouvir, n'esse momento de saudades, tanger de um sino, muito muito ao longe, ou o silvar distante de uma locomotiva impossivel. São insectos occultos, na macega, que trazem essa illusão por tal modo viva e perfeita, que a imaginação, embora desabusada e

prevenida, ergue o voo e lá vae por estes mundos fóra, a doudejar e a crear mil phantasias".

O percurso „Cuyabá-Caceres" é o que me offerece mais serias difficuldades para o descrever com fidelidade e exatidão. Não sei si, apesar dos mil cuidados, não desandarei com a penna, transportando localidades para longe de onde estão. A continua semelhança, e, por vezes, uniformidade topographica de taes regiões e a quasi absoluta ausencia de montanhas, tudo isso desnortea o viajante, baralhando facilmente as cartas, com a confusão de umas com outras paisagens. Parece incrivel, mas é verdade que, apesar de ter tomado apontamentos, ao menos dos pontos principaes, sobre esses mesmos pontos ainda sobreviessem duvidas.

A muitos parecerá impossivel o que realmente é a cousa mais facil do mundo: extraviar-se alguem n'esses logares, perdendo de todo a transmontana. Foi o que nos aconteceu, no quarto ou quinto dia de viagem. Eramos cinco. O camarada muito pratico, e o Provincial da Terceira Ordem ainda mais.

Entretanto, perdemo-nos, e, durante uma bôa hora, andamos de deante para traz, sem atinarmos com o caminho verdadeiro.

Imaginem o que se não daria si o viajante fosse só!

Um dos companheiros contou-me o que com elle mesmo se dera. Viajava só a poucas leguas do Poconé. Quando cahiu em si, já não sabia aonde estava. Era o tempo da secca, ardia em sede e não encontrava um pingo d'agua. Os gritos de nada lhe valeram; começou então a disparar tiros, mas estava no deserto e ninguem respondia. Depois de longas horas de apprehensões e canceiras, descobriu, ao longe, uma palhoça, e, ao approximar-se, via um vulto que logo desappareceu. Quando chegou junto da habitação encontrou-a fechada. Bateu, pediu, supplicou que lhe mostrassem o caminho, e nada de resposta. Levado por um impeto de desespero, arrombou a porta, percorreu todos os esconderijos da rustica choupana. Afinal, escondida dentro de um barril, encontrou uma mulher apavorada. Vendo o religioso, recobrou animo e tranquillizou-se. Alguem talvez se ria compadecido d'essa mulher, considerando-a pobre de espirito. Pois esse alguem laboraria em erro. Encontram-se, por lá, ás vezes, bandidos capazes de tudo.

*   *
*

Antes da partida, os meus companheiros traçaram o programma do itinerario, tomando em consideração as minhas condições do m a r i n h e i r o d e p r i m e i r a v i a g e m.

Assim, na segunda feira, á tarde, o nosso fim era atravessar o rio e pernoitar em Varzea Grande, uma legua adeante. Sendo de

uns cento e quarenta kilometros a distancia, de Cuyabá a Poconé, só poderiamos chegar ahi, na quinta feira. Na terça, por ser o primeiro dia, percorreriamos trinta e cinco ou quarenta kilometros, quando muito. Circumstancias diversas desmancharam esses projectos.

Antes de tudo, a fuga do animal occasionou um passo para traz.

Em compensação o senhor Fabiano, cuja companhia e dedicação não poderiamos dispensar, estava ancioso por chegar a Poconé, para o que não só andaria a galope, mas voaria, si possivel fora. E a razão d'isto é tão nobilitante que o torna merecedor não só de desculpa, mas até de louvor.

É que elle é chefe de numerosa familia, e essa era a primeira vez que passara d'ella affastado, por alguns dias.

Bom marido e pae extremoso, não podia occultar a intensa saudade que lhe dominava o coração. Essa dupla qualidade, tão rara nos dias que correm traz-nos á memoria aquelle bellissimo verso de Virgilio: Apparent rari nantes in gurgite vasto... O meu collega olvidando, pois, o que ficara combinado deixou o barco correr. E que havia eu de fazer? Acompanhar o terço tambem, embora soubesse que minha palavra seria promptamente ouvida.

N'esse primeiro dia minha resistencia physica foi posta a prova de fogo e triumphou. Passadas porem as primeiras horas, comecei sentir uma dor intoleravel no tendão superior da perna direita. Não era cançaço, mas uma especie de caimbra, que, por vezes, causava-me indizivel angustia. Bastava que apeiasse para tudo desapparecer.

O caminho é bonito, plano e espaçoso e, no entanto, como ja notei, si alguem o abriu ninguem o conserva; conserva-se admiravelmente por si mesmo. Por elle passam pedestres, cavalleiros e carroças, mas não ha quem se detenha um instante a tapar um buraco ou tirar do meio do caminho um ramo ou tronco n'elle cahido.

Terra abençoada em que a propria natureza suppre visivelmente a falta de homens! Com effeito, os poucos que por la transitam não dispoem de tempo, tendo deante de si centenas de kilometros a vencer, por terras despovoadas e desprovidas de tudo. E, o que mais enche de pasmo, ao viajante que, na obra da creação, aprendeu a solettrar as magnificencias do poder de Deus, é esse contraste eloquente que, a cada passo, se nota, por esses alongados sertões, entre a pequenez das obras do homem e o deslumbramento das obras de Deus.

Quando, de longe em longe, se encontra uma casa, de pobre ou de abastado, quasi que de casa só tem o nome. É um barracão coberto de palha e aberto; outras vezes, fechado com páos a pique,

ou toscamente rebocados. A cal nem se conhece, nem o assoalho, por estar fora da moda a taboa, o ladrilho ou qualquer especie de tijolo que o substitua. A primeira impressão que se tem é de pobresa e miseria, embora mais que uma vez, aquillo não denote senão simplicidade primitiva de costumes ainda não contaminados.

Antigamente, os raros moradores, esparsos ao longo do caminho, costumavam acolher e agazalhar gratuitamente a quem por ahi passasse! Hoje em dia, as condições são outras, não lhes permittindo os tempos difficies da actualidade que façam o mesmo.

Todavia aquella boa gente (particularmente os pequenos) franqueiam suas casas ao viandante que lhes bate á porta, e não tem coragem de cobrar, não digo o trabalho, mas nem a despesa inevitavel. Acceitam, e com acanhamento, o que se lhes offerece.

Em contraposição á simplicidade e pobreza dos homens, ostenta a natureza os seus primores. Viaja-se, quasi sempre atravéz da immensa chapada, terreno elevado, plano ou ondulado, revestido de relva, coberto de pastagens e soberbamente adornado de arvoredo, copado, formando, de espaço em espaço, sobre o caminho uma abobada natural.

A presente digressão era necessaria, não para descrever o que vi, nem as impressões extraordinarias que tive, mas para dar ao leitor mais uma idéa das maravilhas desconhecidas do centro do Brasil.

Emquanto ás distancias, que irei notando, é o que ha de mais incerto e problematico. Basta dizer que, da Capital a Poconé, segundo uns, são dezeseis leguas; outros dizem dezoito, vinte e até vinte e duas. Penso que estes ultimos são os que mais se approximaram da verdade.

Capitulo XVIII.

O caminho percorrido, até agora, foi: Da Capital á Varzea Grande, uma legua; de Varzea Grande, a primeira pausa de Aguassú, tres. Aqui, para salvar parte da madrugada perdida, em logar de descançarmos toda a tarde, ás doze e meia, puzemo-nos a caminho. O sol dardejava causticante.

Ás quatro horas, chegamos a Campo Alegre, logarejo de um unico morador, depois de termos andado quatro leguas, sem parar.

Antes que me esqueça, não deixarei de notar que, em Matto Grosso, apesar das distancias enormes a percorrer, e do clima esbraseador, o cavallo é o animal preferido. Esta foi outra surpresa com que não podia contar. É crença geral, em outras partes, que a raça

muar é a mais resistente ás fadigas prolongadas; o cavallo extrema-se pela belleza, garbo e elegancia do seu talhe.

Em Matto Grosso, em referencia ao cavallo, pensa-se e prova-se o contrario. Sua resistencia não é só extraordinaria, mas assombrosa. Por lá nunca se viaja a passo, mas a trote, e isto dias inteiros. Assim, para citar um exemplo, o nosso companheiro Fabiano contou-nos que, na vinda, partira de Poconé, n'uma madrugada; pelas dez ou onze horas da manhã, fez alto, e, á tardinha, montou novamente a cavallo, marchando até nove ou dez horas da noite. No dia seguinte, madrugou de novo, chegando a Cuyabá pelas nove da manhã, tendo percorrido, no seu infatigavel ginete, cerca de cento e quarenta kilometros!

Estamos em Campo Alegre. Em pobre e rustico casebre, reside um casal com duas ou tres crianças, e mais ninguem. Pedimos que apromptassem qualquer cousa para o jantar; nada absolutamente tinham. Tivemos de nos contentar com o que levavamos; pão secco e gallinha assada. Por muito que forcejasse não consegui tragar aquillo, preferindo não comer. Tive porem bons subtitutos. As crianças e a bicharada caseira: cachorros, porcos, aves, etc. desempenharam admiravelmente o meu papel. Das sobras nada cahiu ao chão.

Emquanto resfolegavamos, vimos, pela frente, cahir grande temporal; vinha ao nosso encontro, mas, antes de nos attingir, em poucos momentos sumiu-se.

O descanço em Campo Alegre salvara-nos providencialmente d'aquella enxurrada torrencial.

Alem d'isso, essa hora de repouso alliviou-me momentaneamente do encommodo que, nas ultimas horas, tinha recrudecido bastante.

O meu animal manifestava fadiga e não era para menos. O senhor Fabiano, firme no proposito de avançar, quanto possivel, n'aquelle dia, propoz uma troca de animaes, cedendo-me seu cavallo, que, embora manco, não fraqueara. Ás cinco e dez, partimos, marchando com novo vigor. Não percorreramos meia legua, e ja notavamos que uma chuva demorada cahira, ahi, em catadupas, emquanto repousavamos sob o arejado barracão de Campo Alegre.

Agradecemos a divina Providencia esse novo beneficio. Ás sete da noite, tinhamos andado mais de duas leguas ,ao passarmos pelo logar chamado Sant' Anna . Depois de atravessada a ponte do rio de egual nome, tive de descer do cavallo, devido ao recrudecimento da dor.

Em Ventura, outro ponto sem habitantes, em que chegamos pelas oito, desmontei novamente. Pareceu-me então impossivel alcançar o ponto almejado pelo senhor Fabiano. Depois de breve

descanço, andamos uns dez minutos a pé, e mais teria andado, com satisfação, si o caminho se prestasse, áquellas horas adiantadas. Montei, tocamos, mais uma vez, os animaes, sem outra interrupção, até ás dez da noite, tendo andado mais tres leguas.

Chegamos finalmente ao logar chamado Balbino, nome do morador que ahi reside. Batemos, todos dormiam. Acordado, levantou-se o senhor Balbino pressuroso, acolhendo-nos com a maior boa vontade. A dor que, ha tantas horas, sentia, affligia-me agora em extremo, e si nada tive de peior devo-o á protecção divina.

O primeiro cuidado dos meus companheiros foi que eu descançasse.

Por essas terras, não ha camas: pendura-se a rede e dorme-se ahi. O senhor Balbino abriu a porta de sua residencia, introduziu-me n'uma modesta saleta, transformada em dormitorio, onde havia tres redes: a d'elle, da mulher e de um filho. Atirei-me na que o mesmo desoccupara, e senti grande allivio. Proximo da casa, ha um galpão, aberto na frente e de um lado, e mais ou menos tapado na parte restante, o qual serve de officina de carpinteiro ao senhor Balbino.

Ahi é que nos deviamos accommodar. E lá foram os outros com o fim de armar as redes.

Encontraram o logar tomado por uma mulher louca, de transito para Cuyabá. Mas ella, d'essa vez, teve juizo, cedendo o logar aos invasores, que erão mais fortes. Em poucos instantes tudo estava prompto. Pelo exposto, esse dia correra e fechara-se poeticamente..

Apesar de ser aquelle o primeiro dia de viagem, fizemos nada menos de treze leguas ou cerca de oitenta kilometros!

As ultimas horas forão um verdadeiro supplicio. Alem d'isso, tinha almoçado mal, e ao jantar nada quasi conseguira comer.

O corpo reclamava alimento e refrigerio. Mas áquella hora, e n'aquellas paragens, nada podiamos encontrar, a não ser bom coração e agazalho. Sem alimento, sem café, sem ao menos um banho restaurador, suados, poeirentos e com a mesma roupa, no corpo, deitamo-nos. Obtive um pouco de agua morna para alliviar a parte magoada, mas o serviço, mal feito, e ás escuras, nada adeantou.

Havia pouco, que estavamos deitados, e eis que sobrevem forte ventania, acompanhada de chuva. Magnifico remedio para quem trazia a roupa molhada e continuava a transpirar! Passada a chuva, appareceu uma invasão de mosquitos para deleitar-nos e romper a monotonia . . .

Não tinhamos uma gotta de aguardente para cumulo dos nossos males. As poucas horas da noite, passei-as mal e agitado, e, pelas cinco da madrugada, levantamo-nos. Senti muita falta de uma

chicara de café . Frei Ambrosi levava guaraná, bebida abençoada da terra, pelas suas virtudes reaes. Preparou um copinho e offereceu-m'o.

Tive ensejo de fallar com todas as pessôas d'essa boa e numerosa familia, deixando-lhes uma lembrança.

Ás sete pudemos partir. O tempo, não sei si de ruim ou de travesso, fez menção de nos impedir a passagem, enfrentando-nos com uma gorna frigida e impertinente. Mas foi cousa breve: mostrou sua carrança e voou.

Tendo andado duas leguas, ás oito e meia, chegamos ao Vigilato. Encontramol-o no caminho, pedimos-lhe almoço e voltou para providenciar.

Fez tudo por nos agradar, conseguindo apresentar o seguinte menu : pirão de farinha de milho com tres ovos em cima, farinha de milho torrada, e bananas assadas.

Rodeava a campestre habitação avultado pomar. Trouxeram limas e laranjas que muito bem me fizeram.

O senhor Vigilato, em conversa, contou-me suas magoas. Recebera de seu pae, que ainda vive, aquelle sitio do qual cuidara sempre com carinho. Acontece que um proprietario vizinho, o qual, por muito ter, quer ainda mais, impellido pela cubiça, pretende, com trapaças, expulsal-o d'ahi. A justiça de Cuyabá, já dera razão ao rico fazendeiro, esbulhador do humilde possuidor.

Animei-o a bater-se pelos seus direitos, procurando pessôalmente, o actual ministro do interior e da justiça, Dr. Benito Esteves, de quem tudo devia esparar. Foi então que do compartimento contiguo (as casas, no sertão, se compõem de duas partes eguaes: a primeira serve de sala de visitas, a segunda é uma sala reservada, na qual não penetram extranhos, embora não tenha porta) ouvi a voz de uma mulher dando-me pormenores sobre o assumpto. Ella fallou, de dentro, mas não compareceu, o que, embora meio acostumado, estranhei.

Despedimo-nos, ás nove e meia, fizemos mais duas leguas, chegando á fazenda do Tanque Grande, ás onze. Approximamo-nos de um casarão; estava fechado. A fazendeira, D. Maria das Dores e Costa, achava-se em Poconé. Encaminhamo-nos então para uma casa proxima, pertencente a um filho da mesma, conhecido pelo appellido de Totó.

Ahi reside-elle com sua familia. A casa é dividida em duas partes eguas, notando-se que, como de costume, sua frente é formada não pela largura, como no Rio, mas pelo comprimento. Fomos amavelmente recebidos, pelo dono e pelo irmão. Em todo o tempo que ahi estivemos, a familia não compareceu.

Antes de tudo, o senhor Totó tratou de nos restaurar as forças. Apresentaram-me dois copos; um com agua, outro com guaraná. Informaram-me que a agua é para lavar a bocca, tornando assim mais gostosa e salutar a bebida. Pode ser . . .

D'ahi a pouco, estava prompto um bom almoço, posto sobre um banco, fazendo as vezes de mesa, e honrando-nos, como copeiro, o dono da casa. Felizmente tivemos mamão e bananas, em abundancia, para sobremesa; o que raro acontece n'aquellas alturas. Accrescentarei que, desde a nossa chegada, armaram na sala diversas redes, em que nos foi dado fruir um descanço reparador, até ás tres e meia da tarde, hora de nossa partida.

Ao chegarmos ahi, dois dos nossos animaes estavam tão cançados que ameaçavam não resistir até o fim o que seria um desastre irreparavel. Partia, n'aquelle momento, para Poconé, um parente do senhor Totó, a quem o meu collega imcumbiu solicitasse dos Padres, que lá residem, dois bons animaes que viessem ao nosso encontro, sem demora.

A fazenda do Tanque Grande tira seu nome de uma lagoa artifical que ahi existiu até poucos annos atraz.

Certa vez, desmoronou o dique que transformava em lago a planicie, em cuja extremidade se ergue a collina com as casas de nosso hospede e de sua mãe, D. Maria.

Esse tanque representava uma fonte de riqueza para a fazenda. No tempo das chuvas, todas essas regiões tem abundancia de agua, quando não ficam totalmente submergidas. De Maio ou Junho em diante, porem, evaporam-se as aguas e seccam os corregos e todos os mananciaes.

Nas fazendas de gado domina então o desalento. É o que actualmente se dá na do Tanque Grande. Anteriormente, o gado, posto que espalhado em grandes distancias, na quadra da estiagem se vinha approximando da fazenda, e, n'aquelle abençoado lago, encontrava o liquido com que matar a sede. Entretanto, arruinou-se o dique, o qual, na occasião, com a bagatella de um ou dois contos de reis, poderia ter sido reparado. É pena que aquelles fazendeiros se espuzessem por uma insignificancia a tão grandes e irreparaveis prejuizos.

O gado, em Matto Grosso, onde não ha homens que d'elle possam cuidar, vive, por ahi, entregue ao acaso, e, parecendo, no tempo da secca, á sede, em grande numero.

* * *

Uma das maiores maravilhas da antiguidade, como é sabido, foram os jardins p e n s i s da Babilonia, Pois querem saber? Em

Matto Grosso, ha uma cousa parecida com elles: são as hortas pensis. Vi-as em diversos pontos, mas, si não me falha a memoria, foi no Tanque Grande que as vi a primeira vez. Como porem cada terra tem seu uso . . . aqui, o processo de construcção é mais natural e um pouco menos scientifico. O fazendeiro, ou antes, o camarada, pega, nas horas vagas, de quatro forquilhas, cortadas no matto, finca-as no chão, proximo da residencia; na altura de metro e meio, deital lhes em cima dois caibros e sobre estes forma um estrado de páo, da mesma procedencia, justaposta, cobrindo esse estranho taboleiro de quasi um palmo de terra. E eil-o, dentro em breve, transformado em viveiro e, mais tarde, em horta vicejante. E qual será sua superficie?

Chega não raro a tres metros quadrados! . . .

*   *
*

Pouco adeante do Tanque Grande, começa o pantanal de Piranema, que tem, mais ou menos, uma legua de extensão.

Esse Estado é, sem duvida, uma terra estupenda, pois, até do que ordinariamente é prosaico e detestavel, ressumbra bellamente a poesia com todos seus attractivos. Já ouviram fallar, por ventura, em pantanal, sem terem uma sensação de desagrado? Pois vão ao Matto Grosso, e verão si não tenho razão.

O pantanal, como sempre o entendi, tem agua suja, tem lama, atoleiros, tem até precipicios. E posso provar o que digo. O meu velho amigo Felippe Felix Pereira, official do Correio Geral, ha uns vinte annos, n'uma noite de chuvas e trevas, afundou n'um atoleiro e quasi não pode sahir. Era um pequeno pantanal! O fato domingueiro, que trajava, redusido a estado deploravel, poderia dizer si aquillo era cousa limpa! . . .

Ultimamente (eis um caso mais serio) outro amigo, o Dr. Sebastião Tamanqueira, passava pela via publica, de automovel, em visita aos seus doentes; deparou, no caminho, com um impecilho; era um atoleiro. Quiz attravessal-o, mas foi affundando de tal sorte que se viu forçado a mandar vir um guindaste para d'ahi arrancar o automovel. Não são anecdotas; são factos: Factos que tiveram logar nas ruas dos suburbios d'esta Capital.

Pois fiquem sabendo: o pantanal, em Matto Grosso, não tem agua suja, nem lama, nem atoleiros, nem cousa alguma que possa causar damno ou desprazer. Entremos no do Piranema. É uma immensa planicie, nivelada, por assim dizer. Sua vegetação dominante é uma especie de capim, de um metro de alto. Em certos logares, o solo é coberto de gramma ou herva rasteira e de pequenos

arbustos avaramente disseminados. A agua limpida cobre, aqui e acolá, a superficie.

Entretanto, em dado momento, tivemos que entrar no leito de um rio, vadeando-o, ao comprido. Tinha poucos metros de largo e caminhavamos penosamente contra a corrente. As aguas erão turvas e não lhes viamos o fundo. Os cavallos experimentados em taes anomalias, tenteavam cautelosamente onde pisavam, mergulhando de vez em quando, até a barriga, e, ás vezes, mais ainda.

Talvez queira algum curioso saber o nome d'esse rio perigoso. Vou lh'o dizer. Aquillo, antes e depois do tempo das aguas, não é senão a via publica, transformada temporariamente em caudalosa torrente.

A uma certa altura do pantanal, chamaram-me a attenção para um panorama novo. Ao nosso lado direito, a infinda campina espraiava-se por ahi alem, assomando de espaço em espaço, qual suspirado Oasis, verdejante e boleado arvoredo: emquanto, lá no fim do horizonte, avultava apparentemente o esbatido e adelgaçado contorno de phantastica serrania, intimando ao olhar indiscreto a que não ouse aventurar seus passos pelo desconhecido.

Estavamos na estação das chuvas, mas o forte das aguas passara, não havendo, no chão, mais de um palmo d'agua. Ás vezes, caminhavamos no enxuto.

Não obstante ser o tempo desfavoravel ao festivo apparecimento de passaros, aves e outros irracionaes, surgiam-nos, de quando em vez pela frente lindos especimens da prodigiosa fauna mattogrossense, maravilhando-nos com o seu canto e com a belleza e elegancia de suas formas.

Surprehendeu-me, certa occasião, uma voz monotona e tristonha, que partia do fundo de um mattagal alagadiço: parecia o choro de uma criança.

Que seria? Era o canto vespertino das rãs!

D'outra feita, ouvi claramente, a pouca distancia, um vozerio miudo, tal qual o terno e alternado chilrear de innumeros passarinhos. Olhei, curioso, para os galhos dos pequenos arbustos e nada vi, nem podia ver: aquella musica suave era o derradeiro cumprimento que os gentilissimos sapos, senhores d'aquellas charnecas, nos dirigiam . . .

* * *

Erão, como já disse, tres e meia da tarde quando deixamos o Tanque Grande, reconfortados pelo bom agazalho e melhor trato que ahi tivemos. A manhã esteve quente, mas a tarde, á medida que o astro-rei seguio para o occaso, foi-se refrescando, e (cousa inespera-

da!) o meu soffrimento que, pela manhã, fora mais fraco, nas ultimas horas do dia, diminuio ainda mais.

O nosso maior empenho era alcançar „Carandazinho", duas leguas adeante. Pouco antes de lá chegarmos, deixamos o pantanal. Atravessando terreno mais elevado, penetramos em um matto de um kilometro de extensão e, ao desemboccarmos, do outro lado, avistamos, a uns cincoenta metros, no alto de pequena elevação, uma casa regular, com uma varanda na frente, á moda das nossas fazendas. Era esse o chamado Carandazinho.

Apeamos. Erão cinco e meia da tarde. Encommendamos o jantar, dispostos a aguardar a chegada dos cavallos, vindos de Poconé, que fica d'ahi a mais duas boas leguas. Si não viessem, davamos ja por perdida a esperança de alcançar n'esse dia o nosso desideratum.

Em Poconé, tem os Franciscanos outra casa; em lá chegando, descançariamos dois ou tres dias, antes de proseguir.

Em Carandazinho, mora uma unica familia, gente um tanto acanhada, como é natural, mas muito boa e agradavel.

Na varanda, logo á entrada, havia uma rede, na qual me recostei, repousando um pouco. Ahi perto, via-se um tear, em pé, e n'elle, uma rede ainda em meio. A fabricante era uma senhora edosa, avó de diversas crianças que se tinham achegado a mim, em amigavel conversa. A todas dei um medalha, pelo que ainda mais camaradas ficaram. Gostei muito de uma menina de seus dez annos de edade, pela simplicidade e confiança com que me relatou alguns pormenores de casa, em que ella e os seus erão partes interessadas. Estava com sede e, mal ella percebeu o que desejava foi, toda alegre, ao matto proximo, colher alguns limões.

A avó da menina deu-me minuciosos esclarecimentos sobre a maneira de fazer redes, seu preço etc. É esta uma industria rendosa e muito espalhada no interior do Estado.

Ás seis e meia, o jantar, apromptado com a maior boa vontade, estava á mesa, e constava do principal petisco, que por lá apparece, e que o nosso amigo Fabiano Caporosi muito aprecia: aipim, ou como elles dizem, mandioca ensopada com carne secca e arroz.

Iamos á mesa, quando uma novidade agradavel veio pôr-nos em alvoroço: era a chegada de dois possantes cavallos, conduzidos de Poconé pelo empregado do Convento. Jantamos, por isso, com maior satisfação, e, ás sete horas, estavamos promptos para partir. Devia ser muito boa, para a digestão uma cavalgada, em taes condições . . . Com effeito, eu e Frei Ambrosio, com o senhor Fabiano Caporossi á frente, soltamos a redea em desparada, favorecidos pelo

frescor da noite e por um luar magnifico que reluzia sorridente, por sobre o caminho e as campinas.

Caso verdadeiramente incrivel! A natureza, mesmo nas horas mortas da noite, quiz dar uma amostra de suas bellezas incomparaveis. Antes de chegar a Poconé, tivemos que atravessar duas mattas, as quaes, como ordinariamente succede em Matto Grosso, mais se pareciam com parques ou com aprimorados pomares.

As arvores de extraordinaria altura, de tronco liso e claro, erguem-se esguias para o céo, cobrindo com suas frondosas copas o solo, tão limpo que se pode atravessar em todas as direcções sem impecilhos.

A travessia d'essas mattas era feita mais vagarosamente; tinhamos pois a facilidade de melhor as contemplar. Momentos houve em que me sentia inebriado pela poesia harmoniosa d'aquelle silencio, como si estivera no reino das fadas, ou melhor, no paraizo terreal.

Um quadro singularissimo e deslumbrante empolgou-me subitamente. Pareceu-me ver. á direita, uma sala feericamente illuminada. Demorei-me, um instante, a observar. Lá, no alto havia uma clareira por onde jorrava a luz em profusão, produzindo o maravilhoso effeito de um palacio encantado.

No mais, quem erguesse os olhos para o céo o veria profusamente recamado por delgada e movediça ramagem, privando-o de admirar, extasiado, nas profundezas do firmamento, esses milhões de mundos, sob a humilde apparencia de microscopicas luzes, que se apagam.

* * *

No dia dezesete de Abril, quarta-feira, ás oito e meia da noite, entravamos an cidade de Poconé, tendo percorrido, apesar dos pesares, nove leguas de caminho. Si sommarmos as diversas parcellas, indicando as distancias das localidades, admittidas por todos os viajantes, veremos que, entre Cuyabá e Poconé, medeia a distancia de vinte e uma leguas. Embora a differença seja pequena, ha quem sustente serem vinte e duas, o que corresponderia a mais de cento e quarenta e cinco kilometros.

O senhor Balbino que, ha longos annos, reside quasi no meio do caminho, e que, muitas vezes, foi, a cavallo, tanto a Cuyabá, como a Poconé, sustenta esta opinião.

Capitulo XIX.

Fallando de Poconé, ou arraial de São Pedro d'Elrey, eis como se exprimia illustre excursionista, ha quasi cem annos: „Ver um povoado do Brasil é vel-os quasi todos. Uma praça oblonga, com a

egreja e a cadeia nos lados estreitos; uma ou duas ruas de cada lado, tiradas a cordel; casas baixinhas; eis o que compoe um arraial. Poconé não tem senão duas ruas; a egreja é nova e pequena; a cadeia está em ruinas. Não se vê viva alma; muitas casas estão abandonadas; perto, não passa um riacho sequer, e os habitantes tem que abrir poços na terra. Um cerrado espesso serve de cintura á localidade, que não tem horizonte algum". Até aqui o já citado Hercules Florence, em 1827. Hoje em dia, mutatis mutandis, é quasi o mesmo.

Na noite da nossa chegada, pouco pude ver d'essa planicie toda envolta em arvoredo e verdura. Passado o Cemiterio, tomamos uma rua meio arqueada, de casas pequenas e que fora calçada, in illo tempore, pelas proprias mãos do Creador. A durissima pedra

Vista do Largo da Matriz, Poconé

canga forma, com effeito, a base de todo o solo. A rua é regularmente comprida e, depois de uma leve subida, desembocca-se inesperadamente na mencionada praça oblonga, tendo-se, logo á direita, a cadeia fechada e quasi arruinada. A matriz fica lá no fundo da praca, a qual pode ter uns duzentos metros de comprido e cem de largura approximadamente. Este é o coração da cidade. As casas são terreas, mas regulares e algumas vistosas. N'um ou dois passeios que fiz, percorri, surprehendido, diversas ruas, cheias de casas e cabanas, absolutamente invisiveis a qualquer viajante commodista.

A configuração d'essa cidade rasa é tal que não achei um ponto de onde pudesse tirar uma vista de uma parte d'ella, ao menos. Tirei apenas a dos dois largos.

Si ha, em Matto Grosso, uma cidade morta, inteiramente isolada do mundo, esta é Poconé.

* * *

A nota caracteristica do centro mattogrossense, e particularmente de Poconé, é o uso de certos termos, inexistentes, ou com significação diversa. Alem dos apontados, em varias circumstancias, vou, a titulo de curiosidade, referir mais alguns com a sua significação local. Eil-os.

Mapiar: prosar, conversar, matar o tempo. Por exemplo: hontem mapiei algumas horas em casa de fulano. Fazer a desobriga: visitar qualquer capella. Essa significação tem sua razão de ser. Os Padres, alem de suas parochias, tem capellas (antigas matrizes) que ficam a dezenas ou centenas de leguas da sede parochial. Por isso passam um ou mais annos sem que as possam visitar. Quando lá vão, já é tempo de desobriga, ou ha muito que já passou.

Apurar: Tocar, apressar, apertar. Vi, em Poconé, um menino levando um cavallo pelo cabresto; outro menino seguia-o. O dono, querendo que se apressassem, dirigiu-se ao segundo dizendo-lhe: apure o cavallo. Duvidá: talvez, quiçá. Por exemplo: Acha que fulano comprará o cavallo? Resposta: Duvidá. Acuar a caça: perseguil-a. Assim, em logar de dizer os cachorros perseguem o veado, dizem: os cachorros acúam o veado. Um facto curiosissimo, para o qual não encontro explicação, é o modo original, muito commum entre o povo, de pronunciar as silabas formadas por ch como por exemplo: chegar, machucar, cachorra. O che, cho e chu não tem o som que lhes damos, e que os diccionarios indicam, mas corresponde quasi perfeitamente ao ce, cio, e ciu dos italianos. D'onde provirá tal anomalia? Não sei responder.

* * *

No convento, ou melhor, na casa parochial de Poconé, ha tres Franciscanos: Frei Athanasio, Frei Jeronymo e Frei Berardo. Ahi encontrei tambem os já conhecidos de Cuyabá, e que seriam nossos companheiros até Caceres: O provincial Frei João Luiz, o clerigo Frei Felippe e o camarada Sabino. Soube, mais tarde, que os bons amigos aguardavam anciosos minha chegada, com a qual, graças a Deuz, tiveram um grande logro. Imaginavam, como era natural, que eu chegaria todo moido, pisado, em misero estado. Viram-me bem disposto, como si voltasse de uma diversão; ficaram pasmos, e eu, mais do que elles. A mesma caimbra, ao encetarmos a disparada carreira: „Cardozinho - Poconé" tinha desapparecido de todo! . . .

Commetter tantos excessos e acabar como si nada fizera, só mesmo no admiravel e saluberrimo clima do Matto Grosso.

Em Poconé, demoramo-nos quatro dias, em preparativos, e devido ao máo tempo. Essa cidade, sita tão para dentro, e sem facil

Franciscanos de Poconé

communicação, está condemnada a fatal retrocesso, sí os poderes publicos lhe não acudirem, a tempo. E seria tão facil! O rio Cuyabá fica a duas leguas de distancia, e, até ahi, pode ser navegado pelos mesmos paquetes da carreira „Corumbá-Cuyabá". Uma boa estrada de rodagem de uma duzia de kilometros, unindo esses dois pontos, seria um passo de gigante, de onde Poconé receberia nova seiva de vida commercial e industrial. Fora ainda melhor transformar o actual caminho, entre Poconé e Cuyaba, de forma a poderem transitar por elle automoveis de carga e de passageiros.

O terreno é extremamente favoravel. Basta dizer que um negociante de Poconé se offereceu a fazer este melhoramento de cento e quarenta kilometros, por vinte contos de reis!

A politicagem e deshonestidade de certos figurões são a causa unica de se não fazerem aqui e em outras partes, melhoramentos de grande alcance e facillima execução.

* * *

De passagem por Corumbá, ouvi fallar da cidade de Cuyabá, como pertencente ao norte do Estado. Essa expressão, geographicamente fallando, é inexacta. O Estado, em sua superficie immensa, pode ter diversas divisões e subdivisões. O que se não pode deixar de fazer é de o repartir, ao menos, em tres zonas principaes: sul, centro e norte.

O sul é essa immensa e feracissima região, attravessada, de um a outro extremo, pela linha ferrea „Itapura-Corumbá", que vae de Tres Lagoas a Corumbá, fazendo um percurso de mil kilometros.

Cuyabá fica ao norte de Corumbá outros mil kilometros, mas nem por isso se pode affirmar que fica ao norte do Estado. Cuyabá, Santo Antonio, Rio Abaixo, Livramento, Poconé, Rosario e mesmo São Luiz dos Caceres, pode-se dizer que formam o nucleo habitado do centro do Matto Grosso.

N'esse centro, particularmente em Cuyabá e Poconé, é muito generalizada a industria das redes.

As camas são, por assim dizer, desconhecidas. As casas, em sua sala principal, estão aparelhadas, para, n'um momento dado, apresentar diversas redes armadas, dispostas, entre si, com apuro e arte. Encontram-se redes regulares a quinze e a vinte mil reis.

Em casa de uma familia, que visitei, em Poconé, vi uma que, só em linha, comprada nos bons tempos, representava o valor de setenta e cinco mil reis. Essas redes são verdadeiros mimos, bordados primorosamente em toda sua extensão. A parte em que a mulher mattogrossense mostra seu gosto pelo bello são as bordas que vão de um ao outro punho. Essas margens, conhecidas por v a r a n -

d a s, tem a largura de trinta a quarenta centimetros e representam o fructo aperfeiçoado de muita paciencia e arte.

* * *

Outra cousa, em grande uso, n'aquelle Estado, é o guaraná que, até bem pouco tempo, era desconhecido n'esta Capital.

Eis como o A l b u m G r a p h i c o d e M a t t o G r o s s o descreve o guaraná (P a u l i n i a s o r b i l i s) „Os grãos d'esta planta são reduzidos a pó, misturado com agua e assucar. É fabricado pelos indios que habitam a região entre o Tapajós e o Madeira (Matto Grosso e Amazonas); alguns juntam ainda cacáo e farinha de mandioca. A massa é formada em pães ou bastões e é seccada do sol. Fica tão dura que pode ser reduzida a pó, somente limando-a. Este pó se toma em agua fria, ás vezes ainda com assucar. É refrescante, digestivo e estimulante. O seu uso se limita quasi exclusivamente aos Estados de Matto Grosso, Amazonas e Pará, bem como á Republica da Bolivia".

A esta noticia, clara e circumstanciada, acrescentarei que vi preparar, muitas vezes, esta bebida, da seguinte forma: Uma colherinha de guaraná e duas de assucar, n'um pequeno copo de agua. Mexe-se bem com a colher e toma-se sem demora. Dizem que, pondo-se na agua uma quantidade muito maior, ataca fortemente os nervos, produzindo forte agitação em todo o corpo.

Quanto ao gosto, a dizer a verdade, nada n'elle achei de apetecivel; estou todavia convencido que essa industria dos nossos indios é um tonico providencial para os moradores d'essas regioes quentes e exhaustivas.

Ignoro em que epoca o guaraná foi conhecido, pelos civilizados, mas sei que não é de agora. Conversei em Cuyabá com um homem de oitenta e cinco annos, o qual, desde criança faz uso d'essa bebida.

Os fabricantes do guaraná são os indios maués. Fallando sobre esse assumpto, assim se exprime o senhor Hercules Florence:

„A parca população do districto de Itaituba compunha-se de portuguezes, brasileiros e M a u é s, estes em menor numero.

Espontaneos são em sua maior parte os productos de exportação: a s a l ç a p a r i l h a que os colhedores vão buscar no Pará, nos mattos dos Tapajós; a borracha, fonte de grande riqueza futura; o cravo; o pichiu, preciosas especiarias que attestam o vigor das regiões equatoriaes, quando banhadas por grandes rios; o g u a r a n á procurado da gente de Cuyabá, e que um dia juntará uma beberagem fresca e aromatica ao luxo dos botequins das cidades da Europa.

* * *

Quem viaja por terras mattogrossenses, observa, muitas vezes, as mais disparatadas anomalias. Imaginem, por exemplo, um negociante ou taverneiro, desempenhando cargos publicos e até diplomaticos. Isto por lá, nada tem de estranhavel.

Outro facto curioso é o das profissões diversas que um cidadão exerce successivamente com a maior naturalidade do mundo. N'esta Capital, dá-se justamente o contrario.

Quem aprende um officio, com elle fica e mantem-se, até o fim da vida. Em Matto Grosso, não ha nada d'isso. O mesmo individuo, hoje é soldado, amanhã mestre-escola. Passa em seguida a empregado publico, a engenheiro, a official de policia etc. etc.

Isto vem a proposito de uma informação inedita que tive em Poconé, sobre factos referentes ao famoso Antonio Conselheiro.

O meu informante, por exemplo, bem fallante e sympathico, annos atraz, fora delegado de policia, mais tarde, transformaram-no em tabellião. Actualmente é distincto professor do Grupo Escolar de Poconé.

Contou-me elle a metamorphose de um famoso Dr. Dantas da Bahia. Não me recorda o cargo que este occupava, quando o celebre Antonio Conselheiro fez-lhe a entrega de vinte contos de reis adeantados para fornecimento do material de uma egreja a construir. Que fez o senhor Dantas? Aos vinte contos deu melhor destino; emquanto ao material . . . nem um tijolo. Aos carroceiros, enviados para receber e transportar o material destratou-os e pol-os na cadeia. O prejudicado reclamou, perdendo seu tempo. Mandou homens, então, cercando-lhe a casa. Mas o Dr. Dantas estava alerta, com praças de policia em sua defesa.

Travou-se a lucta, da qual sahiram victoriosos os enviados do Antonio Conselheiro, que invadiram a casa, matando os policiaes. Quanto ao unico culpado d'essa tragedia, conseguio fugir, e foi recompensado de suas benemerencias, com a nomeação de Juiz de Direito, em Sant'Anna de Parahyba, em Matto Grosso, onde o meu interlocutor era delegado. Ahi o nosso heróe metteu-se em novas funduras, lesando, não sei como, os cofres publicos, e teve que fugir. Mas essa fuga não foi *ad vitam*, tanto assim que voltou para lá, onde agora é intendente da Camara, isto é, *manda-chuva* geral d'aquella afortunada terra . . .

Foi, pois, esse Dr. Dantas Coelho quem deu origem aos tristes acontecimentos de Canudos. Esta historia, que me foi narrada em Poconé, será verdadeira?

Ahi vae, para concluir, uma nota amena. Segundo a informação alludida esse Dr. Dantas teria surripiado do thezouro de Sant'Anna de Paranahyba a minharia de setecentos contos. Conversando, poste-

riormente, com um ex-Juiz de Direito d'aquella cidade, contei-lhe o caso. Respondeu-me elle, sorrindo, que a mais atilada ratazana lá não encontraria nem setecentos reis . . .

* * *

No dia seguinte ao de minha chegada, deu-se, em Poconé, um facto muito natural . . . por lá. Á noite, n'uma casa de bilhar, estavão jogando tres ou quatro rapazes, um dos quaes, allemão, representante de uma casa de Cuyabá. Lá pelas oito horas da noite, entra na sala um quidam, qualquer chamado Rondon,[1]) retira as bolas da mesa, sentenciando com empafia, como si não estivera em casa alheia, „não admittir que ahi jogassem". E notem bem que não foi por isso trancafiado no xadrez, muito pelo contrario: ia elle todo ancho, acompanhado por um official de policia! . . .

* * *

Observei, varias vezes, citando factos a singular posição da mulher em Matto Grosso. Pois bem, em Pocone, essa verdade torna-se mais sensivel.

No pensar de qualquer homem de bem, quanto mais de um sacerdote, o facto da mulher se apresentar demasiadamente desenvolta, é pouco alentador. Entretanto, não o é menos o facto de se occultar, ás vistas da mesma sociedade, aquella que foi creada por Deus para ser a companheira do homem e o anjo tutelar da familia.

Em Poconé, verifiquei isto: é muito raro ver-se uma mulher, seja qual for sua edade e condição, andando na rua, ou simplesmente atravessando-a.

Contou-me alguem que, poucos annos atraz, juntamente com outro amigo, fora visitar um negociante, o qual, pouco antes, se ausentara de casa. Sua mulher estava tomando conta do negocio. Resolveram esperar, até que o amigo voltasse, entretendo-se a conversar com a senhora. Em outra dependencia da casa, havia dois ou tres homens, que podiam observar, sem serem vistos, os quaes, mais tarde, manifestaram sua admiração, por aquelles dois visitantes e amigos terem sido irreprehensiveis no seu procedimento correcto, durante todo o tempo que ahi estiveram. Esse facto é muito eloquente.

Na Vespera de minha partida, o senhor Cypriano Campos, Director do Grupo escolar, promoveu uma festa infantil, constando de discursos, musica, e passeata. Não deixarei de assignalar, com satisfação, que o mesmo teve a gentileza de me procurar, para

---

[1]) - Em diversas cidades ou localidades de Matto Grosso ha familias com o nome Rondon, embora (segundo me informaram) não tenham parentesco algum com o General Rondon.

pessoalmente me convidar. Infelizmente não conseguio fallar commigo e eu, que tanto interesse tinha de assistir a tudo que se desse, para melhor conhecimento dos factos, fiquei privado de corresponder a tão amavel convite. Não assisti, mas soube de uma cousa incrivel. O director convidou naturalmente todas as pessôas gradas e as familias das crianças. Entretanto a sociedade Poconense estava ahi representada por uns vinte e poucos homens. Senhoras ou filhas de familias não havia uma só.

Permittam-me pois fazer esta pergunta: é ou não inadmissivel que, em uma cidade brasileira, se faça uma festa de crianças, isto é, uma festa essencialmente familiar afastando-se d'ella as unicas pessôas que deveriam estar presentes, isto é, as mães de familia, os irmãos e irmãs?

A mulher a sete chaves

Insisto sobre este ponto, por duas razões: primeiro porque, que eu saiba, ninguem ainda se occupou directamente do assumpto. Segundo, por eu pensar que todos os homens de bem devem levantar uma cruzada contra esses processos retrogrados de collocar a mulher n'uma inferioridade tão lamentavel que recorda os tempos tristes anteriores á vinda do Messias.

* *
*

Pocone é o que ha de mais modesto, na ordem das cousas. Isolada, resente-se visivelmente d'este mal, nas privações d'aquelles mesmos que são abastados. É aliás o que se dá, mais ou menos, em todo o Estado.

Não ha quem queira trabalhar. Procura-se um pedreiro, um carpinteiro etc., nada se encontra. Os poucos que existem, ha muito, aprenderam a arte de arrancar ao pobre christão couro e cabello, sem se arreceiarem do . . . Commissariado. Da mesma forma procura-se, em vão, um chacareiro, um cozinheiro, copeiro ou simples trabalhador. Causou-me espanto quando vi o superior dos Padres de Poconé, pegar da foice, ir ao capinzal, cortar uma boa

porção de capim e trazel-o para casa, para não privar os animaes da costumada ração.

Talvez seja por isso que a propria natureza procura, de mil modos differentes, supprir a deficiencia de braços. Assim, por exemplo, o immenso largo da Matriz, talvez fosse, a estas horas, um intrincado mattagal: mas como não passa de uma chapa interiça de pedra canga, com uma leve camada de terra em cima, mal se reveste de um lençol de humilde relva.

Quanto ao povo, é o mesmo como em todo o Brasil: bom e affavel.

* * *

As condições religiosas de Poconé são contristadoras.

Ha treze ou quatorze annos que os Franciscanos dirigem essa parochia, vivendo uma vida de sacrificios, inatacaveis em sua reputação, zelosos e infatigaveis pela gloria de Deus e salvação das almas, e, apesar d'isso, os fructos de seu apostolado são quasi nullos. Com razão, cheios de tristeza poderiam dizer como São Pedro: „Mestre, depois de trabalharmos toda a noite, não apanhamos cousa alguma" P r a e c e p t o r, p e r t o t a m n o c t e m l a b o r a n t e s, n i h i l c e p i m u s. Com effeito, depois de tantos annos de lucta, ainda não encontram uma alma piedosa que lhes ajude a ensinar o catecismo ás crianças, a ornamentar os altares, a concertar as alfaias da casa de Deus já rasgadas ou em franca deterioração!

Para que se não pense que estou exagerando vou dizer o que vi.

Minha visita a Poconé, em companhia de Frei Ambrosio, que ahi fora vigario, e muito estimado, foi sem duvida um acontecimento, por ser rara novidade.

Nossa chegada teve logar na quarta-feira, á noite. No domingo proximo, resolvemos dar aos actos religiosos uma nota mais solemne. Os Padres fundaram um collegio que já tem cerca de cincoenta alumnos. Frei Jeronymo ensinou-lhes pacientemente numerosos canticos religiosos, e elles, com boa vontade assistem á missa, na qual entoam enthusiasticamente hymnos diversos, conforme o rito. A missa parochial era ás 8 horas da manhã; Frei Ambrosio foi ao harmonio, Frei Jeronymo dirigia a meninada, sendo eu convidado para celebrante.

Não havia em Poconé, quem não soubesse d'essa novidade, que os alumnos se incumbiram de espalhar. Ao Evangelho pretendia fazer uma pequena pratica. Quando, porem, voltei-me para o povo, o desalento e a tristeza apertaram-me o coração. Quatro pessôas apenas tinham vindo cumprir o preceito dominical! O abalo, que

então tive foi tão imprevisto e violento que me faltou a coragem de abrir a bocca.

E fiz mal! Fiz mal involuntariamente, porque, si, no mesmo instante, me fora dado recobrar a calma precisa, diria algumas palavras de consternação, ao ver que em Poconé as meninas, as moças e as mães de familia não frequentam o cathecismo, não fazem a primeira communhão, não assistem nos domingos e dias santificados ao santo sacrificio da missa! Fiz mal, em não fallar, porquanto tinha deante de mim um auditorio digno do maior carinho. Era aquelle agrupamento de meninos de oito a treze ou a quatorze annos, os quaes, apesar de serem externos, e da indifferença geral, assistiam com toda regularidade á missa parochial, alegres, jubilosos e enthusiamados, entoando com amor filial as glorias do Senhor. Deus os abençoe!

Pedi então, e ainda peco a Nosso Senhor, que não abandone aquelle povo, embora se mostre d'Elle tão esquecido. Desça sobre o mesmo, como out'ora sobre os apostolos, o Espirito Santo, quebrando, de vez, essa chapa de gelo que o detem na indifferença religiosa, e lhe faça sentir as doçuras da religião christã.

* * *

Nos quatro dias que ahi me demorei, tive o ensejo de fazer algumas visitas e de as receber. — Todas ellas me deixaram agradavelmente impressionado. Não deixarei de me referir, em particular, á familia do nosso dedicado companheiro Fabiano Caporossi, onde fomos carinhosamente acolhidos.

* * *

Antes de deixar Poconé, vou relatar um caso. Foi n'essa mesma cidade que d'elle tive casualmente conhecimento.

Não apontarei o logar onde se deu, nem citarei nomes: isto pouco adeantaria. Alguns sacerdotes franciscanos forão incumbidos da direcção de uma parochia.

Erão ainda novatos na terra, e o seu superior orçava pelos trinta e poucos annos. Uma bella manhã, acabava elle de dar acções de graças e de fazer sua leitura espiritual, quando lhe annunciaram que uma commissão de cavalheiros vinha solicitar-lhe uma entrevista.

Varias hypotheses occorreram-lhe ao espirito, sobre qual seria o objecto da intempestiva visita. Convenceu-se, por fim, que não podia ser outro que não a catechese de alguma aldeia de indios ou de sertanejos perdidos n'aquelles desertos. Consolou-o pois, a probabilidade de ir ao encontro de novas ovelhas tresmalhadas que esponta-

neamente o procuravam, como ao bom Pastor. Sem delongas, foi ao locutorio e mandou entrar a commissão.

Os visitantes cumprimentaram respeitosamente a S. Revma. entretendo-se alguns momentos, com elle, em animada e amigavel palestra, Feito isto, o mais notavel do grupo, tomou a palavra, pedindo licença para expor-lhe, em nome da commissão, e de outros numerosos amigos da localidade o que desejavam, e, sem mais preambulos, foi exordiando, pouco mais ou menos, n'estes termos, seu discurso: „Tenho a honra, Revm. Snr. de communicar-lhe que, hoje á noite, teremos uma festa familiar, estrondosamente alegre, que

Convite para o batuque

o povo apellida com o significativo nome de batuque.“ Aqui o meu collega teve um arrepio, mas ficou em duvida e se conteve. „E como desejamos, proseguio o orador, que ella se revista do maior brilhantismo, convidamol-o a honrar-nos com a sua presença e a abençoar esses folguedos populares, tirando o par da primeira quadrilha“. Disse e parou, aguardando confiante a resposta que, com certeza, seria gentil e affirmativa.

Mas o Padre Mestre é que ficou mesmo embatucado. Fez-se profundo silencio. No momento, pensou n'uma affronta, n'uma troça, ou cousa egual, e teve impetos de esbravejar, mas viu-os, de relance, calmos e satisfeitos, como quem acaba de cumprir um dever. Moderou-se, mas não pode deixar de lhes extranhar similhante convite, feito a um filho de São Francisco de Assis.

Ao que os interlocutores, convictos de sua boa acção, responderam tranquillamente que, no que acabavam de fazer, „agiram com

a mais recta das intenções, como sempre fizeram com os seus antecessores, n'aquella freguezia, ignorando porem que aos Franciscanos fosse inhibido o que aos outros era permittido fazer" . . .

E assim, terminou tudo em paz, convencendo-se aquelle meu collega que si o convite não era de todo acertado, tinha todas as apparencias de que fora bem intencionado.

Capitulo XX.

Estamos prestes a partir. A demora foi maior do que eperavamos, por aguardarmos que o tempo se firmasse. Na noite de sabbado para domingo, choveu torrencialmente. Não foi temporal, como de costume, mas uma chuva geral, cahindo agua a não poder mais, n'uma extensão de dezenas e dezenas de kilometros. Em poucas horas, rios e corregos transbordaram.

Ficara assente que a partida teria logar impreterivelmente, na segunda-feira. N'esse dia, ao levantar, encontrei-me com Frei João, raro conhecedor do tempo e de suas variações, o qual disse-me, entre serio e desanimado: vamos ter uma viagem de muita chuva. Aquillo era o peior dos agouros.

Fui celebrar, offerecendo o santo sacrificio da missa ás almas do purgatorio, para que nos protegessem em tão longa e arriscada viagem.

Partimos, no dia 22 de Abril, segunda-feira, ás nove da manhã. Marchamos tres leguas, alcançando „Pedra Branca" ás onze e tres quartos. Já tive occasião de dizer que esses espaçados pontos de parada não são aldeias ou povoados, como sóe acontecer em outros Estados, mas rusticos casebres em que uma familia vive isolada do resto da humanidade. Em geral são pobres, muito hospitaleiros e de coração bom.

Quem viaja, procura sempre parar ou pernoitar em casa de gente conhecida e amiga a qual (caso curioso!) quanto mais modesta e pobre, mais generosa e hospitaleira se mostra, para com os que lhe batem á porta.

O sacerdote, n'aquelles invios sertões, aonde quer que chegue, é respeitado e querido, tanto dos sertanejos como dos proprios indios. E é deveras um espectaculo commovedor ver como esse pobres camponezes repartem de coração o pouco que tem com os ministros de Deus, que lhes transpoem o limiar de suas palhoças.

Succede, posto que raras vezes, o contrario com aquelles a quem Deus cumulou de bens. O Missionario, que, durante dias e dias, passa pelas maiores privações, é obrigado, em taes casos, a

se desviar das casas dos ricos, receioso que lhe neguem o necessario para recobrar as forças.

Triste e desoladora verdade que explica claramente a razão porque poucos ricos entrarão no reino dos céos. Parecem muito raros os que conhcem e meditam este versiculo, do Ecclesiastico: „Não ha cousa mais injusta do que amar o dinheiro: porque um tal homem vende até a propria alma: pois que elle se despojou em sua vida das proprias entranhas." „Isto é, diz illustre commentador, privando-se das cousas necessarias á vida, e despindo-se de toda humanidade e piedade para com os seus".

* *

*

Em „Pedra Branca" vivem, em agreste casinha, uma viuva e dois filhos; o menor fraco e doentio; o outro, com dezeseis, é o chefe da casa. Quanto á mãe, é naturalmente acanhada. Surprehendeu-me o desembaraço dos filhos, perdidos embora n'aquellas solidões; muito dados, bons, respeitosos e serviçaes. Vi, em volta do domicilio, laranjeiras carregadas. Pedi e trouxeram-me promptamente um cesto cheio, chupando eu algumas com verdadeira avidez.

Frei João que desde Poconé chefiava a caravana, tirou do fundo de um sacco uma respeitavel posta de carne secca, que a dona da casa, n'um momento, transformou em apettitoso churrasco. E não é que me ia esquecendo da classica passoca? a que o nosso Frei João apresentou sobre o banquinho-mesa, em „Pedra Branca" não a saboriei, mas devia ser o nec plus ultra, pois fora preparada e pendurada, dentro de um sapique, havia nada menos de dezeseis dias! . . .

Si da fermentação é que lhe advem o gosto delicado e exquisito, imaginem a petisqueira que aquillo devia ser! . . .

Onde faltam as fructas, falta, para mim, quasi tudo; entretanto, nunca vi terra como o Matto Grosso em que o lavrador d'isso absolutamente não cuida. É raro encontrarem-se mesmo as mais communs, como bananas, laranjas e outras.

Por occasião de nossa chegada, os dois filhos estavam na roça, mais tarde vieram trazendo uma paca que o mais velho tinha morto com uma foiçada.

Nossa passagem coincidiu com a colheita do arroz, feita pelo systema primitivo. Trazem-no para casa, aos hombros, com a palha e tudo, e ahi, depois de enxuto, batido e separado da palha, estendem-no ao sol, em pelles de bois, bezerros e de animaes selvaticos, até seccar completamente . Imaginem a azafama, ao ameaçar mudança de tempo, o que geralmente succede todo o dia.

N'essa casa, onde fomos tão bem tratados surprehendeu-me um mimoso veado, apanhado, pequeno, no matto. É tão manso e domesticado como um cachorrinho. Vive solto. Durante o dia, vae á roça alimentar-se do que lhe apraz, voltando em seguida, para junto d'aquella gente, que lhe quer tanto bem.

A nossa presença mostrou certa timidez, mas, chamado com um pouco de arroz, approximou-se e comeu socegadamente. Aliás, em todo Matto Grosso, as aves e os animaes, parecem-se muito, por sua mansidão e ingenuidade, com os do paraiso terreste. Tendo repousado, nas horas de maior calmaria, ás tres e meia, estavamos de novo a caminho. Fizemos mais tres leguas, apeando, ás seis horas, no „Largo do Rodeio" proximo de Formiga.

O morador ha um anno e pouco, que ahi se estabeleceu; tem mulher, uma filhinha de dois annos e um irmão.

Tudo, aqui, denota actividade e trabalho. Vivem modestamente, mas não na pobreza. O gado e o leite fornecem-lhe o necessario, com superabundancia. A dona da casa não nos appareceu. Os homens fizeram prasenteiramente as honras da sala e da mesa. Prepararam-nos, sem demora, um bom jantar: carne secca esopada com aipim, ovos e arroz. O nosso commandante não se esqueceu de fornecer, a cada conviva, um pão poconense, que fazia parte de nossa matula. Como se vê, o repasto foi completo. Antes de nos recolhermos, ou melhor, antes de estender as redes, no logar onde estavamos, dei uma medalha ás pessôas presentes e . . . ausentes. A menina, foi, durante a noite, de um procedimento exemplar; não abrio a bocca e ficou caladinha como si não existira.

Ás cinco e meia da manhã, levantamo-nos. Emquanto os meus companheiros e o dedicado Sabino arreavam a cavalhada, o nosso hospede preparava-nos nova e agradavel surpresa. O banco que, na vespera, servira de mesa estava posto, quero dizer: coberto de uma alva toalha; no centro um prato cheio de queijo cortado em pedaços, e, no logar competente, uma boa chavena de chá para cada um. Como na vespera, appareceu o pão delicioso, mas, d'esta vez, mais serio e resistente: contava já cincoenta e tantas horas de edade! . . .

Quanto a café, por essas bandas, não ha meio de apparecer,

Terminada a frugal e abençoada refeição matinal, os meus companheiros sahiram para os ultimos aprestos. Acompanhei-os tambem, e estava observando o que faziam, quando vi o tio tomar minha direcção, trazendo ao collo a pequena e engraçada Odette, a qual, toda compenetrada e satisfeita, offereceu-me, seguro em suas mãosinhas, um bom queijo, para continuação da nossa viagem. Esse extremo de gentileza e carinho enterneceu-me: abracei a criança e beijei-a commovido.

O veado etc.

Eram sete horas, quando fizemos as nossas despedidas d'essa familia generosa e hospitaleira que, não só nada acceitou, mas aos meus companheiros pediu insistentemente que, na volta e em suas viagens, não deixassem de procurar com preferencia sua hospedagem. Pouco depois, penetramos no „Pantanal do Japão" de um kilometro e tanto de comprimento, coberto, não de pastagens, como de costume, mas de mattaria; ao pantanal succedeu um descampado; e começamos, depois a atravessar poetica e magestosa floresta, de alguns kilometros de extensão.

N'essa longa travessia de Poconé a Caceres, encontram-se diversos rios sem pontes, o que, no tempo das chuvas, constitue um dos maiores e perigosos impecilhos.

Á onze e meia, arribamos ao primeiro d'elles, chamado Figueira que, por felicidade, estava bom, passando-o a váo sem novidade. Em vinte e quatro horas tinha baixado dois metros! N'essa altura é que ninguem teria a audacia de o arrostar. Fizemos mais uma legua, chegando ao „Pantanalzinho" ás doze e tres quartos da tarde. A distancia do „Largo do Rodeio" a „Pantanalzinho" é de quatro leguas e meia.

No sertão, quando o viajante quer descançar ou pernoitar, em algum logar, deve, em chegando á residencia do morador, dar-lhe o bom dia, boa tarde ou boa noite, e só poderá apeiar, si este o convidar.

Em „Pantanalzinho" ao beirarmos a casa, notamos a ausencia da familia, que estava no campo, occupada na colheita do arroz. Deparamos apenas com dois meninos, o primeiro de sete, o segundo de oito annos e pouco, chamados respectivamente Manoel e Benedicto. Pois quem nos recebeu foi o pequeno e esperto Manoel, de camisola curta. Mandou-nos descavalgar e que entrassemos no primeiro apartamento que, por signal, era um monte de arroz. Entrementes o maiorzinho foi chamar a mãe, duas irmãs e tres irmãos, que foram chegando, cada qual com sua carga de arroz. Essa é talvez a familia que mais me captivou, por sua lhanesa, amor ao trabalho e respeito filial com que todos se acercaram dos representantes de Nosso Senhor.

Apenas chegados, puzeram-se em actividade para nos aprompptar uma refeição abundante, isto é, um almoço ajantarado.

E fizeram-no gostoso, variado e bem feito, como ninguem, no percurso d'essa longa travessia.

Deixei a todos uma lembrança, e uma para o chefe da familia, a quem iriamos encontrar, na fazenda das „Flechas". Retirei-me d'aquella casa reconhecido e encantado. Erão então quatro horas da tarde. Vinte minutos depois, estavamos sobre as bordas do

temido rio Macaco, onde chegamos, a custo, enleados no hervaçal e no matto. A ribanceira, alta e em pé, amedrontava; a passagem era um trilho enterrado ou cavado no barranco. Os dois primeiros, á força de esporadas, conseguiram descer. Os que ficamos atraz, não houve meio de arremessarmos os animaes por aquelle precipicio abaixo. Confesso que elles tiveram mais juizo, pois, si o tentassem, seria quasi inevitavel uma desgraça. Desmontei do meu infatigavel e agigantado Mimoso, descalcei sapatos e meias, arregacei, quanto pude, as calças e, guiado por um collega, que viera ao meu encontro, transpuz, a pé, o leito do rio, sem que nada acontecesse. Ao alcançarmos a margem opposta, egualmente envolta em grosso capoeirão, montamos, seguindo celeres em direcção ao logar denominado „Lobo".

Ahi apeamos, ás seis e tres quartos, tendo percorrido duas leguas e meia.

Esse logar tira seu nome da grande quantidade de lobos que povoam a boscagem ribeirinha e a que cobre todas as planicies adjacentes.

N'esse genero de quadrupedes, encontram-se ahi os mais bellos exemplares, grandes e vermelhos.

Fomos direitinhos á casa de um bom amigo dos Franciscanos, aonde elles encontraram invariavelmente o mais cordial acolhimento. Em uma casa maior do que do costume, e em melhores condições de trato e conservação, vive um casal, em edade ja avançada.

Vieram pressurosos ao nosso encontro, franquearam-nos todo o local disponivel e, com a maior satisfação, iam preparar o jantar que nós dispensamos, por quanto só precisavamos de repouso.

Uns preferiam pendurar suas redes ao ar livre, n'um barracão aberto. Eu e Frei Ambrosio estendemol-as na sala de arroz. Foi sobre uma montanha d'esse precioso cereal, que nos balouçamos, até que o bom do morpheu veio cerrar-nos as palpebras, concedendo-nos o almejado repouso.

Recobradas as forças, madrugamos, lepidos, na manhã seguinte quarta-feira.

Conjunctamente comnosco despertaram os nossos hospedes. Dera-nos d'isso testemunho o roer compassado da lima, pulverizando o guaraná. Na verdade, estava acabando de me apromptar, quando, junto da minha rede, abriu-se insensivelmente uma porta, trazendo-me o bom velho um copinho da preciosa e fortificante bebida. Dado o „bom dia" tomei-a de um sorvo e sahi: Tudo ja estava em ordem de partida.

Despedimo-nos, ás seis horas, e vinte minutos depois, alcançamos o Sangradouro. O nosso bom hospede acompanhara-nos até lá.

Esse rio tem uns sete ou oito metros de largo, e, no tempo das chuvas, é um dos mais perigosos, pela correnteza precipitada de suas aguas e pela espessura da matta marginal que não offerece sahida. Si, por acaso, alguem tenta atravessal-o a cavallo, e pela vehemencia da corrente não consegue tomar pé no outro lado, no ponto junto da passagem as ondas levam-no de roldão, e fatalmente perecem cavallo e cavalleiro. Ao chegarmos ahi, e a um signal dado, apresentou-se, após alguma demora, um morador da margem direita, pondo-se ás nossas ordens. Interrogado, respondeu-nos que, não obstante as aguas terem baixado bastante, seria temeridade fazer a travessia a cavallo.

Á vista d'isto, não houve remedio senão descarregar o animal cargueiro, tirar as malas e desencilhar todos os outros animaes, occasionando tudo isso grande retardamento e trabalho enfadonho.

O barqueiro abeirou-se da ribanceira com sua canoa, na qual collocaram malas, bagagens, sellas e arreios e, repleta e pesada, lá se foi deslizando serenamente em busca do porto . . .

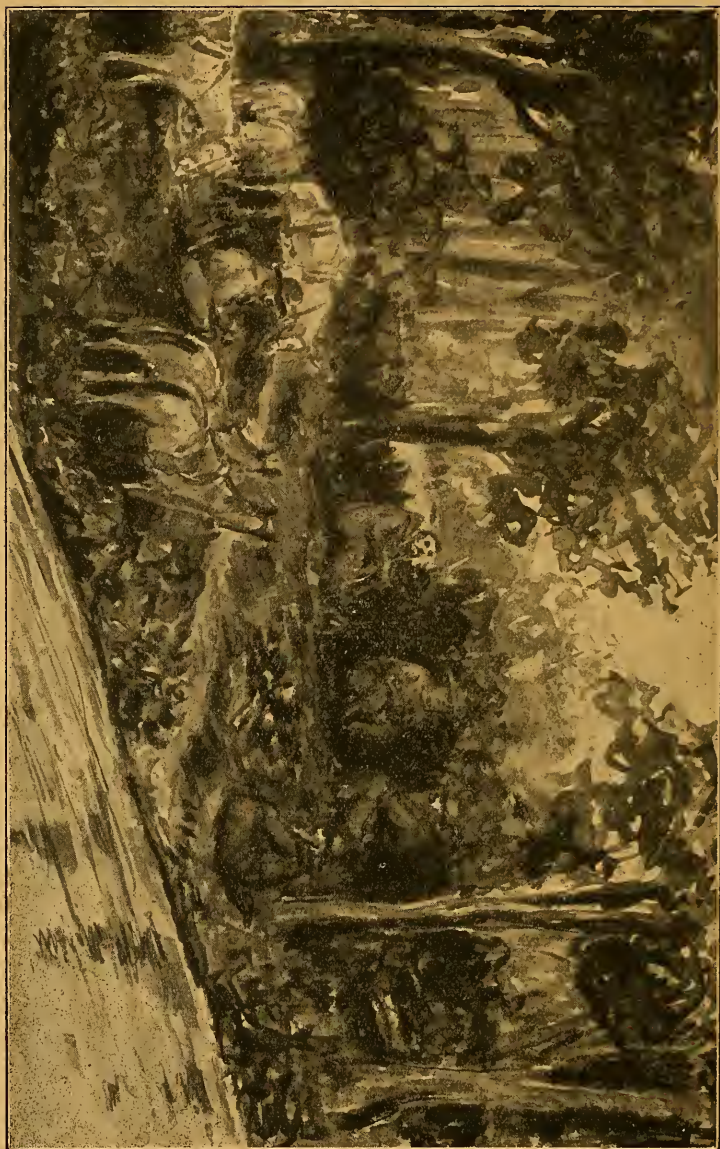
Voltou, sem demora, para o transporte dos passageiros.

Não sem difficuldade conseguimos firmar o pé na bemvinda canoa. Um companheiro levava, preso por longo cabresto, o possante mimoso, e fiquei assombrado em verificando que o mesmo com suas pernas trazeiras não conseguia tocar o fundo d'aquellas aguas turvas e revoltas.

Até que em fim, chegamos a porto seguro! O nosso commandante, experimentado e prudente, achou que, antes de proseguir, nos deviamos fortalecer e prevenir para o que desse e viesse.

O primeiro trabalho, o cavallo de batalha, era accender o fogo.

O logar desalentava; nem parecia estarmos em Matto Grosso. Durante a noite, chovera muito. O solo, em parte, estava encharcado, e nós, mettidos, não em campo livre, mas n'uma capoeira emmaranhada e entremeada de espinheiros e arbustos com folhagem molhada, Puz-me a campo, catando gravetos e galhos, mais ou menos seccos. Peguei, depois, no canivete do nosso camarada, tirando lascas de um tronco proximo da improvisada cozinha. Descobri tambem um páo grosso, em forma de forquilha que, deitado em cima da fogueira, fez o officio de bocca de forno, sobre o qual collocamos a marmita, para fazer o café. Emquanto eu e o Provincial cuidavamos d'isto, trabalhavam os outros em carregar e encilhar os animaes.

Suamos para accender o fogo, e ao meu descompassado chapeo couberam as honras de folle. Emquanto se fazia o café, almoçamos. Tambem d'essa vez o menu foi variadissimo: rosca e sardinha . . . O amavel chefe da caravana mostrou-se solicito em nos fornecer um

A refeição

garfo, apontando-nos sorridente aquelle que, desde tempos immemoriaes, herdamos do nosso pae Adão . . .

Quanto ao prato não teve duvidas: colheu geitosamente uma folha do arbusto mais proximo, offerecendo-m'a. Estendi-a sobre a palma da mão esquerda e n'ella depositei a sardinha. O banquete foi, por conseguinte, a unhas e dentes.

A quem conhece praticamente essas aventuras ha de parecer incrivel que dessemos conta de toda essa complicada tarefa, n'uma bora e meia apenas. Effectivamente, ás oito horas, cavalgamos os ajaezados ginetes. As regiões que ora atravesamos, pertencem ao grande pantanal da bacia do rio Paraguay. Os terrenos são baixos e aqui e alem alagadiços.

Ha grandes pastagens, mas predomina o arvoredo, ora espaçado, ora em forma de capoeira. Nas beiras dos rios, nos valles e nas gargantas dos morros apparecem lindos bosques ou cerrados de alguns metros de altura.

Ha já algum tempo, que estamos ladeando, a nossa direita, uma serra original e bonita, como todas por lá o são. Assemelha-se a uma gingantesca muralha de cem ou duzentos metros de alto, de forma circular, revestida de bosques. Da beira superior d'esse parapeito, a mesma serra vae-se erguendo, pouco a pouco, e estendendo suavemente para traz em sinuosidades, collinas e chapadas, pelo que, de longe, se parece com solitarias e rizonhas pradarias. As paragens, que ora pisamos, são, asseguraram-me, habitadas ou visitadas de frequente pelas onças.

Ás dez e pouco, o sol causticava-nos com furor. Foi quando dois companheiros se apartaram de nós, para visitar um fazendeiro amigo, que ficava a pouca distancia, com a intenção tambem de nos trazer algumas laranjas.

Eu, Frei Felippe e o camarada continuamos para a frente, diminuindo a marcha: Ás onze e meia, estranhando-lhes a demora, fizemos alto, em logar aprazivel.

Acampamos á sombra de copado arvoredo, proximo a um regato. A primeiro cousa que meus amigos fizeram, foi armarem minha rede, pendurando-a a duas arvores. Pouco depois do meio dia, chegaram os companheiros, trazendo as tão preciosas e desejadas laranjas, que me deram novas forças.

O camarada accendeu uma fogueira, e, sobre as brasas, enfiando a carne secca n'um espeto, assou-a, mudando-a em churrasco, que, para variar, comemos com roscas.

D'esse logar, com razão denominado a P a u s a d o M e i o D i a , era justo que guardassemos uma recordação especial. Por isso, emquanto o paciente Sabino ia cautelosamente revirando o espeto de

Pausa do meio-dia

páo, para que o pitéo se não consumisse com elle, no meio do braseiro, Frei Ambrosio, eximio amador photographico, pegando de minha machina, assestou-a sobre o quadro vivo, abarcando, com ella, cavallos e cavalheiros, a repousarem n'uma campina arborizada e cheia de poesia.

Capitulo XXI.

Desde o principio da viagem, previramos o perigo de que os animaes não resistissem a tanto trabalho. Por esta razão procuravamos poupal-os o mais possivel. Emquanto ainda descançavamos, soube que a fazenda das Flechas ficava d'ahi a um kilometro. Dois companheiros resolveram ir a frente, para passar um telegramma, pedindo aos religiosos de Caceres, mandassem dois animaes ao nosso encontro. Partiram ás tres horas; as tres e meia, fizemos outro tanto.

A casa da fazenda é grande, alva, sita no alto de uma collina e ladeada, no fundo e nos lados, por arvoredos e frondoso pomar.

O que torna mais aprazivel essa vivenda é a larga encosta, subindo em declive, tapetada de densa e vistosa gramma. Numerosos e nedios rebanhos pastam tranquillamente e tudo traz ao espirito a lembrança da vida patriarchal. Tive grande prazer, encontrando-me ahi com uma pessôa muito conhecida de . . . nome. Refiro-me ao senhor Gonçalves, chefe da familia do „Pantanalzinho" onde, na vespera, foramos tão bem tratados. Fallamo-nos como velhos amigos.

É proprietario d'essa fazenda o senhor Manoel Ramos, filho do boliviano Dom Mariano Ramos. Recebeu-nos com a maior satisfação, offerecendo-nos um refresco que, mais do que nunca, veio a proposito. N'elle encontrei um informante competente, em referencia á distancia entre Poconé e Caceres. Disse-me elle que, de Poconé a sua fazenda, são dezeseis leguas; d'ahi a Caceres, dezoito. Depois de meia hora de agradavel palestra partimos. Tomando caminho á nossa esquerda, e descendo a mimosa pastagem, avistei, com surpresa, junto das aguas do estenso lago artificial, por onde passamos, diversas grandes aves selvagens, tão quietas e mansas como se foram de casa.

N'essa mesma occasião, e mais adeante um pouco, outro facto prendeu minha attenção. Ao pé do matto, descortinei uma rede alvissima, de sete ou oito metros, de ponta a ponta, e quatro ou

cinco de alto, bojuda para fóra, envolvendo em seu vão a densa folhagem do pequeno arvoredo.

Minha surpresa não foi a rede; mas o logar inadequado em que tiveram a estravagante idéa de a estender.

Avizinhando-me mais do local, apurei que aquella bellissima rede não era senão uma enorme e delgada teia de aranha! . . .

A illusão era perfeita, pois a teia, vista de perto, parecia tão. encorpada como a fazenda. Uma verdadeira maravilha!

* * *

O nosso empenho era attingir „Flexinhas", que fica d'ahi a uma hora, attravessando, um pouco antes, o rio das Flexas, o ultimo, entre Poconé e Caceres, d'esses veios caudalosos que formam a mais seria preoccupação dos viajantes.

Teia de aranha

Nas ultimas vinte quatro horas, baixara bastante, e os entendidos acharam que o podiamos vadear sem apearmos.

Mas enganaram-se um pouco.

Os animaes afundaram, as malas mergulharam, em parte, e não consegui evitar que os meus pés fizessem outro tanto, ficando os sapatos encharcados. Assim, continuamos mais frescos . . . até o pouso em que pretendiamos pernoitar. Erão cinco e meia da tarde, quando ahi chegamos.

Como o leitor acaba de ver, varios rios, desprovidos de pontes foram por nós atravessados, ora de um, ora de outro modo. Ha entretanto, por lá, outros systemas de supprir as pontes, e este tão original e pratico que talvez, nem pela mente passasee aos proprios phenicios e gregos. Esse systema define-se com uma unica palavra: a pelota.

O Visconde de Taunay em sua bella brochura: „Céos e Terras" celebrando os merecimentos do camarada, eis como se exprime: „Longo e caudaloso rio corta o caminho, e o viajante não sabe nadar. Vestigios de ponte não existem; canoa nunca houve. Que fazer?

Não vacilla um so instante o camarada. Depressa amarra os animaes a um pau ou touceira; tira-lhes os arreios e cangalhas, despe-se; abre o couro que, dobrado em dois, serve de ligal ás cargas; levanta-lhes as pontas; prende-as com imbira e cordas e eis, n'um apice, improvisada uma embarcação, de certo fragil e perigosa, mas n'aquella occasião meio unico de transpor a corrente. É o que se chama uma p e l o t a.

Enchel-a de carga, cahir n'agua e bracejar para outra margem, levando entre os dentes a cordinha, que está presa á p e l o t a, é cousa de minutos.

Depois, lá volta elle, rapido como um poraqué; ganha a praia e, aproveitando o tempo, emquanto o couro está secco e duro, carrega passageiro, malas e sellins; faz duas ou tres viagens redondas e, por fim, tange para o rio besta e cavallos e os vae dirigindo na difficil transposição com gritos e varadas". [1])

E ahi está o invento que muitos, por certo, ignoravam.

* *

*

Esse dia foi, desde o amanhecer, um dos mais quentes que experimentei. A casa do morador de Flexinhas acha-se em logar elevado e alegre.

Ao chegarmos, vi á janella uma senhora e uma menina, que eram, supponho, mãe e filha, e que nunca mais se deixaram ver.

Encommendado o jantar, meus companheiros, nadando em suor, como estavão, e com o corpo em fogo, fizeram o que ,em Matto Grosso, todos fazem e que, no Rio corresponderia a um suicidio: procuraram o rio mais proximo, atirando-se n'elle, n'um delicioso exercicio de natação. E nada tiveram.

Dentro de pouco tempo, o jantar estava á mesa, cumprindo cada um de nós admiravelmente seu dever.

Entre Lobo e Flexinhas medeiam cinco leguas. Aqui, a habitação principal, rebocada e caiada, era pequena; fomos por isso alojados n'um proximo barração de páo a pique, tendo por consequencia a vantagem de dar franca passagem, entre um e outro páo, á viração, aos mosquitos e a tudo mais que nos quizesse visitar.

---

[1]) - Para melhor esclarecimento do assumpto, accrescentarei: A P e l o t a é um couro de boi secco, com as extremidades presas com cordas, havendo no meio dois paos, para as mesmas extremidades não dobrarem de mais, formando uma especie de embarcação arredondada, em que não pode entrar agua.

Depois de duas ou tres viagens, o couro, muito molhado, afrouxa, fica pesado . . . não serve mais.

Detei-me com a mesma roupa, sujo e suado.

Mais tarde, a cavalhada veio se achegando ao nosso palacete, cortejada amoravelmente por nuvens de pernilongos os quaes, atacando-nos de rijo, se mostraram dignos emulos de seus civilizadissimos collegas do Rio de Janeiro, pelo acerto e ferocidade de suas picadas.

De forma que, tudo junto: o calor da viagem, o suor, a poeira, e o zumbido, acompanhado d'esses beijos apimentados, permittiu-nos que passassemos algumas horas verdadeiramente deleitosas. Foi aquella uma noite, ou antes, um pedaço de noite horrivel.

Após esse repouso confortador, ás duas da madrugada, puzemo-nos de pé. Todos os mais estavam ainda no primeiro somno. E immediatamente entregamo-nos aos preparativos afanosos da partida.

Uns andam, por ahi, em busca dos animaes; outros, ás apalpadelas, desarmam as redes, e separam, como podem, as malas, arreios etc; outros accendem o fogo, catando lenha, no vasto terreiro, em frente da casa.

* * *

Já saboreavamos uma boa chicara de café e estavamos a cavallo: Olhei para o relogio: faltavam tres minutos para as quatro. Puzemo-nos a caminho, por vias incertas, e desnorteados, o principio.

O luar espraiava-se melancolico, por sobre cerrados e campinas, sumindo, ás cinco horas, no fundo do horizonte e deixando-nos tos na escuridão, até ás seis da manhã. Nós marchavamos, um após envoloutro, somnolentos e taciturnos almejando pelos albores, e pela vida nova que elles soem trazer.

Depois de andarmos duas leguas, chegamos, ás seis da manhã, a „Fazenda Velha" onde reside um sobrinho do nosso camarada Sabino, em companhia de numerosa familia.

A par de muita modestia e pobreza, encontrei, n'esse poetico recanto, a maior lhaneza e bondade de coração.

Improvisou-se um almoço. A carne secca, que levamos, parecia inexgotavel, pelo que, dentro em breve, o churrasco estava prompto Em logar do arroz e do pão, as roscas salvaram a situação. Mas, d'esta vez, tivemos um petisco com que não contavamos: um ovo frito para cada um.

E quando julgavamos esgotada a lista das iguarias, eis que o nosso hospede surprehende-nos com um grande copo de leite, ordenhado n'aquelle instante. Achamol-o gostosisissimo e, ao tomal-o, estavamos certos de que ainda era pagão . . .

Em conversa com o chefe da casa, soube de diversos factos locaes, que, embora não constituam grande novidade, não deixam de ser interessantes e caracteristicos.

O primeiro é o de um vizinho do mesmo, casado com tres mulheres. Pela primeira vez, casou-se no Estado de Minas. Passou depois para o „Registro do Araguaya" limite entre Matto Grosso e Goyaz, contrahindo ahi, muito lampeiro, segundas nupcias.

Appareceu ultimamente nas redondezas da Fazenda Velha, matrimonisando-se com a terceira mulher, em homenagem ás duas primeiras, que ainda vivem.

As autoridades locaes, que conhecem esses casos edificantes, respeitam a liberdade de consciencia e mandam para o inferno as victimas da mais desbragada polygamia.

* * *

Um vizinho do meu interlocutor, pouco antes da epoca a que me refiro, fora contar-lhe, contristado e choroso, que sua mulher estava muito mal. A verdade porem era esta: esfaqueara-a, tirando-lhe a vida. Metteram-no na cadeia. Poucos dias depois, um meio potentado tirou-o do carcere transformando-o em camarada seu! . . .

Outro homem de bem, casado em Goyaz, veio para as proximidades da Fazenda Velha, onde casou com uma moça que tinha alguns bens, representados por gado. Que fez elle? Reduzio a crição a dinheiro, deixou a mulher na miseria, e voltou para Goyaz. Si esses factos nada tem de extraordinario, não se pode negar que sejam edificantes.

* * *

Aqui deixei os quatro ultimos santinhos que levava commigo. Despedimo-nos e, ás sete, estavamos, de novo, a caminho. A manhã começou e continuou, como nos dias precedentes, quente sóbre maneira. Teve todavia uma nota amenizadora. Nas tres leguas que vão da Fazenda Velha a „Campina", succederam-se diversas mattas, bellas, sombrias e refrigerantes.

Ao chegar a Campinas, ás dez da manhã vi-me, pela primeira vez, cercado por serras, dispostas em forma circular, baixas, e docemente inclinadas. Ainda não apearamos, quando pela frente, do lado direito, indicaram-me a „Criminosa", serra por onde, d'ahi a pouco, haviamos de passar.

Em Campina, encontramos a dona da casa e duas meninas. Recebeu-nos cordialmente, e, a pedido nosso, foi apromptar o almoço, que muito nos agradou por sua variedade: arroz, carne secca, aipim, e

couve em abundancia. Ora, disse eu commigo, até que emfim encontramos tambem verdura!

Como estavamos desprevenidos, indagamos si tinha aguardente; disse que sim. Isto trouxe-me á memoria o nosso companheiro Fabiano Caparossi, que se comprommettera fornecer ao senhor Vigilato uma canada (27 litros) d'essa bebida, por quarenta mil reis. Achei aquillo um desproposito de caresa, por se tratar de um producto local. Pois a nossa hospede foi mais generosa, cobrando-nos, por um litro a insignificancia de tres mil reis! . . . E não ha que tugir nem mugir.

Outra cousa, que aqui vi, transportou-me, com o pensamento, á cidade de Cuyabá. Poucos dias antes da minha partida, inaugurou-se, na Capital do Estado, o primeiro jardim zoologico. Eis ahi um acontecimento que passou despercebido, devido provavelmente ás suas origens modestas e limitadas. Tive occasião de o ver. N'um canto do jardim publico, fecharam, com arame, a superficie de quinze ou vinte metros quadrados, e n'elle metteram a mais variada bicharada: tres coelhos caseiros, e duas aves; uma anhuma e um mutum . . . Quem poderia acreditar que, no fundo d'aquelle deserto, iria agora entrar uma familia zoologica, muito mais respeitavel?

De facto, em Campina admirei não só os animaes varios, mas particularmente o modo porque confraternizam individuos de especie totalmente diversas. Dois ou tres cachorros, duas araras, dois papagaios e uma siriema formavam um conjuncto digno de attenção. Vivem reunidos em perfeita harmonia, mas radicalmente avessos ás doutrinas maximalistas, que não respeitam o alheio.

Vi, por exemplo, darem um pouco de arroz cozinhado, ás araras e a siriema.

O cachorrinho, que estava perto, bem vontade tinha de linquidar aquillo em dois tempos, mas mostrou-se prudente e civilizado, e não se mecheu do seu logar, emquanto as aves não se apartaram.

A primeira das araras era azul e amarella, a segunda completamente azul. Esta tinha um bico formidavel e era a mais mansa.

Uma das meninas, com uma varinha na não, fingia querer perseguil-a, batendo-lhe com a vara. E a ave, como uma criança, em busca de sua mãe que a defenda, corria para junto da dona da casa, postando-se encolhida sobre seus pés. Seu bico enorme mettia medo a qualquer estranho.

Estava eu recostado á rede, quando esta arara, de um pulo, saltou sobre uma extremidade da mesma.

A dona da casa pediu-me para ficar quieto, porquanto, accrescentou, a ave pretendia fazer amizade commigo.

Dito e feito. Veio descendo devagarinho, até collocar-se, pouco a pouco, no meu collo. Comecei então a afagal-a. Então deitou-se ella satisfeita, como querendo conversar, manifestando seu contentamento.

Ditosa terra essa de Matto Grosso!

N'esse dia estavamos resolvidos a fazer maior esforço, levados pela doce espectativa que de Caceres nos viesse a tempo, o esperado auxilio.

É verdade que, em Campina, o nosso general em chefe mostrou-se um pouco desacoroçoado: seu garboso e corpulento cavallo apresentava, no alto do lombo, grande inchação.

Applicaram-lhe, como remedio muito efficaz, um cosimento de vassourinha com fumo. Findo o almoço, os meus companheiros forão armar suas redes, n'um telheiro proximo. Eu fiquei onde estava, no meio da bicharia, a conversar com o resumido pessôal.

Sabia já que a senhora não estava casada na egreja, e, conversando com ella, cheguei á conclusão de que achava-me em presença de um encontro analogo ao que teve o divino Mestre, junto ao poço de Jacob. É facil de imaginar o meu empenho, em persuadil-a a santificar sua união, como catholica que era. Mas . . . perdi o meu latim . . Achei-a, em verdade, parecida com a samaritana do Evangelho, mas só na primeira parte de sua historia: na fragilidade e não no arrependimento.

Ás tres e meia partimos. D'ahi a uma hora, estavamos na garganta da serra chamada „Criminosa". Não havia melhor logar para tirar uma photographia a caracter, que recordasse essa inolvidavel excursão.

Caminhavamos difficultosamente por um trilho pedregoso, parando no alto de ingreme ladeira. Lá do sapé da mesma o photographo apontou a objectiva para nós. Aos nossos hombros tinhamos a „Criminosa".

O sol approximava-se do seu occaso.

Ás cinco e meia, reencetamos a marcha, e, ás seis horas, já estavamos ao pé do morro de Mangabar. Era noite, noite de luar magnifico, cheio de encantos e poesia n'aquellas regiões solitarias e agrestes.

Estavamos marchando, desde ás quatro da madrugada. Os animaes fatigados; o meu e o do nosso commandante, exhaustos. Antes de iniciar a subida d'aquelle calvario, perguntou-me Frei João si teria coragem de subir a pé. Respondi que sim.

Bem depressa deparei com um adversario temeroso e cruel: o calor. O caminho, ou antes, a passagem por aquella serra é horrivel. Tem ordinariamenfe dois ou tres metros de largo; são pedras

brancas e movediças, blocos irregulares de todos os tamanhos, por sobre os quaes se deve andar, calculando, uma por uma, as passadas, para se não pisar em falso quebrando cabeça ou costellas.

Como caminhavamos para poente, a lua, que cabava de apontar, seguia-nos, na mesma direcção, produzindo, a cada instante, na folhagem dos arbustos, sombras importunas, que desnorteavam nossos passos.

Para completar este lindo ramalhete de . . . espinhos, a polaina da perna direita, demasiadamente justa e apertada, a cada passo que dava, feria-me dolorosamente o collo do pé. Entretanto, o maior supplicio era o calor, não só o da noite abafadiço, mas o que trazia no corpo, condensado durante todo aquelle dia de fogo.

A roupa que vestia e que, por assim dizer, me enfaixava todo, dos pés á cabeça, era tão intoleravel que me parecia estar carregado da camisa de Nessus, esse roupão incandescente como uma brasa. Nunca, como d'essa vez, experimentei impetos de phrenesi, por arrancar, si fosse permittido, de cima do meu corpo toda a roupa que tão duramente me affligia e suffocava.

A subida foi longa; a descida, para o lado opposto, breve, mas tambem penosissima.

Quando paramos, junto de um regato, erão sete horas, em ponto. A roupa estava encharcada, o corpo tresuava de todos os póros, uma sede infernal extinguia-me o ultimo alento. Metti-me, então, na agua á vontade, isto é, bebi a não poder mais.

Tomamos folego até sete e meia, e partimos. Pelas oito horas e pouco separamo-nos em dois grupos, ficando em minha companhia o camarada e Frei Fellippe. Os outros dois tiveram que dar uma volta de meia legua. Forão a uma localidade a ver si havia noticias de Caceres. Forão felizes encontrando um camarada trazendo-nos um só, mas bom animal de sella.

Ficou combinado que os esperariamos na Jacobina, uma das mais importantes fazendas e usinas do Estado. Soube, mais tarde, que o senhor João de Vila, seu proprietario, homem culto e progressista, esperava-nos, ignorando porem o dia da nossa chegada. Quando ahi chegamos, erão nove horas e dez minutos. Paramos junto de uma porteira que separa as pastagens da unsina e casaria da Fazenda.

A dor ou caimbra, que tanto me mortificara no percurso „Cuyabá Balbino" acompanhou-me, mais ou menos sensivel, até aqui. Nas ultimas duas horas, recrudesceu.

Apeando assentei-me n'um barranco proximo. Ahi, sozinho, comecei a divagar sobre essa viagem de quatro longos dias, cheios de incidentes, privações e fadigas, e vi que, a bem pensar, tinha

razões de agradecer a Providencia que, tantas vezes, e tão visivelmente por nós velara.

Em Poconé, á hora da partida, não se enganara o meu collega, asseverando que teriamos uma jornada chuvosa. Não houve dia, com effeito, em que não chovesse copiosamente. Mas, ora a chuva passava-nos pela frente, desviando-se, quasi amedrontrada, da nossa derrota; ora viamol-a bem longe, á direita ou á esquerda, cahindo do céo á terra, em forma de columnas diaphanas e pardacentas, como delgados véos. Outras vezes, voltando-nos para traz, a viamos, bem perto, cahindo torrencialmente, emquanto nós proseguiamos tranquillos o nosso caminho.

Podiamos, pois, dizer tambem: digitus Dei est hei: „o dedo de Deus está aqui.“

* *
*

Aguardamos silenciosos os companheiros ausentes, os quaes, em caminho, tiveram um incidente, que, por felicidade, não teve consequencias peiores.

Eis como o caso se deu. Caminhavam, a passo um tanto accelerado, quando inopinadamente o cavallo de Frei Ambrosio despara agitado, dando um salto para fóra do caminho. O cavalleiro, ao atirar-se (por prudencia) ao chão, mal pode divisar, no lusco-fusco da noite, dois vultos, ao mesmo tempo que, n'um d'elles, applicava involuntariamente tremenda cotovelada. O homem deu um grito. ambos desapparecendo, na semi-escuridão.

A cousa foi muito simples. Dois carreiros, esperando a hora da partida, conversavam, acocorados no meio do caminho, alheios completamente ao que por ventura lhes pudesse succeder. Eis senão quando cahe-lhes no meio uma figura phantastica, de pé, braços abertos, longas e negras barbas e largo habito, quasi cor da noite, com enorme e alvo capacete na cabeça, qual meteoro fatal, tombando fulminante, lá das alturas do firmamento. Mas . . . não passou d'isso.

* *
*

A noite, era toda um luar ennevoado; assim mesmo, vislumbramos finalmente, a certa distancia, os dois amigos que vinham. Erão quasi dez horas. Montamos de nove, ajuntamo-nos aos recem-chegados e seguimos. Ao passarmos em frente d'aquelle immenso casarão, percebemos que, aquellas horas, ninguem contava com a nossa chegada, dormindo já todos a somno solto. Despertal-os seria imprudencia; continuamos, pois, a caminhar. Os animaes estavam mais mortos que vivos. Arrastamo-nos ainda meia legua, parando,

ás dez e trez quartos, n'um ponto de boa pastagem, e adaptado para o descanço. Dessa vez sim, estavamos no matto sem cachorro. Vinte e uma horas de insanas labutas e nem assim me sentia excessivamente fatigado. Doze longas horas sem tomar alimento algum, e estava tão bem como si tivesse jantado as quatro ou cinco horas da tarde. E foi bom não termos fome, pois o encarregado esquecera, algumas leguas atraz, o sapiquá com o resto das roscas e da rapadura. Se tivessemos sede, tambem estariamos mal: n'aquella redondeza não havia um pingo d'agua. Emquanto se arrumavam os quartos, assentei-me sobre uma pedra e, ponderando no que passara, n'aquelle dia de quasi vinte e quatro horas de trabalho, fiquei pasmo não só da minha resistencia, mas do clima abençoado e, particularmente, da visivel protecção divina. Basta dizer o seguinte: na afanosa subida do Mangabar, a polaina martyrisara-me, e, com razão, fiquei receoso das inevitaveis consequencias. No entanto, querem saber? Ao levantar-me, na manhã seguinte, não restava nem dôr, nem signal de ferida!

* * *

Os activos e bons amigos apromptaram tudo o indispensavel para o repouso. Uns estenderam os arreios, metamorphoseados em camas macias; outros dormiram nas redes.

Antes de me deitar, tive o privilegio de um lauto jantar, chupando trez laranjas que commigo levava. Os dedicados companheiros esmeraram-se por me apresentar uma dormida confortavel. Pegaram da rede, minha inseparavel companheira, desde o dia que entrei em Matto Grosso; penduraram-na ao tronco de uma arvore e a fragil arbusto, cuja ramagem dobrava ao menor movimento.

Cahindo do cavallo

E se viessem os mosquitos? Preveniram tambem essa difficuldade, cobrindo a rede com um grande mosqueteiro ad-hoc. E não se contentaram ainda, pois quizeram atapetar o chão com largo

e basto pellego. De sorte, dada a „boa-noite“ aos de casa, deitei-me placidamente e, pouco depois, adormeci.

O local em que estavamos, assemelhava-se a um lindo pomar, meio sombreado; e, pela ramaria entreaberta do arvoredo, a lua espargia sobre nós sua luz suave e restauradora. A noite era bellissima, ciciava em redor branda e temperada aragem, portadora

A Dormida

de nova vida e um luar soberbo derramava na terra e no firmamento inefaveis effluvios de mystica felicidade.

Oh! como tinha razão o real propheta quando dizia: Coeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum! „Os céus exaltam a gloria de Deus, e o firmamento annuncio as obras suas mãos“.

Essa noite, passada nas mattas mattogrossenses foi a melhor: dormimos um somno reparador.

Ao levantar, contava, como já disse, com o pé pelo menos inflamado, mas nada vi: a dôr desapparecera completamente. De Campina ao pouso percorreramos quatro leguas e meia. D'aqui, partimos ás cinco e quarenta. Pelas seis e meis, atravessamos a pequena ponte de um riacho. Ahi apeamos para a ultima refeição. Era sexta-feira, 26 de Abril, e estavamos a cerca de quatro leguas e meia da cidade de S. Luiz de Caceres, ponto final d'essa excursão. Accendemos o fogo e fizemos café, apparecendo o ultimo pedaço de carne secca para o churrasco. Tambem d'esta vez, nem mesa, nem pratos: comemos de pé, como os hebreus ao partirem para o deserto.

O churrasco, enfiado num longo pau fincado no chão, e rodeado pela freguezia, aguardava pacientemente as repetidas investidas do afiado e já conhecido canivete com o qual, cada qual, por sua vez, subtrahia-lhe porção consideravel, para os devidos effeitos. Possuiamos ainda um pouco de sardinha e, por acaso, encontramos o ultimo pão do qual coube a cada pessôa um pequenino pedaço do tamanho de uma nóz.

Do pão bem se podia affirmar que estava na edade da razão, contando já uma semana de existencia . . .

Á hora da partida, sete e pouco da manhã, o calor apertava, tornando-se a cada instante mais intenso. A agua dos regatos disseram-me que era malsã, mas a sede tornando-se raivosa, não pude refreal-a e fui bebendo á vontade.

A natureza, n'esse ultimo trecho, perde um tanto da sua amenidade, mas lucra em variedade e magestade. Por todo o percurso acompanha-nos do lado direito uma serra, offerecendo ao espectador novos e successivos quadros. Ás pastagens succedem capoeiras e cerrados. Pelas dez horas, penetramos em uma floresta a qual, na verdade, tinha um quê de selvagem.

Ahi dentro, andamos por valles e montes, facto quasi virgem n'essas plagas.

N'esse dia, desde cedo, até o fim da viagem, o sol castigou-nos inexoravelmente: percebeu que lhe iamos escapar.

Ao meio dia, chegamos finalmente a Caceres, recebidos festivamente por Dom Luiz Gallibert e pelos outros Franciscanos, seus irmãos de habito.

Aqui, mais uma vez, quiz Nossa Senhor fazer-nos sentir sua especial protecção. Pouco depois de nossa chegada, começou a cahir formidavel aguaceiro que durou, não minutos, mas horas inteiras. Despenhavam-se as aguas do céo em catadupas, como si voltasse o diluvio universal.

No dia seguinte, sabbado, vinte sete de Abril, celebrei uma missa em acções de graça a Nossa Senhora.

Capitulo XXII.

São Luiz de Caceres é uma cidade regular, edificada n'uma immensa planicie, á margem esquerda do Paraguay. Seu maior movimento advem-lhe d'esse mesmo rio que a une a Corumbá, a Assumpção e aos portas de Atlantico. De Caceres a Corumbá medeia a distancia de cento e trinta leguas, equivalentes a quasi novecentos kilometros.

Caceres, devido particularmente á sua posição topographica, é muito mais vistosa e alegre do que Cuyabá e Corumbá. Estou mesmo convencido de que, n'um futuro proximo, sacudida pelo impulso do progresso, consiga rivalizar com suas irmãs do interior. Tem dois largos, perfeitamente parecidos um com o outro. No fundo do primeiro vê-se a futura Cathedral. Essa egreja, deixada incompleta ha trinta annos, tem suas obras adeantadas e quando concluidas, ficará sendo, sem duvida, o primeiro templo do Estado. Dom Luiz Gallibert, primeiro Bispo de Caceres, empenhou sua palavra e seus esforços para, quanto antes, offerecer aos cacerenses e ao Matto Grosso, esse mimo de arte christã, fructo de dadivas generosas e de pequeninos mas inumeros obulos de seus bons e humildes diocesanos.[1])

O outro largo é o da Matriz, mais bonito e attrahente que o primeiro, pela arte e apuro de seus edificios. No fundo, vê-se o templo que provisoriamente serve de Cathedral.

O extremo opposto do largo é ladeado pelas bordas do vagaroso e sereno Paraguay. E aqui Caceres ostenta orgulhosa sua incontestavel superioridade sobre as duas principaes do Estado: Cuyabá e Corumbá. Ella, unicamente ella, tem seu porto! Ora, poderá alguem perguntar, qual seria o benemerito cidadão ou governo iniciador e autor d'esse imprescindivel e patriotico melhoramento? Vou dizel-o: não forão os poderes publicos, nem o governo, pois isto constituiria um acontecimento inaudito. Quem fez o porto foi uma sociedade de tiro, um grupo de jovens cacerenses que, animados de patriotismo, escolheram com preferencia aquelle logar, para ao mesmo tempo, se exercerem na defesa da patria e serem uteis á cidade que lhes deu o berço.

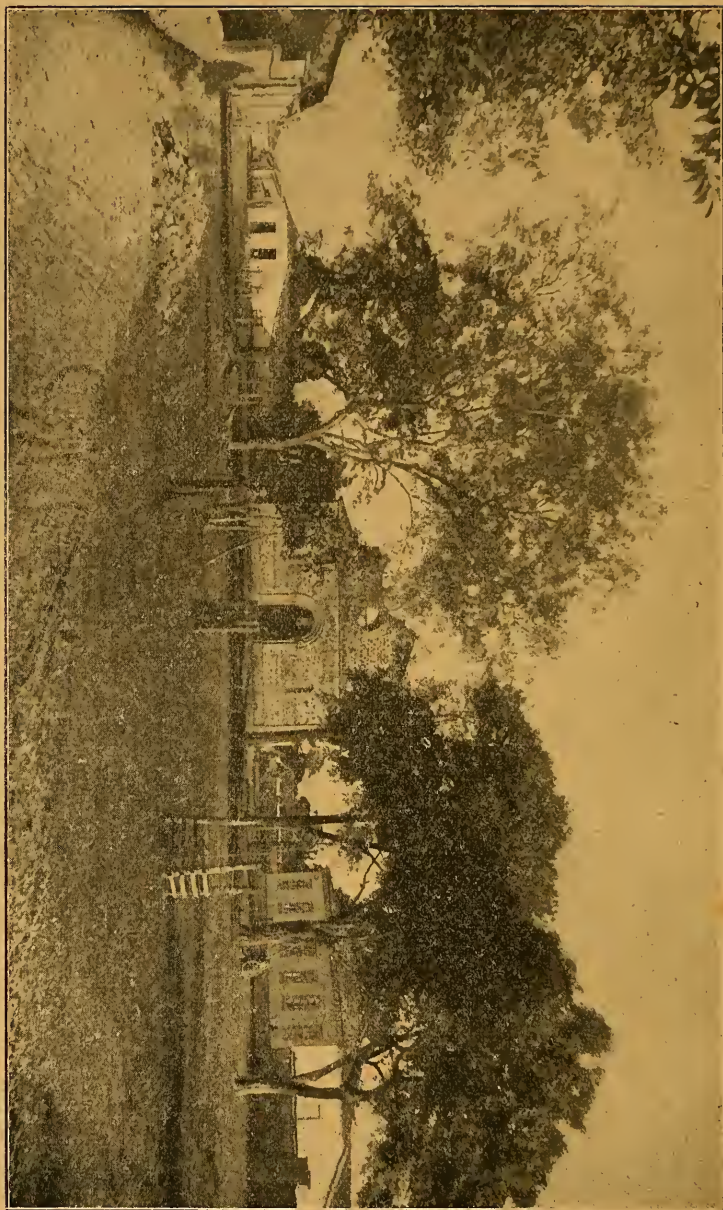
No centro do vasto largo da Matriz, ergue-se um monumento historico, que merece detida attenção. Resumirei, antes, o que d'elle me contaram. Essa pyramide é o marco divisorio das possessões portuguezas e hespanholas da America do Sul. Traz a data 1750, sendo que uma parte foi feita em Lisboa, e outra em Madrid.

Na obra do senhor Estevão Leão Bourroul *Um Heróe da Sciencia*, encontra-se esta descripção que vou transcrever integralmente.

---

[1]) - Tive posteriormente noticia de terem abandonado a idéa da reconstrucção, ou melhor, da conclusão d'essa egreja de proporções inegavelmente bellas e magestosas. Razões muito serias deviam concorrer para ser tomada tão grave resolução.

Digo isto por conhecer as difficuldades quasi insuperaveis para quem, no Matto Grosso, se abalança a tão agigantadas emprehendimentos.

Largo da egreja de S. Luiz

„Na madrugada de 11 de Setembro (do anno de 1827) chegaram ao rio Jaurú e descobriram, á direita da emboccadura, a pyramide do Paraguay, celebre, no paiz, e conhecida de alguns geographos.

Não é possivel enxergar com indifferença um monumento de qualquer marmore branco e de architectura regular, que de repente se nos depara no meio d'essas vastas regiões, onde, sem partilhas, reina a natureza.

É a pyramide quadrangular, e tem quinze pés e meio de alto, incluindo o pedestal e a cruz de pedra que a coroa. No lado N., 54° O., estão gravadas as armas da Hespanha, sob as quaes se lê esta inscripção:

Sub
Ferdinando VI
Hispaniae
Rege
Catholico

A corôa está quebrada; só restam os florões.

No lado S. 54° E. estão as armas de Portugal e esta inscripção:

Sub
Joanne V
Lusitanorum
Rege
Fidelissimo

Falta de todo a corôa.

Lê-se no lado N. 36° E.:

Ex Pactis
Finium Re
Gundorum
Conventis
Madrili
Ibid Januar
M D CC L

Em fim, no quarto lado:

Justitia
et Pax
Osculatae
Sunt

A pyramide, comprehendendo o pedestal, é, de alto a baixo, separada por duas ametades, ambas de uma só pedra. A juncção forma, nos lados N 36° E. e S. 36° O. duas linhas, que marcam a direcção de um raio de cem leguas de limites.

Largo do Matriz de Caceres

Dizem que uma metade foi feita em Lisbôa e outra em Cadix".

* *
*

A sociedade cacerense, em seus traços geraes, é a de Matto Grosso. Nas visitas que fiz, pouco ha de extraordinario a dizer; mais importantes são alguns factos contemporaneos cuja narrativa muito poderá elucidar a opinião publica a respeito de tão afastadas e desconhecidas regiões.

Meu modo de escrever, em taes assumptos, é sempre o mesmo: narrar factos e não declinar nomes dos protagonistas, quando estes só tem a perder.

Os filhos de Matto Grosso conhecem os acontecimentos e seus autores. Por conseguinte, estes não tem motivos de se agastar com as minhas narrativas.

Tel-o-ião si eu lhes publicasse os nomes, para serem conhecidos em toda a parte. Mas isto não faço; contento-me em fazer conhecer o peccado e não o peccador. Este, parece-me, é o unico meio de poder apresentar uma narrativa util.

Já tive occasião de observar que, em Matto Grosso, muito conculada é a justiça. Em toda parte haverá certamente descahidas a lamentar. Mas por lá este mal é gravissimo, porquanto os proprios depositarios da lei, são os que arrastam frequentemente a mesma lei na lama. Vamos a um exemplo. Contaram-me diversas pessôas que um sujeito italiano, fingindo de padre, percorre, ha tres longos annos, o Estado, fazendo casamentos, baptisados etc. E tal é seu desplante que, mesmo os indifferentes em materia de religião se mostram revoltados.

O vigario de Campo Grande confirmou esses factos, pensando entretanto que a autoridade ecclesiastica deveria cortar o mal pela raiz. Achando-me, no fundo, de pleno accordo, retorqui-lhe todavia que elle, como qualquer outro Vigario, deveria recorrer, não ao Bispo, mas ás autoridades policiaes, pois só ellas estão no caso de acabar com esses abusos clamorosos. Referiu-me então o que, pouco antes, com elle mesmo se dera.

Estava de serviço em Nyoac, onde simultaneamente funccionava o supposto padre. O meu collega achou aquillo affrontoso e processou o concurrente. Ganhou a causa, inutilisando o adversaro em sua n o b r e e d e s i n t e r e s s a d a missão.

Que fez então o homemzinho? Nada de extraordinario. Procurou o Juiz, que o condemnara, mostrou-lhe e depositou em suas mãos uma seductora nota de cem mil reis, e . . . dito e feito: o juiz reforma a sentença, estende sobre o s a c e r d o t e sua mão

protectora e dá-lhe força policial para entrar na Matriz e fazer o que entender! Como isso é edificante! A bem da verdade, accrescentarei, que, n'essa occasião o vigario de Campo Grande se mostrou não só corojaso mas temerario, conseguindo por um golpe de audacia, defender os direitos da Egreja.

Para quem achar isso pouco admissivel, vou expor o processo seguido pelo tal padre, para agir com segurança. Chega elle, por exemplo, a uma fazenda, entende-se amigavelmente com o fazendeiro, offerecendo-lhe a metade da renda parochial. E é de ver com que zelo e actividade o dono da fazenda convida seus amigos e dependentes, para aproveitarem a passagem d'aquelle bom sacerdote que enfrenta tantos trabalhos e perigos pela salvação das almas! . . .

* * *

Em fallando de juizes, não é esse o unico facto edificante. Soube de um juiz de Direito, ebrio, em seu estado normal, e ás escancaras, sem que as altas autoridades federaes procurem dar uma satisfação ao publico, separando o joio do trigo.

* * *

Em Caceres, contaram-me, que o Juiz detinha em suas mãos, recebidos recentemente da delegacia policial, vinte e quatro processos, para ser agradavel á politicagem desbragada, e manter impunes os peiores cafagestes.

N'esse mesmo municipio, em seus limites com a Bolivia, estavam então se desenrolando factos espantosos. Nos encontros de tropeiros. e, ás vezes, entre grandes proprietarios, tem logar assaltos a mão armada. São verdadeiras batalhas, em que ha ferimentos e mortes. De tudo isso o benemerito juiz, disse-me alguem sarcasticamente, não se dá por achado, porque come admiravelmente bem . . .

* * *

Vamos a outro caso que não é para desprezar. Havia, ha poucos annos, em Caceres, um juiz de Direito, não mattogrossense; era, antes, uma d'essas numerosas aves de arribação que, como harpias, se precipitam sobre essas localidades, desamparadas do governo central, para os estraçalharem, a seu bel prazer.

Contemporaneamente vivia ahi uma senhora, que, pouco antes, enviuvara, possuidora de uns mil contos. O Juiz frequentava-lhe a casa de um modo edificante, quando a mesma adoeceu gravemente.

O digno magistrado, ja dono do terreno, a primeira cousa que fez, foi afastar, de junto da enferma, as pessôas mais intimas e de

confiança. A seguir, conseguio descobrir um medico *ad hoc*. E quem trataria pessoalmente da doente? Esta difficuldade teve tambem remedio; o Exmo. Juiz de Direito transformou-se no mais humilde e dedicado enfermeiro . . .

Certa vez, pessôas extranhas ao passarem, ouviram a desventurada senhora gritando, no quarto, que a estavam matando e que chamassem a policia.

O delegado compareceu immediatamente, para averiguar o que havia, n'aquelle drama tenebroso. O melifluo e desinteressado enfermeiro, bastante penalizado, fez sentir a autoridade que a pobre senhora delirava . . .

Dentro de poucas semanas, a infeliz ricaça deixava de existir, e o povo começou e continúa a fallar d'esse caso . . .

E onde iria parar toda aquella fortuna? Si o mesmo informante merece fé - *Vox populi, vox Dei* . . . eis o epilogo da historia.

O juiz apoderou-se da grande Casa Commercial, liquidando tudo discrecionariamente e sem o minimo estorvo. E como não havia de ser assim, si elle tinha a faca e o queijo na mão? Aquella fortuna foi, assim, impunemente desbaratada. Só o Juiz levou o seu quinhão de duzentos a trezentos contos!

E que fim levaria esse togado benemerito, após a perpetração de tantos crimes? É facil responder: O então governo de Matto Grosso chamou-o para junto de si, nomeando-o Juiz de Direito da Capital do Estado! . . .

* *
*

Não passarei em silencio um facto, pode-se dizer, por mim presenciado. Achava-me em Caceres, e eis que o camarada de um usineiro, distante d'ahi uma centena de kilometros, apparece inesperadamente ao Delegado de policia. O homem, com o corpo todo retalhado e ensanguentado, vinha atterrado e fugido da fazenda, perseguido, alem d'isso, pelos homens do potentado usineiro. A autoridade quiz cumprir o seu dever, abrindo inquerito, mas o medico, convidado para lavrar o corpo de delicto, não compareceu . . . . devido, dizem, a imposições politicas. O Delegado considerou-se feliz em libertando aquelle desgraçado de seus sanhudos perseguidores, apontando-lhe a fuga.

Á vista d'essas bellezas, e outras que taes, não ha homem de bem que não considere verdadeiramente infeliz a terra cujos filhos bradam inutilmente, pedindo justiça.

Pelas indagações, conscienciosamente feitas, cheguei á triste consciencia, mas tambem dando passos junto ao governo fede-as creaturas mais queridas de um dos partidos politicos.

Eis, porque a escolha feita, por Dom Aquino, de um Juiz recto e incorruptivel, para ministro de Justiça, encheu de esperança a parte sã da sociedade mattogrossense. E o Dr. Benito não desmentiu a confiança n'elle depositada. Com effeito, desde o primeiro dia do novo governo, começou, não só a agir e administrar conforme sua consciencia mas tambem dando passos, junto ao governo federal, para reerguer a toga ao seu primitivo esplendor.

Affirmo sem receio de errar: si quizerem a paz Matto Grosso, dêm-lhe juizes rectos e inutilizem o tartufismo que o quer sangrar, por fas e por nefas!

Capitulo XXIII.

Em Caceres, tive mais uma prova de que aquella gente tem pouco em conta as maiores distancias. Contou-me um negociante que, pouco antes, fizera uma remessa de mercadorias para o Norte. Ora, para chegar ao logar do embarque, as carroças tiveram que vencer uma distancia de cem leguas. Ahi é que começa a viagem a vapor, em pequenos paquetes fluviaes, durando ella mais que dois mezes. Quer isto dizer, para os que não estão muito a par de taes assumptos, que a carroca, para alcançar o ponto de partida, teve que fazer uma travessia maior da que medeia entre o Rio de Janeiro e a cidade de Bello Horizonte, que são, como é sabido, seiscentos e cinco kilometros. Quanto ao resto da viagem, ou melhor a viagem propriamente dita, corresponde, poderiamos quasi dizer, o uma ida ao Japão, ou a uma volta ao redor do mundo . . . Mas para os mattogrossenses essas não são distancias . . .

* * *

Occupemo-nos, agora, um pouco do benemerito desbravador das florestas, o qual teve a dita, como a cada instante se apregoa, de catechizar um mundo de indios.

D'entre os milhares e milhares de neophitos, por elle pacientemente educados, figura o muito popular Libanio. A estreiteza do espaço não me permitte traçar por inteiro o historico d'essa gloria immorredoura do injustamente calumniado catechista. Referirei só o fim, que é a parte mais bella e pathetica. Foi no tempo do presidente Affonso Penna. O coronel, vindo das longinquas plagas mattogrossenses, solicitou, e obteve, sem demora, uma audiencia especial do Presidente da Republica.

E lá se foi ufano, acompanhado de seu intelligente e docil catechumeno, um rapagão de seus trinta e poucos annos, bem fallante e

desembaraçado, sabendo ler e escrever, como si, desde a infancia, frequentara a escola, emquanto, na realidade, havia pouco, que o portentoso catechista, em uma de suas excursões por aquellas brenhas, apanhara-o, desgarrado de um grupo de selvicolas, trouxera-o, para o seu acampamento, instruindo-o diariamente a começar do b e - a b a.

O venerando Affonso Penna, em ouvindo tão singela e commovedora narrativa, quasi que chora de enternecido.

Não havia duvida que, si aquelle neophito era um prodigio de saber, o seu illustre preceptor ahi presente, era um assombro, capaz de, em poucos mezes, mudar os nossos aborigenes, de feras em cordeiros.

E S. Exa. ficou tão enthusiasmado que os convidou (caso rarissimo na vida de um presidente) a tomarem, em palacio, e á sua meza, uma chavena de café, elevando, em seguida (depois de meticulosamente informado de seus excepcionaes merecimentos) ás honras de Capitão o valoroso Libanio que, segundo a expressão do mesmo Coronel, seria, dentro em breve, um novo apostolo dos infelizes auctotonos.

Não podia haver nem mais justa nem mais digna recompensa ao trabalho.

* * *

Lá mesmo, em Caceres, contaram-me um outro facto, interessante tambem, mas menos apropriado para despertar enthusiasmo, por celebrar as glorias um tanto embaçadas de outro bororó. Não muito distante d'essa cidade, houve, entre indios e civilizados, um combate feroz, no qual os primeiros levaram a peior. Entre os indigenas feridos, havia uma interessante criança de tres ou quatro annos de idade. Era um menino que offereceram, para educar, a uma senhora cacerense. Esta recebeu-o de coração aberto tratando-o desde logo como filho. A criança estudava com grande amor e progredia a olhos vistos, tornando-se, dentro de alguns annos, o orgulho de sua boa e dadivosa bemfeitora. Mas (aqui vem a nota triste e desanimadora) o rapaz, que tanto aproveitara as luzes da civilização, não soube conter-se que não cahisse no vicio degradante da embriaguez. E como a b y s s u s a b y s s u m i n v o c a t, foi-se desviando, cada vez mais, do bom caminho, a ponto de se tornar ingrato para com sua bemfeitora, abandonando o lar e vivendo á solta, como melhor lhe aprouvesse. Esta segunda historia é a antithese da primeira, mas com ella tem um ponto de contacto. Querem saber como? Vejamos. O coronel, para fazer uma de suas fitas, não hesitou em tomar esse indio decahido, que é o mesmo

Libanio de quem acabo de fallar, educado outrora por aquella senhora, com tanto sacrificio e carinho . . . Tomou-o e trouxe-o ao Rio, illaqueando a boa fé do primeiro magistrado da nação.

Aqui, como em toda a parte, nas visitas que fiz, fui recebido sempre com demonstrações de respeito e satisfação. No domingo, á tarde, finda a benção, na capella do Convento, approximou-se de mim um homem do trabalho, saudou-me respeitosamente e pediu-me que n'um dos meus passeios não deixasse de o visitar, pois sua mulher que não podia sahir, desejava muito conhecer-me. Passados dois ou tres dias, cumpri a palavra, em companhia de Frei Ambrosio.

Devo dizer que toda vez que visito a casa dos humildes e dos pequenos, experimento grande satisfação, porque vou convencido da sinceridade de quem me recebe. Assim foi n'esse dia.

Erão cinco da tarde, quando chegamos ao logar chamado Cavalhada. Entramos n'um quintal cheio de fructeiras, particularmente laranjeiras e limeiras, bem carregadas. Mulher, filhos e netos, todos compareceram cumprimentando-nos com respeito filial. E vendo que eu cumprira a palavra mostraram-se profundamente reconhecidos. Para prova, no dia seguinte, o senhor Victor Bernardino de Souza levou-me um sacco de laranjas e limas.

Despedimo-nos, e ja vinhamos de volta, quando um vizinho do senhor Victor, chamado Francisco Cardoso, e que estava em pé junto de sua moradia, deteve-nos amavelmente em animada conversação, rodeado de sua numerosa familia. Contou-nos visivelmente satisfeito que acabava de receber a visita de Dom Luiz, a quem dera tambem, e de boa vontade, seu obulo, para a construcção da nova Cathedral, promettendo-lhe ainda o concurso de seus braços e do seu trabalho.

* * *

Passemos a outro assumpto: O commercio, em Matto Grosso, é essencialmente esfolado. Na vendagem das fructas da terra, como sejam: bananas, laranjas, limas etc. é que o commerciante, em geral, se contenta de um lucro insignificante, vendendo-as pelo dobro que lhe custaram.

Nos artigos de importação, mesmo nacionaes, o lucro é de cincoenta, oitenta, cem, duzentos e mais por cento. N'uma casa, vi uma brochura que, aqui, pode custar mil reis. Lá estava com o preço marcado de quatro mil reis.

Por lá não ha escrupulo, nem ao menos compostura commercial.

Um dia perguntou alguem telephonicamente, a uma das casas mais importantes e conceituadas de Cuyabá, quanto custava uma

duzia de garrafas de vinho. Responderam-lhe: dezoito mil reis. Poucos dias depois mandaram-lhe a conta (que foi paga) não de dezoito, mas de trinta mil reis!

As leis para esses negociantes, extrangeiros na maxima parte, não vigoram. O dinheiro é a lei suprema.

Deu-se porem, emquanto estive em Cuyabá, um facto realmente novo e de causar admiração geral. Em virtude de uma nova lei, creio que municipal, as mercadorias, vindas via Corumbá, tinham de pagar um direito qualquer. Um negociante, extrangeiro, grande mandachuva em terras brasileiras, negou-se peremptoriamente a pagar. E com isso tinha por certa a victoria. Mas, d'essa vez, as cousas desandaram-lhe. O encarregado da alfandega, homem energico e cumpridor de seu dever, ave rara n'aquelles logares, mandou que todas as mercadorias fossem desembarcadas e levadas para o deposito, até que o homem pagasse integralmente, conforme a lei. E assim se fez, com unanime applauso da opinião publica.

Em qualquer localidade do Matto Grosso dá-se, mais ou menos, o que acabo de expor; em Caceres porem, tive noticia de casos mais frizantes.

Em minha viagem de volta para Corumbá contaram-me, de uma das principaes firmas de Caceres, processos para fazer dinheiro, nunca vistos nem imaginados.

Essa firma possue um vapor que, por longo tempo, exerceu verdadeira tyrania. Quando, por acaso, apparecia outro, fazendo-lhe concurrencia, baixava immediatamente o preço dos fretes e das passagens. Apenas desapparecia o concurrente, elevava-os ao extremo.

Em Corumbá, ha uma pequena flotilha de vapores mercantes, pertencentes ao Lloyd. O pequeno e confortavel Itaqui estabeleceu uma viagem, por mez, partindo de Corumbá no dia dez. Não podia haver maior beneficio para o commercio e a população de Caceres. Em la chegando, tomava carga, e, com alguma antecedencia, marcava dia e hora da volta para Corumbá. Pois bem, a tal firma extrangeira, não querendo lançar mão de meios tão desabridos, como os usados com particulares, descobriu um geito de matar, no nascedouro, aquella medida tão sympathica e util da Companhia nacional. Si o Itaqui marcava, por exemplo, sua partida para o dia vinte, o da firma alludida partia vinte e quatro horas antes, tendo assim a vantagem de ser preferido por passageiros e commerciantes. E não é so isto: n'esta precedencia de tão curto praso, arrematava aos fornecedores habituaes toda a lenha disponivel, e, d'esta forma, o Itaqui não mais encontrava, no caminho, o combustivel indispensavel para as suas machinas, luctando com as maiores difficuldades, com dias de atrazo, ao ponto final.

Por isso, depois de terceira viagem, o Itaqui deu-se por vencido e o publico ficou sacrificado.

A mesma firma tem uma pharmacia; um brasileiro fundou outra, melhor aparelhada e em condições de preços mais humanos. A primeira elevou ainda mais os preços, e a segunda viu-se forçada a fazer o mesmo, sob pena d'aquella abaixal-os de repente, causando-lhe irremediavel ruina. E isso porque a politicagem sem alma das proprias autoridades consagra ao pobre povo o maximo desprezo, quando se não torna connivente com seus algozes.

Outro processo engenhoso, e quizera quasi dizer diabolico, é o que tem por base o preço das mercadorias. Vamos a dois exemplos muito claros: o da venda do sal e do assucar.

A tal firma recebe por exemplo aviso, do Rio, que o sal vae subindo de preço; ninguem mais sabe d'isto. Que faz ella? Compra a todos os negociantes da cidade o que elles possuem em seus armazens, a sete mil reis o sacco. Os negociantes fazem, sem pestanejar, o seu negocio, nada futurando sobre o dia de amanhã. O comprador, fica assim em campo sem concurrentes, e, dias apos, vende o sal a vinte mil reis o sacco! . . .

O lucro é fabuloso e iniquo e o commercio embrulhado tem que se calar. Quanto ao povo, esse é e será eternamente o roubado.

Com o assucar da-se o seguinte. A mesma firma, sempre senhora da situação, vende-o, por exemplo, a quatorze mil reis a arroba. Entretanto, quando menos espera, chega um negociante de Cuyabá, com uma partida de mil arrobas, o qual, querendo ganhar tambem, mas sem fazer concurrencia á firma alludida, vende-o egualmente a quatorze mil reis. Com isso elle tem um grande lucro, por lhe ter custado, a elle, sete mil e quinhentos. Que faz então a benemerita firma? Da noite para o dia, annuncia a sete mil e quinhentos. O negociante de Cuyabá, vendo-se perdido, offerece-lh'o a oito mil reis. Mas aquella persiste na offerta e fica com todo o assucar! E assim é que é direito . . .

Tambem quem mandou ao ingenuo brasileiro querer, dentro do seu paiz, negociar e ganhar como os extrangeiros alguma cousa para manter sua familia? Mas a historia não acabou.

Apenas fechado o negocio com o desgraçado, que lhe cahiu nas garras, a mesma firma, na manhã seguinte, offerece ao publico assucar a quatorze mil reis!

Pobres populações de Matto Grosso, que não tem a dita de possuir autoridade que as defendam! . . .

* * *

Uma das familias que tive a satisfação de visitar, em Caceres, é a de Coronel Diogo Nunes de Souza, (hoje fallecido) um dos homens mais bem quistos e respeitados d'aquella cidade. Foi n'essa visita, que tive conhecimento de factos extraordinarios, attinentes a catechese dos indios.

O capuchinho Frei Mariano, disse-me o Coronel, foi, sem duvida, um dos maiores apostolos do Matto Grosso. Distinguiu-se particularmente, por occasião da guerra do Paraguay. O devotamento de Frei Mariano ao Brasil e á Casa imperial, foi para elle origem de muitos soffrimentos de ver um seu companheiro de habito sacrificado, constando ter sido comido pelos paraguayos. Mas o que tornou celebre e immorredoura a memoria do Frei Mariano, foi sua vida de privações e sacrificios em favor dos indios. D'esses civilisou muitas tribus e no meio d'elles fundou as cidades de Miranda e Nyoac. Sua catechese foi tão fructuosa e duradoura que, ainda hoje, as populações por elle introduzidas no seio da civilização, conservam-se e consideram-se perfeitamente brasileiras. Muitos d'elles aprenderam diversos officios como: de sapateiro, alfaiate, etc. continuando presentémente cada qual no officio que lhe ensinaram. O Coronel Diogo assegurou-me que o nosso inolvidavel Rondon, mais de uma vez, lançou mão d'esses exselvagens, para suas fitas costumeiras, embasbacando os intellectuaes-araras do Rio de Janeiro.

Essas noticias despertaram-me a curiosidade, fazendo com que procurasse novos informes sobre o illustre e heroico missionario. E não foi tempo perdido. Por intermedio do caro e distincto amigo Frei José de Castrogiovanni alcancei um pequeno mais precioso documento. É um papel, escripto com o punho de Frei Mariano Bagnaia, encontrado no seu breviario pelos capuchinhos de Taubaté. Assim reza o alludido documento, que transcrevo sem a minima alteração: „Pertence ao Padre Fr. Mariano Bagnaia, que, pela causa da Egreja, soffreu 4 annos de barbaro captiveiro, entre os selvagens Guarani, debaixo da tirania do celebre assassino Lopes, Cacique dos mesmos selvagens, na Republica do Paraguay, e do seu Vice Cacique, e sanguinario Francisco Sanches. Soffreu o seguinte martyrio. Esteve muito tempo em uma horrida fossa de serpentes, e outro tanto em um hediondo rancho descoberto, ao sol e ao tijuco. 8 mezes em uma immundissima cloaca, onde foi condusido por ordem do tyrano, sofrendo todas as sevicias, que soube inventar a ferocidade paraguaya, ao Campo de Batalha para ser, como o innocente Isac, imolado e salvado milagrosamente, com este, no dia memoravel 16 de Agosto 1869, pelas victoriosas armas imperiaes".

É facil deduzir, dos breves periodos supra, e da circumstancia de ter Frei Mariano trabalhado durante quarenta e um annos, na

terra de Santa Cruz, a somma immensa de merecimentos com que se apresentou deante de Deus, no dia doo seu fallecimento, que teve logar em Linções no Estado de São Paulo a 8 de Agosto de 1888, tendo vindo ao Brasil em 1847.

A breve narrativa do Coronel Diogo impressionou-me, suscitando em meu espirito o desejo de escrever um Capitulo sobre a catechese catholica dos indios do Brasil, desde o principio. Bem depressa vi que era impossivel dizer em poucas paginas o minimo que o assumpto requeria. De sorte que, por esta vez, fui forçado a limitar o meu trabalho a breves referencias sobre o que fizeram os capuchinhos da Provincia do Rio de Janeiro.

O que causa espanto, na obra d'este ramo da familia franciscana, é o desprehendimento de seus filhos e a cega confiança que depositavam na divina Providencia. N'estes rapidos apontamentos seguirei fielmente e, ás vezes, transcreverei alguma passagem da preciosa brochura de Frei José de Costragiovanni, intitulada: *Noticie Storiche della Missione Cappucina di Rio de Janeiro.* 1650—1910.

Em verdade, quem não pasma ao ver a intrepidez de Frei Florentino, o qual, sem guia e sem companheiros atravessa um deserto de mais de quinhentas leguas, por selvas povoadas de féras e selvagens ferozes até chegar ao Paraguay?

Frei Bento de Bobbio, vindo em 1843, durante quarenta annos, selvagens de Goyaz. Converteu varias tribus e fundou a povoação de Hypiabanha.

* * *

Na mesma epoca, Frei Luiz da Cametile tomou a si a catechese dos indios de Santa Catharina, fundando a aldeia indigena de São Jeronymo.

* * *

Frei Carmelo da Mazharino, dois annos mais tarde, foi civilizar os indios de Pará.

* * *

Frei Bento de Boboio, vindo em 1843, durante quarenta annos, catechizou os indios da Maranhão.

* * *

Frei Dorotheo di Loreto teve, como campo principal de suas missões, o Estado de Sergipe, onde morreu santamente em 1878.

Frei Ludovico da Mazharino, fallecido na Italia em 1903, foi o apostolo do Pará e do Amazonas, civilisando os ferozes selvagens d'aquellas regiões e fundando a povoação chamada Xingú.

Esses apontamentos, poucos e breves, são sufficientes para dar uma idéa de que, ha pouco, affirmei!

Do meiado do seculo passado, até o advento da republica, o governo imperial do Brasil intensificou a obra da catchese, confiada particularmente aos capuchinhos. Tem pois razão o autor da citada brochura quando diz:

„D'essa epoca para cá (1846) encontramos os nossos missionarios esparsos por quasi todos as antigas provincias do Brasil, a saber: nas longinquas e selvagens regiões do Amazonas, do Matto Grosso, Goyaz e Pará. Encontramos missionarios nas florestas do Maranhão, Minas Geraes, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espirito Santo, Sergipe, Alagoas etc.

Em todas essas antigas provincias, hoje Estados do Brasil, os nossos missionarios desempenharam seu ministerio de Apostolado de Jesus Christo e da civilização, amansando e educando barbaros e ferozes selvagens, ensinando-lhes a lavrar a terra, a plantar e cultivar o café e a canna, e a extrahir d'esta o assucar e o alcool; a cultivar o algodão, a colher a borracha etc.

Por obra dos nossos missionarios desappareceram muitas d'essas escuras e selvagens florestas, onde, hoje, se erguem florescentes aldeias e cidades, assim como ricos e magestosos templos, dedicados ao Deus da gloria. Quantas casas de educação, asylos e escolas; quantos hospitaes, em todas as partes do Brasil, não tiveram por unicos fundadores os capuchinhos!

Como é consolador contemplarmos, hoje em dia, descendentes dos Tupys, Bororós, Botucudos, Aymores, Pagichás, Giporas, Pages, Aranós, etc. transformados, por obra dos missionarios capuchinhos, em catholicos fervorosos adorando ao Deus Creador do ceo e da terra; aquelle Deus misericordioso que, até ahi, lhes era desconhecido! . . .

Para concluir, narrarei, mais minuciosamente, a obra executada por dois capuchinhos, chegados da Italia, em 1781. „Poucos mezes depois, continúa Frei José, seguiram (os dois capuchinhos(para a então aldeia de Campos, com o fim de encetar a catechese de algumas tribus selvagens, estacionadas n'uma localidade chamada G a m b o a, proxima a ultima cascata do rio Prarahyba. Os dois capuchinhos chamavam-se Victor da Cambiasca e Angelo da Luca.

Chegaram a Campos, a 14 de Setembro de 1781, e, após um descanço de onze dias, e, em companhia de um guia interprete, de

Religião e Patria

nome Francisco Macedo, proseguiram, até Gamboa, onde tinham certeza existirem indigenas, ainda selvagens e pagãos.

Ahi encontraram trinta indios, morando em tres cavernas, tão baixas que, para entrar, era necessario baixar a cabeça. Esses pobres selvagens, apenas viram os missionarios, em logar de fugir ou de os aggredir, como costumavam fazer, attrahidos por um transporte de respeito e sympathia, por vel-os tão humildes, alegres e sorridentes, em seus semblantes, modestos, pobres e descalços como elles, e tão affaveis e insinuantes, em suas palavras e em seus modos, bem depressa, e como por instincto, começaram a acompanhal-os, a lhes quererem bem, ouvindo com a maior attenção, vivo enthusiasmo e simplicidade de coração, as palavras de vida eterna que lhes endereçavam os novos apostolos de Jesus Christo. Dentro em breve, aquelles indios, depois de instruidos sufficientemente, receberam o santo baptismo.

A chegada e o grande bem que os dois capuchinhos faziam em Gamboa, espalhou-se rapidamente n'aquella redondeza e no alto das serras, onde se encontravam muitos outros selvagens.

Esses, deixando suas cavernas, desceram tambem á planicie, procurando os missionarios, ouvindo suas instrucções, e sendo finalmente por elles baptisados. E como esse local fosse muito attrahente, já pela sua fecundidade do solo, e já pela magnifica posição, sobre as margens do Parahyba, á medida que os selvagens, descendo de suas montanhas, chegavam a tão risonha localidade, ahi se estabeleciam definitivamente.

D'est'arte, Gamboa foi povoada por muitas tribus de indios, pelo que os nossos missionarios, para poderem, com maior decoro, exercer seus sagrados ministerios, edificaram uma modesta capella, dedicando-a ao nosso glorioso Proto-martyr de Propaganda Fide, São Fidelis de Sigmaringa. Devidamente autorizados, os dois capuchinhos tiraram d'aquella povoação o nome de Gamboa, substituindo-o pelo do Padroeiro São Fidelis.

D'ahi por deante, esses dois apostolos das selvas entregaram-se, corpo e alma, á evangelização dos indios, civilizando-os, instruindo-os, não só nas cousas da religião, mas tambem no cultivo dos campos, nas artes e nos officios.

No que progrediram de tal forma, a ponto de attrahirem a attenção dos civilizados e dos habitantes de São Salvador dos Campos, longe de São Fidelis cerca de oito leguas.

Algumas familias d'essa já não pequena povoação, preferindo-lhe São Fidelis para lá se transferiram ,deixando seu antigo domicilio.

Em 1798, tendo a população de São Fidelis augmentado consideravelmente, os dois illustres e infatigaveis missionarios conceberam

a idéa de fabricar um templo magestoso, dedicando-o ao mesmo glorioso Martyr São Fidelis.

Em 1799, tendo já prompto todo o material, deram começo á construcção, que terminou no anno de 1808. Esse templo é um dos principaes de todo o Estado do Rio, quer por seu tamanho quer por sua architectura".

Admirador e enthusiasta de tão bella instituição, a catechese catholica entre os indios, unica filha do sacrificio e do heroismo, e unica que verdadeiramente conserva e civiliza esses pobres e embrutecidos selvagens, não podia, ao presenciar os primeiros albores de uma nova vida christã, no fundo de nossas florestas, deixar de prestar aos filhos de São Francisco de Assis este acto de profunda e sincera homenagem, fazendo-lhes justiça, a elles, que, no ultimo seculo, mais do que ninguem, cortaram e recortaram o Brasil, em todas as direcções, até os mais remotos esconderijos, chamando milhares e milhares de indios á civilização, fundando, por toda parte, aldeias e cidades de indios christãos e muitas vezes derramando por elles o seus sangue.

Que maior apologia poderiamos fazer-lhes do que citando-lhes tantas obras que os immortalizam?

Capitulo XXIV.

Cem leguas a Nordeste de Caceres, ha uma cidade quasi desconhecida, a qual merece entretanto menção especial, pelo papel decisivo por ella representado na formação e desenvolvimento do Matto Grosso. Foi essa a primeira Capital do Estado, chamada a principio Villa Bella, mais tarde, Matto Grosso.

Fundada em 1752 pelo primeiro Capitão-General, D. Antonio Rolim de Moura Tavares, teve cerca de setenta annos de grandeza e esplandor. Em 1820 deixou de ser Capital, transferindo-se o governa para a cidade de Cuyabá. Esse acontecimento foi o golpe mortal de que a cidade de Matto Grosso nunca mais se levantou.

Creio fazer cousa util e agradavel ao leitor, dando-lhe antes uma idéa sobre as origens d'essa cidade e sobre a sua posição geographica, narrando, depois, o triste estado a que hoje está reduzida.

Em sua Viagem ao redor do Brasil, escreve o Dr. Severiano da Fonseca: „Já então ia bastante povoada a chapada dos Parecis, que os avidos mineradores escavaram em todos os sentidos, em busca do ouro.

Em 1736 e 1737, Simão Corrêa e seu irmão Estevão, pescando no Sararé, desceram rio abaixo, e forão cahir surpresos, no grande e formoso rio que, do nome de uma das nações que o povoaram, se chamou Guaporé.

Para S. O. dos povoados avistavam-se formosas serranias que convidavam os aventureiros a exploral-as, e um sitio pittoresco que da chapada se divisava proximo á confluencia de um outro rio de menor volume; estimularam-se a descer, para ahi, onde estabeleceram um pouso que denominaram Alegre, nome que tambem passou a esse outro rio que, meia legua acima, despeja suas aguas no Guaporé. [1])

Foram em Pouso Alegre os começos de Villa Bella, a Capital da rica e, em breve, considerada capitania de Cuyabá e Matto Grosso".

Quem falla na cidade de Matto Grosso deve, por força, fazer referencias ao grandioso Guaporé que banha aquellas vastas e paradisiacas plagas. Acompanhemos tambem n'isso o citado autor.

„O Guaporé, „Itenez" dos castelhanos, é um magnifico e formoso rio de mil e quinhentos kilometros de curso, todo de facil navegação. Na quadra das seccas, encontram-se obstaculos faceis de obviar ás embarçações pequenas, como o pedregal que o atravanca, desde a fóz do Itonamas, meia legua abaixo do Porto do Principe, e os bancos de areia que ficam a descoberto, dos quaes o da Pescaria, situado uns quarenta kilometros abaixo do destacamento das Pedras Negras, é o mais notavel, por se estender em toda a largura do rio e alongar-se por algumas centenas de metros". Aqui o Dr. Severiano accrescenta, em nota, esta observação: „Parece incrivel esta descripção, mas tal encontramos o banco na nossa descida; percorreu-se-lhe toda a borda superior, de margem a margem do rio, sem encontrar um canalete por onde o barco pudesse descer. A agua do rio deslizava-se sobre o banco tão imperceptivelmente, que se lhe não distinguia a corrente. Para descer o bote, abriu-se um canal a pás de remos" E continua: „O alto Guaporé, que tal se chama a parte que corre acima da cidade de Matto Grosso, é apenas atravancado de arvores cahidas e tramas de hydrophitos. Mas, si nas estações muito seccas, somente botes e igarités de pequeno

---

[1]) - Guaporé. A face noroeste da provincia é banhada pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira que lhe offereçem caminho para o Amazonas, n'um trecho de perto de tres mil kilometros.

Erão esses rios o caminho por onde ião e vinham os Capitães-Generaes; por ahi durante muitos annos, se fez quasi todo o commercio da Capitania, maior e mais rendoso do que o das manções dos povoados. (Dr. Severiano.)

calado podem vencer taes difficuldades, na estação das aguas, ha fundo sufficiente para grandes navios". No local da ponte, que fica a cento e dez kilometros, ou pouco mais, distante das proprias nascentes, acharam os engenheiros do seculo passado quinze braças de largo e duas de fundo, em o mez de Setembro, isso é, no fim do verão. Do meio do curso do Guaporé em deante, começam a apparecer a seringueira e o tocary.

E, o facto é ainda mais notavel por isso que, abundando esses dois gigantescos vegetaes, na margem brasileira, na opposta, quasi que absolutamente faltam, sendo encontrados somente na grande ilha formada pelo São Simão, pequeno braço do Guaporé, e pelo São Martinho, braço do Baurés.

A baunilha, a salsaparrilha e a poaya enchem-lhe as ribas, desde quasi as vertentes; o cacáo, o capahiba e o cravo apparecem com a seringueira, desde o meio do curso, sendo elles que dão um cunho especial á flora territorial.

A principal e mais remota cabeceira do Guaporé é conhecida por esse nome e pelo de Menequés, nome de um cacique de uma aldea de perecis que ahi existiu. Nasce de uma caverna profunda, sob um terreno de grés, onde o ferro é tão commum que o colóra de vermelho e communica ás aguas e seu sabor typtico e metalico; abrindo o leito em fundo valle de denudação, segue por terreno tão formoso quam pittoresco e aprazivel, na descripção do Dr. Silva Prestes — que só falta ser povoado por homens para merecer os encomios poeticos de habitações de nynphas, tal sua frescura e frondoso assento das altas arvores que cobrem com seus ramos essa copiosa corrente que já nasce grande.

Origina-se o Menequés, segundo Ricardo France, aos 14° 40 lat, 318° 39′ longitude, do meridiano occidental da ilha de Ferro. As outras cabeceiras chamadas Lagoinhas ou Emo, Seputuba e Olho d'Agua, ficam á esquerda d'aquella; descendo perto da aresta S. O, da chapada, encorporam-se todas, em distancia de poucos kilometros e, ao passar pela cidade, o Guaporé ja vae com o formoso curso de duzentos e cincoenta kilometros".

Na rapida descripção d'esse rio gigante ha um ponto que surprehende e é o seguinte. A cento e trinta ou cento e quarenta kilometros apenas de suas cabeceiras, em Setembro, isto, é, no fim da secca, ainda tem duas braças de fundo!

* * *

A cidade de Matto Grosso - Villa Bella, com a mudança da Capital para Cuyabá, não foi definhando, como em taes

casos sóe acontecer, mas, como fulminada por ataque epileptico cahiu de repente em mortal marasmo, de que nunca mais de reergueu.

Em 1827, esteve curto espaço em Villa Bella a comissão scientifica do Barão de Langsdorff, da qual fazia parte o Snr. Amadeu Adriano Taunay.

Havia pois apenas sete annos, que Cuyabá substituira, como Capital, a cidade de Villa Bella.

Eis, entretanto, a descripção desoladora que o senhor Taunay nos dá, da cidade e do palacio de governo. „A cidade de Villa Bella, depois Matto Grosso, cujas ruinas causam intensa melancolia, aos raros que a visitam, hoje, e, scientes das cousas do passado, ainda encontram n'aquelles outr'ora florescentes paramos, vestigios eloquentes de extinctas grandezas, que jamais nunca voltarão . . .

Casas que desabaram; matto que ainda mais alteou, nas ruas; innundações do Guaporé que levaram os restos do caes de outr'ora, e cavaram fundo nos barranços; esboroados e largos pannos de muralhas que tombaram; gente que diminuiu (e já era tão pouca!) uns mortos, outros que emigraram tangidos pelo desespero e pela falta de recursos; arvores que cresceram invasoras e á solta, gigantes da floresta em plena povoação, dominando, no seu magestoso vigor e na sempre renascente alegria, os destroços da obra dos homens! exuberantes e altivos, sobre tudo gamelheiros, terriveis estes, no rapido engrossar a se agarrarem ás pedras, a insinuarem, por toda a parte, raizes, a principio humildes, tenues e delicadas; depois possantes, violentas, derrubando as mais fortes paredes, e desagregando as paredes mais rijas, das quaes retem, como que por escarneo, no liame de intrincada trama, enormes fragmentos, rochas inteiras, suspensas n'uma rede de finas e pennungentas malhas . . ."

Eis tudo que resta de Villa Bella!

O mesmo autor destas linhas esculturaes, escrevendo, em 20 de Dezembro de 1827, a seus irmãos Felix e Theodoro, exprimia-se dessa forma. „É de uma das salas do abandonado palacio dos antigos Capitães Generaes de Matto Grosso que vos dirijo estas linhas, d'essas immensas salas, testemunhas, outr'ora, das festas da corte assidua, junto aos depositarios da autoridade real, e que, agora, silenciosas, não repetem senão o surdo ruido do insecto que roe a madeira, ou os passos de curiosos que percorrem o recinto.

Tudo ficou no mesmo estado, desde o dia em que a sede do governo foi transferida para Cuyabá; a mobilia, a pintura, os armarios, as mesas de trabalho, tudo ficou. Os pateos estão cheios de herva: por toda a parte veem-se os signaes destruidores do abandono

e o combate das cousas existentes contra o tempo. Tudo representa a morte".

Tem pois o leitor uma idéa do que foi a cidade de Matto Grosso, nos dias de sua grandeza e nos que seguiram, immediatamente após seu vertiginoso declinio. E hoje? Querem saber o que d'ella fica? Ouçamos uma testemunha ocular que de lá acaba de voltar, com o coração confrangido.

„A primeira Capital do Estado foi, em sua origem, Villa verdadeiramente Bella, sita á margem direita do rio Guaporé, cercada de campos lindos, optimos para criação de gado e de animaes. Durante muitos annos, viveu na maior opulencia, e bem podia chamar-se Villa rica ou Villa dourada, pois recebia ouro em abundancia de São Vicente, da Chapada e do Pilar.

Eram como uns fios amarellos que desciam dos morros sem interrupção. N'esse tempo não se conhecia a prata em Villa Bella. Todos as compras eram pagas com ouro puro. Quem nos dirá o luxo e o bem estar de seus habitantes?

Infelizmente a riqueza é mãe da corrupção e da impiedade.

Em Villa Bella, havia então tres Egrejas. Vem-se hoje em ruinas a egreja do Carmo e, em breve, a egreja militar de Santo Antonio desabará para sempre. A propria Matriz da SS. Trindade está em perigo.

O aspecto da cidade é desolador e da-nos uma idéa dos logares devastados pela guerra. O viajante que entra em Matto Grosso, só avista casas velhas de paredes rasgadas, fóra do prumo, escoradas por esteios, tectos descobertos, portas e janellas cahindo e, muitas vezes, receioso de lhes ficar por baixo, desvia-se d'ellas para o meio da rua. Só ficam firmes e inabalaveis os alicerces de pedra canga, lavrados a cinzel. Não ha n'elles molduras postiças, mas todos os trabalhos são gravados na mesma pedra, como não se encontram eguaes, nem em Caceres, nem em Cuyabá.

Sim. Matto Grosso foi Villa Bella! E as suas egrejas como forão bellas tambem! A de Santo Antonio de todo acabada, tinha suas grades torneadas, e possuia paramentos riquissimos. Nada absolutamente lhe faltava. A Matriz da SS. Trindade é a maior do Estado, de proporções quasi gigantescas, ergue-se ainda dominando aquellas escombros, mas não já com a firmeza que a possa salvar de uma proxima ruina.

De onde essa desolação?

Entremos na Matriz. No alto do altar-mór, vemos uma linda imagem da SS. Trindade e por cima d'essa imagem, uma inscripção em lettras de meio metro de alto, traçadas com pincel grosso, por mão nervosa e impaciente concebida nestes termos:

Et exprobravit incredulitatem eorum et duritiam cordis!

Bem feito, só o ponto final! Depois de desabafar sua ira, quem escreveu, poz toda sua arte n'esse ponto, como para saborear o que acabava de fazer.

O visitante que, depois de perlustrar as ruas de Matto Grosso, entra na casa do Senhor e lê a inscripcão supra, sente a impressão de quem está, em um cemiterio, em frente de uma epigraphe sepulchral, ou sob o peso de uma maldição paterna, que Deus ratificou.

E ninguem sabe o porque d'essa inscripção. Os anciões de Matto-Grosso tambem nunca tiveram d'aquillo a minima explicação. Sempre viram as palavras, mas não comprehendendo latim, não fizeram caso. D'ellas entretanto deprehende-se com facilidade que, desde o começo em Matto Grosso, houve divergencia entre a autoridade ecclesiastica e civil, ou entre o clero e o povo. Não serião os paes como os filhos, gostando muito da Egreja e pouco dos Padres? Sendo muito catholicos, mas não romanos?

É certo que, em tempos menos remotos, houve, na cidade de Matto Grosso, perseguição e até morte de sacerdotes. Um dos melhores Vigarios de Matto Grosso, Frei Antonio teve que abandonar a cidade, porque certas familias não o respeitavam, nem quando levava o Viatico aos enfermos.

Frei Antonio era da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Lá se vão cerca de sessenta annos desde que elle se retirou de Matto Grosso, e, ainda hoje, as crianças conhecem-lhe o nome e o pronunciam com respeito. Os pobres, quando elle se retirou choraram-no. E temos visto (continua a mesma testemunha) cahirem lagrimas dos olhos de um velho, que assistiu á sahida de Frei Antonio e nunca se consolou d'essa separação. Tão bom e virtuoso era elle!

Por isso mesmo teve que fugir, como tinham fugido outros seus predecessores, emquanto outros morriam . . . talvez martyres.

Et exprobravit . . .

Villa Bella não é mais Villa Bella; é um sepulchro.

Villa da qual não foge quem não pode; na qual não ha socego nem se pode viver! Villa que, apesar de cidade, nem mais villa é; é uma aldeiazinha, uma tapera, um deserto. Quem ahi chega, encontra algumas crianças e mulheres e poucos homens. A maior parte das familias residem nos sitios, e quando se reunem, para alguma festa, não formam uma população de quatrocentas pessôas.

E todos nunca se reunem, porque tal é a pobreza que algumas d'ellas não tem vestuarios para apparecerem em publico.

Como se explica que essa riquissima cidade cahisse em tão extrema miseria? Pensam uns que a febre obrigou os brancos a abandonal-a. Os brancos são os mais ricos e intelligentes, aquelles que tinham a iniciativa do trabalho. Ficaram só os homens de cor, mais acanhados. Mas não procede esta razão, porquanto os brancos lá ficaram por muitos annos, apesar da febre; outros dizem que são os indios bravios que esgotaram as fontes de ouro, forçando os trabalhadores a se afastarem das minas.

Sobre o rompimento das relações dos indios com os habitantes de „Matto Grosso" ha muito que ver e reflectir. Pois si, durante longos annos, erão mansos e amigos dos civilizados, como é que se tornaram bravos e inimigos encarniçados dos mesmos? Não ha explicação plausivel, a não ser aquella inscripção que accusa e condemna as gerações que passaram por Matto Grosso. Et exprobravit incredulitatem... A incredulidade dos antigos e não dos actuaes habitantes de Matto Grosso.

Estes são bons e religiosos, dignos de nossa estima. Pagam o peccado de seus paes; mas, nem de seus paes, porque os incredulos e duros de coração erão apenas os patrões de seus paes, os brancos, como dissemos.

Da população antiga de Matto Grosso, nada mais resta. Seus habitantes são uma agglomeração composta de poucas familias, que escaparam ás flexas dos indios, recolhendo-se ahi; umas vieram de São Vicente, outras do Pilar, da Chapada e de Sant'Anna etc. trazendo comsigo seus santos, principal riqueza de suas egrejas. Triste exodo! E como ainda hoje são opprimidos os habitantes de Matto Grosso!

Contemplemos esse mocinho que vae ao rio para pescar: n'uma das mãos leva o remo, a linha com o anzol, ou ainda um arco com flexas; na outra uma carabina embalada. Vejamos esse outro encaminhando-se para sua roça, com enchada ou machado ou machado ao hombro; mas tambem com a sua carabina.

A este outro vemol-o galopar, no campo, com o laço na garupa e a carabina de promptidão. Nunca encontrareis um filho da cidade Matto Grosso sem espingarda. Poderá esquecer em casa a indispensavel matolotagem, nunca porem, uma arma de fogo. E si lhe perguntardes a razão, responder-vos-á: „O indio! . . ."

O indio! Eis o pesadelo do habitante de Matto Grosso! Mas onde está elle? Talvez muito perto! De noite, encontra-se nos quintaes, alias abertos, onde furta laranjas, porcos ou cachorros. Quando ha festas, elle avizinha-se devagar e aprecia o baile. Ás vezes diverte-se battendo ás portas para assustar a gente. E de dia? De dia, talvez esteja amoitado atraz de uma laranjeira, ou de

outro qualquer arvoredo copado, esperando que passe alguem ao alcance de sua flexa mortal. Só uma cousa, ao indio merece-lhe respeito: o arcabuz.

Eis porque essa arma acompanha o mattrogrossense, como a sombra ao corpo. E note-se: a raiva do indio é unicamente contra o morador de Matto Grosso. Os estranhos a Villa Bella podem viajar tranquillos por aquellas florestas sombrias, o indio, sem ser visto, enxerga-os, mas não lhes faz mal. Passe, porem, um filho d'aquella cidade infeliz, sem armas, e está em perigo. Esse estado de guerra dura ha muitos annos . Os mais velhos lembram-se de combates, desde a sua infancia. E até quando durará? Verdade é que o benemerito Coronel Candido Mariano Rondon fez quanto podia para pôr fim a essa guerra atroz. Empregou mesmo meios energicos. Vejamos um d'elles, que não podia ser mais efficaz.

Estando em Villa Bella, reuniu os mais notaveis d'entre os habitantes, prohibindo-lhes cathegoricamente de matarem os indios.

Nós tambem, responderam elles, não queremos que se mate indio algum, ha porem casos de legitima defesa. Snr. Coronel, si os indios nos aggredirem e matarem, que fazer?

Não é nada, replicou o Coronel, façam de contas que morreram de febres. Assim, si os matto-grossenses, se deixaram matar, a guerra acabará depressa, por falta de combatentes.

Outro meio foi posto em pratica pelo Coronel. Mandou estabelecer uma ou duas colonias para civilizar os indios, pelo methodo positivista. Cinco ou seis empregados trabalharam n'esta commissão com gordos vencimentos.

Uma tropa esplendida de animaes estava á sua disposição, para levar mantimentos. Em seguida semeou-se milho, arroz e feijão. Mas que é feito dos indios? Nem um só se apresentou!

Talvez seja por isso que os empregados, até hoje, estão á espera de seus vencimentos . . . Os inferiores, pelo menos, nada ou quasi nada receberam. O chefe deve mais de um conto de reis a um, dois a outro, etc. Esse dinheiro sahiu dos cofres da nação. Aonde foi parar? . . .

Voltemos á cidade de Matto Grosso.

O que n'ella augmenta a miseria é a falta do commercio e industria. Outr'ora, a borracha que se extrahia em grande escala, nas margens do Guaporé passava por Matto Grosso. O frete era a peso . . . de remo, e os habitantes ganhavam bom dinheiro. Depois da inauguração da linha ferrea Madeira-Mamoré, a borracha procurou o caminho do Norte e Matto Grosso ficou esquecida. Riquezas é que não faltam.

O ouro está decançando nas minas. Apenas, de vez em quando, apparece algum esfaimado do metal amarello, faz uma exploração, enche os bolsos, toma cerveja á saude dos habitantes . . . Mas estes entrarem no matto e arriscarem a vida? Isso não!

A poaia está quasi ás portas da cidade, mas o indio está muito mais proximo. A herva mate acha-se em abundancia, a tres dias de viagem, abaixo de Matto Grosso, mas como não pode subir por si mesma, lá se fica onde esta!

A baunilha poderia ser colhida ás carradas, mes . . . está em pantanos e tremedaes . Os campos para a creação do gado, como dissemos, são esplendidos: campos para cada cidade, campos immensos do rio Alegre, campos incomparaveis da antiga fazenda de Casalvasco. Mas nos campos de cá, os indios; nos de lá, os ladrões.

Sempre algum „mas" . . .

Quem esteve em Matto Grosso, não achará nenhum exagero no que ora affirmamos. Villa Bella, hoje Matto Grosso, é villa de miseria. Poderia ser a mais rica do Estado, do Brasil e talvez do mundo inteiro. Deixem que lá chegue alguma companhia forte e bem administrada e veremos renovar-se em Matto Grosso o impulso que chamou multidões ao Klondique.

Um vigario do Matto Grosso prophetizou (contam os antigos) que um dia todos os habitantes teriam que fugir da cidade, para não perecerem á fome. É o tempo de hoje. Accrescentou porem que, passado esse tempo de provação, a cidade moribunda resuscitaria mais bella do que nunca, e tão rica que as fechaduras das egrejas seriam de ouro.

Aguardemos a realisação dessa segunda parte".

Eis ahi as condições tristes e desoladoras da outr'ora tão formosa e rica Villa Bella, descriptas por quem, ha um ou dois annos, lá esteve, no meio d'aquelle povo desafortunado e infeliz!

Capitulo XXV.

A cidade do Caceres, embora não o fosse, parecia-me o ponto final de minha viagem.

É que as duas cidades, Caceres e Cuyabá, ficam quasi a igual distancia de Corumbá. Separava-me com effeito dessa ultima cidade o espaço de cento e trinta leguas, ou seja: novecentos kilometros!

Esse ultimo trecho deveria ser feito a vapor, navegando sempre em aguas do magestoso Paraguay. Quem não conhece esse grande rio? Ouso affirmar: muito poucos. Por toda parte falla-se no

S. Francisco, no Amazonas e em seus affluentes gigantes: pouco se diz do Paraguay, como se não existisse.

Eis porque, antes do meu embarque, quero fornecer ao leitor algumas noções d'esse rio extraordinario e maravilhoso. O que digo não é senão a reproducção do que disseram quantos tiveram a dita de conhecer e admirar aquellas plagas. O Paraguay, diz o Dr. Severiano, é um dos rios mais magestosos e de mais segurança do mundo, e indubitavelmente a melhor e mais facil estrada da provincia de Matto Grosso. Seu curso é maior de dois mil e duzentos kilometros, e, contando-se-lhe a continuação do Paraná e Prata, vae ao dobro; sendo de mais de cincoenta mil kilometros a extensão de sua vastissima rede potamographica, navegavel talvez em mais da terça parte. E, o ja citado Hercules Florence, escreve o seguinte: O Paraguay nasce a um quarto de legua do Campo dos Veados, nas Sete Lagoas. Das Sete Lagoas conta o povo fabulas aterradoras. Essa poçasinhas, pelo que dizem, são de profundidade insondavel; enormes jacarés e monstros aguaticos occultam-se debaixo de grandes rochas submergidas, prestas a devorar aos que por desgraça lá cahirem . . .

Esse rio tem as cabeceiras no alto Diamantino; dirige para o sul o magestoso curso, para os Estados do Dr. Francia; e recebe o contingente de sete grandes rios, até confluir com o Paraná onde perde injustamente o nome, para cedel-o ao affluente. Do lado norte estende-se n'uma planicie de cincoenta leguas, inundada periodicamente como o Egypto, coberta de palmeiras e crocodilos, e onde só faltam as pyramides, as Ephynges, e os templos para nos transportarem ás margens do sagrado Nilo. Grandes embarcações podem sulcal-o, desde Buenos-Ayres até Villa Maria (Caceres) e, subindo pelo rio Cuyabá, até a Capital do mesmo nome. É uma extensão de seiscentas leguas, livre do menor obstaculo, sem cachoeiras nem corredeiras; em toda ella deslizam-se mansamente suas aguas, fundas e largas. É o mais bello canal que a natureza formou para permittir-ao homem devassar desertos tão dilatados, para povoal-os e dar-lhes as regalias de activa navegação e immenso commercio. Em qualquer ponto achariam os barcos a vapor florestas para abastecel-os de combustivel abundante e facil.

Do rochedo de Maneco, accrescenta o mesmo, eu me transportei a Cuyabá, cidade circumdada de vastos desertos, que a separaram do mundo e quasi do Brasil. Cidade situada bem no centro da America meridional, a eguaes distancias do Atlantico e do mar do Sul; do Paraná e do Cabo Horn. Eu vim ver uma cidade torrida, existindo sozinha, no meio da America, tornada maritima pelo Para-

guay, esse mediterraneo fluvial que lhe offerece uma estrada sem tempestades, sem escolhos e sem ventos contrarios; um largo canal, sereno como o céo azul, onde o vapor nadará e arrastará como o cysne, uma dupla cauda luminosa, abrindo-se em duas fileiras de ondas espiraes, cujas ultimas pregas irão varrer docemente as duas margens.

Outro escriptor, o Conego João Pedro Cay (Historia da Republica jesuitica do Paraguay) descreve o mesmo rio nestes termos: Na vertente Sul da serra Diamantina, nas Sete Lagoas pouco mais ou menos, na longitude de 12º meridiano do Rio de Janeiro e de 13º de latitude austral, nasce o rio Paraguay, cujo nome pode-se traduzir: rio dos payaguás, ou antes rio do cacique Pará. Pará quer dizer oveiro; guá quer dizer alem da agua: e Y quer dizer agua. Corre ao rumo Sul, engrossando-se de varios arroios, á direita e á esquerda, que nascem da mesma serra. Com esta immensa massa d'agua, que o rio Paraguay tem recolhido em sua carreira tambem gigantesca, cuja massa se não eguala, em quantidade, ás que o Paraná ostenta, questão que não ouso decidir, tem sobre ellas a superioridade de offerecer melhor navegação, em um curso dilatadissimo: o soberbo rio Paraguay se avança para a cidade de Corrientes, como que envergonhado de se ir alliar ao irmão que lhe tirara o nome, e, confuso d'esta alliança, recusa por algum tempo, misturar com elle suas aguas, que durante algum espaço rolam juntos, por sete correntes sem se misturarem. Maravilha de especie particular que faz dar o nome de Sete Corrientes á cidade que, todos os dias, gosa este extranho espectaculo.

Em sua obra Viagem ao redor do Brasil, diz o Dr. Severiano da Fonseca: Ao occidente e sul da provincia (Matto Grosso) dois dos maiores cursos da America banham o seu extenso territorio, servindo-lhe em grande parte de linha divisoria, entre os paizes vizinhos. São o Paraguay e o Guaporé. O Paraguay vem desde o parallelo 14º 11', cerca de cento e cincoenta kilometros distante de Cuyabá; nasce no alto da chamada serra das Sete Lagoas, da Mangueira ao Pary, n'um brejal, onde apparecem distinctos, por livres dos hydrophitos que as soem encobrir, outros tantos pequenos lençóes d'agua, que trouxeram o nome porque é conhecido, em toda a parte do chapadão. Sua corrente segue, em começo, o rumo norte engrossando, pouco a pouco, com as ribeiras do Quilombo ou Negro e de Amolar, que é o mais septentrional das suas fontes".

* * *

O Paraguay offerece ao passageiro uma nota singular, si não unica. Refiro-me aos temidos camalotes. São como ilhas fluctuantes, cuja abundancia, em certa epoca e em determinados logares, chega a congestionar e paralysar todo e qualquer movimento. Essas ilhas formam-se sobretudo pela planta agua pé, descripta por Hercules Florence: „As margens do Paraguay são todas bordadas de agua pés, planta que alastra na superficie, das aguas, e cujas folhas, grandes e redondas, formam massiços que seguem desde o pé dos barranços até ás ondulações do terreno. Si se destaca um torrão de terra, correm as agues pés para o rio e, levadas pela corrente, formam ás vezes ilhas não pequenas".

As palavras acima, ainda não dizem tudo.

O paquete Etruria, dois annos antes, justamente na altura da Bahia Guahyba, teve inesperadamente que enfrentar os camalotes, os quaes se formam por occasião das grandes enchentes, enleiando e arrastando comsigo tudo que encontram: ramos, arvores, arrancadas do solo, e o mais. Para vencer tão terrivel inimigo, a tripulação e os mesmos passageiros do Etruria, armando-se de machados e outras ferramentas, atiraram-se em cima dos camalotes como si fossem jangadas, cortando ramos e serrando troncos. Só d'esta forma conseguiram abrir uma estreita passagem, depois de dois dias e duas noites de insano trabalho. Soube de outra embarcação que, nas mesmas paragens, ficou presa dez longos dias, correndo o iminente perigo de todos morrerem a fome.

Imaginem a lucta e o desespero d'esses homens por se desvencilharem d'esse impassivel mas cabeçudo adversario!

* * *

Não deixarei de observar que escriptores diversos, occupando-se das cousas de Matto Grosso, que elles proprios viram, mais de uma vez, se contradizem em certos dados. O mais curioso é que o mesmo autor e na mesma obra emitte, posto que raramente, proposições um tanto discordantes. Qual a razão d'isto? Ignoro. É possivel entretanto que as observações feitas por uns e outros, em epocas distanciadas, dessem resultados differentes. Vejamos, por exemplo, o que escreve o Dr. Arrojado Lisbôa em referencia ás ultimas enchentes do Paraguay.

„Entre os annos de 1900 e 1907, observou-se um anno de aguas muito baixas e outro de consideravel enchente respectivamente em 1903 e 1905.

A amplitude maxima da curva do nivel da agua, entre as aguas minimas de 1903 e a maior enchente de 1905, foi de cerca de 6.90

metros. Na grande enchente de 1905, as aguas maximas não excederam de 4 metros o nivel medio ordinario e, mesmo assim, a innundação da região do pantanal foi considerada uma calamidade publica, occasionando a morte de alguns milhares de rezes. Por esse facto, pode-se ter uma idéa de quanto são planas e niveladas essas terras da baixada.

Essas grandes enchentes são periodicas, occorrendo entre 35 e 37 annos".

Ouçamos, em segundo logar, o Dr. João Severiano da Fonseca: Na força das aguas diz elle, estas se elevam a vinte ou trinta palmos, sobre o nivel ordinario. Em Corumbá, o Paraguay tem chegado a onze metros de altura, o Cuyabá dez metros na Capital; e o Guaporé, no forte do Principe da Beira, a egual altura, já observada pela comissão de 1782 e ultimamente por nós comprovada.

Mappas do seculo passado (18°) traçam as innundações periodicas dos Xaryés, desde o „Julgado de São Pedro d'El-rey" (Poconé), no parellelo de 16° 16', estendendo-se por quasi todo o percurso de São Lourenço e do Taquary, lá bem de perto de suas cabeceiras, até abaixo do parallelo 21°, ao Sul do „Fecho dos Morros". De outro lado, o Paraguay, internando-se entre montanhas, ou pequenos albardões, sobre o terreno da sua margem direita, desde o Jaurú, penetra por entre as serranias da Insua, Pedras de Amolar, Dourados, Xanés, Jacadigo, Albuquerque etc. paredes que, mesmo na secca, lhe deixam entradas francas para as lagoas, ou, como aqui as chamam, b a h i a s de Uberaba, Gahiba, Mandioré, Caceres e Negra, e ahi, reunido a esses já por si vastos lenções de agua, muitissima accrescentada pelas torrentes de alluvião, espraia-se, cobrindo enorme territorio, onde as estreitas depressões do terreno, já aproveitadas pelas primeiras escoantes das chuvas, se tem convertido em rios; onde os brejos e almargeaes se hão mudado em lagos; e agora, reunidos em um só corpo seus immensos cabedaes, se vão elevando no solo, vão submergindo, pouco a pouco, os albardões e tezos, vão ilhando as montanhas e cobrindo as florestas; e, desde os cantrafortes do Aguapahy, até ás serranias de Salto, na republica Argentina, nos Slanos de Manso, confundem-se com o Pilcomayo, o Bermejo, o Salado e todos os rios e corixas intermediarios; abraça o Paraná que, por sua vez, já tem represado as aguas dos seus tributarios orientaes, e submergido as verdes coxilhas do Corrientes e Entrerios; une-se com a vasto repositorio da lagoa Iberá que, ora, se apresenta com quinze leguas do largura, como a encontrou Parchappe, ora, com cincoenta, como a viu Azara: toda essa massa de agua torna-se um verdadeiro oceano."

Do acima exposto, avalie o leitor o que tem de admiravel esse rio gigante, fundo e lento, e, por conseguinte perfeitamente navegavel, desde o Atlantico, até São Luiz dos Caceres (Villa Maria), no immenso percurso de cerca de quatro mil e quinhentos kilometros! . . .

Capitulo XXVI.

Os religiosos, de quem fui hospede, em Cuyabá, Poconé e Caceres, pertencem á Terceira Ordem Popular, recentissimo ramo da familia franciscana, cujos estatutos trazem a approvação do Papa Pio X.

É sabido que a nota caracteristica d'essa ordem, em todas as suas ramificações, é a pentitencia. Si ha logar em que esse ponto seja observado é certamente o Matto Grosso. A intenção d'esses religiosos é, sem duvida, a estricta observancia das regras do seu santo fundador; penso todavia que, si aquelle austero Patriarcha, pudesse voltar do seu tumulo, apparecer em Matto Grosso, e assistir ás longas viagens, ás intemperies e aos trabalhos quasi sobrehumanos de todo a especie de seus filhos, dar-lhes-ia aquelle conselho tão acertado e racional, que seu Superior Geral, vindo de França, ha poucos annos, lhes deixou como lembrança: que trabalhassem muito pelo bem das almas, mas que se alimentassem do melhor modo possivel. Penso da mesma forma.

* * *

Os que conhecem as amplidões mattogrossenses, costumam dizer que Corumbá é o fim do mundo. Quando, em verdade, lá aportei, depois de cinco noites e seis dias de viagem, foi esta a impressão que tive. Cuyabá, fica um pouco alem . . . não mais de sete dias e sete noites de vapor!

Mas, n'essa longinqua Capital, encontrei um pequeno oasis e tambem um campo a cultivar, e essas circumstancias mitigaram o peso de exilio. Ao embrenhar-me porem, nos sertões, em demanda de Caceres, me senti novamente só, e pareceu-me que havia mil annos não via nem fallava com os bons amigos que deixara no Rio.

* * *

Chegamos á cidade de Caceres, (onde era meu desejo demorar-me uns oito dias) a vinte seis de Abril.

Tres dias antes, partira o ultimo paquete. Não desanimei, confiando na boa estrella que me acompanhava. No dia seguinte, pro-

Grupo com Dom Luiz Gallibert

curei informar-me, e soube que estava a chegar, dentro de dois ou tres dias, um paquete extraordinario. De sorte que, depois de oito dias de estadia, pude embarcar em demanda de Corumbá!

Apesar d'essa demora regular em Caceres, não se me apresentou o ensejo de dirigir a palavra ao povo; e tive pena por ter sabido que muitas pessôas contavam com isso.

Em fim, que fazer?

O paquete que deveria tomar era o „Itaqui", do Lloyd Brasileiro, menor mas superior aos outros e mais confortavel, pois, em logar de camarotes acanhados e abafados, tem uma bonita e arejada sala-dormitorio, com dez camas em redor, folgada e elegantemente dispostas. O preço ordinario da passagem, subida ou descida, em primeira classe, é de oitenta mil reis.

Como porem essa viagem era extraordinaria, e como, na volta, tudo que entrasse nos cofres do Lloyd era inesperado, achamos natural que, sobre os oitenta mil reis houvesse um abatimento razoavel. Pois, meus senhores, foi isso mesmo . . .

O commandante, em nome do Agente de Corumbá, participou-nos que, por isso mesmo que a viagem era casual, cada um de nos pagaria cem mil reis! . . . A conclusão, si não foi logica, foi muito conforme ao estylo da tera . . . No dia quatro de Maio, sabbado, ás quatro e meia da tarde, desatracava o I t a q u i de elegante portinho, em busca de Corumbá.

Pouco antes, fizera minhas respeitosas despedidas do bondoso Dom Luiz Gallibert, dignissimo Bispo de São Luiz de Caceres.

O clerigo Frei Fillippe foi meu companheiro até ao Rio, de onde deveria embarcar para a França, sua patria. Os bons amigos Franciscanos acompanharam-nos até a bordo.

* * *

O Tenente Djalma Dutra dissera-me, no Rio, que a ida a Matto Grosso é ardua, devido ao progressivo augmento das asperezas do caminho, dando-se na volta justamente o contrario.

Comparando effectivamente o doce deslizar do Itaqui, aguas abaixo, com a recente travessia de cincoenta e tantas leguas por serras, mattas e pantanaes, era bem facil sentir-lhe a differença.

O começo da viagem foi deveras aupicioso. A tarde agradavel, soprava ligeira viração, e as aguas do rio, em enchente, rolavam anciosas em busca do longinquo Oceano . . .

Postado á proa do esguio Itaqui, ahi conservei-me até o cahir da noite, contemplando as magestosas e sombrias ribanceiras do inolvidavel Paraguay.

Collegio das Irmans de Caceres

Ao alvorecer do domingo, aportamos ao chamado Saladero, antiga fazenda do Descalvado.

Guardo d'essa localidade, pelo que ainda é, e mais, pelo que foi, agradaveis e fortes impressões. Imaginem que, com surpresa, ahi encontrei o que não possue nem a Capital do Estado, nem a propria Corumbá, cidade esta sem duvida, a mais adeantada e progressista do Estado. Descalvado, perdido n'essas regiões primitivas, tem tambem seu porto! . . . Si não é uma obra prima, offerece aos transeuntes a maior commodidade. É um como soalho solido e espaçoso, feito de planchões, permittindo ao passageiro a sahida e a entrada, a bordo, sem a retrogada e já intoleravel dependencia de botes e canoas.

É extraordinario o que d'essa fazenda me referiram. Foi seu proprietario o fazendeiro João Carlos Pereira Leite, tio do actual deputado federal, Dr. Carlos Pereira Leite. Ninguem sabe ao certo a extensão d'essa fazenda, nem o gado que então possuia.

O calculo, que mais parece approximar-se da verdade, é que a superficie do Descalvado attinge a cerca de trezentas leguas quadradas, e que, quando foi vendida, trinta ou quarenta annos atraz, tinha pelo menos duzentas mil cabeças de gado! Houve quem me assegurasse que passava do dobro.

E querem saber por quanto foi vendido esse mundo de incalculaveis e inestimaveis riquezas?

Por quatrocentos contos! De sorte que só o gado, acceitando o calculo minimo, representaria os quatrocentos contos, vendendo-se cada boi a dois mil reis!

O primeiro comprador foi um uruguayo, o qual, depois de durante alguns annos, ter tirado grandes lucros, vendeu-a a uma companhia belga por dez mil contos!

Essa companhia encheu-se com os proventos diversos de Descalvado. Basta dizer que nas mattas e campos havia gado em tal abundancia que, durante dez annos, ella forneceu a uma empresa européa trinta mil cabeças por anno.

Poucos annos atraz, a companhia belga vendeu a mesma fazenda não sei por quantos mil contos, ao tal Syndicato de que faz parte o famoso e mirabolante norte americano Farquahr, o qual, si não me falha a memoria, pretendia, não ha muito, comprar todas as empresas e companhias do Brasil e . . . da lua tambem.

* * *

Hoje em dia, os proprietarios de Descalvado são norte-americanos, inglezes, e belgas.

A fazenda é limitrofe, em grande parte, com a Bolivia. Os bolivianos vizinhos, como bons salteadores, formam, de vez em

quando, grupos de quarenta ou cincoenta homens, a cavallo e, bem armados, invadem a fazenda roubando gado a mais não poderem. Por isso o Syndicato mantem em pé de guerra, uma policia de vigilancia, armada até aos dentes. Nos encontros ha grandes combates, ferimentos e mortes.

As autoridades dos dois paizes não se incommodam por tão pouco, e tudo fica no mesmo . . .

Outro inimigo do gado são as onças, que as ha em grande quantidade.

Para diminuir o numero, a administração da fazenda paga aos seus proprios empregados, vinte e cinco ou cincoenta mil reis, por cada couro, conforme o tamanho.

* * *

Dá-se, aqui, um facto interessante. A seis leguas de Saladero, ha uma aldeia de indios mansos, mas não civilizados. São bororós. Na aldeia ficam os velhos e as creanças. Os outros são empregados na mesma fazenda, como campeiros, homens que vivem, pode-se dizer, a cavallo. Em Descalvado trabalhadores e empregados brasileiros não ha. Os poucos, que não são indios, são bolivianos.

Esses indios, uma vez por anno, vão passar um ou dois mezes em sua aldeia, para matar a nostalgia da floresta.

No Saladero (permittam-me conservar-lhe o nome extrangeiro, mas de cor local) que tem grandes machinismos para o estracto de carne e outros fins industriaes, existe tambem uma capella regular, consagrada a São Pedro.

Os Franciscanos de Caceres são bemquistos á Administração e visitam, de vez em quando, a capella, especialmente por occasião da festa, em Junho. Conhecendo o zelo d'esses sacerdotes, fiquei impressionado ao saber que esses bororós embora mansos se conservam pagãos. A razão é que o terreno para a catechese é absolutamente ingrato. A fé amortecida e o mau exemplo dos civilizados, assim como o vicio da embriaguez, tão funesto e generalizado, e finalmente a impossibilidade de os isolar dos máos elementos, tudo isso tornaria inutil o acto do baptismo. Constam-me até que elles fariam empenho em receber este sacramento, para terem bons padrinhos . . .

Ao chegarmos, eu e Freiu Filippe Chabanier, desembarcamos, e fomos passear, apreciando ligeiramente a residencia do Director, a qual apresentava um certo apuro, a capella, numerosas cazinhas de operarios e o grande edificio de engenhos, machinismos, etc.

De volta, avistei, á direita, vindo em nossa direcção tres mulheres e algumas crianças. Suppuz que me chamariam para fazer

algum baptisado. Não era isto. Fizeram o que aquella boa gente costuma fazer, quando recebe a visita dos missionarios. Um menino trazia embrulhado, no lenço, tres ovos; e uma menina, envolta em outro lenço um bonito frango. O grupo approximou-se fazendo-nos o singelo offerecimento.

Esse quadro inesperado transportou meu espirito aos remotos tempos em que as nações christans, ainda na sua infancia, amoldavam docilmente seus corações á simplicidade e á pratica do bem.

Esse facto commoveu-nos profundamente.

Em seguida, mostrando-lhes meu agradecimento, respondi que não podiamos receber o presente, dado de tão bom coração, por termos de seguir viagem. Accrescentei que brevemente teriam a visita dos Padres de Caceres, para quem unicamente deveriam reservar quaesquer offertas. E com isso deram-se por satisfeitos. Dei-lhes umas medalhas com que mais se alegraram, e despedimo-nos.

Dera-se com o Itaqui um caso novo. Um negociante brasileiro de Caceres, achando-se em Corumbá, convenceu o agente do Lloyd a que lhe facilitasse a viagem extraordinaria do pequeno paquete, compromettendo-se, em lá chegando, conseguir do commercio local uma carga compensadora para a volta. A promessa não podia ser nem mais patriotica nem mais conveniente; mas o nosso homem, em se apanhando em terra, servidinho, deixou o Lloyd a ver . . . navios vasios e nem um kilo de carga.

O que salvou a viagem foi a firma extrangeira do Descalvado, com umas trinta toneladas de mercadorias.

Estranho patriotismo o de muitos que clamam, a cada instante, em doces brados de nacionalismo . . .

Ás nove horas, o Itaqui começou a levantar ferro, e, d'ahi a poucos momentos, singrava as aguas como veleiro do vento em popa. E, n'esse movimento quasi vertiginoso, continuou ininterruptamente até as sete horas.

Era noite cerrada, quando arribamos a mais um porto commodo e firme, pertencente á fazenda da Conceição. Entre os de bordo e os que estavam em terra, houve comprimentos e conversas, *ás escuras*, pois ninguem se via.

Foi quando ouvi o fazendeiro confirmar a um companheiro de bordo, e que este me contara pouco antes, a saber:

Dois ou tres mezes antes, apparecera, n'aquellas cercanias, tal invisão de *mosquitos feras* que, em diversas lovalidades, ao amanhecer, encontraram gallinhas e caes mortos, sem uma gotta de sangue, no corpo, tal a furia famelica com que lh'o chuparam. Os indios, como é sabido, pintam o corpo de urucum, especie de couraça contra as mordeduras dos mosquitos e outros insectos.

Pois bem, n'essa mesma occasião, nem as fogueiras nem o urucum conseguiram defender os pobres selvagens, installados miseramente, ao longo do rio, os quaes, com supplicas e lamentações pediam, aos que passavam embarcados, redes ou outras defesas contra a ferocidade d'aquelles animaes envenenados.

Na fazenda da Conceição, a demora foi pequena, proseguindo a viagem, toda a noite, sem novidade. Na segunda-feira, ás sete da manhã attingiamos o morro e bahia de Uberaba. O morro ergue-se suavemente; é elegante, silvoso e não muito alto.

Desde o amanhecer d'esse dia, a natureza torna-se mais expansiva e risonha. As extensas bahias, ou melhor, lagoas, que attravessamos, parecem campinas ajardinadas nutridas de viçoso frescor. Á direita acompanham-nos, como bons amigos, pequenos declives, morros e serras, dando áquella paisagem maravilhosa um fundo de admiravel belleza.

Em nenhum logar, talvez, como n'essas partes é dado apreciar tão bem o serpear solemne do grandioso Paraguay, deslizando sereno por interminas e solitarias planuras.

Nas primeiras horas d'esse dia avistei, a certa distancia, um lindo e soberbo veado. „Veado (diz Auleto) é quadrupede ruminante, de cornos ramificados". Pois em Matto Grosso, não é assim. Quando esse animal não tem cornos ramasos, chama-se veado; quando os tem, c e r v o. Tanto uns como os outros, de ordinario, vão em bandos. Erão, pois, oito da manhã, quando, lá no meio de um capimzal encharcado, vi um d'esses c e r v o s, de cabeça erguida, orgulhoso de sua galheira. Esse animal asseguraram-me que sóe ter a altura de um boi.

Pelas oito e meia, chegamos ao morro e bahia da Gahyba. Lá pela extremidade d'esta bahia, á direita, descortina-se um grande marco branco, indicando os limites do Brasil com a Bolivia.

O morro da Gahyba e os outros que cingem o fundo d'essa vasta e graciosa lagoa, formam um quadro magnifico; Foi aqui que me mostraram, á beira do rio, o celebre M o r r o d o L e t r e i r o assim descripto pelo Dr. Severiano: A margem meridional e direita do canal (na Gahyba) é montuosa, sendo prolongamento das serras dos Dourados. A fronteira é baixa, como toda a margem esquerda do Paraguay, principalmente n'esta região, que parece ser a mais baixa de todo o estuario.

Ahi, no começo do canal, a uns quinhentos metros do rio, ha outro massiço de gneis, em direcção SE.-N O, conhecido pelo M o r r o d o L e t r e i r o : n'uma face, cortada a pique, e como se fora adrede preparada, estão gravadas, por mão de homem selvagem, sem duvida, os seguintes signaes, conhecidos pelo titulo:

L e t r e i r o   d o   G a h y b a. Alguns delles estão feitos abaixo do limite das aguas naturaes, e só no tempo da baixa dos rios, podem ser vistos. Parecem ser a reprsentação do sol, lua, estrellas, serpentes, mão e pé de homem, pata de onça e folha de palmeira, no mesmo genero das de quasi todos os encontros nos i t a c o a t i a r a s do Brasil.

* *
*

N'essa bahia, só de certa distancia para alem do logar onde estavamos, é que se vê um como lençol immenso de aguas, formando uma especie de lago tranquillo, ou mediterraneo. D'ahi para cá, até ás margens do rio, não apparece agua, mas sim um immenso capimzal verde-amarello.

Aquelle novo espectaculo impressionou-me, parecendo-me ver, não uma vasta e agreste campina, mas um campo cultivado. Soube então, com pasmo, que o que eu presenciava era, de facto, um extenso arrozal silvestre.

Esse arroz é como o nosso, mais miudo e do mesmo gosto.

Os indios é que o aproveitam, introduzindo-se ligeiramente com suas pirogas, e batendo com as mãos nas espigas maduras, fazendo-o cahir na pequena embarcação.

Essa planta, de um metro e meio a dois de altura, emerge das aguas dois ou tres palmos.

Isso que vi e me contaram, se encontra descripto na viagem do senhor Hercules Florence, n'estes termos:

„N'essas vastidões alagadas, cresce, em grande abundancia, o arroz selvagem, cuja altura excede de sete a oito pés, quando muito.

Quando os Guatéz, indios canoeiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e, n'um instante as enchem, até os bordos.

* *
*

Continuando nossa derrota, vimos pela frente, um grande bando de lontras, singrando socegadamente o leito do rio.

Ás onze e meia, alcançamos o Acorizal, logar, como de costume, de um unico morador. Ahi vi, pela primeira vez, um rebanho (como la dizem), isto é, um grupo de doze ou quatorze eguas, e um cavallo pastor.

Mais adeante, appareceu, sobre uma arvore proxima, um pato silvestre tal qual os de casa.

Toda minha viagem ao Matto Grosso, ida e volta, teve logar no tempo das chuvas. Eis porque não me foi dado assistir a esse

movimento jubiloso de milhares de creaturas animadas, que povoam os sertões e, mais ainda, as margens viridentes dos rios, dando aquellas regiões uma semelhança da obra da creação.

Mas, n'esse dia inesquecivel, seis de Maio, tive a ventura de formar uma idéa d'esse resurgimento a nova vida, após o desapparecimento das ultimas aguas.

O dia era bellissimo, animado por leve e doce aragem, a qual, subindo brandamente pelo rio, e roçando-lhe a superficie, agitava as ondas, parecendo-nos que navegamos em bonançoso mar ligeiramente encrespado.

É por isso, com certeza, que esse dia foi muito saudado pela bicharia volatil e aquatica.

Entre meio dia e uma hora, eis que nos toma a frente uma verdadeira nuvem de gaivotas, alvas como a neve e de um tamanho nunca visto. Como erão bellas!

Depois de alguns minutos, deixando o leito do rio, desviaram-se para a esquerda, pousando sobre a relva da campina.

Ás duas horas da tarde, estavamos em frente á desembocadura do São Lourenço. A foz do rio fica á nossa esquerda; do lado opposto, alevanta-se, não longe, o chamado Morro do Amolar: é um grupo de montes e montanhas, sendo que a principal lhes dá o nome, formando um conjuncto imponente e pittoresco.

Ás tres e meia, estavamos em frente á pequenina povoação do A m o l a r : diminuindo a marcha, emquanto a canoa de bordo levava uma carta e de la voltava. Logo adeante, appareceu-nos uma multidirecções; e quando lhes chegavamos pertinho, levantavam o vôo, dão de b i g u á s , nadando e mergulhando alegremente, em todas as cahindo, um pouco adeante, novamente n'agua.

De aves aquaticas, com esse nome, ha duas qualidades. Os que acabo de apontar vão sempre em bandos, tem parencia com patos de poucos mezes, são pretos e deselegantes.

Os outros vão desacompanhados, um por um. São pernilongos, pescoço alto e fino, azas cinzentas, peito e collo brancos. São de uma belleza columbina e, embora aquaticos, vem-se quasi sempre descançando sobre um ramo, na margem do rio.

Pelas quatro horas, paramos para tomar lenha, em Dourado. Ahi lembrei-me novamente d'aquella maravilha da antiguidade . . .

Vi uma grande canoa, suspensa no ar, transformada em horta. N'ella, em tamanho e viço, primavam as couves.

Puzemo-nos de novo em marcha, e o Itaqui, sem encontrar empecilho, corria veloz em busca de sua meta.

Deitamo-nos satisfeitos, que a fortuna não nos podia ser mais propricia. Eis senão quando, ás duas da madrugada, saccode-nos de

subito formidavel solavanco, parando o Itaqui onde estava: um incidente qualquer partilhara-lhe o leme, quando, d'ahi a algumas horas, pensavamos poder cantar victoria.

E bem depressa verificamos o que era de esperar: a absoluta falta de previdencia em todas as empresas de caracter official. Não havia um leme, nem de madeira, que nos pudesse valer.

Valeu-nos a Providencia. Achava-se casualmente, a bordo, um mecanico polaco que, mesmo desprovido de ferramenta necessaria, poz mão á obra, para preparar as duas peças de ferro partidos, auxi-

A mulher do cigano

liado pela boa vontade da tripulação. Mas por muito que se esforçassem, o trabalho foi moroso, e só as nove, conseguimos partir. D'ahi a duas horas, lá no fundo da planicie, vislumbramos, um pouco acima do nivel, a suspirada cidade de Corumbá.

Um mixto de esperança e jubilo produziu, entre todos, justificado alvoroço.

Pelas doze e um quarto, fizemos a ultima parada, para tomar lenha, n'um logarejo cujo nome, si o tem, não me recorda.

Junto da ribanceira vê-se pequena palhoça. Ao pé, uma arvore ergue seus galhos desfolhados, sobre os quaes os periquitos barulhentos conversam entre si com vivacidade. Uma mulher voltada

para nós, cigarro na bocca, e assentada philosophicamente no chão, é rodeada de quatro crianças. Uma pilha de achas fica-lhe ao lado.

Interrogada pelo nosso commandante, sobre o preço da lenha, respondeu-lhe em duas palavras, sem se mexer, sem pestanejar, e conservando autoritariamente o cigarro entre os labios.

Demoramo-nos quarenta e cinco minutos e seguimos.

As aguas do rio estão quasi a transbordar pela planicie, permittindo que avistemos a cidade em seus menores detalhes.

Das onze em diante, o Paraguay move-se magestosamente, ora para a direita, ora para a esquerda, dando voltas gigantescas, como si quizesse demorar, quanto possivel, sua chegada, com o fim de descobrir e conhecer as maravilhas e riquezes d'aquellas mattas, cerrados e campinas.

Ás tres horas da tarde do dia sete de Maio, fundeamos no porto de Corumbá.

Capitulo XXVII.

Antes de fallar nas novas impressões recebidas em Corumbá, vamos a algumas noticias recentes.

O que logo me impressionou foi um telegramma, do Rio, dizendo, que o partido celestinista alijara da lista dos seus candidatos, á representação federal, aquelle que elevara o mesmo partido á maior altura, isto é, o general Caetano. Seria possivel? Sem duvida! E posso affirmar que nunca o celestinismo deu a seus adversarios politicos maior prazer.

Não fosse a inquebrantavel energia do general e sua conciencia limpa, encarando sobranceiro as funestas descahidas da politica, e esse golpe cruel o teria prostrado para sempre. Mas . . . demos tempo ao tempo: a boa razão, estou certo retomará seu posto, reparando os homens o mal que fizeram. [1])

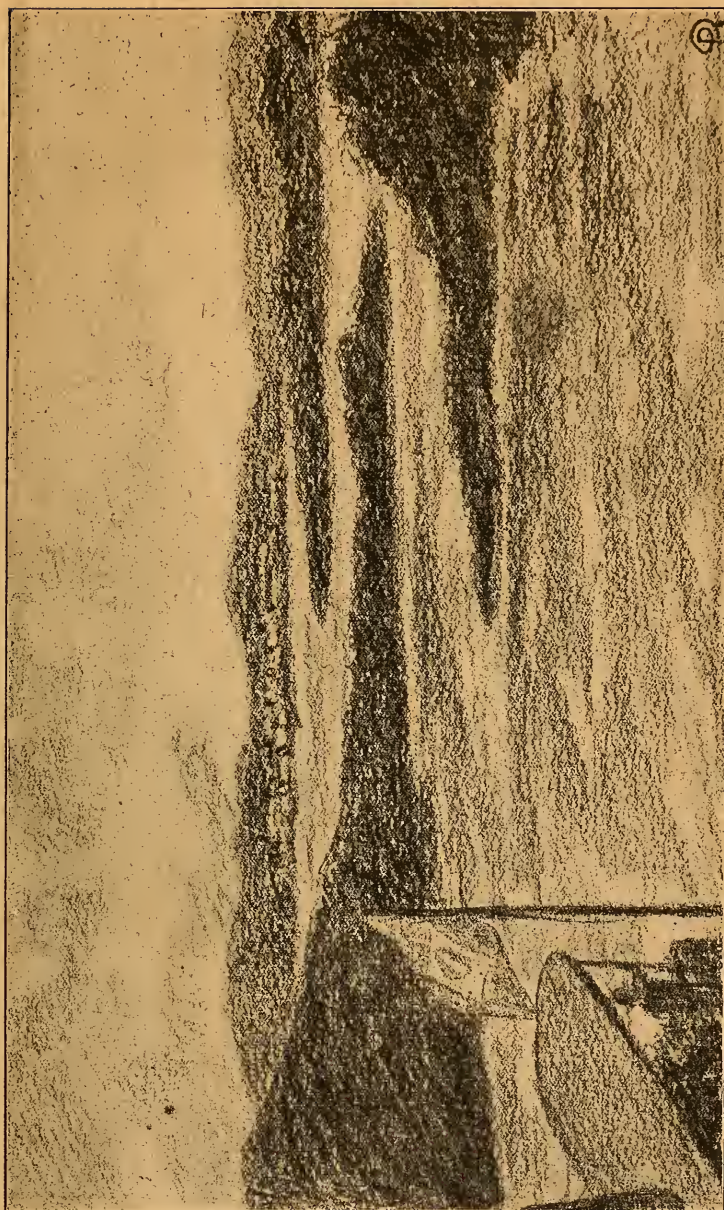
---

[1]) - Confesso que d'essa vez, errei redondamente, em minhas previsões. Os acontecimentos politicos que tiveram logar cerca de dois annos mais tarde vieram provar precisamente o contrario. Mas que é que se não pode esperar de politica e dos politicos?

Durante minha viagem, de ida ao Matto Grosso, conversando certa occasião com o senhor Francisco Corrêa sobre este assumpto, manifestei-lhe o meu juizo francamente desfavoravel ao chefe do Azeredismo.

O meu amigo respondeu-me fleugmaticamente que os homens de um dos dois partidos equivalem aos do segundo e vice-versa.

E não é que tem razão?

Antes tarde de que nunca.

De volta para Corumbá

Achava-me ainda em Caceres, e, uma tarde, ouviu-se o estourar de foguetes. Correu então o boato que os azeredistas estavão jubilosos por não ter sido reconhecido (conforme fora estipulado) senador o Coronel Pedro Celestino. No dia seguinte, as cousas mudaram: os celestinistas festejavam, com conhecimento de causa, seu prestigioso chefe, como novo senador da Republica.

No dia 3 de Maio, registrei, em Caceres, tres cartas: uma para São Paulo e duas para o Rio. Estas ultimas deviam chegar ao seu destino, no dia 15 do mesmo mez. No dia 20, por occasião de minha chegada, nada ainda haviam recebido. É que o agente do Correio de lá é muito prudente e reflectido e fez, supponho, este raciocinio: Não é admissivel que estas cartas, seguindo até Corumbá, no mesmo Itaqui, tomem a deanteira ao remettente! E que fez o homem, para evitar esse inconveniente? Tomou as trez cartas, trancou-as zelosamente, durante dezesete dias, em uma gaveta, e, quando teve a certeza de que nada mais valeriam, para cá as remetteu. E forão por mim recebidas (juntamente com outras cartas de Caceres, remettidas a 20 de Maio) no dia 6 de Junho! Serviço digno de louvor e de recompensa . . .

* * *

Em Matto Grosso, tirante a cidade de Corumbá, algum tanto cosmopolita, é reduzidissimo o elemento estrangeiro. Todo o Estado porem está invadido, relativamente fallando, pelo commercio turco, o qual, na cidade de Corumbá, estabeleceu seu quartel-general.

Os turcos ou arabes (assim muitos preferem chamar-se) ganham perfeitamente sua vida por qualquer systema. No Rio, por exemplo, enriquecem, fazendo concurrencia, sem treguas, ao commercio honesto. Vendem muito, pelo custo e abaixo do custo, o que as más linguas attribuem á porta commoda do contrabando. Em Matto Grosso, pelo contrario, ganham mais ainda, escorchando impiedosamente a humanidade.

Vamos a um exemplo. Em 27 de Fevereiro, antes de embarcar para Cuyabá, comprei, na porta do hotel, uma duzia de laranjas boas por quatrocentos reis. Achando-me agora hospedado no Collegio dos Salesianos, dei a um menino quatro centos reis para o mesmo fim. Vieram as laranjas que, pela feição, pareciam ter sido colhidas, um ou dois mezes antes; erão pequenas, murchas e azedas. E o seu preço? Cem reis cada uma! Soube pelo portador que o quitandeiro era turco.

Por fallar n'esse povo, contra o qual não tenho a articular a menor queixa, um facto significativo tem-me sempre causado im-

pressão. Em todas as colonias estrangeiras, domiciliadas no Brasil, ha gente boa e gente ruim. Muitas vezes, com effeito, continuam, em sua patria adoptiva, a praticar, como na de origem, os mesmos actos de religião, particularmente frequentando os sacramentos. Os turcos, salvo talvez uma ou outra excepção, como estão em paiz catholico, proclamam sua catholicidade mas não passam d'ahi. Esse facto, que não admitte contradita, é inexplicavel e desolador!

Elles, em geral, si são catholicos, não tem fé, e, si a tem, está completamente amortecida!

Quanto aos catholicos turcos do Matto Grosso, disse-me alguem, são todos elles muito bons . . . mações!

Aliás, isso, por lá, nada tem de estranhavel. Diversas pessôas conceituadas garantiram-me que, n'esse longinquo Estado, os homens de dinheiro cahiram, um por um, nas malhas da seita. Não posso acreditar que as cousas tenham chegado a esse ponto, mas não duvido em assegurar que uma das causas do abatimento religioso e moral n'aquellas regiões deve ser attribuida á sua deleterea influencia.

* * *

Um ponto, que não deve ficar no olvido, é o da imprensa. A impressão que me deixou a do Matto Grosso é triste.

Para confirmar o que digo, vamos aos factos, começando pela Capital.

Minha ida a Cuyabá, e a pregação, durante quasi um mez, feita na Cathedral, foi um caso virgem, e portanto um facto extraordinario.

Ha n'essa cidade varios periodicos, de orientação diversa; pois bem, nenhum d'elles, exceptuada a *Cruz*, escreveu uma linha, fazendo referncias, boas ou más, o tal acontecimento. Qual a causa d'essa anormalidade? Seria antipathia ou prevenção? Nada d'isso.

A ultima razão encontra-se na mais apathica e absoluta indifferença. Esse facto impressionou-me, e um amigo, a quem manifestei minha estranheza, disse-me, com franqueza que si eu fizesse uma visita á imprensa local, esta se mostraria muito gentil e satisfeita para commigo. Entretanto, não me pareceu opportuno esse alvedrio que, seguido, poderia, na opinião dos homens sensatos, significar, de minha parte, desejo de exhibição. Alias meu modo de pensar era o seguinte: si a imprensa nada tinha que ver com a minha apagada personalidade, não podia furtar-se ao dever de informar, sobre o assumpto, seus leitores, como sabem fazer os jornaes de qualquer cidade culta do mundo.

Em Caceres já não foi assim; a *Razão* acolheu-me cavalheiramente e, em Corumbá, a *Tribuna* deu tambem uma noticia

muito amavel a meu respeito. Registrando com reconhecimento o nome d'esses dois jornaes, aos mesmos envio meus sinceros agradecimentos.

Todos ou quasi todos os jornaes tem cor politica, pendendo para este ou para aquelle dos dois partidos dominantes. Por isso estranhar-lhes a virulencia da linguagem seria pueril. Garantiram-me todavia que a imprensa da azeredismo, em violencia e desenvoltura leva a palma sobre a rival.

Caceres possue um d'esses jornaes; seus redactores, porem, achando-o insufficiente, para n'elle ilustrar seus *nobilissimos ideaes*, deram-lhe um herdeiro ou por outra: ao jornal official do partido derão um *filhote*.

Ahi, sim, é que o tartufismo da litteratura barata, embuçado na capa do anonymato, pode dizer impunemente causas inauditas, no genero açougueiro, taverneiro e prostibular. E não pensem haver exagero, no que digo, devo antes accrescentar que não podia ser de outra forma. É facil comprehender o caso com uma simples comparação. Ponhamos o *filhote* junto ao *pae*. Si este que tem por missão *tratar ponderadamente das cousas graves da politica*, deixa a cada instante de lado a compostura e arregaçando as mangas, investe truanescamente sobre seu adversario; que é que havemos de esperar do filhote, mascarado, licencioso e debochado?

Caceres, convem que o repita, é a localidade que mais agradavelmente me impressionou, pelo bom trato que tive da população, por seus edificios e particularmente por sua encantadora posição topographica.

Pois foi ahi que teve logar o incidente que vou relatar.

Dois ou tres dias, após minha chegada, appareceu um numero da tal *filhote*, digno espelho de seus autores. Toda a população, exceptuada, já se sabe, aquella meia duzia de cafagestes, ficou pasma: o *filhote* do jornal azeredista noticiava minha chegada a Caceres, com expressões gratuitamente desabridas e canalhas. Muitos acharam que eu devia reagir *hinc et nunc*, mas de um modo efficaz e na altura da petulante aggressão. Reflectindo, senti repugnancia, aguardando opportunidade, melhor As informações obtidas é que me levaram a isso. Alguns bons cacerenses, receiosos de que eu pudesse formar d'aquella população juizo menos favoravel, scientificaram-me do que havia, mostrando-me uma folha avulsa, assignada por Luiz Reynier, e publicada, poucos annos antes, na qual determinado sujeito era exemplarmente vergasteado, sendo tratado de cão para baixo.

Em Matto Grosso, não ha segredo de officio, e menos de imprensa Por isso, os meus informantes estavão ao par de tudo, apontando o mesmo capadocio como unico autor da alludida noticia.

Não se tratava de um mattogrossense, nem de um brasileiro, e sim de um fuão a tôa, portuguez degenerado, capaz de tudo que o possa aviltar. Para esclarecer melhor o caso, accrescentarei que, n'essa cidade, vive um cidadão de avançada idade, alta patente reformado, o qual é um anti-clerical figadal, um papa-padres; em resumo: um mação de escol. Por isso, quando o tal barbosa, aportou áquellas plagas, annos atraz, achou o terreno propicio para typos de seu jaez. E o reles sabujo não perde vasa em patentear sua subserviencia para com os poderosos e endinheirados. E aqui termina a historia.

Capitulo XXVIII.

Estamos de novo em Corumbá. As impressões, que ora recebo, são completamente differentes, para melhor. Da primeira vez, aqui chegara, depois de uma viagem de seis dias e cinco noites. O clima era quente, a atmosphera pesada, o povo desconhecido.

Agora, apesar de estarmos em Matto Grosso, sentem-se as doces influencias do mez das flores.

Ao nosso encontro, veio o amavel P. Dr. Hermenegildo Carrá, DD, Reitor do Collegio Santa Theresa, hospedando-nos no recemconstruido edificio que é, ao mesmo tempo ,residencia dos salesianos e Internato-Externato, frequentado pelos filhos das principaes familias corumbaenses. É um dos mais bellos monumentos da cidade, sito em frente ao grande jardim publico.

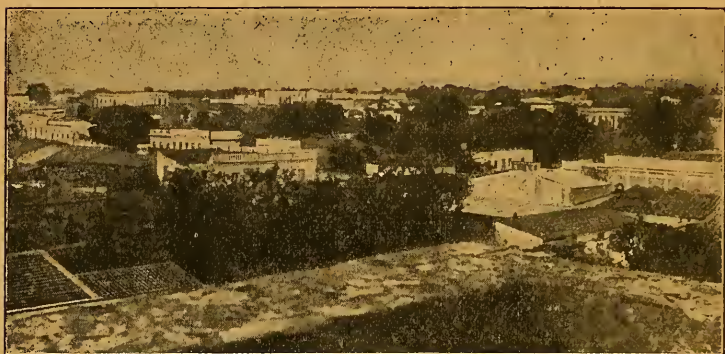
As saudades do Rio, e mesmo a necessidade que sentia de um demorado repouso, não me desviaram do plano traçado de passar alguns dias n'essa cidade tambem. Depois de quasi dois mezes e meio, passados no centro do Estado, sem estradas, sem calçamento e sem illuminação, parece-me agora que estou passeando n'uma das mais bellas metropoles do mundo. Corumbá progride a olhos vistos. N'ella constroem-se continuamente casas e palacetes: as ruas são largas e bem calçadas e ha passeios ladrilhados que podem rivalizar com os melhores do Rio.

O que essa cidade tem de desagradavel, e quizera dizer anthipatico, é sua topographia. Não ha logar de onde se possa tirar

uma vista geral. Tirei uma do terraço da torre da Matriz, unico logar melhor, e esta mesma pouco representa.

Em compensação tem uma companhia telephonica, é profusamente illuminada a luz electrica, e não lhe falta agua encanada. O interessante é que, si n'um dia faltar a agua, a luz tambem desapparece. Como assim? A mesma machina trabalha de dia e de noite. De noite, até ás quatro horas da madrugada, fornece a luz; d'ahi por deante, apanha as aguas do Paraguay, empurra-as para cima até ás maiores alturas.

Aqui, como em todos os recantos de Matto Grosso, a agua preferida para beber, e incomparavelmente melhor, é a dos poços.

Note-se que, no tocante a poços, de ordinario, não se trata da

Vista de Corumbá

perfuração do solo, até encontrar no seio da terra algum veio d'agua viva. O poço mais commum em Matto Grosso, a que chamam cacimba, na sua bocca é como os demais, mas, de facto, é um precioso deposito de aguas fluviaes, hermeticamente forrado com cimento, em seu fundo e na parede interna, para que nenhuma agua estranha possa n'elle penetrar. O dos Salesianos, em Corumbá, tem sete ou oito metros de fundo, sendo que seu diametro interno é de seis metros.

* * *

Ao chegar a Corumbá, a noticia mais fresca que tive foi o caso da policia paulista ter deportado ou exilado, para ahi, uma leva consideravel de malfeitores. O systema pode ser muito commodo, mas pouco recommendavel.

É commodo libertar-se de dezemas ou centenas de boccas de homens inuteis e perniciosos. É porem digna de repulsa a acção de transformar, n'uma especie de Sapucaia, o Estado vizinho.

* * *

Os Salesianos, ha vinte annos, que se estabeleceram n'essa cidade.

Actualmente são seis sacerdotes e um irmão leigo. Outros tantos não chegariam para o desempenho de seus mil e um compromissos. Tem a cura de almas da cidade e dos logares circumvizinhos. N'um raio de centenas de kilometros, não se encontra um sacerdote, cabendo-lhes acudir, por conseguinte, quando chamados. Mantem alem d'isso um collegio com uma frequencia media de cento e cincoenta alumnos.

As condições religiosas são em Corumbá pouco animadoras como no resto do Estado. O Internato salesiano, que devia estar apinhado, tem tres ou quatro alumnos.

O das Filhas de Maria Auxiliadora está em identicas circumstancias.

Os meninos, mal concluem os estudos, em sua quasi totalidade desertam da egreja e de junto de seus carinhosos educadores . . . A retribuição do ensino é a peior possivel. Os externos quando pagam é uma mensalidade de cinco mil reis.

A egreja Matriz, que servio e servirá de Cathedral, representa uma modesta egreja parochial da roça, desprovida até de paramentos. O padre José actualmente encarregado da freguezia, tem-se mostrado infatigavel para seu melhoramento; e o povo que não é cego já se lhe vae approximando, com sua boa vontade.

S. Rev. emprega porem o melhor do seu tempo no levantamento do estado religioso e moral de seus parochianos. Assim muitas uniões illicitas conseguio elle, com seu espirito de zelo e caridade, repor no bom caminho pelo sacramento do Matrimonio. Por elle tive noticia de um facto incrivel.

É muito commum, n'essa cidade, encontrar nos homens maior docilidade e aquiescencia do que nas senhoras, em se chegarem ao cumprimento d'essa obrigação tão grave, como consoladora.

* * *

Uma cousa insignificante e banal attrahiu minha attenção, Passeava um dia, no alpendre do Collegio ,em companhia de um sacerdote. Perto divertia-se a meninada. De repente, um d'elles armou-se de duas ou tres pedras, contra um companheiro, por uma futilidade qualquer. O meu collega observou-o e, rindo, fez-lhe uma

Collegio dos Irmans Salesianas

ligeira observação á moda de Dom Bosco; e tão efficaz foi ella que o menino se acalmou. Eis ahi uma nota caracteristica dos tempos e dos logares.

De um facto analogo tive conhecimento, occorrido em outro Instituto do mesmo Estado. Os meninos que, ao entrarem no Collegio, levarem armas, tem que deixal-as em poder do Superior da casa. Testemunha ocular contou-me ter ouvido a algum dos alumnos, em briga com o companheiro, estas expressões de amor fraterno: A que pena não ter aqui minha faca! . . .

Vamos a mais um facto. Um anno antes, na culta Corumbá, teve o publico o ensejo de assistir a um espectaculo desconhecido até então. Em plena via publica, formaram-se (para estréa naturalmente) dois bandos de meninos de dez, doze ou treze annos, com trinta ou quarenta cada grupo, todos armados de fundas, pedras e canivetes, nas extremidades de longos páos; e começou a lucta. E era de ver com que furia e valentia se atiravam uns contra os outros! A batalha não teve consequencias fataes, mas, para o orgulho de certos paes, houve derramamento de sangue. Facto edificante: Um dos grupos era commandado pelo filhinho do delegado de policia! . . .

* * *

Estava escripto (pelos menos parece) que antes de deixar o Matto Grosso, tinha de ver um pouco de tudo.

Desde que pizei terras mattogrossenses, fallaram-me das friagens, espantalho d'aquellas populações.

A transição da epoca chuvosa, para a da secca, assignala-se de ordinario pela mudança brusca do tempo.

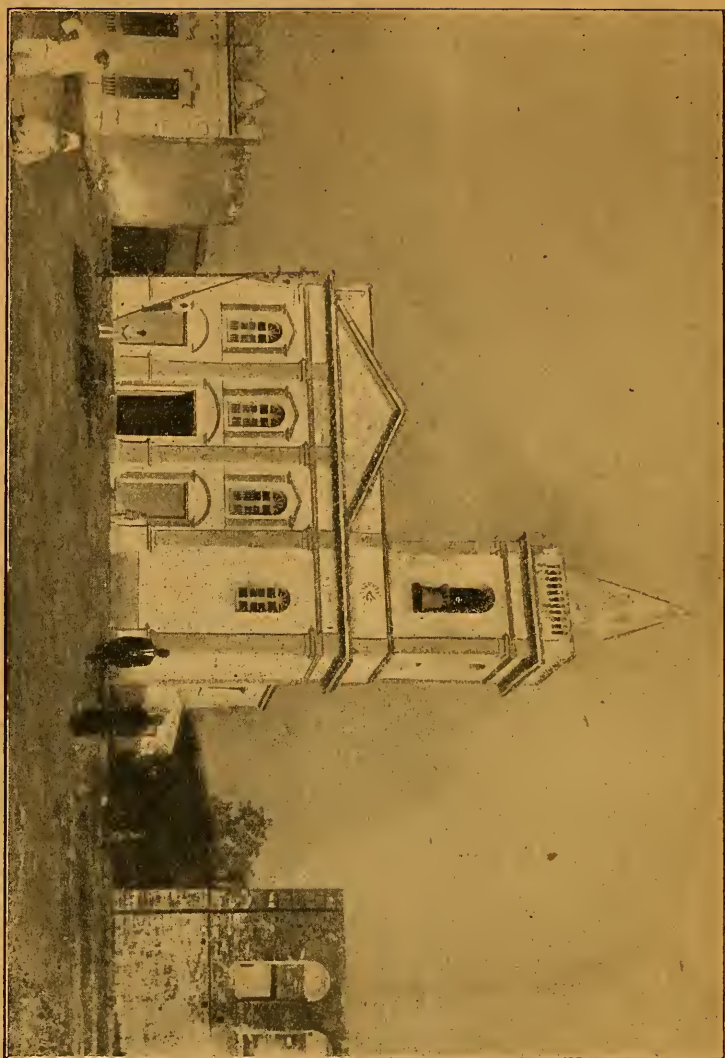
Em Cuyabá, em principio de Abril, os entendidos quizeram descobrir, nas nuvens, os signaes precursores d'esse phenomeno.

A verdade é que a estação chuvosa se manteve até o principio de Maio.

O facto mais notavel de toda e qualquer friagem é a descida rapida da temperatura.

No dia 12 de Maio, á tarde, o thermometro marcava trinta e dois gráos. A noitinha mudou o tempo, veio o temporal, cahiu aguaceiro, enchotado furiosamente pelo vento sul e, dentro de poucas horas, o thermometro pulava de trinta e dois gráos, para quatorze, dando pois um salto de 18 gráos!

Contaram-me que em certas occasiões, no decurso de uma ou duas horas, dá-se phenomeno igual.

Passa-se assim, da fornalha para a geladeira . . .

Cathedral de Corumbá

Eu, que gosto do frio, n'essa noite, ao deitar-me, não podia com elle. Mas não faltavam cobertores e passei menos mal. O mesmo não se deu com o meu companheiro Frei Filippe, alojado n'um quarto, na outra extremidade do edificio.

Ao recolher-se vio, na vidraça da janella, do lado de dentro, alguns morcegos. Parecia lhe pedirem que abrisse para poder fugir. E assim fez. Mas foi um desastre. Outros, do lado de fóra, aguardavam esse momento, e uma nuvem, como de barbaros invasores, n'um pestanejar, penetrou no quarto.

O homem, estonteado e receioso que os bichanos audaciosos o quizessem expulsar de casa, fechou de novo o quarto, para só o reabrir na manhã seguinte. Poz-se debaixo dos cobertores, passando uma noite de zum-zum infernal.

Na manhã do dia seguinte, no mesmo quarto, foram encontrados, mortos de frio, trezentos e noventa e seis morcegos!

O Pe. Hermenegildo disse-nos que nunca vira cousa semelhante, acreditando que essa nuvem de filhos da noite, fugindo precipitadamente de algum barracão, ou casa desabada, viessem em busca de um tecto amigo.

* * *

Já fallei no meu companheiro de viagem, o senhor Francisco Correia, negociante em Cuyabá.

Um dos assumptos de nossas conversas foi a insegurança e o abandono d'aquellas remotas regiões. Eis ahi um argumento de importancia capital, que tira o somno dos bons brasileiros, mas que nunca fez mossa nos responsaveis pela integridade do Brasil.

Gravemente culpados tem sido os governos que se succederam no actual regimen. Nem creio se possam considerar sem culpa os governos monarchicos.

O maior perigo vem-nos do Matto Grosso, inteiramente desguarnecido de defesa. Os que tem clamado contra isso, pregaram sempre no deserto. Deus permitta que os seus prognosticos se não realizem. Unindo-se a Argentina com o Paraguay, poderiam, subindo o rio do mesmo nome, apoderar-se facilmente de Porto Esperança e, por conseguinte, da linha Nordeste até o Paraná. Acompanhando a mesma via fluvial apoderar-se-ão com igual facilidade, de Corumbá e Cuyabá, sem a minima defesa.

O unico meio para evitar esse perigo consistiria em unir Cuayaba á Goyaz por uma estrada de ferro estrategica. Esse pensamento, disse o meu companheiro, não é novo, pois foi exposto ao conselho do Estado pelo conselheiro Beaurepaire Rouen, ainda por occasião da guerra do Paraguay.

O primeiro traçado da actual linha-ferrea Baurú-Corumbá, era perfeitamente estrategico, devendo denominar-se B a u r ú - C u y a b á, ligando entre si estas duas cidades. Para obstar a execução d'este plano previdente e admiravel, é que, segundo affirmou um ex-presidente do Matto Grosso, a Argentina deu de mãos beijadas, a alguns brasileiros p a t r i o t a s, um presentezinho de trinta mil contos de reis.

* * *

Costuma-se dizer que Corumbá é o fim do mundo. Por conseguinte quem ultrapassar este marco já caminha para alem. Esta idéa estapafurdia tem seu fundo de verdade. Diga-o eu que por lá andei. Ve-se no correr d'estas paginas, que, por toda a parte encontrei o melhor agasalho, travei conhecimento com boa gente e contrahi numerosas amizades.

Pois, apesar de tudo isto, a impressão que tinha era de que estava segregado do resto da humanidade.

As distancias são taes que causam vertigens. Só esse trecho, a vencer de um arranco, de Corumbá ás margens do Paraná, nas extremas de São Paulo, não obstante suas bellezas naturaes, causa assombro. D'ahi deprehenderá o leitor com que jubilo via approximar-se o momento de minha volta ao saudoso ponto de partida.

* * *

Ás dez horas da noite, do dia treze de Maio, deixei Corumbá, onde demorara seis dias e pouco, embarcando no ja conhecido „Fernandes Vieira".

Na terça-feira, ás sete da manhã, arribavamos em Porto Esperança, tomando ahi o trem, ás oito e um quarto, com quatro horas de atrazo. Esse atrazo vinha desde Corumbá. Ás nove e um quarto de manhã, paramos na estação de Carandayal, localidade assignalada por uma infinidade de palmeiras em forma de leques.

* * *

Si estivessemos no horario deveriamos jantar, ás cinco e cincoenta da tarde, em Campo Grande, onde só chegamos ás dez e meia da noite. Era meu intento demorar-me, ahi, uns tres dias, e valia a pena, devido ao recent e extraordinario desenvolvimento do logar. Um incidente, sem importancia, fez com que proseguisse minha viagem.

Campo Grande é uma villa florescente, elevada agora a cathegoria de cidade, e é a mais adeantada do sul do Estado, tirando Corumbá.

Sua posição geographica, em referencia á Capital, é admiravel, tanto assim que o resurgimento definitivo de Cuyabá depende do almejado ramal que, partindo de Campo Grande, e attravessando essa futurosa chapada em cerca de oitocentos kilometros, ligue esses dois extremos, beneficiando tão vastas e ubertosas terras.

Campo Grande tem tambem importancia local, ligada como está ás mais longinquas localidades do sul por caminhos admiraveilmente trafegaveis por automoveis. Só o fallar em automoveis cortando de um a outro extremo, esses até hontem mysteriosos sertões, da-nos a idéa nitida do encetado e febril desenvolvimento d'essa cidade que, poucos annos atraz, estava em seu nascedouro.

Entre os meus companheiros, de volta, achava-se o amavel e distincto Dr. Antonio Ferrarri, DD. 1º. Vice-Presidente do Estado de Matto Grosso. Acabava elle de fazer uma longa excursão pelo sul do Estado, cujas riquezas e bellezas naturaes o assombraram.

Digamos, pois, tambem dessa zona alguma cousa.

A distancia, de Campo Grande á villa de Ponta Porã, é de sessenta .leguas, ou quatrocentos kilometros. Faz-ze essa viagem e mdois dias, em bom automovel, contractado pela somma respeitavel de quinhentos mil reis, podendo embarcar, creio, até tres pessôas; o municipio é muito extensã, derramado de fazendas e grandes distancias. Assim n'esses dois dias de viagem, percorrendo duzentos kilometros por dia, passa-se pela Fazenda de Lagoinha, cabeceira de um riacho de mesmo nome, affluente do Aquidauána; fazendas de São Bento, do Turvo, de Passa Cinco e Dourados. Cada uma d'ellas tira o nome do rio que a banha.

Ponta Porã, sita no ponto limitrofe com o Paraguay, é dividida em duas partes por uma extensa avenida de oitenta metros de largura, sendo que, de um lado, é brasileira, e do outro paraguaya. A parte brasileira chama-se propriamente Ponta Porã, com mil e quinhentos habitantes; a paraguaya chama-se „João Pero Cabalheiro" e conta mil almas. O que essa villa tem de surprehendente é de ser lidinamente progressista, pois que, embora perdida n'aquellas funduras, todas as ruas seguem um traçado moderno e tem trinta metros de largo; as quadras ou quarteirões tem cento e oitenta metros de lado, seguindo os largos e praças as mesmas proporções regulares e amplas.

As casas, em geral, são de madeira e de um só pavimento. As mais modernas e de luxo foram feitas de m a t e r i a l, quer dizer, de tijolo e telha. O commercio principal consta de dois artigos: mate e couros.

O excursionista, deixando Ponta Porã, atravessa o Rio Amambay, e, seguindo o seu curso, durante trinta leguas, chega, ás oito

horas da noite, a Bajaguá, fazenda de criação de Companhia Mate-Laranjeira, e alli pernoita. No dia seguinte, desce, em direcção sul, até o rio Igautemy. N'esse rio toma uma lancha a vapor e vae descendo pelo mesmo rio quarenta leguas, até sua foz, desembocando no rio Paraná. Entrando n'esse rio magestoso, acompanha suas aguas por mais vinte leguas, até o logar „Sete Quedas" ou Quedas de Guirá.

E tudo isto percorrendo immensas pastagens, cerrados, parques naturaes, em fim bellezas edenicas de toda especie.

Já tive ensejo de fallar d'essa vegetação, propria de Matto Grosso, chamada cerrado. Assemelha-se um pouco ao que commummente chamamos capoeira. N'essas paragens o povo destingue tres cathegorias de cerrados, a saber: cerradinho, formado por uma arvore mais baixa que um homem; Cerrado, arvores mais altas, feitas cajueiros, e distanciadas uma das outras. Ás vezes são de uma unica especie chamadas para tudo. Os cerradões, finalmente, são da altura das precedentes, isto é de tres até cinco ou seis metros, porem mais densas e copadas, como se encontram nas margens do Cuyabá.

A nota caracteristica d'esses cerrados é de terem o solo limpo ou coberto de relva, podendo-se atravessal-os em todas as direcções, como succede nos cafesaes cultivados.

Os cerradões formam, aqui e alli, frondosos capões a que os naturaes chamam ilhas. Ás mattas que margeiam os rios chamam de cordilheiras . Vistas de longe, causam effectivamente a impressão, de um cordão divisorio, alem da qual está o desconhecido.

A grande riqueza dos vastissimo municipio de Ponta Porã é a herva mate. Em outros logares e Estados, essa planta é cultivada; por aqui as hervas são naturaes, e acompanham ordinariamente os rios, desde as suas cabeceiras, formando, em cada lado, uma faixa de um a dois kilometros. Assim acontece com o rio Iguatemy com umas trintas leguas de extensão; com o Amambay de umas quarenta leguas e com o Evinhama, de cem leguas de comprido.

A colheita é feita de tres em tres annos, e consiste n'este simples processo: Cortam-se ou podam-se todos os ramos da planta, excepto o broto central. Com os galhos cortados fazem grandes amarrados que transportam para os ranchos.

Essa ramagem espalha-se, dento do rancho, sobre giráos de dois metros de alto, sob os quaes accendem diversas fogueiras, para os defumar, seccar e conservar. A herva mate, depois de secca, é pulverisada e transportada, em grandes saccos de cincoenta kilos.

Ao processo de seccar e fumegar o mate denominaram: fazer o barbaquá.

As terras são ferteis e muito favoraveis ao plantio da vinha, trigo, batata ingleza, e alfafa; artigos esses que já se cultivam em grande escala.

Alem da séde do municipio, são estes os principaes nucleos da população: Dourados, Potreiro de Julio, Inhuverá e Emboscada, com trinta ou quarenta familias cada um. O resto está disseminado pelas fazendas, formando uma população total de trinta mil almas.

Os trabalhadores, quer das fazendas de gado, quer da Companhia Mate-Laranjeiras, chamam-se não camaradas, mas piões. A maxima parte são paraguayos senão de nascimento, de origem. Contractam seu serviço, anno por anno, tem casa e comida para si e suas familias e um ordenado modesto, conservando porem sua liberdade.

Os fazendeiros, em geral, são de origem paulista e riograndense. Chamam-se posseiros, por não serem, senão de facto, donos d'aquelles ferteis e immensos territorio.

Só agora, é que forão obrigados a legalizar seus titulos de accordo com uma lei especial que marca um preço minimo, tornando-os os verdadeiros proprietarios das terras que possuem e de suas bemfeitoriras.

D'essa lei são excluidos os hervaes do Estado, arrendados á Companhia Mate-Laranjeira.

N'esse futuroso e rico municipio, medram todas as fructas da Argentina, como pecegos, maçans e peras, assim como laranjas e outras mais.

No tocante á religião nem sacerdotes, nem egrejas. Existe, na séde do Municipio, o terreno para sua construcção, e um pequeno peculio de subscripção popular para o mesmo fim.

Ponta Porã acha-se a setecentos metros acima do mar; seu clima delicioso e, no verão, o termometro não sobe alem dos vinte e oito gráos. No tempo do frio, todos os annos, cahem geadas, e, uma ou outra vez, tambem neve.

Essa villa está collocada no planalto da serra de Maracaju, a qual é a linha divisoria das aguas dos dois grandes rios Paraná e Paraguay, desde Campo Grande até Ponta Porã. D'ahi por deante a mesma serra encaminha-se em direcção ao rio Paraná, aonde vae morrer.

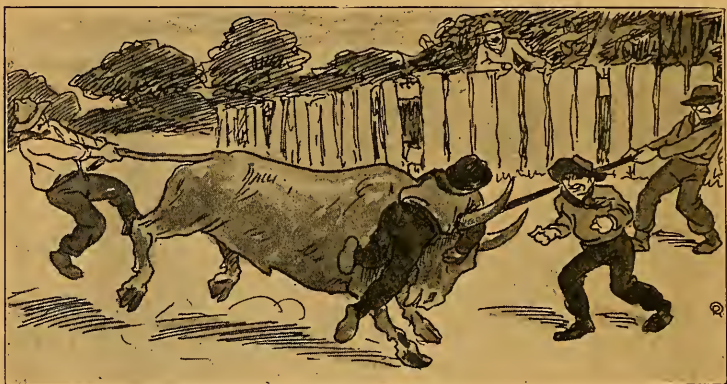
D'esse ponto para a frente, o Paraná vae delineando os limites de Brasil com o Paraguay.

Fallei, pouco acima, do logar „Queda de Guirá" ou Sete Quedas, onde já se assignalaram, não sete, mais dezoito quedas ou saltos.

*　　*　　*

Cada terra tem seu uso . . .

Ahi está um dictado que até em Ponto Porã tem sua applicação, pelo que vamos ver.

Que eu saiba, em toda a parte do Brasil, quando se quer amansar um animal bravio, vacum ou cavallar, recorre-se aos competentes, a esses destemidos d o m a d o r e s que, fazendo uso de coragem e paciencia, conseguem, após certo praso, ageitar o bichano; querem metter um boi ou touro sob a cangalha, o processo é expedito e de effeito maravilhoso. Os piões paraguayos, indigitado o b r u t o, p e g a m - n o a u n h a, como elles dizem.

Amansando um touro

O touro é selvagem e feroz? O primeiro pião atira-lhe o laço, o segundo segura-o pela cauda, emquanto o terceiro dependura-se-lhe ao pescoço, firmando-se nelle com um dos braços, e, apoiado, com o outro, sobre o chifre, tapa-lhe com a mão um dos olhos.

O animal sacode a cabeça furiosamente, como si sobre ella tivesse uma leve pluma, corre precipitado, arrastando ao que o segura pelo laço, o qual, com os pés para a frente e o corpo deitado para traz, cede pouco a pouco mas, cam tal resistencia segura elle o laço, que o touro se vae fatigando cada vez mais.

Na primeira folga, o segundo pião lança-se-lhe sobre o outro lado do pescoço, tapando-lhe a segunda vista. Feito isto, o touro acobarda-se, da-se por vencido e acompanha docilmente o homem, que o laçara, prompto a trabalhar. A lição, como se vê, foi rapida e efficaz.

Capitulo XXIX.

Quem viaja por aquellas terras, encontra, a cada passo, vestigios da vida selvagem, de agora, assim como dos tempos melhores, que tiveram esses nossos desgraçados irmãos. Verifica-se, com effeito, que onde o missionario catholico, hontem, apromptara pacientemente um jardim de mimosas flores, campea, hoje, a devastação da barbaria c i v i l i z a d o r a.

Quem se não recorda, por exemplo, da maravilhosa catechese dos indios do Paraguay, levada a effeito pelos filhos de Santo Ignacio de Loyola? A ganancia selvagem dos civilizados, estimulada pelo odio sectario, invadio aquelle pacifico rebanho, e, como cafila de lobos famintos, dispersou ou matou aquellas timidas e inexperientes ovelhas.

Na Bolivia, ha poucas dezenas de annos, deu-se cousa mais ou menos egual. Os indios chamados xiquitos, ja civilisados, formavam povoações e parochias tão bem organizadas que nada mais se podia desejar. Mas os grandes industriaes, exploradores da borracha e de outros productos, não hesitaram em seduzir com tentadoras promessas, os pobres indios, levando-os para os mais longinquos e inhospitos sertões, tornando-os seus escravos.

Voltando ao ponto que foi motivo d'esta breve digressão, causa profunda admiração a efficacia da catechese catholica operada, em tempos idos, na população da republica do Paraguay.

É que os nossos missionarios, na sua pregação e em seus ensinamentos procuram sempre ligar entre si os selvagens e civilizados pelo laço da caridade. Assim assiste-se, hoje em dia, n'aquella republica a um phenomeno creio que unico em toda a America, a saber: mais de oitenta por cento de sua população, falla não o hespanhol, mas a lingua geral, isto é, o guarany. Muitos que em suas relações sociaes e commerciaes fazem uso da lingua official, que é o hespanhol, em familia e na intimidade fallam exclusivamente o guarany. Esse facto suprehendeu-me por quanto ignorava-o de todo.

Estamos pois de parabens, possuindo, na America meridional, uma republica fadada a transmittir aos posteros a lingua viva dos nossos brasis.

Mais um passo dos homens de lettras, e, dentro de limitado periodo, teremos a lingua indigena enriquecida com os thesouros de uma litteratura propriamente sua.

Não duvido que alguem possa relegar este pensamento para o rol das mais estravagantes utopias, entretanto houve precedentes dignos de ponderação.

Dante Alighieri, como sabemos, foi o creador da lingua italiana. Em sua epoca, a lingua official e litteraria era a latina. Seguindo a regra geral, ou, como diriamos seguindo a rotina, começou a escrever n'essa lingua o estupendo poema — *Divina Comedia*.

Convenceu-se todavia, bem de pressa, que seria melhor escrevel-o na lingua do povo ou vulgar, que era a italiana. E foi uma verdadeira inspiração por isso que não só com a *Divina Comedia* elevou a lingua italiana recem-nascida ao seu maior apogeu, mas legou a todos que fallam o italiano uma obra de incomparavel belleza que as proprias crianças podem ler e comprehender.

E porque não poderão os escriptores paraguayos imitar tão patriotico e sympathico exemplo?

Por fallarmos no guarany, não levantarei a penna sem referir o que a respeito nos diz o senhor Hercules Florence: O *guarany*, diz elle, ou lingua *geral brasileira*, fallam os Apiacás. Nas missões portuguezas, hoje brasileiras do Rio Grande do Sul e nas do Paraguay, o povo, e sobretudo a raça indigena, usa ainda d'esse idioma.

Em São Paulo, nos fins do seculo XVIII, as senhoras conversavam n'essa lingua, que era a de amisade e de intimidade domestica.

No Paraguay é commum a todas as classes; mas, como outr'ora , em São Paulo, so é empregado em familia, pois com os estranhos se falla hespanhol.

As tribus de indios tem cada uma um dialecto que lhes é peculiar; entretanto, começando pelos Apiacás, no Juruema, Tapajóz e Amazonas, exprimem-se em guarany.

Pelo que parece é essa lingua geral, que se encontra do norte ao sul do Brasil, um problema ethnographico. Na epoca do descobrimento, estava já espalhada, ou o foi pelos jesuitas, ou pelos invasores ou pelos mesmos indios nas emigrações a que são forçados para fugirem aos portuguezes".

* * *

Ao chegar a Campo Grande, lá estava na estação a minha espera, o Revm. P. João Mariano Aves, Vigario d'aquella parochia. Acompanhou-nos ao hotel, jantamos juntos, e, quando pedi a conta, não era nada: estava paga . . .

Ás onze e um quarto da noite, partimos. Ás seis horas da manhã do dia seguinte, quarta-feira, paramos em Mutum, para tomar bom café. Quem o destribuia era uma mulher, e só havia duas chicaras para servir a trinta ou quarenta freguezes. O trem apitou e o setenta por cento dos pretendentes viram o café de longe. Eram dez e meia, quando tocamos em Buritysal. Ahi so alguns conseguiram

tomar uma chicara de café com leite, e tão curta foi a demora que quasi perdemos o comboio. Chegamos finalmente a Tres Lagoas, a uma e meia da tarde.

Aqui, meu primeiro cuidado foi despachar tudo que era bagagem para Itapura. Na estação, um companheiro de viagem, empregado da I t a p u r a - C o r u m b á, offereceu-se para mandar fazer o despacho, emquanto eu e o meu companheiro iamos almoçar. O mesmo contou-me que em occasião de sua chegada, ahi, trazia dezeseis malas e embrulhos, e ficara tão indignado da ganancia de quem lhe pedira dois mil reis pelo transporte de cada volume, que preferio fazer o serviço pessôalmente. Eu, ensinado já pela experiencia, despachei tambem as duas malas de mão, que não costumam pagar, importando a despeza em mil e quatrocentos, emquanto o tal c a v a d o r cobrar-me-ia quatro mil reis.

Por que motivo a I t a p u r a - C o r u m b á não quererá livrar os passageiros de serem vexados e roubados, incumbindo-se ella do transporte das bagagens mediante egual retribuição? D'esta forma prestaria um grande serviço ao publico e tornaria muito mais rapido o embarque e desembarque dos passageiros.

Almoçamos e seguimos, sem perda de tempo. Erão duas e pouco, quando nos despedimos do comboio mattogrossense que acabava de nos trazer até ás margens do Paraná.

Ahi, onde já sabiam que vinhamos retardados de quatro ou cinco horas esperava-nos outro aborrecimento. A lancha que nos devia levar, estava longe, ganhando outro frete . . .

Pela conversa dos companheios soube que as aguas do Paraná n'aquella epoca são perigosamente febris, no emtanto uma multidão de passageiros teve de esperar, exposta ao sol e de pé, até quatro e um quarto. Foi quando a lancha appareceu e d'ahi a pouco seguio. Contaram-me então outra belleza da I t a p u r a - C o r u m b á. Cento e cincoenta vagões de mercadorias já em deterioração ahi jaziam supplicando os fados que lhes mandassem embarcações que os transportassem para a outra margem . . . A conversa versava sobre o imminente perigo em que nos achavamos de contrahir as terriveis febres do logar, quando o senhor Robertino Raul Chaves, nosso companheiro e negociante, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, tirou do bolso uma caixa de capsulas anti-febris que sua previdente mulher lhe entregara, no dia da partida. Aos que lhe ficavam mais perto deu uma, a cada um, certificando-nos que, durante vinte e quatro horas, estariamos immunes de qualquer perigo.

Bem longe devia estar a mencionada senhora de pensar nas muitas pessôas que a sua bondosa lembrança havia de beneficiar.

Atravessado o Paraná fomos ao trem, escolhendo cada qual o seu logar, e guardando ahi as bagagens.

Só então reparei que estavamos bem proximo da primeira estação paulista, denominada J u p i á. Olhei e tomei nota immediatamente em meu caderno. Ás cinco poz-se o trem em movimento e em menos de meia hora estavamos em Itapura, estação inicial da Companhia. Em ahi chegando jantamos, e as sete horas, quando já deviamos estar em Aracatuba, o trem dava o signal de partida. N'essa occasião o ajudante da estação que me conhece do Rio e que lá está, ha çerca de um anno, veio cumprimentar-me fazendo-me uma communicação. O agente devido aos apontamentos que eu tomara na estação de J u p i a, considerou-me espião. O ajudante dando-lhes minuciosos informes sobre minha identidade, desfez-lhe no espirito os sombrios presentimentos que o acabrunhavam por ver tão de perto a patria em perigo.

Agradeci aquellas informações e ri-me gostosamente. Quem não tinha vontade de rir era o meu sympathico agente que segundo parece não se tranquillizou com as palavras do ajudante. Dois ou trez mezes mais tarde tive o prazer de fazer uma visita ao Dr. Antonio Ferrarri, 1°. Vice-Presidente do Matto Grosso. Soube por elle que o alludido agente expuzera-lhe com lealdade o pavor que lhe causara minha presença. O meu bom amigo achou graça dizendo-lhe quem eu era e a vista d'isso o agente socegou de uma vez. Não pensem que eu lhe queira mal por isso, que attribuo á inexperiencia e nada mais.

E para comprovar o que affirmo vou contar um caso analago. Convidado pelo Snr. Arcebispo de Cuyabá, a pregar na sua Cathedral, julguei-me no dever de participar esse facto a algumas pessôas mais intimas e amigas. Uma destas que me conhece ha longos annos e conhece tambem o meu caracter, teve a generoza lembrança de affirmar peremptoriamente que o fim da minha viagem era a espionagem! . . . Vejam como é máo o Rio de Janeiro, e si o agente de Itapura, que é bom patriota, não é merecedor de um abraço!

Chegamos em Araçatuba com sete horas de atrazo, isto é,. as duas horas da madrugada do dia dezeseis de Maio, quinta-feira. Estavamos exhaustos.

Fomos ao hotel, deitamo-nos as duas e meia, dormimos duas horas apenas e o somno fez-nos um grande bem. As cinco e trinta e cinco foi a partida.

As nove e meia entravamos na estação Hector Lugre, onde vi uma serraria e muita peroba.

Ás dez e dez, passamos por Albuquerque Lins, onde reside o fazendeiro amigo que com tanta amabilidade me convidara a fazer algumas excursões por aquellas lindas e adeantadas paragens.

Ás doze e cincoenta da tarde, passamos pela pequena estação de Lauroo Muller, chegando a Baurú ás quatro e meia. Jantamos, embarcandc, ás cinco e vinte, no trem de Sorocabana, em direcção a São Paulo.

Ás oito e meia da noite, passamos por São Manoel, uma das bonitas cidades do Estado, toda illuminada a luz electrica. E ás nove e meia pela de Botucatú. E aqui findam os meus apontamentos.

Na manhã de dezesete de Maio, ás sete e quarenta, entravamos afinal vagarosamente na cidade de São Paulo. E, cousa incrivel. Não me sentia fatigado, embora rodassemos ininterruptamente, tres dias e quatro noites, com só duas horas de parada!

O bom amigo Pedro Seppi, posto que doente, estava á minha espera, tendo ja providenciado sobre o que occorria.

Hospedamo-nos no Hotel Rebecchino, com bom tracto e modicos preços. Pretendia demorar-me uns oito dias. Mais uma vez, motivos imprevistos apressaram minha partida.

Conclusão.

Seria injustiça, passar segunda vez, por São Paulo, sem registrar as ultimas impressões, que ahi tive. O Estado de São Paulo occupa, entre todos, o primeiro logar, na senda do progresso e em todas as suas manifestações. Entretanto, si é verdade o que corre (Fama volat) é pena que muitos paulistas, compenetrados em demasia d'esta verdade, se mostrem exaltamente optimistas, alem do crivel e possivel; tal qual uma jovem vaidosa a quem convenceram que é bonita: exalta-se a si mesma e cae no ridiculo. Para esses, a quem me refiro, a palavra paulista sobrepuja e offusca a de brasileiro, conceito este mais nobre que atodos nos faz eguaes, como membros componentes da mesma familia. E eu mesmo pude observar que essa idéa fixa oblitera, ás vezes, o proprio sentimento do patriotismo. O que é feito em São Paulo, mesmo por mãos estrangeiras, é o nec plus ultra da perfeição; a mesma cousa fabricada em outro Estado, e pelo melhor dos brasileiros, não tem valor algum. De tal sorte que, assistimos em São Paulo, a este paradoxo, o bairrismo, que é a anthitese do progresso, avassalando um povo, aliás culto e industrial.

* * *

Queixamo-nos, no Rio da tracção electrica; mas sem razão. Razão teria de o fazer a população da Capital paulista, escandalosa-

mente explorada pela companhia de bondes que, por signal, é a mesma do Rio. Desconfio que a culpa é dos magnatos que desinteressadamente liberalizam ou toleram as mais equivocas concessões. É por este systema que, no Rio, em São Paulo e em toda a parte, se deixa explorar o povo. As linhas dos bondes paulistas constituem uma engrenagem modelar, para arrancar da algibeira o ultimo tostão. Todas as linhas são de duzentos reis; seu percurso, de ordinario, é curto. Para fazer uma viagem de trinta ou quarenta minutos é raro que o passageiro náó seja obrigado a tomar dois ou tres bondes. O povo protesta, mas paga.

E ha mais um adendo a fazer. Para melhor esclarecer o assumpto, citarei o Rio de Janeiro. Aqui, ha dois ou tres pontos centraes, onde vão parar todos os bondes, ligados por sua vez por linhas secundarias. Em São Paulo, toma-se um bonde para o centro. Alli, para tomar outro, tem-se necessariamente de andar uma ou algumas centenas de metros a pé. Chega-se pois, por fraca que seja a nossa comprehensão, a esta conclusão pouco lisongeira: São Paulo no que diz respeito a tracção electrica urbana, fica muito abaixo do já conhecido e decantado optimismo.

Affirmam que a actual população da cidade não é inferior a quinhentos mil habitantes, dos quaes trezentos mil são italianos de nascimento ou de origem.

Ha uma dezena de annos, quando lá estive, demorando-me alguns dias, um amigo brasileiro me fez esta observação, fiel expressão da verdade: a superioridade, sob o ponto de vista artistico, e especialmente architectonico, da cidade de São Paulo, posta de frente da do Rio de Janeiro, é manifesta. E deu-me a razão disto, accrescentando: No Rio, o elemento estrangeiro predominante é o portuguez, forte no commercio e fraquissimo na arte. Em São Paulo, o italiano, artista por natureza, fez com que surgissem em cada canto, obras primorosas, filhas exclusivas do seu engenho.

Pelo que notei, cheguei a outra conclusão, não menos verdadeira. Os italianos, em geral são gente bonita. Quem percorre as ruas de S. Paulo, por pouco observador que seja, não pode deixar de ter esta impressão que é, surprehendente e agradavel.

Observei entretanto que, apesar disto, a mania perniciosa da vaidade, ahi tambem vai fazendo seus estragos.

* * *

Proximo á estação do Norte, fica o jardim publico, regularmente cuidado. É bonito e attrahente, mas não está na altura da cidade. Esse jardim, é, ao mesmo tempo, passeio publico, jardim botanico e zoologico. E n'elle, vi isto de original: o ponto mais sombreado

por lindos e frondosos pinheiros, é convidativo para o descanço . . . mas não tem um unico banco.

Tive, por lá, outra impressão, a saber: que os paulistas nutrem certa ogerisa, em relação á opulenta e linda Capital Federal.

Quem viaja, d'aqui a São Paulo e de São Paulo a Baurú, vê surprehendido que, na segunda parte de sua viagem, nas cidades, ha maior movimento, maior luxo e progresso de que entre o Rio e São Paulo. Não parece que devera ser ao contrario?

* * *

São Paulo não está edificada n'uma planicie, mas sobre collinas e morros, d'ahi vem a principal razão porventura de sua belleza, pelas numerosas obras de arte a que isto deu origem.

E ahi estão minhas impressões, da linda cidade, a segunda do Brasil; impressões que nada tem de phantastico, segundo me diz a consciencia.

A vinte de Maio, completavam-se trez mezes que eu emprehendera essa viagem, e as cousas correram de tal forma que, sem o pretender, n'esse mesmo dia, ás oito e quarenta da noite, chegava, de volta, ao Rio de Janeiro, recebido por todas as pessôas amigas com sinceros transportes de alegria. Vou concluir, com um reparo, que tem seu cabimento.

Toda vez que me ausento d'esta Capital, quando de volta, a par da mais intima satisfação, deparo infallivelmente com alguma contrariedade. Esta ultima viagem não podia constituir uma excepção, Nosso Senhor permittiu que juntamente com a grande alegria, que inundou minh'alma, alguma cousa completamente differente lhe fizesse sentir seu amargor.

Tudo, que Deus faz e permitte, é bom. Seja feita a sua vontade.

.F I M.